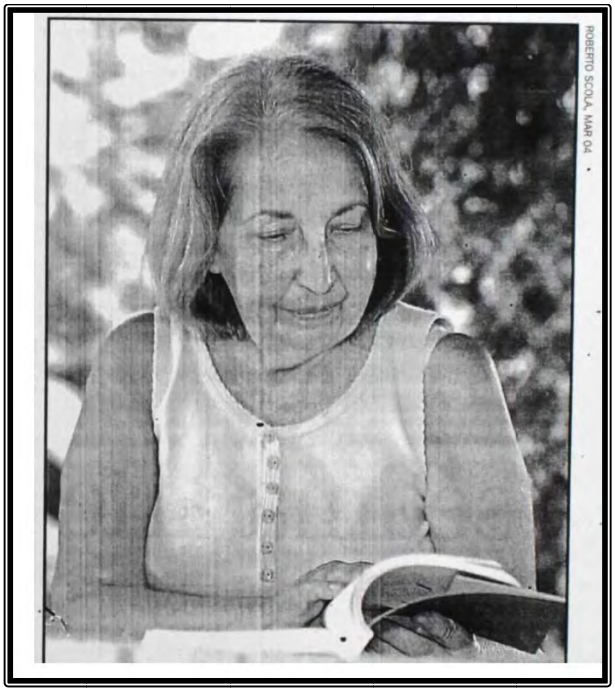
Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas
Espaço Eglê Malheiros & Salim Miguel



Artigos e notas de jornais sobre
Eglê Malheiros

Organização e digitalização: Iraci Borszcz e Elisa Camillo
Coordenação: Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha

Florianópolis, 2016

Sumário

1 Índice por número de documento.....

2 Cópia digitalizadas de jornais.....

3 Índice por autor .....

4 Índice por ano.....

1 Índice por número de documento

Nº	Referência
01	EMOÇÃO na feira. Diário Catarinense, Florianópolis, 8 de maio de 2003. Variedades.
02	RAMOS, Sérgio da Costa. Sábado cultural no shopping. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 28 de set. de 2002. Variedades, pag. 2
03	EGLÊ Malheiros diz que livro deve mostrar à criança toda realidade.
04	ESTREIA. A Notícia, 02 de ago. de 1995. Variedades
05	PERROTI, Edmir. Eglê Malheiros e um livro de boas intenções. **O Estado de São Paul**o, São Paulo, 16 de mar. de 1985.
06	A MULHER eunuca em guerra com os homens. [GIL, 7 a 13 de out. de 1972]
07	LINS, Hoyêdo G. **Vozes Veladas.** Florianópolis, maio de 1996. Manuscrito
08	HOMENAGEM a Cruz e Souza. Diário Catarinense, Florianópolis, 22 de ago. de 1995. Visor
09	GOMES, Osmar. Obra de Cruz e Souza inspira arte teatral. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 14 de nov. de 1997. Variedades
10	EGLÊ Malheiros no Terça com Poesia. Diarinho, Florianópolis, 17 de abril de 2007. Variedades
11	E Mais: O Terça com Poesia recebe hoje.... Diário Catarinense, Florianópolis 17 de abril de 2007. Variedades.
12	EGLÊ Malheiros. Hora de SC, Florianópolis, 17 de abr. de 2007. Mané Gaivota
13	UNCARETTI, Henrique. Eglê Malheiros dispensa apresentação. O Estado, Florianópolis, 17 de abr. de 2007.
14	CULTURA. Notícias do Dia, Florianópolis, 14/15 de abr. de 2007. Notícias Gerais
15	EGLÊ Malheiros no Terça com Poesia. Notícias do Dia, Florianópolis, 17 de abr. de 2007. Dia Pop
16	A ALMA feminina do Grupo Sul. Diário Catarinense, Florianópolis, 17 de abr. de 2007. Variedades
17	ENCONTRO com Eglê Malheiros. A Notícia, 17 de abr. de 2007. Anexo/Múltiplas
18	ESPÍNDOLA, Marcos. Ventos do Sul. **Diário Catarinense,** Florianópolis 16 de abr. de 2007. Variedades/Contracapa
19	TERÇA com Poesia. Guia Floripa. 17 de abr. de 2007. Teatro
20	TERÇA com Poesia. Incuca Agenda, 16 de abr. de 2007. Literatura
21	EGLÊ Malheiros ... sobre 60 anos de criação do MASC. Diário Catarinense, Florianópolis, 01 de abr. de 2009. Variedades
22	COPSTEIN, Jayme. Letras em festa. **O Sul,** 7 de jul. de 2008. Caderno C, colunistas
23	A DAMA das letras. Plural, Grande Florianópolis, 9 de jul. de 2008.
24	MALHEIROS, Eglê. Enterevista com Eglê Malheiros. Boi de Mamão, Florianópolis, n.2, p.3-5, jul. 1980.
25	NOVA, Flavia da. As palavras de um poeta. **Diário Catarinense,** Florianópolis 24 de nov. de 1998. Variedades/Teatro
26	WANDELL, Raquel. Livro infantil, um instrumento para criar um novo homem. **O Estado**, Florianópolis, 26 de ago. de 1986. 2º Caderno
27	UM ESCRITO de Santa Catarina – XXII: Eglê Malheiros Miguel. Correio do Povo, 13 de nov. de 1976. Caderno de Sábado
28	MELATO, Fabiano. Poesia de resistência sobe ao palco. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 23 de jul. de 1995. Revista DC/Teatro
29	PEDROSO, Neri. Textos teatrais mobilizam escritora Eglê Malheiros. **AN Capital**, Florianópolis, 5 de nov. de 1995. Especial Mulheres.
30	MALHEIROS, Eglê. Entrevista. **Jornal do Livro**, dez. 1984/jan. 1985.
31	PROFESSORAS Olga Brasil e Eglê Malheiros: vidas a serviço da educação. O Estado,

	Florianópolis, Caderno Especial.
32	MARTINS, João dos Passos. Livro mostrará como combater a tortura. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 20 de jul. de 1986. Justiça
33	RATES, Zeni. Relatório de empresa valoriza a cultura. **O Estado,** Florianópolis, 25 de out. de 1988. Lazer
34	RUY, Karine. Glória e miséria. Diário Catarinense, Florianópolis, 29 de set. de 2008, Variedades/Literatura, p.4-5.
35	VOZES reveladas. Jornal Universitário, Florianópolis: UFSC, 04 de dez. de 1998. Arte Final p. 12.
36	MUZART, Zhaidé Lupinacci. Vozes Veladas, Vozes Sufocadas. **Linha Viva,** 13 de jun. de 1996.
37	TARDIO modernismo catarinense. Diário Catarinense, Florianópolis, 29 abr. 1999. Variedades.
38	NOVA, Flavia da. O protesto do poeta. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 30 de nov. de 1998. Variedades
39	ASEFF, Marlon. Vozes Veladas ganha palco e sai do prelo. **A Notícia,** 28 de nov. de 1995, Anexo.
40	SALIM e Eglê: faltam políticas e bibliotecas - nada a ver com qualidade. Leitura & Prazer, Florianópolis: Ed. Da UFSC, ano 4, n.7, p.8, fev. 2002.
41	PESSOTTO, Carla. Descoberta do Tesouro. A Notícia, 25 de set. de 2002. Anexo, C6.
42	WOSGRAUS, Juliana. Desilusão. A Notícia, 10 de set. d e1995. Anexo, p.2
43	SCHIMITZ, Paulo Clóvis (Coord.). A cultura em Santa Catarina: problemas e necessidades. **O Estado,** Florianópolis, 04 de nov. de 1984.
44	BARROS, Djane. A palavra de ordem é resistir. **A União,** 30 de mar. de 1999. Cultura
45	SARDA, Laudelino José. Ensino da Capital se democratiza e rompe com velhos esquemas**. O Estado**, Florianópolis, 24 de mar. de 1985.
46	CAIEIRA, Rita. Uma prova de competência. **O Estado**, Florianópolis, 04 de mar. de 1985. Roda-Viva, p.7.
47	APESAR do autoritarismo, educação manteve alguma qualidade. O Estado, Florianópolis, 10 de jan. d e1986. 2º Caderno.
48	DESOBEDIÊNCIA civil. Jornal de Santa Catarina, 11 e 12 de out. de 1987. Literatura, p. 27.
49	DALCASTAGNÉ, Regina. Poeta maior do simbolismo vira personagem teatral. **Correio Braziliense**, 21 de dezembro de 1995. Correio Dois/Teatro, p. 3
50	LIMA, Jeferson. Debate e livro de poesias revivem anos modernistas. **ANcapital**, Florianópolis, 29 de abr. de 1999. Variedades.
51	A NOTÍCIA recebe medalha cultural. A Notícia, 19 de nov. de 1998. Estado, B1.
52	HISTÓRIAS de vida. A Notícia, 8 de março de 2003. Geral, A110
53	REZENDE, Dorva. A Estranha cidade de Eglê Malheiros. **Subtrópicos**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, out. 2013.
54	PLURAL e singular: juntos há 61 anos, os escritores Salim Miguel e Eglê Malheiros fundem vida e literatura sem jamais perder a identidade e autonomia. **Cartaz,** Ano 5, n.28, 2008.
55	MALHEIROS, Eglê; Eglê Malheiros Miguel [entrevista]. **Quem Santa Catarina.** Ano 1, n.11, p. 22-25, abr. 1982. Entrevistadores: Algo Grangeiro e Colaca Grangeiro.

2 Cópia digitalizadas de jornais

01	EMOÇÃO na feira. Diário Catarinense, Florianópolis, 8 de maio de 2003. Variedades.

PROGRAMA

MEC financia alfabetização de 50 mil adultos no Estado

PÁGINAS 27 E 29

SAÚDE

Pneumonia asiática está sem controle na China

PÁGINA 46

IRAQUE

Tropas dos EUA descobrem laboratório de armas biológicas

PÁGINA 45

SOLIDARIEDADE

Capital discute doação de órgãos para transplantes

PÁGINA 35

O TEMPO EM SANTA CATARINA

Dia de nuvens e chuva no Litoral. Na Serra há previsão de neve, com frio no Oeste.

VEJA A PREVISÃO NA PÁGINA 2

9 771415 498027

O batismo indígena

Tribo Kaingang de Chapecó quer preservar a tradição e a cultura na aldeia

IRINEU DALLA VALLE/DC/CHAPECÓ

ORIGENS: Kuian invoca Deus Tupã para dar saúde e prosperidade às crianças da tribo do Oeste

DARCI DEBONA

▼ CHAPECÓ

Os Kaingang da aldeia de Toldo Chimbangue, em Chapecó, estão resgatando uma tradição cultural que é o batismo indígena. Anualmente, durante as comemorações do Dia do Índio, é realizada a cerimônia com os novos integrantes da comunidade.

Diferente do batismo cristão, na tradição indígena não existem padrinhos. Um dos coordenadores da semana cultural indígena, Paulo Márcio "Xamã" Pinheiro, disse que o nome indígena é escolhido no batismo. A maioria dos nomes faz referência a animais ou plantas. No seu caso, "Xamã", quer dizer curador. Os batizados são pintados com os símbolos kamé (em forma de traços) ou kairu (em forma de bolinhas).

Índios crêem que nomes de animais e plantas garantem proteção

Estes símbolos indicam as famílias dos patriarcas. Os kamé só podem namorar e casar com os kairu e vice-versa. O objetivo é evitar casamentos com parentes com proximidade consangüínea. Na cerimônia indígena, o padre é substituído por um rezador, denominado kuian. Na aldeia de Toldo Chimbangue, o kuian é João "Doré" Fortes Nascimento, de 84 anos.

"Doré" significa flecha. Ele aprendeu as rezas e canções com a avó, que também fazia esta função. Os preparativos começam na cata de folhas de ervas medicinais, que são trituradas e depois diluídas em um balde de água. O kuian benze as ervas e a água que será utilizada no batismo. Depois é preparada uma fogueira e jogadas folhas de mato para fazer fumaça.

João "Doré" canta para pedir proteção contra mau-olhado, doenças e inveja. A fumaça espanta os maus espíritos e a água serve para proteger contra vários males. No batizado a água com folhas é esfregada na cabeça e o kuian invoca o Deus Tupã, pedindo proteção. Claudiomiro Marcelino batizou o filho Anderson com o nome de Fãfãn, que quer dizer tatuzinho.

Rosa de Paula batizou dois netos, Gilliard Rodrigues, de 11 meses, e Kaiane Emanuele Antunes, de 27 dias. O menino recebeu o nome de Jesi (pássaro) e a menina de Sónh (espinho). A avó disse que o batismo indígena é muito bom, pois protege as crianças de doenças. Márcio Pinheiro afirmou que, atualmente, as crianças já são registradas com o nome indígena juntamente com o nome dado no batismo cristão.

Emoção na Feira do Livro

001

CAIO CEZAR/DC/FLORIANÓPOLIS

Até o próximo dia 17 o Largo da Alfândega, no Centro, será o espaço da Feira do Livro de Florianópolis. Na abertura oficial, ontem, o patrono Jair Hamms entregou aos escritores Salim Miguel e Eglê Malheiros a placa que marca a homenagem recebida pelo casal. A grande atração de hoje é Luis Fernando Verissimo, que participa de debate sobre política cultural.

VARIEDADES

02 RAMOS, Sérgio da Costa. Sábado cultural no shopping.
Diário Catarinense, Florianópolis, 28 de set. de 2002.
Variedades, pag. 2

Sérgio da Costa Ramos

scramos@matrix.com.br

Mensagem a Juarez Machado

À maneira de Vinicius de Moraes, rendido ao decassílabo *Os montes cônicos de feno*, escrito "de algum ponto da Itália" pelo capitão Rubem Braga, mando daqui minha mensagem ao meu amigo Juarez Machado - que chega de Paris em colete, "foulard" e polainas, para mais um *séjour* catarineta.

Digo a meu amigo que está cada vez mais difícil viver em reais, e que o país é vendido, de manhã e de tarde, nas mesas de câmbio, a preços cada vez mais delirantes. Digo que a inflação aos poucos mostra seus arreganhos, monstro de farinha de trigo, moldado em massa por aquele padeiro da infância joinvillense, inesquecível *Amarcord*.

Digo-lhe que os tempos estão duros e que a falta de dignidade é considerável - com as agências da agiotagem internacional determinando um certo "risco-país", sem medir o "risco-dor".

Mas reconheço que os dias estão lavados de transparências, que as "calcinhas" das montanhas estão à mostra, e que a Lagoa da Conceição amanheceu absolutamente voluptuosa, o líquido umbigo ao sol, as costas lânguidamente expostas em curvas e dunas, como as mulheres do "Banho de Lua".

Digo a "monsieur le peintre" que o gás aumentou junto com o dólar, que o pãozinho entrou no mesmo embalo, e que as hienas encobrem essa mão furtiva no bolso do povo com o pífio pretexto da eleição de Lula, desculpa *prêt-a-porter*, para esconder o micróbio da ganância infecciosa.

Mas digo também que as mulheres continuam passando no alto dos seus saltos, ou a bordo de prosaicas sandálias de dedo, como a Gisele Bündchen, e que todas ficariam muito bem, sirigaitas de espáduas nuas, penduradas em tela numa parede do Hotel de la Coste ou no filme d'*Amélie Poulain*.

Digo-lhe que a festa continua e que já começou o esporro das cigarras na claridade matinal. Que as águas de Canasvieiras, da Brava e da Lagoinha continuam a lavar todos os males, ainda que os argentinos ameacem voltar, com o Peso valendo mais do que o Real.

Digo-lhe que o mar da Cachoeira do Bom Jesus pode até sofrer com os "despejos" extras dos visitantes, mas que, "em não havendo marola, a gente se aguenta"...

Digo-lhe que faz muito bem em deixar a luz baça do próximo inverno parisiense. Paris bem vale uma missa, como queria Henrique IV, mas Hemingway ficava triste e encolhia a barba de frio, quando a Rue de Moufetard perdia os seus vultos e os seus pregões, em meio à neblina.

Digo-lhe que o calor da terra *papagalis* tem o seu valor, que ainda há crianças como as que recriam suas obras em barro ou grafite.

E que ontem de manhã encontrei num trapiche da Lagoa o próprio *Pécheur des Poèmes*, escultura-criatura, só que em carne, osso e sotaque manézês.

FEIRA DO LIVRO

Sábado cultural no shopping

Os destaques do penúltimo dia da 17ª Feira do Livro acontecem às 18h. Nesse horário, Eglê Malheiros lança o livro infanto-juvenil *Os Meus Fantasmas*, no Auditório Licurgo Costa, enquanto Doralécio Soares apresenta seu *Folclore Catarinense* no estande da EdUFSC.

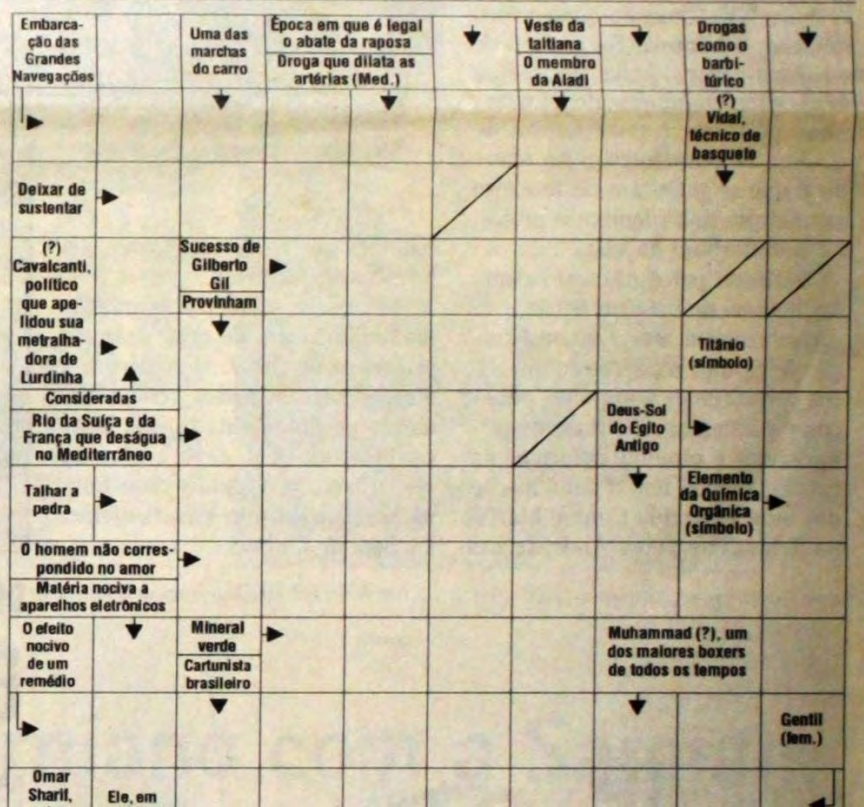
BANCO DE DADOS/DC

EGLÊ: Autografa a obra *Os Meus Fantasmas*

A programação segue com Paulo Alves que autografa *Pântano do Sul: Bilhetes do Mundo nas Paredes do Bar do Arantes*, a Editora da Furb lança *Vida e Morte na Terra*, de Thomas J. Burke, e Mário Pereira autografa *Ao Pé da Letra* no estande das Livrarias Catarinense. O escritor e jornalista Doralécio Soares, apesar de nascido em Pernambuco, é um dos pesquisadores que mais se dedicou ao folclore de Santa Catarina. Seu primeiro livro sobre o assunto, *Aspectos do Folclore Catarinense*, é de 1970. Antes, às 10h, Dorvalino Furtado Filho autografa *Catarinárias* na Açoriana e Marta Martins lança, às 14h, *Maricota e Cocota*, na Cuca Fresca. Às 20h, na Açoriana, o médico e administrador Mário Afonso Maluf lança *SOS Medicina*, sobre a vida e cotidiano de quem trabalha no setor de saúde.

Ao longo da tarde, os ilustradores de *A Mansão de Quelícera* mostram, na Confraria da Palavra, os segredos de criação e as imagens que originaram o livro. Às 15h30min, a banda Cravo da Terra se apresenta na Feira, que encerra domingo, no sexto piso do Beiramar Shopping.

Cruzadas



03	EGLÊ Malheiros diz que livro deve mostrar à criança toda realidade.

Eglê Malheiros diz que livro deve mostrar à criança toda realidade

03

A Professora e Escritora Eglê Malheiros proferiu uma palestra sobre literatura para crianças, iniciando as atividades da Feira do Livro Ifanto Juvenil que se realizá nessa semana. Ela abordou as modernas tendências da literatura infantil e juvenil no Brasil e afirmou que apesar de haver uma produção literária parada no tempo, com coisas velhas sendo reeditadas, "existem muitos autores produzindo obras importantes que já podem ser considerados como bons autores de literatura em geral."

Uma renovação dessa literatura é importantíssima, diz ela, porque vai de encontro àquilo pela qual a Fundação Nacional do Livro Infanto-Juvenil sempre se bateu: de que a criança merece o melhor sob forma de livro, ou seja, o melhor como ilustração e tratamento gráfico. E observa que "essa é uma posição diferente do que muitas vezes se seguiu, de que para criança qualquer coisa servia".

Constantemente uma questão é levantada dentro da literatura infantil, causando grande polêmica entre críticos e escritores: nos livros a criança deve ser esclarecida a respeito da realidade que a cerca ou deve ser elaborado um mundo fantástico para ela? O que é bom para a criança: fantasia ou realidade?

Para a escritora, do ponto de vista literário não existe esse problema "pois uma boa obra literária tanto trabalha com elementos de fantasia como com elementos mais realistas". Ela acha que, se for uma boa obra, vai ajudar a criança a "ver com outros olhos, a ver mais no mundo. Desde que não seja uma literatura de evasão mas, sim, um enriquecimento do mundo infantil, é perfeitamente válida".

Por outro lado, observa Eglê, pode ter-se obras muito realistas aparentemente, "mas que na verdade são obras escamoteadoras da realidade". Exemplifica citando um livro cuja estória se passa numa casa com o pai, a mãe e os filhos, mostrando a vida do dia a dia "mas que apresente o mundo como uma coisa estática, sem possibilidade de transformação e a criança como sendo aquele que diz amém. Esta é uma obra com estrutura realista mas que na verdade não ajuda essa criança a ver o mundo."

O problema central, segundo a escritora, é a oposição entre uma literatura para a vida, voltada para a transformação da vida ou a negação dela e manutenção das coisas como estão.

"Apesar de já existirem bons autores de literatura infantil no Brasil, não são lidos tanto quanto os livros fabricados em série, que são vendidos em bancas", afirma Eglê. "Mesmo assim, os bons autores já estão conquistando terreno. A situação da literatura para jovens é semelhante ao cinema brasileiro, tem que conquistar o seu mercado", acrescenta.

Segundo Eglê, o espaço da literatura brasileira está aumentando, principalmente através da contribuição dos professores, porque "somos um País que não tem leitores". Se formos esperar que os pais interessem os filhos continuaremos assim. Com isso a escola tem uma função importante que é de colocar a leitura como um prazer, não para cobrar sujeitos e predicados".

E ela cita alguns autores brasileiros que estão contribuindo para o renascimento da literatura infantil, como Lígia Bojunga Nunes, que foi indicada para receber o prêmio Andersen Internacional da Literatura Infantil e Juvenil. A comissão que fez sua indicação ressaltou a inovação dos valores humanos da sua obra, fazendo com que uma criança de 10 anos encontre nos seus livros material de interesse tanto como o adulto, com maior capacidade de aprofundamento.

Joel Ruffino dos Santos é outro autor citado por Eglê. Professor de História, está lançando alguns livros baseados na história brasileira "não no sentido pedagógico mas de recriação de um tempo para que a criança compreenda o Brasil de hoje. E principalmente colocando o povo como artífice da história, não como elemento passivo.

Um escritor já consagrado na literatura brasileira, Haroldo Bruno, também dedicou dois livros para jôvens. Eglê diz que "no livro **Estranha Aventura de Flor de Sereno**, ele usa os elementos do folclore brasileiro com uma linguagem muito cuidada e bem elaborada literariamente".

Quanto a autores catarinenses, Eglê afirma que não existem muitos fazendo literatura para criança. E lembra a Professora Maria de Lurdes Krieger que teve seu livro para jovens muito bem recebido, talvez um dos únicos a serem publicados aqui em Florianópolis.

A escritora afirma que escrever bem para criança é muito difícil: "Escrever de qualquer jeito como fazem por aí é fácil, pensam meia dúzia de bobagens, botam no papel, dão uma lição de moral no fim da estória e pronto. Para ser um bom livro tem que ter, por exemplo, a qualidade dos filmes de Chaplin, saber dizer muito de maneira aparentemente simples, sabendo chegar através do sentimento sem deixar de apelar para o raciocínio".

Eglê Malheiros é Professora do Instituto Estadual de Educação. Formada em Direito, tem mestrado em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em Florianópolis pertenceu ao Grupo Sul e no Rio de Janeiro foi uma das editoras da revista Ficção, juntamente com Salim Miguel, Cícero Sandroni e Fausto Cunha. Com Salim Miguel fez o roteiro de alguns filmes como "**Preço da Ilusão**" — único filme catarinense —, "**Cartomante**" e "**Fogo Morto**".

JORNAL A NOTICIA
DATA 02/8/95
PAGINA variedades

4

Estréia

Depois de dois anos de trabalho, Eglê Malheiros conseguiu concluir a peça "Vozes Veladas", sobre a vida do poeta Cruz e Sousa, que, com montagem de um grupo gaúcho apoiado pela UFRGS e Secretaria Estadual da Cultura, estreará nacionalmente dia 14 de setembro, no teatro do Centro Cultural Mário Quintana. No mesmo dia, a Editora Movimento lança o livro.

05	PERROTI, Edmir. Eglê Malheiros e um livro de boas intenções. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 16 de mar. de 1985.

O Est. de S Paulo
16/03/85

Eglê Malheiros e um livro de boas intenções

5

EDMIR PERROTTI

Se até há poucos anos a literatura para crianças e jovens preferia, apesar de Lobato, manter-se surda para os problemas do País, hoje é natural ver os autores mais significativos tratarem de questões que atingem a sociedade brasileira, evidentemente utilizando-se de linguagem adequada ao público a que se dirigem. Sem dúvida, essa é uma das mais importantes conquistas da "geração 70", que trouxe um sopro renovador à literatura para crianças no País.

Os problemas tratados são vários: vão desde o autoritarismo que, durante os últimos 20 anos, foi presença marcante a atormentar a vida de cada dia, até a discriminação da mulher, passando por questões como racismo, desigualdade social, urbanização caótica etc.

Nesse quadro, a questão ecológica foi privilegiada e sentida como problema crucial a ser enfrentado. Contudo, se a preocupação é grande e mais do que justificada, a literatura para crianças e jovens não conseguiu ainda produzir obra artística superior tendo por base o tema. Apenas obras corretas, algumas mais inventivas, outras menos, mas nada dotado de força extraordinária, como ocorreu com obras que penetraram por outros temas.

A publicação de "Desça, Menino", de Eglê Malheiros (Ed. Criar), não altera o quadro referido. A história mostra a resistência levada a cabo por alunos e professores de uma escola. Esta deveria ser ampliada, o que, segundo parecer do "senhor engenheiro chefe do Departamento de Obras", exigiria o corte de uma velha mangueira, amada por todos. As crianças e alguns professores organizam-se e não permitem a derrubada da árvore, obrigando o Departamento de Obras a alterar o projeto inicial de reforma da escola. A resistência é permeada de lances engraçados, que vão sendo narrados junto com os acontecimentos envolvendo a mangueira. Eles dão vida ao texto e permitem observações interessantes do autor a respeito do ocorrido.

Como algumas das obras preocupadas com questões ambientais, "Desça, Menino" é trabalho bem-intencionado, que consegue ser correto, podendo enriquecer o leitor. Não é, claro, a grande obra que a temática está ansiosamente aguardando, todavia enquanto esta não vem, realizações como a de Eglê Malheiros cumprem um papel importante junto ao público e, por isso, merecem a atenção.

06	A MULHER eunuca em guerra com os homens. [GIL, 7 a 13 de out. de 1972]

GIL 7 a 13 out. 1972

6

A MULHER EUNUCA EM GUERRA COM OS HOMENS

Violenta ou fria, de acordo com a "munição" das "guerrilheiras", a batalha continua na pauta, desenvolvendo-se em várias frentes, não se registrando, pelo menos para as próximas horas, perspectivas de trégua. Neste exato momento, na linha de frente, constituída pelos Estados Unidos e a Europa, estoura uma bomba de alto poder explosivo, lançada pela australiana Germaine Greer, líder feminista das mais radicais. Seu livro, "A Mulher Eunuca" é mais um grito de mulher pela libertação do chamado sexo oposto.

Forte e estridente, o brado, que ainda não é o da independência, ecoa inclusive no Brasil, pois "A Mulher Eunuca" está no nosso calmo "teatro de operações", em tradução da escritora, professora e bacharel em Direito Eglê Malheiros: "A autora considera a mulher um ser castrado, pois todo o contexto social não lhe permite desenvolvimento pleno."

— O livro é curioso, interessante porém confuso, principalmente porque levanta muitas teses sem se aprofundar. É um livro muito emotivo, escrito mais na base das experiências pessoais da escritora, revelando, assim, sua revolta. E uma obra de análise, em que Germaine Greer defende uma solução radical para o problema da libertação da mulher. Solução impossível e indesejável, que seria o abandono completo da mulher da organização familiar, tal como ela atualmente existe.

PECADOS DE GERMAINE

— Acho que ela peca pelo exagero, ao atribuir maior responsabilidade ao homem. O livro é difícil de ser traduzido, por não ter boa forma literária. "A Mulher Eunuca" é meio caótico e destituído de clareza de exposição. O que tem de bom é a constatação da disparidade de tratamento para o trabalho feminino, da utilização da vaidade feminina como fonte de renda e da influência da educação das meninas, formando pessoas que se consideram simples enfeites da sociedade. É um livro que enfoca principalmente os problemas da mulher da classe média para cima, num país desenvolvido.

— Nessas condições — prosseguiu a escritora e tradutora Eglê Malheiros —, nada tem a ver com o caso da mulher brasileira, que é muito diferente, visto que somos um País em marcha para o desenvolvimento. O livro de Germaine Greer não tem possibilidade de êxito entre nós, já que é difícil para a leitora média, além do que não satisfaz a quem dispõe de cultura mais aprofundada, porque é superficial.

CAMINHO LÓGICO

— O problema da emancipação da mulher não deve ser visto, na minha opinião, com o homem de um lado e a mulher do outro, mas ambos como seres humanos dentro da realidade histórica social. Se nós educarmos nossos filhos — homens e mulheres — no sentido do respeito ao ser humano, eles, no futuro, serão maridos e esposas mais compreensíveis e amigos, porque o importante é um não usar o outro em proveito próprio. Acho também, em relação aos direitos da mulher, que ela deve se realizar como ser total, mas principalmente hoje, em que é possível o controle da natalidade, uma mulher pode querer deixar de lado sua responsabilidade de mãe.

Para Eglê Malheiros, a colocação das idéias de Germaine Greer dentro da realidade brasileira fica distorcida, apesar de que a tradutora de "A Mulher Eunuca" acha interessante o debate, a análise e a ventilação de pontos de vista. Entre as melhores traduções que fez, Eglê Malheiros inclui "Coragem de Ser", de Paul Tillich, que procura apresentar um pensamento religioso aceitável por "pessoas racionalistas".

07 LINS, Hoyêdo G. **Vozes Veladas.** Florianópolis, maio de 1996. Manuscrito

7

"VOZES VELADAS"

Hoyêdo G.Lins(*)

O título pertence a um dos belos poemas de Cruz e Sousa e é também o de uma peça teatral. Forte, de ressonâncias profundas, bela como o poema homônimo, a peça, em dois atos, traz a assinatura e a precisão do *saber dizer* de *Eglê Malheiros*.

A dramaturgia encontra-se entre os gêneros menos comuns na literatura catarinense, talvez porque escrever teatro seja uma arte de difícil domínio. Desta certeza resulta uma admiração maior à leitura do texto construído pela escritora, produto de acurada e sensível prospecção no íntimo da obra de um gigante: é que, da poética do Mestre, a autora faz emergir, mais do que o lirismo das imagens, a simbolização das mensagens ora amargas, ora vergastadoras, por vezes serenas, sarcásticas de outras, ao teor das constatações, ou das denúncias, ou das perplexidades reveladas nos versos do grande Negro. Versos que vagueiam da meditação sobre o mistério e as cruezas da vida, à reflexão ante a inexorabilidade da morte, de entremeio aos devaneios românticos em torno e no interior da temática do amor.

Eglê Malheiros põe o leitor da sua peça exatamente na situação que explica o sentido grego da palavra teatro ("theátron"): "lugar aonde se vai para ver". Quem a lê está vendo a representação e, porque a vê, sente-a, vive cada momento de cada grandiosa cena dos dois atos.

A técnica adotada pela autora para trazer o Poeta ao proscênio - ora somente a voz, ora a voz e a presença -, e questionar, com fino humor ou indisfarçada aspereza, as "verdades" do *Diretor*, oferece ao leitor-espectador a rica oportunidade de *ouvir* Cruz e Sousa com a força atual da sua palavra.

Conquanto a *fala poética*, com o seu conteúdo sociológico, tenha sido reproduzida na roupagem original dos candentes e sonoros versos do autor de *Broquéis*, a fala da personagem que faz o *Ponto*, em algumas cenas, recebeu de Eglê Malheiros a autenticidade do linguajar do momento presente, tal como ocorre, já na segunda fala, v.g., com o *Diretor*, no primeiro ato, e em outras cenas com o *Ator Araújo*. Esse recurso contribui de modo considerável para o efeito da transposição temporal das mensagens propostas pelo Poeta, as

quais a autora soube captar com a aguda sensibilidade que decorre da sua formação humanista (v.g., nas páginas 27 e 28, o problema das crianças abandonadas).

Temas outros, como o da incômoda questão racial e o das manifestações artísticas em face dos interesses dos patrocinadores - para mencionar dois problemas aparentemente distintos entre si mas ligados a duas das vertentes alimentadoras da cultura dos povos: o preconceito e o poder econômico -, Eglê aborda-os ora com ironia contundente, ora com desconcertante realismo. Veja-se, no primeiro caso: *"Ouve tua mãe, (...) não queiras ser igual aos brancos, (...) se a gente conhece nosso lugar eles são bons, caridosos. Continua decente, que é a nossa riqueza."*(*Atriz*, p. 34). E no segundo: *"Temos que fazer jus ao que nos pagam os patrocinadores. Não fossem eles, os senhores... na melhor das hipóteses, estariam fazendo filme pornô."* (*Diretor*, p. 29).

Num esforço de síntese interpretativa, dir-se-ia que o ato um de *Vozes Veladas* tem por proposta a reconstituição cênica do estado de aflição e revolta que ia no sentimento do Poeta em razão do *status quo* vigente. Essa *realidade* de então é retratada nas agressivas, por vezes cínicas e sempre arrogantes intervenções do *Diretor*, personagem que é uma espécie de *reprodução* do ambiente social desterrense ao tempo de Cruz e Sousa.

Encerrado o primeiro ato com a despedida do Poeta porque seguiria para o Rio de Janeiro, retorna o *Diretor* no início do segundo ato para *representar*, mais uma vez, o pensamento social dominante. Ocorrem transposições temporais facilmente perceptíveis, distinguindo-se claramente quando o *Diretor* alude aos *costumes* de outrora ou aos *princípios* correntes. Questionadas as *regras* pelas quais raciocina e age, o *Diretor*, ferido na sua *autoridade*, irritado, retira-se de cena (vai "falar com os patrocinadores"). Este gesto e o que a ele segue estão carregados de simbolismo. A "retirada" do *Diretor* abre caminho para a "proclamação" do Poeta que, enfatizando sua revolta, indaga: "- Para quem falo?" Ele próprio responde: "- Para quem for capaz de comigo sentir". E, dando um "basta!", anuncia: "Sou eu quem dirige o espetáculo." Este protesto - no qual se pode ler: "Ouçam minha voz, a voz dos injustiçados!" - não só configura a proposta do segundo ato, mas é toda a mensagem da peça de Eglê Malheiros.

Prossegue o segundo ato, impregnado, como o primeiro, de um clima, por momentos, de indignação, em outros, de angustiante tristeza. As aflições do Poeta perpassam por todo o desenrolar da peça. A espaços, ecoa a emoção: nas palavras e nas *presenças* dos amigos dedicados; nas falas de Cruz e

Sousa como o *Ponto* e como o *Ator C*; nas vozes em *off* que entoam os belos, mensageiros, instigantes e imortais versos do Poeta que precisou morrer para ser admirado; no subentendido da condição de penúria do vate ferido de dor e de vergonha porque tinha que pedir à sua Gavita transmitisse ao amigo Nestor Vitor sua precisão urgente de dinheiro; na alusão ao destino dos desvalidos reservado à família ceifada pela tuberculose - tudo envolvendo e tocando fundo o sentimento do leitor-espectador.

As vozes das minorias súplices já não são, hoje, vozes de todo abafadas. As veladas vozes que ontem temiam até mesmo sussurrar, a murmurarem - lá, no passado, como nos recentes tempos de duvidosa modernidade - as queixas e os sofrimentos dos deserdados, hoje se elevam, vozes que ganham altissonâncias, reboando os sons das palavras nas dissonâncias com que demonstram, revelam, acusam, apelam, impressionam. Como antecipou o Poeta, no seu "*Litania dos Pobres*":

> "*Ó pobres o vosso bando*
> *é tremendo, é formidando!*
> *Ele já marcha crescendo,*
> *o vosso bando tremendo . . .*"

As vozes dantes veladas, agora articuladas, estão a fazer-se ouvir. Saberão, todavia, livrar-se das vozes ilegítimas que, fazendo-lhes coro, poderão pô-las em risco de - repetindo-se a História - ecoarem no vazio, sufocadas, quando não traídas?

Que saibam, pois, fazê-lo, para não permanecerem alvo do desalentado consolo lançado na *prece* do Poeta, cujos versos finais encerram a peça:

> "*Parece que em vós há sonho*
> *e o vosso bando é risonho.*
> *Que esssas flageladas almas*
> *reverdecem como palmas.*
> *Que essas cabeças errantes*
> *trazem louros verdejantes.*
> *Que vestis a pompa ardente*
> *do velho sonho dolente.*
> *Que por entre os estertores*
> *sois uns belos sonhadores.*"

❋

*

Em 1998 transcorrerá o centenário da morte de Cruz e Sousa. O presidente da Academia Catarinense de Letras, Paschoal Apóstolo Pítsica, por proposição do acadêmico Iaponan Soares - um dos estudiosos da obra do Poeta - já iniciou contatos com entidades públicas e privadas ligadas à cultura, para que desde logo se organize adequada programação comemorativa da efeméride, com alcance nacional.

Vozes Veladas, a peça, cujo texto em livro (Editora Movimento, Porto Alegre, RS) foi lançado em 1995, até o momento em que esta apreciação era concluída ainda não havia sido encenada, nem mesmo na cidade de nascimento de João da Cruz e Sousa. Motivo? O crônico problema do patrocínio, oficial ou não. Que se espera venha a ser superado (senão antes) no ano do centenário do último canto do *Cisne Negro*. Pois *Vozes Veladas*, a peça, terá que estar, deverá estar, com o destaque merecido, no elenco das comemorações da vida e obra do monumental Poeta catarinense.

Ilha de Santa Catarina, maio de 1996.

---

* Membro da Academia Catarinense de Letras e da União Brasileira de Escritores de Santa Catarina.

08	HOMENAGEM a Cruz e Souza. Diário Catarinense, Florianópolis, 22 de ago. de 1995. Visor

JORNAL DC
DATA 22/8/95
PAGINA Visor

8

Homenagem a Cruz e Sousa

Como não obteve nenhum incentivo para estrear em Santa Catarina sua peça *Vozes Veladas*, sobre a vida e obra do poeta catarinense Cruz e Sousa, Eglê Malheiros decidiu cruzar as fronteiras. A obra será lançada dia 14 de setembro, em Porto Alegre, com apoio da Secretaria Estadual de Educação do Rio Grande do Sul, no teatro da Fundação Mário Quintana, durante a semana em comemoração aos 300 anos da morte de Zumbi. A direção é de Dilmar Messias. Depois, a peça será apresentada no Rio de Janeiro, também com apoio do governo carioca.

09 GOMES, Osmar. Obra de Cruz e Souza inspira arte teatral.
Diário Catarinense, Florianópolis, 14 de nov. de 1997.
Variedades

Obra de Cruz e Sousa inspira arte teatral

CAIO CEZAR 22/11/95

Peça escrita por Eglê Malheiros deve ser encenada no centenário de morte

Escritores de SC discutem obra do poeta, que ganha leitura dramática

OSMAR GOMES 09

"É tão estranho/os bons morrem cedo...". Letra do poeta e compositor Renato Russo, que morreu em decorrência da Aids há pouco mais de um ano, serve para identificar também o triste fim de Cruz e Sousa aos 36 anos, no dia 19 de março de 1898, em Juiz de Fora, Minas Gerais, vítima de tuberculose. A série de homenagens para lembrar o centenário da morte, tão importante foi sua passagem pela vida registrada em livros, inicia neste mês.

Hoje, às 18 horas, na Academia Catarinense de Letras, atores do Pesquisa Teatro Novo (Universidade Federal de Santa Catarina) farão leitura dramática de alguns poemas, entre os quais "Supremo Verbo" e "Visionário". Já às 10h30, no Centro Integrado de Cultura (CIC), dentro da programação do 2º Encontro do Escritor Catarinense, acontece o simpósio "Um Poeta Brasileiro no Final do Século: Cruz e Sousa e a Modernidade", com a participação de Walter Carlos Costa, Miguel Sanches Neto e Fábio Brüggemann. A coordenação é de Zahidé Lupinacci Muzart.

No dia 26 deste mês, às 18h30, haverá sessão solene no plenário, iniciativa tomada pela deputada Ideli Salvatti (PT), que representa o Legislativo na Comissão Estadual do Centenário de Morte de Cruz e Sousa, constituída por uma dezena de entidades culturais.

Estarão na sessão solene da Assembléia Legislativa autoridades e um especialista em Cruz e Sousa, o estudioso Antônio Carlos Cechin, editor da revista "Poesia Sempre". O evento vai inaugurar o cronograma de atividades, a ser desenvolvido até dia 19 de março do próximo ano.

POESIA

Sobre uma mesa de bar estão vinho, fotocópias de poemas, livros abertos e canetas. Esses elementos cênicos formam a ambientação para a leitura dramática dos poemas "Supremo Verbo", "Triunfo Supremo", "Sorriso Interior", "Ódio Sagrado", "Luz da Natureza", "Visionários", "Um ser" e "O Assinalado", seleção da doutora em lingüística Leonor Scliar-Cabral, presidenta da seção catarinense da União dos Escritores Brasileiros (UBE).

Trechos de "Litania dos Pobres" foram incluídos pela diretora do grupo e atriz Carmen Fossari, que divide o vinho e os poemas com Luciano Martins e com o chileno Cristian Otirrep. O autor convidado pertence à Sociedade de Escritores do Chile e em sua performance mostrará poemas do seu livro "Sexto Paso de Poetra" e da obra "Prefácio e Canto Primero de Altazor", de outro escritor seu conterrâneo, Vicente Huidobro.

A leitura de Cruz e Sousa, nascido em Desterro (hoje Florianópolis) no dia 24 de novembro de 1861, é uma celebração da palavra, de acordo com Carmen Fossari e Luciano Martins. Durante 30 minutos os atores vão mostrar a profundidade da poética souseana. "Eu acho que Cruz e Sousa é mais importante na França do que no Brasil, infelizmente não é reconhecido nem lido em nosso País. Eu mesma não conheço a obra completa, mas sei que através de seus poemas a palavra perpetua, transcende, há sempre uma relação da plenitude. Cruz e Sousa é importante na medida em que chama a atenção para valores humanos tão essenciais, necessários a este tempo em que tudo é imediatista", argumenta a diretora teatral.

Dinâmica, forte e perene são qualidades atribuídas à obra de Cruz e Sousa pela diretora de teatro, que particularmente se emociona muito com um trecho de "Litania dos Pobres": "...Que por entre os estertores, sois uns belos sonhadores...".

O Pesquisa Teatro Novo, conforme Fossari, fez a primeira leitura dramática de uma peça inédita sobre vida e obra do poeta simbolista mais importante da língua portuguesa. "Vozes Veladas", de Eglê Malheiros, agora pode ser montada pelo grupo universitário. "Queremos fazer uma estréia nacional da peça", comenta.

HONRAS NO SENADO

Além de uma sessão solene no Senado, agendada para 19 de março de 1998, também foi instituído o Prêmio Cruz e Sousa, através do projeto de resolução nº 126 de 1997. É destinado, conforme o artigo 1º, a autores com trabalhos alusivos à comemoração do centenário. Será formado um conselho para apreciar os projetos, com representação de cinco membros e presidente do Congresso Nacional. Interessados deverão enviar suas propostas até dia 19 de março. O prêmio será conferido em sessão do Congresso Nacional especialmente convocada até junho do próximo ano.

10	EGLÊ Malheiros no Terça com Poesia. Diarinho, Florianópolis, 17 de abril de 2007. Variedades

Imprensa Diversa

Jornal: DIARINHO
Cidade: ITAJAÍ
Data: 17/04/07
Coluna: VARIEDADES
Página: 12

10

LITERATURA

Eglê Malheiros no Terça com Poesia

Rola hoje, às 19h30, mais uma edição do Terça com Poesia, na Floripa. O evento, que tem a idéia de fazer os escritores se aproximarem do seu público, rola no Teatro da Ulbro, nos fundos do colégio Coração de Jesus, e é *digrátis*.

A convidada dessa edição é a escritora Eglê Malheiros. Além de escrever livros de contos e poemas, Eglê também foi atriz numa época em que a sociedade olhava atravéssado pra *muierada* que se dizia atriz.

A escritora foi a principal representante feminina do "Grupo Sul", um movimento que agitou o pessoal ligado à cultura catarinense no finalzinho da década de 40 do século passado.

11	E Mais: O Terça com Poesia recebe hoje.... Diário Catarinense, Florianópolis 17 de abril de 2007. Variedades.

Jornal
Diário Catarinense

Data: 17/4/07

Coluna: VARIEDADES / YULIANA WOSGRAUS

Página 2

11

E MAIS

◆ O Terça com Poesia recebe hoje, às 19h30min, no Teatro da Ubro, a escritora, poeta, professora e ativista política Eglê Malheiros, que falará sobre sua vida e obra.

12	EGLÊ Malheiros. Hora de SC, Florianópolis, 17 de abr. de 2007. Mané Gaivota

Imprensa Diversa

Jornal: HORA DE SC
Cidade: FLORIANÓPOLIS
Data: 17/ 4 /07
Coluna: MANÉ GAIVOTA
Página: 16

12

DIVULGAÇÃO

Eglê Malheiros

A dona Eglê Malheiros é a principal representação feminina do Grupo Sul, um movimento cultural catarinense que aconteceu no fim dos anos 40. Ela escreveu livros de poemas e contos e atuou como atriz numa época em que muitos não viam com bons olhos esse trabalho para as mulheres. *Nas antigas era assim...*

A mulher na nossa cultura

Terça com poesia

Hoje, às 19h30min, a dona Eglê Malheiros vai falar de sua trajetória no Teatro da Ubro, na escadaria da Rua Pedro Soares, nos fundos do Colégio Coração de Jesus, no Centro de Florianópolis. Ela é a convidada do Terça com Poesia, um projeto da Fundação Franklin Cascaes.

Vai lha escutá uma prosa, mô santo.

13	UNCARETTI, Henrique. Eglê Malheiros dispensa apresentação. O Estado, Florianópolis, 17 de abr. de 2007.

Jornal O Estado

Data: 17/ 04 /07

Coluna: HENRIQUE UNCARETTI

Página: 6

13

Divulgação

EGLÊ MALHEIROS dispensa apresentação para o leitor de O Estado. A escritora e poeta sobe no palco do teatro da Ubro, na escadaria da rua Pedro Soares, no centro de Florianópolis, a partir de 19h30. É parte da programação do projeto "Terça com Poesia", promovido pela Fundação Franklin Cascaes

14	CULTURA. Notícias do Dia, Florianópolis, 14/15 de abr. de 2007. Notícias Gerais

Imprensa Diversa

Jornal: NOTÍCIAS DO DIA
Cidade: FLORIANÓPOLIS
Data: 14/15 / 04 / 07
Coluna: NOTÍCIAS GERAIS
Página: 3

14

CULTURA

Programa imperdível (e gratuito) na próxima terça-feira é o encontro com a escritora Eglê Malheiros, no teatro da Ubro, às 19h30. Ela é a convidada, no dia 17 de abril, do Terça com Poesia, projeto da Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes (FCFFC). Principal representação feminina do Grupo Sul, movimento cultural catarinense nos fins dos anos 1940, Eglê Malheiros escreveu livros de poemas e contos e atuou no palco numa época em que muitos não viam com bons olhos o trabalho das atrizes.

15	EGLÊ Malheiros no Terça com Poesia. Notícias do Dia, Florianópolis, 17 de abr. de 2007. Dia Pop

Imprensa Diversa

Jornal: NOTÍCIAS DO DIA
Cidade: FLORIANÓPOLIS
Data: 17/4/07
Coluna: DIA POP
Página: 10

15

LITERATURA

Eglê Malheiros no Terça com Poesia

A escritora Eglê Malheiros, principal representação feminina do Grupo Sul, movimento cultural catarinense ocorrido nos fins dos anos 1940, participa nesta terça-feira do Terça com Poesia, às 19h30, no Teatro da Ubro, com entrada grátis.

Realizado quinzenalmente na Ubro, o evento tem o propósito de abrir espaço para autores e estabelecer um diálogo destes com o público.

SERVIÇO

Local: Teatro da Ubro, escadaria da rua Pedro Soares, s/n (fundos do Colégio Coração de Jesus), fone 3222-0529.
Data: hoje, às 19h30.
Ingressos: grátis.

Jornal Diário Catarinense
Data: 17/4/07
Coluna: VARIEDADES
4

DEBATE

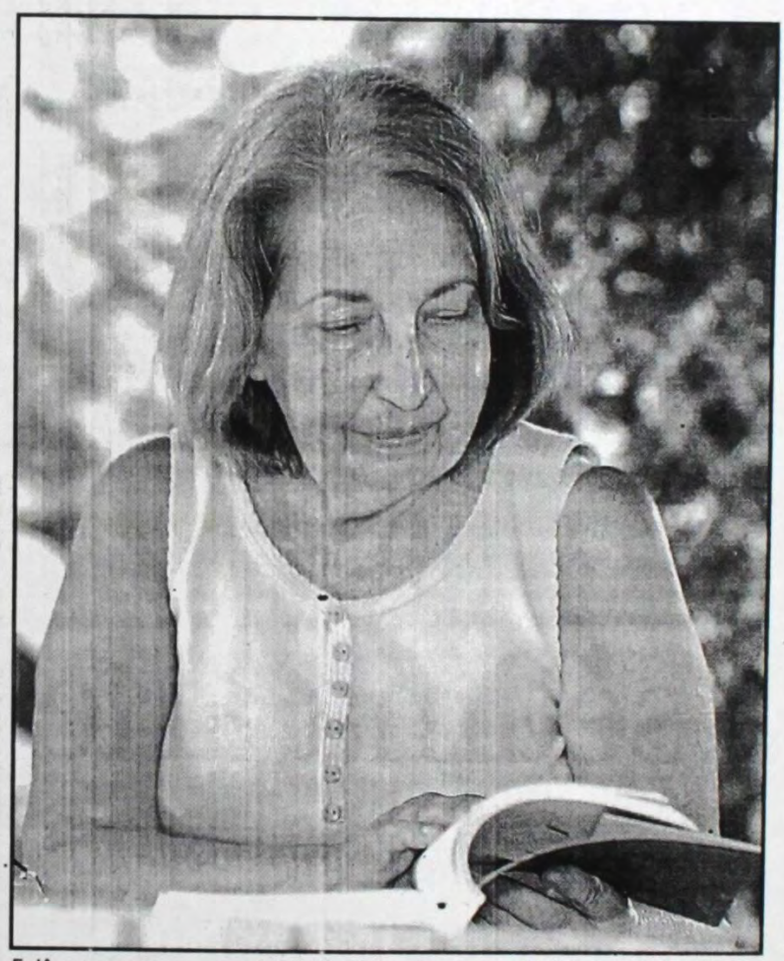
16

A alma feminina do Grupo Sul

Eglê Malheiros fala sobre a sua obra hoje no Teatro da Ubro

Ler, ouvir e conversar sobre poesia é um prazer aos amantes do texto. Trocar idéias com o próprio autor dos escritos, no entanto, torna-se um momento raro.

Esta oportunidade acontece hoje, no projeto Terça com Poesia, às 19h30min, no Teatro da Ubro, na Capital.



ROBERTO SCOLA, MAR 04

Eglê escreveu com o marido Salim Miguel o roteiro de *O Preço da Ilusão*

A convidada desta edição é a escritora Eglê Malheiros, mulher precursora e participante ativa na cena cultural do Estado. Principal representação feminina do Grupo Sul, movimento cultural catarinense ocorrido em fins dos anos 1940, ela escreveu diversos livros de poemas e contos.

Narradora experiente, ágil e ousada, Eglê também é tradutora de obras literárias e técnicas do inglês, francês, alemão, espanhol e italiano, além de colaboradora das enciclopédias Delta-Larousse e Mirador.

É a primeira vez que a escritora participa do projeto Terça com Poesia, promovido quinzenalmente pela Fundação Franklin Cascaes desde 2005. Eglê considera válidos todos os meios para divulgação da poesia, ainda mais quando há a possibilidade do diálogo entre quem escreve e quem lê..

A escritora passou os últimos meses em sua casa de praia e o faz um elogio ao seu trabalho.

E são muitos os elogios e os trabalhos no currículo. Nascida em Tubarão (SC), em julho de 1928, Eglê foi co-fundadora e editora da *Revista Sul* entre 1948 e 1958, assim como do Revista Fi[illegible] guel e Marcos Farias na adaptação e roteiro de *A Cartomante*, de Machado de Assis, e *Fogo Morto*, de José Lins do Rego.

Além de dirigir e assessorar a Fundação Nacional do livro Infantil

17	ENCONTRO com Eglê Malheiros. A Notícia, 17 de abr. de 2007. Anexo/Múltiplas

Jornal A Notícia

Data: 17/4/07

Coluna: ANEXO / MÚLTIPLAS

Página: 3

17

MÚLTIPLAS

POESIA

Encontro com Eglê Malheiros

DIVULGAÇÃO

A convidada de hoje do Terça com Poesia é Eglê Malheiros, às 19h30, no Teatro da Ubro (escadaria da rua Pedro Soares, s/nº, fundos do Colégio Coração de Jesus, Florianópolis). Principal representação feminina do Grupo Sul, movimento cultural catarinense ocorrido nos fins dos anos 1940, ela escreveu livros de poemas e contos e atuou com Ody Fraga e Silva. A partir do encontro com Eglê, o Terça com Poesia pretende dar maior visibilidade à produção catarinense, estimular a leitura e manter viva a tradição oral da poesia. Mais informações: (48) 3222-0529.

18	ESPÍNDOLA, Marcos. Ventos do Sul. **Diário Catarinense,** Florianópolis 16 de abr. de 2007. Variedades/Contracapa

Jornal Diário Catarinense

Data: 16/04/07

Coluna: VARIEDADES / CONTRACAPA

- MARCOS ESPÍNDOLA

Página 12

18

Ventos do Sul

Musa do Grupo Sul, movimento cultural catarinense que apresentou o Estado ao modernismo a partir da década de 1940, a escritora Eglê Malheiros é a convidada de amanhã do projeto Terça com Poesia. O projeto encabeçado pela Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes ocorre quinzenalmente no Teatro da Ubro, onde autores convidados promovem debates e dialogam com o público. O lero está marcado para às 19h30min.

E depois tem Aerocirco no TAC!

Guia Floripa
Teatro

19

Terça com Poesia

Dia 17/4

O projeto *Terça com Poesia* recebe a escritora, poeta, professora e ativista política **Eglê Malheiros** que falará sobre sua trajetória, sua vida e lerá textos seus. O projeto *Terça com Poesia* é uma realização da Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes e tem a a curadoria de **Marco Vasques**.

Ingresso: valor não divulgado.
Local: Teatro da Ubro.
Horário: 19h30

20	TERÇA com Poesia. Incuca Agenda, 16 de abr. de 2007. Literatura

Incuca Agenda 16.04.07

20

LITERATURA

Terça com poesia

Sarau literário com Eglê Malheiros.

Florianópolis
Teatro da UBRO
Escadaria da rua Pedro Soares s/n

Dia 17/04/2007
19h30

Entrada franca

(48) 3222 0529

DIVULGAÇÃO

"Nós, do Círculo de Arte Moderna, que ficamos conhecidos como Grupo Sul, em razão do nome de nossa revista, amávamos nossa Ilha, mas não queríamos viver ilhados, afundamos nossas raízes na terra, braços estendidos em busca de irmãos. Um dos feitos de nossa luta foi contribuir efetivamente para a criação do Museu de Arte Moderna de Florianópolis, hoje MASC, que resultou da Exposição de Arte Contemporânea e das palestras feitas por Marques Rebelo em nossa cidade, em 1948. Por várias vezes foi preciso salvá-lo do fechamento, contudo hoje é nacionalmente reconhecido".

EGLÊ MALHEIROS

Escritora catarinense, sobre os 60 anos de criação do Museu de Arte de Santa Catarina (Masc).

...gaita para a Alemanha onde será mixado.

NOVA AURORA

Para você baixar hoje à noite (via Twitter e Myspace, a partir das 21h) e saborear na aurora desta quinta. Para entrar no novo clima do Superpose, duo de electro de Floripa que traz seu novo EP, *Aurora*. A cada novo lançamento, o Superpose apresenta novas nuances do seu potencial, explorando novos caminhos na sua jornada pelas fronteiras da música. Coisa fina. São cinco faixas inéditas – sendo que quatro compostas exclusivamente para o projeto Santa Catarina Moda Contemporânea. Aurora estará disponível no perfil da banda no Twitter:@superose. Você pode também conferir no Myspace da banda (www.myspace.com/superpose).

E claro, Aurora será um dos destaques da estreia do nosso programa de sábado, às 20h, na Atlântida (100.9)! Porque, o que toca em Santa Catarina, você ouve no Paredão!

DIVULGAÇÃO

Diário Catarinense 01/04/2009
Variedades

22	COPSTEIN, Jayme. Letras em festa. **O Sul,** 7 de jul. de 2008. Caderno C, colunistas

FLÁVIO ALCARAZ GOMES

Ouça Flávio Alcaraz Gomes na Rádio Pampa, de segunda a sexta, das 8h às 9h.

O pato e o ciclista.

Uma história verdadeira, que se assemelha a um conto de Kafka e que aconteceu em Pequim.

Depois de nós havermos nos deliciado com o pato laqueado, voltamos de ônibus para o nosso hotel. No trajeto, quase na confluência da Fuyou com a avenida Chang An, o tráfego está interrompido. Já passa das 22h, mas como o dia seguinte é de festas, há uma compacta multidão nas ruas. Buzinando intermitentemente nosso motorista avança para seu rumo, o caminho aberto por guardas vestidos de branco. O povo se afasta e podemos vislumbrar os vestígios do primeiro acidente de trânsito que vimos na China, uma bicicleta reduzida a sucata e ao seu lado uma grande poça de sangue.

Cinco guardas efetuam com trenas o levantamento do local. Silencioso e com olhos muito abertos, o povo assiste a seu trabalho. A visão daquela bicicleta esfacelada e do sangue de seu dono (teria morrido na hora? Ou quem sabe, devidamente acupunturado, está sendo agora submetido a uma operação?...) me faz lembrar uma história, igualmente triste, que eu li na obra insuspeita de Alain Peyrefitte sobre a China ("Quand la Chine s'eveillera..." Editora Fayard) e que nessa noite em que tudo nos parecia tão feliz, deve ser lembrado para que se tenha presente que a realidade chinesa não se constituiu apenas de patos laqueados, sorrisos amáveis e liberdade absoluta de encomiar o presidente Mao. Ei-la:

"O agente que controla o cruzamento apita. Um ciclista de Pequim acaba de ultrapassar o sinal vermelho: ele se volta furtivamente e torna a pisar no pedal. Segundo apito. Antes que o ciclista possa percorrer um metro, os pedestres correm da calçada ao seu encontro, obrigando-o a apear e o cercando com hostilidade, enquanto esperam o policial. Este diz apenas uma palavra em tom moderado, manda a multidão afastar-se e convida o ciclista a partir.

Nem multa, nem repreensão. A cena se desfaz como por encanto, tão rapidamente como havia se originado. O policial-militar volta às suas funções. Apenas anota uma breve indicação.

Na manhã seguinte, no momento de partir para a fábrica de tecidos onde trabalha, o ciclista imprudente vê entrar em seu pequeno alojamento um membro do Comitê Revolucionário do bloco do quarteirão. Sob um tom severo ele o repreende por sua atitude da véspera e lhe dá longa lição de moral. É grave ter ultrapassado o sinal vermelho. É grave não ter parado ao primeiro sinal de apito. É grave ter desencadeado a cólera da massas populares, animadas pelo sopro revolucionário do pensamento de Mao-Tse-Tung. É mais grave ainda não ter-se dado conta da gravidade de sua conduta.

O ciclista sente-se torturado. Ele vai atrasar-se. Seu atraso aumenta e ele mede as conseqüências. O responsável do Comitê Revolucionário permite-lhe enfim partir. Chegando à fábrica meia hora depois do fechamento do ponto, é interpelado pelo contra-mestre. Ele dá a sua explicação e é obrigado a expor sua conduta diante dos responsáveis pelo Comitê Revolucionário da Fábrica. Ali é repreendido pelo atraso, pelo prejuízo que ele dá à produção da fábrica, pela sombra que ele fez cair sobre a boa reputação da fábrica, etc.

Nos dias seguintes o pesadelo se amplifica. Um membro do Comitê Revolucionário de seu bairro, um responsável do Partido, vão a seu trabalho e o advertem a domicílio. Diante de seus companheiros de trabalho, diante de seus vizinhos de apartamento, ele deve entregar-se a uma autocrítica, na qual é energicamente ajudado."

E conclui Peyrefitte: "Essa história verdadeira, que se assemelha a um conto de Kafka e que aconteceu em Pequim foi-me contada por uma testemunha direta. Milhares de casos semelhantes provavelmente acontecem todos os dias. Todos os chineses são identificados, enquadrados, seguidos de perto. Os cativos, quando são libertados, continuam a ser controlados tão estreitamente como quando estavam encarcerados. Da prisão fechada à prisão aberta, da prisão aberta à liberdade vigiada, não há outra coisa senão nuances. Ninguém na China pode escapar ao sistema".

Na esquina da principal avenida de Pequim, a poça de sangue e a bicicleta esfacelada, na noite de 1ª de outubro...

guerrilheiros@guerrilheiros.com.br

JAYME COPSTEIN

Ouça Jayme Copstein na Rádio Pampa, de segunda a sexta, das 17h às 19h.

Por trás do milagre.

Em vez de transferir renda das classes mais altas, da elite e da classe média alta, os programas sociais governamentais empobreceram a classe média, tirando 5,1% da renda do seu segmento médio e 4,6% do segmento mais baixo.

A conclusão que podia ser percebida nas queixas de donas-de-casa e de aposentados, é confirmada pelo Itepa (Instituto Técnico de Pesquisa e Assessoria), organismo da Faculdade de Direito de Pelotas, analisando a apregoada redução da desigualdade no Brasil.

A pesquisa foi objeto de reportagem da jornalista Tânia Cabistany, publicada no Diário Popular de Pelotas, em 29 de junho. O diretor do Itepa, economista Erli Massaú, explica a distorção pela alta carga tributária, incidindo em igual percentual desde o topo da pirâmide até a classe média baixa. As alíquotas são as mesmas apesar da gritante diferença de renda dos diversos grupos. "Foram elas (a classe média média e a classe média baixa) e não os riços que transferiram renda para os pobres", ele afirma.

O fato de as classes de renda superior (elite e média alta) terem aumento de apenas 4,5%, contrastando com os 21,96% obtidos pelos mais pobres, nada significa se tivermos em vista que aquele pequeno quinhão que coube aos mais ricos, em termos absolutos é inúmeras vezes maior do que tocou aos pobres. Com uma desvantagem, como já assinalou Frei Beto, quando se afastou dos programas sociais do governo, e como agora também ratifica o economista Erli Massaú: a mera distribuição dos programas de renda gera grupos indolentes que buscam viver desses benefícios. Como mantém a distância entre ricos e pobres, não muda nada em termos de desigualdade. Apenas empobrece a classe média baixa que de rica não tinha nada.

Amor é o motivo

A gravidez precoce no Brasil – 500 mil meninas, entre 10 e 19 anos tiveram filhos no ano passado – é tomada como conseqüência da nossa perversidade social. O fenômeno também é registrado em outros países, principalmente nos Estados Unidos – 700 mil casos em 2007. Recentemente, em Gloucester, pequena cidade do interior de Massachussets, 17 alunas de uma escola secundária, a mais velha com 16 anos de idade, engravidaram simultaneamente, cumprindo um pacto, sabe-se lá em nome de quê. As interpretações foram muitas, desde a imprensa com suas histórias pouco convencionais, até psicólogos, atribuindo à aventura ao pensamento mágico dos adolescentes.

A explicação, porém, parece ser mais simples. Uma menina, estudante da mesma Gloucester, mãe aos 18 anos, contou ter sido procurada por outras adolescentes, desejosas de se tornarem mães. Em comum, todas expressavam o desejo de ter alguém que as amasse.

Não precisamos ir muito longe. Em Porto Alegre, em um desses postos médicos da prefeitura, uma menina de 14 anos procurou tratamento para engravidar. Alegou que todas as suas amigas já tinham conseguido, e ela se sentia marginalizada por isso. Também, essa menina se sentia desamada.

Letras em festa

Literatura brasileira em festa: a escritora catarinense Eglê Malheiros completou 80 anos e a efeméride repetiu a alegria do almoço no Restaurante da CUT, em Florianópolis, quando foram comemorados, em 2004, os 80 anos de seu marido, o também escritor Salim Miguel.

Quem conhece a trajetória dos dois escritores, não consegue concebê-los separadamente. Conheceram-se ainda na adolescência, quando as inquietações intelectuais os levaram a liderar o grupo SUL que, a partir Santa Catarina, desencadeou um bem-sucedido movimento de mudança da cultura regional, através da literatura, do cinema e das artes plásticas.

A revista publicada pelo grupo – chamava-se Sul, também – adquiriu projeção nacional ao tornar-se o porta-voz de toda uma geração de jovens, saturados de bom-mocismo encruado e também infestados do mofo de modelos que nem mesmo no exterior, aonde haviam sido buscados, haviam perdurado.

Há muito extinta, a revista Sul é hoje documento importante para pesquisa e estudo dos novos rumos da cultura brasileira, no pós-guerra. Nos anos que se seguiram, Eglê e Salim inscreveram seus nomes na história da nossa literatura, ela na poesia, no teatro, na crítica literária e no conto. Ele no romance. Ambos são detentores de importantes prêmios nacionais.

A par disso, entretanto, pelo exemplo de vida, tão precioso quando seu legado à literatura, tornam lógica a conclusão: eram pessoas assim que estavam na mente de quem escreveu o Gênesis, quando homens e mulheres foram criados para estarem juntos, e juntos construírem a vida.

Correio

Lésio Pery Martins (Porto Alegre). "Se Cacciola tivesse se entregado, em vez de fugir, estaria em liberdade, gozando todo o dinheiro roubado, sem problema algum, nos melhores meios de gente de primeira linha do país. Agora, quando chegar, verá a burrice que cometeu ao sair do Brasil. Aqui não ficaria um dia preso, com a multidão de pessoas de dinheiro que não fugiram e estão aí há anos, aguardando sentenças de cestas básicas para a pobreza que terão de pagar com parte do dinheiro que roubaram."

jc@pampa.com.br

Manifestações de exclusiva responsabilidade dos colunistas.

23	A DAMA das letras. Plural, Grande Florianópolis, 9 de jul. de 2008.

Quarta-Feira
Plural.
GRANDE FLORIANÓPOLIS – 9 DE JULHO DE 2008 www.ricsc.com.br

23

FOTOS EDU CAVALCANTI/ND

A dama das letras

Discreta. Eglê Malheiros completa 80 anos, celebrando apenas com os familiares

Uma das escritoras mais representativas de Santa Catarina, Eglê Malheiros completou na última semana 80 anos. Discreta, pediu que a data não fosse divulgada. Mesmo atuante e de personalidade forte, ela evita se expor para preservar aquilo que mais preza: o convívio intimista com a escrita. Uma das fundadoras do Grupo Sul, que instaurou o modernismo em Santa Catarina, na década de 1940, a escritora mantém absolutamente intimidade com a literatura: é casada com Salim Miguel, outro baluarte das letras no Estado. "Cada um de nós, embora incentive o trabalho do outro, também é exigente. Não é porque o Salim ou eu escrevemos que o texto tem de ser bom. Sempre houve colaboração, mas cada um tem a sua personalidade própria", observa.

Os dois integraram o grupo de editores da revista "Ficção", no Rio de Janeiro, na década de 70, que divulgou o trabalho de autores consagrados. A adaptação à capital carioca a princípio foi um pouco difícil, pois ela estava acostumada a lecionar e ficou um período apenas cuidando das crianças. "Ficava contente e satisfeita na sala de aula", comenta. Mas logo refizeram contatos com os escritores e ajudaram a criar a "Ficção". "Acho importante haver revistas, publicações periódicas que permitam aos novos escritores afinar seus instrumentos. Nenhum escritor nasce pronto", comenta.

Eglê atualmente trabalha na conclusão de alguns contos e faz anotações para uma peça de teatro. Ela é uma escritora bissexta, ou seja, publica pouco e com longo intervalo entre um livro e outro. "Sou lenta e preguiçosa", comenta com modéstia. Mas, mesmo nas horas de lazer, a literatura está presente. "É um presente do céu quando tenho a tarde inteira para mergulhar num livro sem preocupações", conta.

Autora do livro de poemas "Manhã" (Edições Sul, 1952), do livro infantil "Desça Menino" (Criar, 1985), do infanto-juvenil "Os Meus Fantasmas" (Ed. Movimento, 2002) e da peça "Vozes Veladas" (Ed. Movimento), ela tem como temática recorrente questões políticas e sociais. "O escritor não está numa torre de marfim, isolado do mundo", diz.

Eglê Malheiros nasceu em Tubarão (SC), em 1928. Bacharel em direito pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e mestra em comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), também é tradutora e escreveu, entre outros, o roteiro e argumento de "O Preço da Ilusão", primeiro longa-metragem realizado em Santa Catarina.

Consagrada. Eglê, uma das fundadoras do Grupo Sul, que instaurou o modernismo em Santa Catarina, continua atuante e cheia de planos. Ao lado, tela feita por Martinho de Haro e abaixo, ela com o marido, Salim

24 MALHEIROS, Eglê. Enterevista com Eglê Malheiros. **Boi de Mamão**, Florianópolis, n.2, p.3-5, jul. 1980.

Eglê Malheiros

EGLÊ MALHEIROS Miguel nasceu em Tubarão (SC) mas criou-se em Florianópolis. É catedrática de História do Instituto Estadual de Educação. Fez parte do chamado **Grupo Sul**, *movimento cultural que deu novos rumos à literatura e à arte em Santa Catarina, na década de 50, tendo sido atriz do Teatro Experimental desse Grupo. Com o marido, o escritor Salim Miguel, escreveu o argumento e roteiro de* **O Preço da Ilusão**, *primeiro longa-metragem realizado em Santa Catarina. No Rio de Janeiro foi co-editora da revista* **Ficção** *e fez a adaptação e roteiro para os filmes* **A Cartomante** *(conto de Machado de Assis) e* **Fogo Morto** *(romance de José Lins do Rego), juntamente com Salim Miguel e Marcos de Farias. Cursou pós-graduação de Comunicação na UFRJ. É tradutora de livros de ficção e artigos técnicos do francês, inglês e alemão. Tem publicados* **Manhã** *(livro de poemas) e um ensaio sobre o poeta Cruz e Sousa, além de artigos, crítica de livros, contos, em jornais e revistas do país. Dedicada ao estudo e à pesquisa da Literatura Infanto-Juvenil, já ministrou cursos e participou de seminários em inúmeras universidades brasileiras, tendo sido diretora-secretária da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Presentemente é assessora e representante da FNLIJ em Santa Catarina.*

De novo residindo em Florianópolis, Eglê participa ativamente da vida cultural no Estado. **Boi-de-Mamão** *foi procurá-la para um "balanço" de seu pensamento e de seus planos.*

A CULTURA BRASILEIRA TEM QUE SER DE CONTESTAÇÃO

BM – *O Círculo de Arte Moderna (Grupo Sul), do qual participaste do princípio ao fim, tem sido, ultimamente, objeto de estudos e pesquisas, especialmente nos departamentos de literatura das universidades. Tu consideras a orientação dessas pesquisas válida para a compreensão do movimento como um todo?*

EM – Eu tomei conhecimento de um trabalho de dissertação de mestrado – da Lina Sabino – sobre o *Grupo Sul*. Ouvi falar que outras pessoas estão pretendendo fazer trabalhos neste sentido, mas não sei de nada positivo a respeito. Eu acho que o fato de se interessarem pelo *Movimento Sul* como um todo tem dois aspectos: um, que eu acho positivo, voltado para o conhecimento da nossa vida cultural, não só daqui de Santa Catarina mas do Brasil inteiro, tomando-se consciência da necessidade de uma memória nacional, porque embora seja necessário – e muito – mudar muitíssimo as coisas, essa mudança não pode ser feita no vazio. Ela tem que partir de um dado histórico e ter um projeto histórico, viável justamente por esse embasamento histórico. Então, esse lado é positivo. Por outro lado, há uma tendência aqui na Universidade de Santa Catarina e que, pelo que eu ouvi dizer, se nota também nas outras universidades provinciais, de reduzir o campo de atuação da inquietação universitária, tornando-o provinciano, municipal e, talvez seria o ótimo, distrital. Esta preocupação eu acho negativa. Estudar o *Grupo Sul* ou o grupo seja lá que nome tenha – de Santa Catarina, Rio Grande do Sul ou de Minas – com uma perspectiva nacional e olhando os valores universais da cultura humana, eu acho importante. Mas estudar seja qual for o movimento no sentido de incrustá-lo num espaço restrito da vida cultural eu acho perigoso. Perigoso e até, inclusive, contrário à perspectiva do próprio *Grupo Sul*, porque é importante lembrar que o *Sul* se propunha, na época, a justamente romper o ilhamento, fazer com que Santa Catarina deixasse de ser uma exceção, um isolamento dentro da vida cultural brasileira.

BM – *Esse interesse em reviver unicamente o movimento do Grupo Sul será um indício da falta de outros movimentos em Santa Catarina e que poderiam ser de igual importância ao que ele foi?*

EM – Se a fixação em Sul se deve à importância do movimento, à inexistência de outros ou à deformação de ponto de vista, é preciso lembrar o seguinte: felizmente, grande parte dos participantes do Sul ainda estão aí, vivos e atuantes (nós temos a lamentar, infelizmente, a morte de Aníbal Nunes Pires, cuja importância na vida cultural catarinense não foi ainda avaliada na medida do que deve).
Então, como eles existem e aparecem, as pessoas se lembram do *Sul*. Sinceramente, eu não vejo, depois do *Sul*, um movimento cultural organizado que tivesse a importância dele aqui em Santa Catarina. Não que não deva existir, que não possa existir coisa muito melhor e mais importante, mais aprofundada. Eu acho que há necessidade de existir mas eu não vejo. Se nós formos recuar mais, nós veremos que houve coisa até muito mais importante que o *Sul* e o exemplo disso é o movimento do Cruz e Sousa e do Virgílio Várzea e outros, que tinham uma proposta cultural muito definida, uma proposta política também muito definida e revolucionária para a época: antiescravista e republicana e com um ímpeto, uma capacidade de oposição ao *status-quo* da província que eu acho que deveria nos deixar, a nós do *Sul*, que nos orgulhamos do que fizemos, até envergonhados, porque justamente era um movimento cultural que surgiu numa época de contradições muito mais agudas que aquelas em que nós atuamos e, então, é claro que a expressão deles é muito mais nítida do que a da nossa época e, nesse caso, inclusive, eu acho que nós deveríamos cobrar, com toda a veemência, do Hélio Ballstaed, a publicação dos estudos e pesquisas que ele está fazendo a esse respeito, que vai ser uma coisa muito importante para o levantamento da história cultural brasileira.

"A poesia de Cruz e Sousa não é de alienação. É de testemunho."

Eu fiz um artigo a respeito do Cruz e Sousa, recentemente, e o Hélio leu e disse que, usando as poesias do Cruz e Sousa, eu bati ponto por ponto em cima daquilo que ele levantara nos artigos, nos debates e nos escritos da imprensa da época. Então, a poesia de Cruz e Sousa, ao contrário do que se pretendia, que fosse uma poesia de alienação, de negação da sua condição social é, na verdade, uma poesia de testemunho, embora ela não tenha pretendido explicitamente ser isso, mas ela o é pela sua própria expressão. E o que existe de publicado na imprensa da época – debates e celeumas que eles levantaram – comprovam isso.

BM – *Tu falavas no início da nossa conversa em "processos de superação" desse abafamento sobre a inquietação universitária. É importante sabermos que processos são esses e como eles deverão se desenrolar, de acordo com teu ponto de vista.*

EM – Essa situação de que a inquietação cultural, o campo de atuação da pesquisa universitária ou da pesquisa cultural do Brasil de uma forma geral, vive um processo de abafamento, é resultado de um clima em que as verdades inexistem ou o pouco que existe são as verdades consentidas e não de direito. Então a pessoa fica sempre não querendo desagradar ao príncipe e não querendo desagradar ao príncipe ela não pode pensar livremente. O processo que eu considero de ampliação do debate cultural é principalmente uma consolidação das liberdades democráticas e será essa consolidação das liberdades democráticas junto com a consciência de que nós temos segmentos importantíssimos da sociedade brasileira que não podem se expressar ou quando se expressam têm sua voz abafada, que irá ampliar o caldo de cultura para que coisas novas surjam.

É claro que esse processo de consolidação das liberdades democráticas não é uma coisa linear e não se faz em um dia. É um processo exterior às pessoas e ao mesmo tempo interior. É preciso que as pessoas se compenetrem de que é um direito que elas têm de discutir as coisas, de não aceitar pratos feitos e que os conflitos e as contradições são inerentes à própria vida social e que esses conflitos e essas contradições não fazem mal — pelo contrário, eles são produtivos, eles levam a coisas novas. O que é negativo para o tecido social é a pasmaceira, é o silêncio. Essa pasmaceira nunca é espontânea, ela sempre só pode ser conseguida à força e no meu entender só poderá haver realmente um florescimento da vida cultural brasileira quando as pessoas puderem livremente se organizar, debater, trocar idéias, sem se preocupar com as conseqüências extraculturais que essas coisas possam ter.

"O problema da censura é a ausência do debate."

Discute-se muito o problema da censura e fala-se: quantos livros foram censurados no Brasil, quantos não foram, tantos por cento de censurados eram de cunho erótico e só tantos por cento eram livros nitidamente culturais, etc. Eu acho que esse tipo de discussão não quer dizer nada. Porque podia ser que, existindo censura no Brasil, não tivesse sido censurado um livro que fosse, mas o malefício que a censura tinha provocado, esse malefício foi imenso e não temos como medir. Porque o problema da censura não é só o livro que é tirado de circulação. O problema da censura é a ausência do debate, é o fato das pessoas pensarem as coisas e não poderem discuti-las, não poderem colocar de público idéias suas — umas boas, outras até más, mas que se a pessoa não puder debater com os outros não pode saber se é boa ou má. Então esse malefício é que é o sério, porque o livro que é retirado de circulação volta amanhã ou depois, mas aquilo que deixou de germinar nas mentes, nas sensibilidades, pela falta do debate, ninguém pode repor.

BM — *O teu primeiro livro, editado pela Edicoes Sul, foi um livro de poemas. A partir daí a Eglê Malheiros que conhecemos parece não ter mais se interessado na produção desse gênero de literatura. É verdade?*

Em — Não é bem verdade assim não, porque depois do *Manha* eu publiquei poemas não só na *"Sul"*, mas no *"Roteiro"* e, esporadicamente em outros lugares, mas não publiquei mais nenhum livro. O que aconteceu, na verdade, é que com os acontecimentos de 64 eu sofri um verdadeiro bloqueio de criação artística. Não sei se pelo fato de eu ter deixado de lecionar — e o contato meu com os alunos, a preparação de aulas, o fato de sentir que aquilo que eu adquiria do ponto de vista cultural tinha um objetivo, não era uma atitude de deleite, uma atitude hedonística, assim de saber mais, mas sim de saber um pouco dividir com os outros pra ver se nós, todos juntos, chegaríamos à superação de uma série de problemas que o Brasil enfrenta — não sei se foi isso tudo que contribuiu para que me sentisse incapaz de uma produção artística.

"Preciso de liberdade para poder criar".

Passei até mais ou menos 74, 75 — quando a gente começou a organizar a *Ficção* e talvez eu tenha aí um processo de superação interna — sem criar nada. Durante esse tempo fiz traduções, estudei, fiz trabalhos na Fundação do Livro Infantil e Juvenil, mas do ponto de vista de criação artística eu não fiz nada. Agora, felizmente eu estou voltando. Talvez eu seja até uma dessas muitas pessoas — ao contrário do que se costuma dizer para defender os períodos de arbítrio — que precisam de um clima de liberdade para poder criar. Recentemente comecei a trabalhar na prosa e consegui dizer um pouco do que pretendo, embora eu ache muito complicado. Não sei se também na questão da poesia ocorreu um excesso de conscientização. . . Eu comecei a estudar mais o processo de criação poética e a analisar os poemas dos outros e os meus e, como aquele fulano que está andando de bicicleta, se for pensar que está andando ele pára de andar, houve isso um pouco comigo, que estou procurando deixar de lado.

BM — *Tu sempre foste uma pessoa atuante na vida cultural do País, como professora, como intelectual e, na revista* **Ficção**, *como editora e tradutora, sendo requisitada para ministrar cursos e conferências em diversas entidades culturais brasileiras. Achamos que Santa Catarina não utiliza como deveria a tua inteligência e o teu reconhecido potencial de cultura. Não achas que existe um estado de coisas em Santa Catarina que induz ao alijamento de valores comprovados que poderiam oferecer uma contribuição maior de participação sócio-cultural?*

EM — Esta pergunta tem um pedaço que é muito pessoal e me levaria a ter que fazer uma autolouvação, algo assim que não faz muito o meu gênero. Eu prefiro responder à parte geral e em parte isso me atinge, como atingirá — e muito mais — outras pessoas. Eu acho que já é tempo de notarmos que a cultura, as atividades do espírito, não pairam no ar, desligadas da vida material dos homens. A cultura é uma superestrutura, com suas leis próprias, mas muito intimamente ligada a interesses mais concretos. Há uma classe dominante e há uma cultura da classe dominante. Essa cultura da classe dominante é a cultura oficial, a cultura que deve ser aplaudida e espera-se que os elementos cultos de uma determinada sociedade levem mais lenha para a fogueira da cultura desta classe. É claro que dentro desta cultura de classe dominante existem vários segmentos e aí nós temos escolas procurando preponderar, mas que não nos interessa agora no momento. Mas dentro da cultura geral existem segmentos que procuram, pelo menos, expressar a inquietação diante do que existe, a não aprovação incondicional do que existe e, muitos, inclusive, expressam a voz daqueles que não podem falar. Aí a cultura oficial toma cuidados a esse respeito. Cuidados às vezes até bem tolos, ineficientes, porque eu acho que nós não podemos analisar a cultura oficial do Brasil comparando-a com a cultura oficial das nações dominantes.

"Temos que fazer uma cultura de contestação, para não sermos macaqueadores do exterior."

Nós somos uma nação periférica e a nossa cultura brasileira, para se afirmar, terá que ser sempre uma cultura de contestação, porque senão nós seremos simples copiadores, macaqueadores do que se faz lá fora. Eu acho, inclusive, que isso é um desafio ao intelectual brasileiro, porque se ele quiser se afirmar como intelecutal, criador de coisas novas, debatedor de idéias, ele acaba tendo de se afirmar com o povo e não com um grupo reduzido de pessoal que se aproveita do poder. Por um desvio de análise, há uma idéia de que qualquer pensamento que não seja de aplauso é negativo para o país, quando eu acho que justamente para o nosso país o que é positivo é o debate, é a contestação, é a procura de acabar com a voz monocórdica do que se vem dizendo desde que o Brasil foi descoberto em 1500. Em Santa Catarina, essa situação é muito nítida porque nós somos um Estado em que as coisas acontecem devagar, custam a acontecer, por uma série de circunstâncias históricas, econômicas e sociais e um

Estado em que a massa crítica é muito pequena porque a nossa universidade é muito pequena e relativamente recente e a atuação da universidade, quando universidade também, só agora se faz sentir. Assim, a expressão das contradições dentro da sociedade também é abafada, não sendo mais possível que tudo continue assim, em tempo de valsa. Eu acho que isso é um erro e se o Estado quiser realmente progredir, se projetar, ele vai ter que lançar mão justamente daquelas normas de pensar, de ver as coisas que mesmo que não estejam cem por cento certas — eu não posso afirmar se estão certas ou erradas — representam uma visão nova e que pode contribuir para a melhoria do nível cultural do Estado.

BM — *Nos temos conhecimento de que acabas de realizar a tua dissertação de mestrado. Poderias fazer uma síntese da conclusão deste teu trabalho?*

EM — Eu fiz um mestrado em comunicação e desde há muito que uma grande preocupação minha e de uma porção de gente pelo Brasil afora é com o cinema, porque nós achamos que o cinema nasceu como uma arte de massa, tem a destinação histórica de arte de massa e tem um papel importantíssimo a desempenhar no Brasil, no sentido de expressar a sociedade brasileira. Sendo uma arte que não se destina a uma leitura individual, mas a uma leitura coletiva, obriga quem lida com o cinema a procurar uma liguagem que, sendo pessoal, sendo autêntica, ao mesmo tempo possa chegar a muitos. É o oposto do trabalho de gabinete e, também, atingindo a muitos, é debatida por muitos, recebe de imediato um retorno, há aquela realimentação do processo que permite uma crítica para futuros trabalhos. Isto tudo em tese, deveria ser assim. Na verdade não é.

"O cinema brasileiro luta por um espaço que é seu."

O cinema brasileiro é um cinema que tem que conquistar o espaço que normalmente é seu. Tem que lutar palmo a palmo com as multinacionais, contra o fato delas não só engolirem o mercado como deformarem a posição aqui dentro, porque certos setores interessados mais na parte comercial do que na cultural fazem subprodutos horríveis para competir com o que vem de fora. As tão faladas pornochanchadas nada mais são do que substituto brasileiro de coisas que vieram aos montes da Europa, principalmente através de produções ítalo-americanas, já que os americanos tinham dinheiro parado na Itália e gastaram nos tais filmes pornográficos.

Então, nós, muito preocupados com isso, chegamos até a fazer aqui *O Preço da Ilusão,* que foi um filme frustrado. No Rio, nós nos interessamos também neste sentido, trabalhando em roteiros com Marcos Farias na *A Cartomante* e depois no trabalho mais importante, muito mais demorado e sério, que foi a adaptação, para o cinema, do *Fogo Morto,* de José Lins do Rêgo. Obtivemos um resultado satisfatório, eu gosto bastante do filme e não saiu o melhor possível porque você não trabalha em cinema sem ter o orçamento na sua frente. Toda a nossa imaginação criadora esbarrava sempre com uns cifrõezinhos naquilo que a gente pretendia fazer. Eu acho que o cinema brasileiro precisa ter dinheiro para ser feito, mas não devem ser projetos nossos as superproduções. Nós temos que fazer cinema de país pobre, que quer fazer não um filme por ano, mas precisa fazer cem, duzentos. Mesmo porque o grande filme brasileiro, a obra de arte, vai nascer da multiplicidade de filmes que se façam e das interações, das influências que esses filmes, até inteiramente falidos, vão ter para produzir uma obra boa. Para qualquer atividade artístico-cultural, a multiplicidade de propostas e a quantidade de produtos é importante, inclusive para que nasça a obra-prima, que ninguém sabe quando vai nascer, porque não há uma linha de montagem em matéria de cultura. Há uma impregnação de um caldo cultural, imprevisível, que ninguém pode ter receita e que é preciso deixar acontecer. Preocupada com essa questão do *Fogo Morto* — houve uma época que uma série de filmes brasileiros mais sérios, feitos com a intenção de desempenhar algum papel cultural, se baseava em obras literárias e havia muita discussão sobre literatura e cinema, até que ponto é importante ou não levar a obra literária para o cinema — discutindo se esse fator era válido é que eu fiquei preocupada com o assunto e resolvi fazer minha dissertação de mestrado sobre Literatura e Cinema — os pontos de contatos e de divergência entre as duas manifestações, as linguagens e a importância do cinema para a cultura brasileira. Debati isso e depois fui checando no *Fogo Morto* durante a elaboração, a realização, exibição, até que ponto essas coisas concordavam com as idéias que havia exposto. Em tese, eu dizia o seguinte: a afirmação de uma cultura brasileira democrática, popular e nacional, tem como impedimento principal, é claro, as razões históricas e sociais da formação do Brasil, a dependência cultural brasileira, o fato de nós sermos uma nação colonizada culturalmente, em que os centros de decisão exportam para nós não todas as idéias que eles produzem lá, mas aquelas que eles julgam úteis ao nosso desenvolvimento controlado. E nós, muitas vezes, funcionamos como lata de lixo da produção cultural dos centros de decisão. Constata-se também que todos os nossos projetos culturais são realizados não em função das nossas necessidades reais, mas em função de não deixarmos de ser caudatários.

"Nós carregamos água em baldes furados."

Então nós temos, podemos dizer, projetos culturais esquizofrênicos, porque para se afirmar eles têm que ser nacionais, mas para eles receberem apoio, têm que ser antinacionais. Isso dá uma verdadeira esquizofrenia na vida cultural brasileira, que provoca, inclusive, a não utilização de todas as nossas forças. Nós, na verdade, trabalhadores culturais brasileiros, somos pessoas que carregamos água em baldes furados porque o nosso esforço, no sentido de produzir alguma coisa, é sempre solapado. Eu também discutia isso na minha dissertação: o que é que se pode fazer? É claro que a superação desses lados negativos de todo esse processo não é uma superação cultural. É uma superação econômica e política. Só o Brasil deixando de ser uma nação caudatária para se tornar uma nação soberana, auto-afirmativa, que trata seus projetos em função dos seus interesses, e não dos interesses que não são os seus, é que o nosso esforço cultural vai dar seus resultados. Isso não quer dizer que nós vamos deixar de fazer alguma coisa, porque a nossa ação cultural é também uma contribuição política à superação desse estado de coisas.

Analisando depois isso tudo em relação ao *Fogo Morto,* fomos ver que batemos em cima de todos esses problemas, porque o *Fogo Morto,* com todo o entusiasmo que foi feito, é um projeto falhado porque não teve divulgação, não teve público, nem chegou ao público. Sendo um filme que pretendia ser acessível ao grande público, ele foi lançado num cinema de arte , e como não era um filme pretensioso, os críticos — que ficam lá do alto de seus tamancos —, acharam ruim porque ele não tinha jogo de câmera, nem linguagem cifrada e os críticos que não acharam ruim não puderam dizer porque se eles dissessem colocavam o filme em má situação. A experiência de realização do *Fogo Morto* foi uma experiência que veio corroborar a situação que a gente analisa e que vê na cultura brasileira de hoje em dia.

(Entrevista a Colaca Grangeiro e Silveira de Souza)

Fotos: Paulo Afonso Matos.

25 NOVA, Flavia da. As palavras de um poeta. **Diário Catarinense,** Florianópolis 24 de nov. de 1998. Variedades/Teatro

VAGÃO DOS SONHOS: Elenco acabou se envolvendo com as obras do poeta desterrense

Variedades

Teatro

As palavras de um poeta

Vozes Veladas, que começa temporada hoje no teatro da Ufsc, marca aniversário de Cruz e Sousa

Flavia Da Nova
FLORIANÓPOLIS

A voz do poeta desterrense Cruz e Sousa vai ecoar hoje no Teatro da Universidade Federal de Santa Catarina, através do Grupo Pesquisa Teatro Novo. Com texto de Eglê Malheiros, a estréia da peça *Vozes Veladas* vem comemorar o dia do aniversário do poeta (24 de novembro) e o centenário de sua morte. As apresentações acontecem até a próxima segunda-feira, sempre às 21h.

A vida conturbada e as obras inesquecíveis de João da Cruz e Sousa, resgatadas em *Vozes Veladas*, prometem levar o público a um passado desgastante de quem, apenas depois da morte, ganhou o devido reconhecimento. Seu mundo é apresentado por personagens que representam familiares e amigos do poeta - interpretados por Solange Adão, Marlete Duarte, Adriana Patrícia Santos, Paulo Roberto Mendes, Vinícius Delgado e Charles Silva -, todos sob direção de Carmen Fossari. "É como se o texto, as poesias e a prosa de João da Cruz e Sousa nos remetessem à uma viagem, num vagão de sonhos, amores e dores", relata Carmen ao revelar que tanto a equipe técnica quanto o elenco foram tomados pelas palavras do poeta, interpretado pelo ator Adriano de Brito.

O cenário da peça, assinado por Pepe (José Gricera) e Márcio Tessmann, revela-se dentro do estilo barroco. O figurino apresenta os cuidados especiais de Lou Hamad, quem criou os figurinos para o curta-metragem *Alva Paixão*, de Emília Azevedo, e o longa *Cruz e Sousa, o Poeta do Desterro*, do cineasta Sylvio Back. *Vozes Veladas* encerra as montagens feitas este ano pelo Grupo Pesquisa Teatro Novo, homenageando poetas que comemoram o centenário de vida ou morte. Eram eles: Federico Garcia Lorca, na peça *Bodas com Lorca, Gotas de Sangue*, e Bertolt Brecht, em *Alguns Pecados Capitais dos Pequenos Burgueses*. Agora é a vez de João da Cruz e Sousa, um dos grandes nomes do simbolismo brasileiro.

HISTÓRIA - Cruz e Sousa, inaugurador do simbolismo, nasceu na Desterro de 1861. Filho de escravos africanos alforriados, foi chefe de escola e um inovador literário. Por ser negro e pobre, sofreu impiedosa campanha nos meios literários da época, mas a posteridade consagrou-o como uma das mais altas vozes da poesia brasileira. Escreveu as obras *Broquéis* (versos, 1893) e *Missal* (prosa, 1893). Depois de sua morte apareceram: *Evocações* (prosa, 1898), *Faróis* (versos, 1900) e *Últimos Sonetos* (1905). Faleceu em 1898, Minas Gerais.

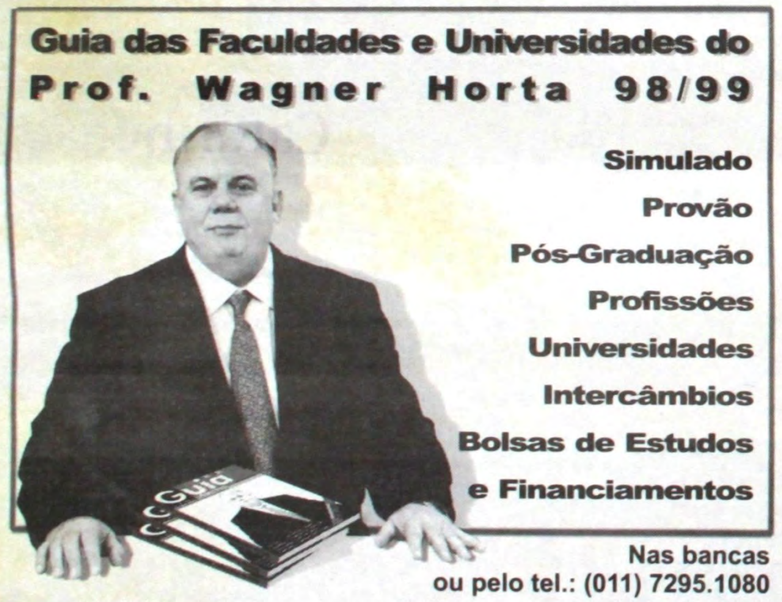
SERVIÇO

★ ***Vozes Veladas***

☐ **Data** - hoje até 30 de novembro
☐ **Local** - Teatro da Igrejinha da Universidade Federal de Santa Catarina (Ufsc)
☐ **Horário** - 21h
☐ **Ingresso** - R$ 10,00 (inteira), R$ 8,00 (sócios do Clube do Assinante ou estudante com carteirinha), R$ 5,00 (estudante com carteirinha que tenha o cartão do Clube do Assinante)

CARLOS KILIAN/DC

VOZ E POESIA: Montagem com direção de Carmem Fossari traz o ator Adriano de Brito (no alto) no papel principal



26 WANDELL, Raquel. Livro infantil, um instrumento para criar um novo homem. **O Estado**, Florianópolis, 26 de ago. de 1986. 2º Caderno

Florianópolis, terça-feira, 26 de agosto de 1986

Livro infantil, um instrumento para criar um novo homem

Arquivo

Eglê: crianças têm sensibilidade

Raquel Wandelli

AS crianças têm razão: ouvir histórias não é só divertido como também muito instrutivo. Pelo menos é isso o que a escritora catarinense Eglê Malheiros está defendendo no 5º Seminário Latino-Americano de Literatura Infantil e Juvenil, um dos eventos da 9ª Bienal Internacional do Livro, que vai até dia 31 deste mês em São Paulo. Adiantando dados sobre o curso que ministrará "Literatura no desenvolvimento da criança", Eglê afirmou que, ao preservar o hábito de contar histórias para seus filhos, os pais estão incentivando outro hábito ainda mais importante na formação da criança: a leitura.

Uma coisa deve ser levada em conta: a literatura sempre foi essencial tanto para o desenvolvimento intelectual como para o emocional, mesmo antes do surgimento da escrita, sentencia Eglê, escritora e ensaísta. E o que propicia isso antes da alfabetização é a capacidade de ouvir e contar histórias, o que, aliás, não é uma tarefa muito fácil - é preciso raciocinar, ligar os fatos e reorganizá-los. Segundo ela, quem teve o prazer de ouvir contos antes de dormir vai se interessar mais tarde pela leitura, porque já terá maior domínio do código simbólico.

A POESIA TOCA

Acredita Eglê que, "como estamos numa civilização letrada", as palavras e as imagens propiciam o desenvolvimento da capacidade de analisar o mundo e, como conseqüência, de agir sobre ele. Como autora do livro infantil "Desça menino", da editora Criar, criticou a qualidade das publicações para essa faixa de idade, denunciando que "muitas pessoas acham que se é para criança qualquer bonequinho serve, quando justamente deveria ser a melhor ilustração, uma vez que com ela estamos educando a sua sensibilidade".

Na opinião de Eglê, o nível da literatura infanto-juvenil começou a apresentar uma melhora sensível há uns 10 anos, tendo como marcos "Arca de Noé", de Venicios de Morais, "Pé de pilão", de Mário Quintana, "É isso aí", de Zé Paulo Paes. Verificou ainda uma penetração da poesia no mundo infantil, e recomendou-a "em quantidade. A poesia basicamente se comunica pela emoção. Consegue descrever o que não é concreto, ampliando o significado das palavras. Além disso, ajuda a criança a sair do seu egocentrismo". Mas não precisa ser pueril, tola ou "patriótica", do tipo que se recita em festinhas de escola, adverte. "O importante é que estabeleça um diálogo com o pequeno leitor".

A criança deve ter livros dos estilos mais variados ("de rir e de chorar"), com as ambientações mais diversas, desde nacionais até estrangeiros, para que ela tome consciência do mundo. Eglê enfatiza a importância de incentivar a fantasia, "desde que a criança saiba distingüi-la do real", e de reformar um leitor "consciente e crítico". Contudo, advertiu, "boas intenções não têm sentido se a obra não tiver valor artístico" e que "só se complete com a contribuição do leitor". Para elucidar melhor, citou uma frase do poeta Mário Quintana: "Um bom livro nunca responde. Ele é sempre uma pergunta".

DEMOCRATIZAR

A literatura é um fator de ampliação da experiência de vida da criança, afirmou Eglê acrescentando que ela pode contribuir para que, no futuro, os homens de todo mundo se sintam irmanados e considerem a paz como um vaor insubstituível. Advertiu, contudo, que "ninguém pense que a literatura substitui a vida", referindo-se às crianças ricas que ficam trancafiadas em apartamentos cercadas de livros. Nesse caso, prossegue, ela está tão prejudicada quanto o menino pobre, que não tem acesso à leitura mas tem espaço para brincar. "O ideal seria que todas tivessem acesso aos bens culturais e materiais", concluiu Eglê, para quem o sonho da democratização dos livros ainda está muito longe de se concretizar.

No seu modo de ver com a Fundação Nacional do Livro, criada na década de 60, efeitos positivos começaram a surgir, no sentido de "mostrar outras civilizações e fazer chegar o livro a todas as crianças, apesar dos interesses comerciais em jogo".

ANTI-LEITORES

Lembrando que o mercado é bom nos países nórdicos e socialistas o que não acontece na França, a escritora alertou que a criança brasileira se interessa pelo livro quando tem um contato prazeiroso com ele. Para ela, a escola que cobra fichas de leitura só está contribuindo para formar anti-leitores. Explicou que, enquanto nos países desenvolvidos o incentivo à leitura é uma tarefa, atribuída às famílias, "na realidade brasileira a escola ainda tem o papel principal". Mas ressaltou que essa função só pode ser cumprida se o livro for um motivo de prazer, um espaço de liberdade e, portanto, "numa escola democrática, interessada a formar pessoas livres". Por essa razão, durante os 20 anos de ditadura a literatura banida ao ensino. Acrecentou que o espaço para escrever é tão importante quanto para leitura. "São duas faces da mesma moeda - é como ouvir e falar".

Abordando o mercado local, Eglê enumerou duas livrarias especializadas em Santa Catarina - a Cuca Fresca, de Florianópolis, e Xereta, de Joinville. Frisou que se o número de escritores dedicados à literatura infantil não é muito grande, existem dois catarinenses respeitados nacionalmente: Werner Zotz e Maria de Lourdes Ramos Krieger, que "pretendem viver de direitos autorais como já acontece em outros Estados". Para estimular as vendas, sugeriu que as livrarias não-especializadas também disponham de uma seção infantil e que exibam os livretos na vitrine, ao lado da literatura adulta.

Finalmente esclareceu que o Boletim Informativo de Bibliografia de Literatua Infantil da Secretaria de Cultura de São Paulo foi reativado após cinco anos de interrupção. Professores, diretores de escola ou qualquer interessado em obter informações sobre livros, artigos e teóricos da área podem escrever para a Secção de Bibliografia e Documentação do Departamento de Bibliotecas Infanto-Juvenil, rua General Jardim, 485,k São Paulo, S.P,. CEP (02223), especificando a razão do seu pedido. A publicação é gratuita.

UM ESCRITOR DE SANTA CATARINA – XXII

Eglê Malheiros Miguel

1. Como vai nossa literatura?

EM. — Talvez vá bem, na produção inédita; mas quanto a movimento editoraial mostra-se fraca. Há uma mornidão no ambiente cultural catarinense e os escritores nem sempre se conscientizam de que (citando Coelho Neto) "o inimigo é a indiferença do público". Claro que o debate, a crítica são úteis e instigadores, mas sempre tendo em vista o progresso da cultura. Em nossa literatura cabem e ela precisa mesmo das manifestações as mais diversas, para espelhar uma realidade complexa e dar presença a variadas maneiras de ser e viver.

2. Quais os fatores que têm emperrado a divulgação de textos de autores catarinenses?

EM. — O fraco movimento editorial brasileiro reflete-se em Santa Catarina; por sua vez essa fraqueza forma um círculo vicioso com o pequeno número de leitores. Se somos um estado em que o analfabetismo não atinge os índices trágicos de outras unidades, então a grande aposta seria formar o leitor infantil, desde o livro de figuras; quem lê em criança não deixa o hábito ao crescer.

3. — Acredita que os órgãos que tratam da problemática de nossa cultura tem o dinamismo necessário para canalizar as potencialidades da literatura jovem que tem surgido?

EM. — Os órgãos oficiais têm a tendência para o conservadorismo e a inércia, precisam ser ativados de fora para dentro; a sociedade, que afinal os subvenciona, deve cobrar os serviços que eles alegam prestar, e as pessoas ligadas aos problemas culturais, produtores e consumidores, precisam gritar e fincar pé para receber o que não é dádiva, mas direito.

4. — A quase totalidade de editoras que teriam a coragem de editarem autores jovens seria um dos fatores questionados na pergunta n.o 2?

EM. — O editor é um híbrido esquisito, comerciante e agente da cultura, "entre les deux son coeur balance". O autor jovem ou a obra inovadora é uma interrogação comercial; como o editor vive da mão para a boca, não faz planos a longo prazo, ele prefere não buscar a resposta. Aí os novos têm de se defender, revistas, suplementos, cooperativas, roteiro universitário, tudo é válido, menos ficar calado. Que sirva de exemplo, mas não de receita acabada, o que o grupo SUL fez a partir de 1947, num ambiente mais fechado e hostil do que o de hoje e com mínimos recursos materiais.

5. — A Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina criou uma editora com o objetivo de divulgar obras de autores de nossa terra. Ela tem cumprido com suas finalidades?

EM. — A existência da Editora por si só é uma boa coisa. Mas seria bom se ela se colocasse como um fator de dinamização do processo cultural, com uma produção instigante e ao mesmo tempo bem colocada no processo de industrialização e comercialização de seus livros; um bom exemplo é a editora da USP.

6. — O chamado "boom" literário brasileiro que teria ocorrido em 75 em nosso país, teria conseguido irradiar seu sopro novo, sua inquietude, para Santa Catarina?

EM. — Num país de 100 milhões de habitantes, tiragens de 3 a 5 mil exemplares não demonstram estouro algum. O que houve foi um grupo de escritores que se dispuseram a quebrar a pasmaceira e começaram a dizer alguma coisa, muito pouco e muito de leve. Por outro lado, como a literatura é uma das formas de expressão e de afirmação de um povo, ela não consegue por muito tempo se limitar à análise do umbigo dos autores, e hoje começa a se reafirmar a presença do povo brasileiro e sua problemática nos escritos dos escritores novos, que assim seguem a tendência básica de nossas letras. Há gente escrevendo em Santa Catarina, uns novos outros não tão novos, uns mais aplaudidos outros menos, mas todos contribuindo para preservar nossa identidade de brasileiros, ajudando a combater a descaracterização amparada pelo mau uso dos meios de comunicação de massa.

7. — Acredita que exista alguma fórmula para vencermos o ilhamento em que vivem nossos autores, o que impede não só a ocorrência de fecundos contatos, como gera uma verdadeira separação entre as diversas cidades do Estado — para não falarmos oposição — como Florianópolis, Blumenau, Joinville, Lajes e outras?

EM. — Há mesmo esse ilhamento? Não há fórmulas, mas instrumentos úteis são as mesas redondas, os debates, as polêmicas, a participação mais ativa na vida cultural do resto do país; pois no fim os problemas catarinenses não têm especificidade suficiente para serem considerados à parte, assim como os problemas culturais, embora bem caracterizados, se inserem numa problemática sócio-político-econômica mais complexa e constrangedora. Acho mesmo que a maioria dos escritores têm plena consciência disso, basta olhar o apoio que têm dado, acima das divergências pessoais, ou de opiniões secundárias, aos órgãos que se chama de "imprensa nanica", como "Movimento", "Opinião", "Pasquim", "Versus", "Anima", "Escrita", "Ficção" e muitos outros.

8. — Na sua opinião, quais as obras de ficção, (conto, poesia, romance) que surgiram nos últimos anos em nosso Estado e que merecem lembrança?

EM. — Uma relação dessas pode cometer injustiças, além do mais é necessário que a produção literária atinja o público para então se realizar; escrever é um processo de comunicação de mão dupla, o fato de uma obra ficar, ter perenidade, não depende das loas e aplausos, depende de poder chegar aos leitores, isso unido ao fato de expressar alguma nota íntima, manifestar alguma maneira de ser do povo do qual brota. Muitas vezes o tempo aclara perspectivas e supera miudezas. No entanto, creio não se poder deixar de citar entre os que passaram a publicar em tempo mais recente — depois do Grupo Sul — a produção de Flávio José Cardozo, Miro Morais, Emanuel Medeiros Vieira, C. Ronald, Holdemar Menezes, Lindolf Bell, Osmar Pizani, Rodrigo de Haro. E por sinal, onde estão as mulheres?

9. — Cogita-se da criação do Instituto Catarinense do Livro; mas a respeito de sua eventual estrutura e regulamentação pouco se sabe. Desconhece-se, por exemplo, se o mesmo estará afeto à Secretaria de Educação do Estado ou à Secretaria do Governo ou mesmo se editará apenas livros didáticos, esquecendo-se das obras de ficção. O que você acha da criação desse órgão e o que ele poderá fazer, independentemente de conotações políticas, pela publicação e divulgação de nossos autores?

EM. — Um tal instituto pode fazer muito e pode nada fazer. Mais uma vez acho que cabe aos interessados agirem de modo organizado, acima de pequenas divergências, visando ao trabalho cultural, encaminhando a ação do Instituto para objetivos válidos. É difícil os órgãos oficiais abandonarem atitudes paternalistas e orientadoras, cumpre que as pessoas esclarecidas sobre a função desassossegadora da arte firmem posição e lutem por ela. Afinal cada tostão que é gasto pelos cofres públicos é em última análise o tostão que sai de nosso bolso de cidadãos.

Eglê Malheiros Miguel, nascida em Tubarão (SC) no ano de 1928, foi criada em Florianópolis, onde fez o curso primário, secundário e superior (Direito). Em Porto Alegre cursou o científico, pois na época o Colegial só existia em Florianópolis para estudantes do sexo masculino. Em 1947 tornou-se por concurso lente de História do Instituto de Educação "Dias Velho", docência que exerceu até 1964. Uma das fundadoras do Grupo **Sul**, participou de todas as suas atividades. Publicou **Manhã** (poemas) escreveu com Salim Miguel o argumento de **O Preço da Ilusão**, primeiro longa-metragem realizado em Sta. Catarina. Residindo no Rio desde 1965, tem trabalhado como tradutora de textos literários, filosóficos e técnicos. Entre os títulos há que notar: **A coragem de ser**, de Paul Tillich, **Knulp**, de Hermann Hesse, **A longa marcha**, de William Styron, **Reação e Mudança** de Oglesby e ultimamente contos para a revista "Ficção". Fez traduções para a Enciclopédia Delta-Larousse e verbetes de história para a Enciclopédia Mirador. Faz resenhas de livros para **"O Globo"**. Preparou o argumento e roteiro de **A Cartomante** baseado em Machado de Assis, e **Fogo Morto**, baseado em José Lins do Rego, em colaboração com Salim Miguel e Marcos Farias. É editora de "Ficção".

28 MELATO, Fabiano. Poesia de resistência sobe ao palco. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 23 de jul. de 1995. Revista DC/Teatro

Poesia de resistência sobe ao palco

***Vozes Veladas**, peça escrita por Eglê Malheiros, resgata a temática social de Cruz e Sousa, considerado um dos marcos do Simbolismo brasileiro*

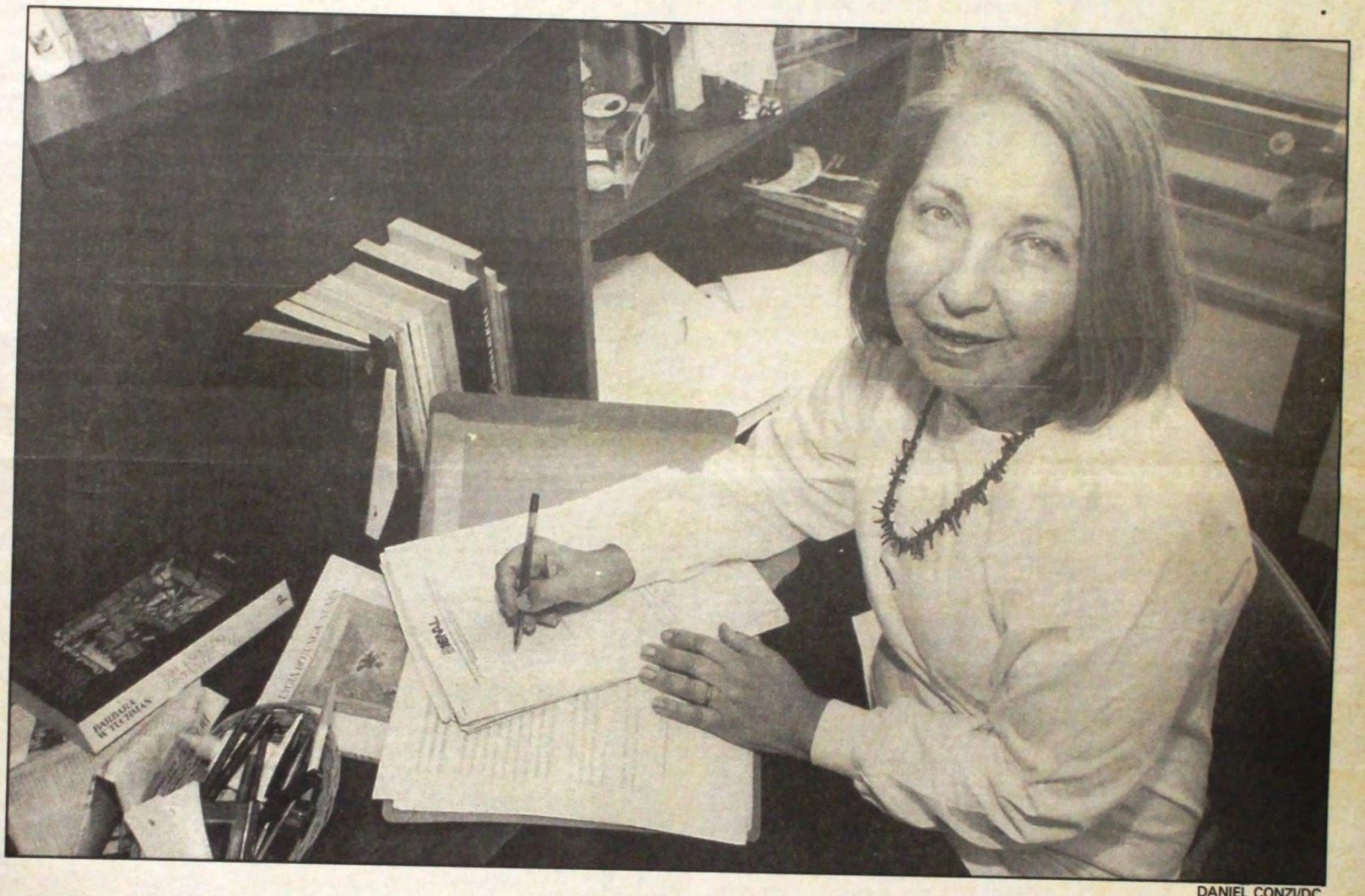
FABIANO MELATO

Mesmo sem se dedicar em tempo integral ao projeto, escrever uma peça teatral sobre o poeta Cruz e Sousa foi uma preocupação constante para Eglê Malheiros. Durante cinco anos, ela pesquisou, rascunhou e anotou - no processo típico de criação que acompanha os escritores - até que as últimas provas da editora Movimento pousassem em sua mesa para uma revisão definitiva. *Vozes Veladas* (um dos escritos mais significativos do poeta) é agora o nome da primeira peça da escritora, uma das integrantes do extinto Grupo Sul e mais conhecida por seus poemas e contos.

Na peça, Eglê cria, em dois atos de aproximadamente 90 minutos, um panorama atual onde são discutidos temas como racismo e a situação do artista no Brasil. Cruz e Sousa entra com textos e intervenções, toda vez que a análise no palco comete algum "deslize": "ele quer evitar sua apropriação pelo sistema dominante, ele não quer ser usado contra ele mesmo", esclarece a autora. Esse detalhe resgatado por Eglê remete também ao papel de "ponto" que Cruz e Sousa exerceu no teatro - ou seja, ele ficava escondido no cenário e "soprava" o texto quando o ator esquecia sua fala.

Vozes Veladas teve seu primeiro teste de palco há um ano, quando o grupo teatral Pesquisa Teatro Novo, de Florianópolis, dirigido por Carmem Fossari, fez uma leitura dramática da peça. O teste definitivo vem em setembro, quando vai ser encenada no Teatro Carlos de Carvalho, na Casa de Cultura Mário Quintana (Porto Alegre), sob direção de Gilmar Messias. A peça fica em cartaz entre os dias 14 e 17, dentro das comemorações dos 300 anos de Zumbi na capital gaúcha (promovidas pela Secretaria de Cultura e Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Eglê revela que há outra possibilidade de montagem de *Vozes Veladas*, com comando de Stepan Nercessian e do teatrólogo Marcelino Buru.

Inspiração



Na peça que escreveu a partir da obra de Cruz e Sousa, Eglê Malheiros discute temas como racismo e a situação do artista no Brasil

DANIEL CONZI/DC

Jovens moldaram, nos anos 40 e 50, os rumos da cultura

O Grupo Sul foi o movimento artístico-literário que implantou em Santa Catarina o Modernismo, que, devido à época (1947 a 1958), aqui chegou permeado também pelas correntes do pensamento europeu do pós-2ª Guerra. Formado por jovens intelectuais como Salim Miguel, Eglê Malheiros, Aníbal Nunes Pires, Ody Fraga e Antônio Paladino, o Grupo Sul destacou-se pela criação de novos rumos para a produção cultural catarinense.

O impulso criativo dos artistas envolvidos com o grupo acabou gerando diversos projetos, como o Museu de Arte de Santa Catarina (Masc, que atualmente funciona no Centro Integrado de Cultura (CIC), em Florianópolis, o primeiro museu oficializado no país, e a realização do primeiro longa-metragem catarinense (*O Preço da Ilusão*, de 1958, do qual restam apenas 15 minutos), com argumento de Eglê Malheiros e Salim Miguel. A partir dos jovens artistas do Grupo Sul, Santa Catarina - principalmente a Capital - perdeu um pouco do provincianismo e pudor em relação às artes, abrindo caminho para os criadores que vieram em seguida.

Dedicação dos amigos salva obra do poeta Cruz e Sousa

A obra de Cruz e Sousa só não se perdeu no tempo graças à dedicação de um punhado de admiradores, como Andrade Murici, que fez o primeiro mapeamento dos poemas, e Nestor Vitor, responsável pela edição das obras inéditas. "Ele é praticamente desconhecido no Brasil. Em Santa Catarina, conhece-se o nome, mas não a poesia", aponta Eglê Malheiros, que sempre o admirou. Tido como o grande nome do movimento simbolista, seus últimos poemas têm um estilo tão peculiar que, segundo Eglê, dispensam escolas estilísticas ou outros referenciais.

Cruz e Sousa nasceu na antiga Desterro em 24 de novembro de 1861, filho de uma lavadeira e de um pedreiro. Seus pais trabalhavam para o coronel Guilherme Xavier de Sousa, por quem Cruz e Sousa foi alfabetizado, além de ter herdado o sobrenome. Negro liberto, trabalhou como jornalista e, cansado da repressão, partiu de Desterro com a Companhia Teatral de Julieta dos Santos. Morreu em Minas Gerais no dia 18 de março de 1898, vítima de tuberculose.

29 PEDROSO, Neri. Textos teatrais mobilizam escritora Eglê Malheiros. **AN Capital**, Florianópolis, 5 de nov. de 1995. Especial Mulheres.

29

Teatro catarinense ganha força com criação feminina

No palco ou nos bastidores, elas formam um grupo pequeno, mas com obras de valor inquestionável

NÉRI PEDROSO

Eglê Malheiros, Sulanger Bavaresco, Fátima Lima, Carmen Fossari, Vera Collaço, Marisa Naspolini, Eliane Lisboa, Odília Carreirão Ortiga, Zeula Soares, Geni Borges. Autoras, adaptadoras, produtoras, diretoras, cenógrafas, críticas, atrizes - todas absolutamente guerreiras. Mulheres que não vacilam diante dos impasses e impulsos criativos. Formam um grupo pequeno, mas cuja produção tem valor incontestável. Representantes de gerações diferentes, ao longo dos anos elas solidificam uma arte - a teatral - onde ainda ocupam espaços com certa discrição.

Com propostas e enfoques diferenciados, estão unidas pelo desejo de tornar plural o teatro catarinense. Marcaram época os espetáculos infantis de Geni Borges e as produções de Odília Carreirão Ortiga, diretora do Teatro Universitário, com peças memoráveis no teatro da União Operária.

De olho na programação do Festival Nacional de Teatro Isnard Azevedo-ano3, evento da Fundação Franklin Cascaes realizado nesta semana na Capital, é possível afirmar que as mulheres ainda são em minoria na criação cênica, mas surgem como maioria na comparação entre atores e atrizes.

Num conjunto de 36 peças adultas e infantis, apresentadas no programa do festival, destacam-se apenas sete nomes femininos, dos quais três são catarinenses: Marisa Naspolini, diretora de "O Capitão Tornado", Carmen Fossari, que apresentou "De Açores a Desterro - Uma Viagem Bruxólica" e Fátima Lima que dirige "Karakukera", junto com Lau Santos. O programa não incluiu o elenco, onde há uma vantagem das atrizes sobre os atores. Entre os 12 espetáculos concorrentes, eles eram em 27 e elas 39.

Os outros nomes que apareceram na programação são os de Viviane Almeida, Denise Luz, Maria Clara Machado e Márcia Costa.

DIVULGAÇÃO: K.K. ALCOVER

Marisa Naspolini atuando no espetáculo "América", que ela dirigiu com sucesso no ano passado

Odília marcou época nos anos 60

Odília Carreirão Ortiga, hoje professora do Departamento de Línguas e Literatura Vernácula da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), marcou a teatralidade da Ilha nos anos 60. Embora não acompanhe as produções da atualidade aproxima as duas épocas. Sem patrocinadores, as montagens eram feitas graças ao trabalho coletivo. "Nós mesmos fazíamos e pagávamos os figurinos, o cenário", lembra.

Assim como Odília no passado, hoje Carmen Fossari, do Grupo Pesquisa Teatro Novo, da UFSC, trata de internacionalizar a arte teatral criada na Ilha. Com uma linguagem muito pessoal e autêntica, é autora e diretora de "De Açores a Desterro - Uma Viagem Bruxólica" apresentado neste ano na Argentina, Chile e México.

Marisa Naspolini, do grupo "Sós & Nus Núcleo Cênico, é outra que não vacila quando o assunto é projetar o lugar onde vive. "América", trabalho anterior ao "O Capitão Tornado", representou Santa Catarina no megaevento Brasilitália, em São Paulo. Marisa também atuou como professora de teatro na Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). Além de destacar a obra de Fossari na formação de atores e pesquisa, ela valoriza a obra de Vera Collaço, atual diretora do Centro de Artes (Ceart) da Udesc, que abandonou a direção em favor de um trabalho acadêmico voltado para a profissionalização do teatro local.

Com o empenho de Vera diante do Ceart, associado ao de outras colegas como Sulanger Bavaresco e Fátima Lima, o panorama teatral nos últimos anos amadureceu.

Plenamente envolvida com o projeto que exigiu o abandono da direção teatral, Vera Collaço acredita que já é possível perceber os reflexos das iniciativas da Udesc. "O teatro catarinense cresceu na qualidade dos espetáculos, dos atores e dos temas escolhidos. É algo consistente, porque o público também cresceu", festeja ela.

Textos teatrais mobilizam escritora Eglê Malheiros

Eglê Malheiros é uma precursora. Principal representação feminina do Grupo Sul, movimento cultural catarinense na década de 50, escreveu livros de poemas e contos e atuou junto com Odi Fraga e Silva numa época em que muitos não viam com bons olhos o trabalho das atrizes. "Cândida" foi o meu grande papel como atriz", recorda a autora de "Vozes Veladas", sua primeira peça teatral de dois atos inspirada no poeta simbolista Cruz e Sousa. Racismo e a situação do artista são os temas discutidos no espetáculo desta mulher que se define como uma grande leitora de teatro. Na gaveta tem dois novos trabalhos quase prontos: uma peça que discute a mulher como escritora catarinense e outra sobre a adolescência.

Antes de separar feminino e masculino, Eglê defende o bom teatro, como o de Carmen Fossari,com o seu "De Açores a Desterro". Incansável diante do Grupo Pesquisa Teatro Novo merece o reconhecimento de outra diretora, Sulanger Bavaresco, adaptadora e diretora de "Agnus Dei", um trabalho do grupo O Dromedário Loquaz. O que aproxima essas criadoras, na opinião de Sulanger, é uma grande teimosia. "Somos extremamente teimosas", crê ela, caso contrário não conseguiríamos atestar competência. Ela vê a atual produção como sinônimo de riqueza estética e profissionalismo. "As mulheres estão pesquisando, rasgando a fórmula. Querem descobrir uma linguagem própria que venha ao encontro do novo tempo", classifica a talentosa diretora.

DIVULGAÇÃO

Sulanger Bavaresco, atuando no espetáculo "Ato Cultural"

30 MALHEIROS, Eglê. Entrevista. **Jornal do Livro**, dez. 1984/jan. 1985.

"É mais fácil viver quando se tem um amigo".

Você quer ser um desses amigos que possibilita a alguém o reencontro com a vida?

Informações pelo fone 242-8811, das 15 às 23 horas.

CVV Samaritanos.

ESPAÇO ABERTO
ASSESSORIA PEDAGÓGICA

PROMOVE

Curso de Prática de Ensino na Pré-Escola
Inscrições abertas.

R. Marechal Deodoro, 503/405
Fone: (041) 223-7426

BANCA NACIONAL DE LITERATURA INDEPENDENTE

Poesia. Romance. Contos. Ensaios. Quadrinhos. Jornais. Revistas.
Atendemos pelo reembolso postal.
Solicite nosso Boletim.
Pedidos para Caixa Postal 60.029
Rio de Janeiro (RJ) – CEP 20.970
"INDEPENDÊNCIA SE CONQUISTA"

Confeitaria Bom Strudell

Doces, Salgados, Tortas
Bolos para casamentos

Rua Bispo Dom José, 2249 – Fone: 242-6734
Curitiba (PR)

MÉDICA HOMEOPATA
Dra. Corina de Castro Rauli
CRM 984.

Tratamento de doenças nervosas
Angústia - Ansiedade - Depressão - Insônia
Distúrbios de Comportamento.

Consultório Mal. Floriano, 170 - Conj. 501-2
Edif. Bantiba - 5º andar
Fone Resid.: 234-4579 (Hora Marcada)

OCIDENTE
O BAR GOSTOSO

EXPOSIÇÕES - POESIA
Música ao vivo todos os dias

Alameda Dr. Muricy, 1111

ESTE ESPAÇO ESTÁ RESERVADO PARA SEU ANÚNCIO

- 5000 exemplares
- Distribuição dirigida
- Professores. Estudantes. Jornalistas. Publicitários. Livrarias. Bibliotecas. Escolas. Leitores Cadastrados.

JORNAL DO LIVRO

30

EGLÊ MALHEIROS

Sua vida sempre esteve ligada às artes: escritora, editora, atuando em teatro e cinema. Participante do Grupo Sul, em Santa Catarina, e revista "Ficção", no Rio de Janeiro. Conte-nos a respeito dessa movimentação toda.

Olha, desde pequena andei às voltas com a matéria escrita. Tanto como leitora (daquelas insaciáveis, devoradora de tudo que aparecesse) quanto como "escritora". Versinhos, histórias, discursos... tudo felizmente restrito ao universo familiar e escolar. Terminado o ginásio no Colégio Coração de Jesus, em Florianópolis, fui fazer o científico em Porto Alegre. Em Florianópolis eu já participara da luta pelo rompimento de relações com o Eixo, criamos um clube antifascista no Colégio, com jornal e tudo. Em Porto Alegre os horizontes se expandiram. Eu estava na passeata da Vitória, na luta pela Anistia, pela Constituinte, nas eleições de 2-12-45, embora ainda não fosse eleitora. Éramos um grupo de secundaristas muito combativos, a maioria jamais tornei a ver, no entanto volta e meio vejo seus nomes entre os de homens e mulheres que continuam a lutar por uma vida mais digna para o nosso povo.

Nisso tudo, o que representou a literatura para você?

A literatura sempre foi para mim um meio de buscar respostas, aprofundar as indagações, aumentar o conhecimento da sociedade e dos seres humanos. Considero o fazer literário um ato da maior responsabilidade social e humana. Em 1947, em Florianópolis, a Semana de 22 ainda não acontecera, e nós do Grupo Sul sacudimos a poeira. Valeu a pena, e eu tive ainda um lucro extra, encontrei meu companheiro de toda a vida. Muito tempo depois, no Rio, nos anos negros que felizmente vão ficando para trás, veio a aventura de *"Ficção"*. Junto com Salim Miguel, Laura e Cícero Sandroni, Fausto Cunha, resolvemos que precisava haver um respiradouro, um lugar onde os escritores velhos e novos, realizados ou em promessa, pudessem publicar. Foram quatro anos sem finais de semana livres, de muitas noites de trabalho depois do esforço do ganha-pão. Mas aí está um mapeamento da ficção brasileira daquele período, estão muitos escritores em plena floração que receberam de nossa revista o empurrão providencial.

Bem, e tem mais: formada em Direito, professora de História e mestre em Comunicação (UFRJ), crítica de literatura infanto-juvenil. Dá para conciliar tudo?

Sou formada em Direito, mas salvo alguns *habeas-corpus* e mandados de segurança, jamais exerci a advocacia. É que já me tornara professora de História por concurso e o magistério absorvia toda a minha energia. Em 1964 fui posta em disponibilidade, e só voltei com a Anistia. Morando no Rio, animei-me a fazer o Mestrado em Comunicação, o que foi muito bom, principalmente pelo que estudei de Semântica e Filmologia. Tendo cinco filhos, sempre me preocupei com o que eles liam. Um dia comecei a colaborar com a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, pouco depois era secretária da mesma. Nisso tudo, o que acabou prejudicada foi a minha produção literária. Há bons propósitos de compensar o prejuízo dora em diante...

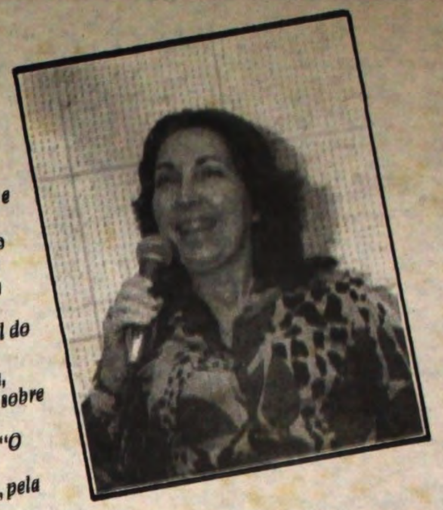
Falando em FNLIJ, como está o livro infantil em nosso país? O que falta, o que sobra, o que há para fazer?

Em matéria de produção textual nós demos um grande avanço nos últimos anos e eu gosto de pensar que a FNLIJ contribuiu para isto. O cuidado gráfico também melhorou. No entanto, continua-se a editar verdadeiros rebotalhos, pura ideologia de dominação enrolada em papel impresso ou instrumentos de cretinização da mente infantil (o que dá no mesmo). Por outro lado, as tiragens são mínimas; os milhões de crianças afastadas do mínimo material necessário para a sobrevivência também não têm acesso aos bens simbólicos. Tudo se torna mais trágico, se você constatar que os meios de comunicação de massa invadem e arrasam a cultura popular e que a vida miserável acaba inclusive com o gesto tão antigo e tão seminal de fazer uma roda e contar histórias para as crianças.

Quais os critérios que você considera necessários para a qualidade de uma obra infantil, além do texto, é claro. O público consumidor (os pais, no caso, que compram o livro) tem, de um modo geral, a noção de qualidade quanto a planejamento gráfico, revisão, ilustração, etc.? E os professores? A gente vê cada livro adotado nas escolas...

De um modo geral, você só pode dar o que recebeu. Então nós temos um trabalho gigantesco a fazer em nosso país. Demonstrar por a + b que Arte é coisa que diz respeito a todo o povo, que não é um passatempo de pretensas elites, que tudo o que diz respeito às crianças é assunto muito sério, nada tem de pueril. Não podemos de forma alguma tomar como modelo o que acontece nos países adiantados, tanto do mundo capitalista como do socialista. Nossos exemplos, e não só para assuntos culturais, devem ser as nações que foram como nós e estão avançando, como Cuba, Nicarágua, Angola, Moçambique, etc. Nossos professores escolhem mal porque não sabem o que escolher.

A propósito, Lauro de Oliveira afirma: "Deveria ser proibido abrir escolas que não dispusessem de uma BIBLIOTECA ESCOLAR (o que significaria fechar 99% das escolas brasileiras)". O que você tem a dizer sobre isto?



Eglê Malheiros é catarinense de Tubarão (1928). Foi criada em Florianópolis, onde residiu até 1965, quando mudou-se para o Rio de Janeiro, ficando lá até 1979. Voltou a Florianópolis, onde mora atualmente. É professora de História, formada em Direito e mestre em Comunicação pela UFRJ.

Em Santa Catarina fez parte do Grupo Sul (1948 a 1958), que agitou o ambiente cultural da época. No Rio, esteve entre os editores da revista Ficção e foi diretora-secretária da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ).

Eglê é autora de um livro de poesia, Manhã (Edições Sul, 1952), um ensaio sobre Cruz e Souza, contos e artigos sobre literatura infanto-juvenil. Escreve em "O Estado", de Florianópolis.

Publica agora "Desça, menino!", pela CRIAR Edições.

Veja bem, diante deste panorama dá para culpar o professor? Tenho certeza de que, na medida em que os professores deixarem de ser meros cumpridores de ordens e puderem falar e se falar, os livros encontrarão lugar cada vez maior nas escolas e no coração dos alunos.

E falando em bibliotecas: baseada na experiência que você tem, o que a criança espera de um livro? A relação criança-livro não seria mais simples se livre de tantas interferências?

Considero que a criança deve ter o direito de ler e de deixar de ler. A verdadeira leitura estabelece uma relação íntima entre texto e leitor, que não pode ser aferida e cuja profundidade nem sempre se manifesta de imediato. Certos livros nos dizem tanto, que a gente fica com vergonha de comentá-los: seria como se despir em público (uma violentação para quem não é nudista). Mas isso não significa deixar tudo ao acaso; faz parte de nossa responsabilidade de adultos comentar, discutir, pôr à disposição o que consideramos bom.

Quanto à ilustração, você acha que o ilustrador tem o destaque que merece?

Em nosso país, muitas vezes a única forma de arte plástica com que uma criança convive são as folhinhas e os gibis; só isto já torna muito importante a ilustração. É uma outra linguagem, uma outra sensibilidade que se expõe ao lado do Autor. Agora, entre uma ilustração pobre de idéias e sentido e nenhuma ilustração, prefiro o segundo caso.

Qual a sua opinião sobre a experiência que tem sido realizada ultimamente, da presença do escritor nas escolas, em contato direto com os pequenos leitores?

Olha, essa história de escritor em contato com o leitor é uma faca de dois gumes. Se o cara é chato mas o livro é bom prejudica o livro. Se o cara é simpático e bem falante, boa praça, mas o livro é besteira, prejudica os livros. É bom que animadores culturais compareçam às escolas (escritores ou não), que sejam eles interessados em livros, cinema, música, pintura, teatro, e que baguncem as cabeças bem arrumadinhas pelo sistema escolar. Acho que um escritor deve ir à escola falar de livros, de gente, da vida. De seu próprio livro devem falar os outros e o próprio texto.

E a sua posição quanto ao termo "literatura infantil"? Ela existe realmente em separado, ou há apenas literatura, sendo que algumas obras são lidas também por crianças?

Para mim, os parâmetros usados para avaliar a literatura em geral devem ser aplicados à literatura acessível às crianças. A literatura feita para cinco anos, nove anos e meio, 11 anos 11 meses e 11 dias, e assim por diante, raramente se agüenta de pé. A gente escreve, alguns têm a graça dos deuses, e são procurados da infância à senectude. É bom lembrar que romances considerados para adultos, no século XIX e começos do XX, são leitura corrente da criançada hoje em dia. Sabe aquela história da evolução em espiral? Houve um tempo, antes da imprensa, em que se contavam causos e lendas para todas as idades, quem queria comparecia e escutava; chegaremos a um tempo semelhante, só que num estágio superior, no que se refere à produção simbólica, aí incluídos o livro, o cinema, o teatro. É curioso notar que num país como o nosso, em que milhões de crianças nem sabem o que é infância, em que um Ministro da Saúde diz com a maior tranqüilidade (como se comentasse o tempo) que em 1984 vão morrer 300 mil crianças de menos de um ano, em que as emissoras de TV passam os enlatados da mais infame qualidade e só o Ministério das Comunicações acredita que os menores saem da frente do vídeo; em que os Disneys da vida entopem a criançada de chicletes mentais, pois bem, em nosso país os livros nas mãos de crianças, dizem, teriam de ser sem cor, sem sabor, sem cheiro; é claro, não deviam ser.

"Desça, menino!" é uma história baseada num fato real. Como você vê a criançada de hoje, em termos de força e determinação para um mundo melhor? Dá para comparar com as gerações anteriores?

A criançada de hoje tem *n* vezes mais informações do que as de gerações anteriores. Às vezes tem até informações demais, que não chegam a ser organizadas. Cresce então a responsabilidade do livro, como espaço de reflexão, como lugar em que eu estabeleço o meu próprio ritmo, em que tenho tempo de analisar, deduzir, projetar, negar, concordar, discordar. Pode também a palavra escrita, e principalmente a poesia, erguer uma barreira à manipulação, à repetição automática, à verdadeira exploração da infância efetuada pela publicidade indiscriminada e pela indústria cultural. Jamais pensei em infância como lugar da felicidade, mas sempre como o lugar da esperança e do desafio.

Quais são os seus projetos em andamento?

Projetos pessoais tenho muitos, mas não gosto de falar porque acaba não dando certo. Em termos coletivos espero que os assuntos de cultura deixem de ser mero enfeite e passem a ser encarados como fundamentais para a libertação de nosso povo. Faço votos que nós, produtores culturais, deixando de lado vaidades e picuinhas, nos unamos para ajudar o Brasil a se pensar e se conhecer. Agora, bem particularmente, estou com um frio na espinha, vendo este filho recém-nascido, *"Desça, menino!"*, indo enfrentar o mundo.

texto

De braços abertos à frente do tronco, Luciana era uma gata brava. A seu lado, mais gurizada. Um que foi que não foi, olhares de desafio, de pasmo, de indignação.

Tocou a sineta, os menorzinhos em fila, lá se foram de olhos compridos e orelhas em pé. Obedeceram também os indecisos e os "santinhos".

Muita gente ficou no pátio. Deram-se as mãos em volta da mangueira, crianças e professores.

(Trecho do livro **"Desça, menino!"**, CRIAR Edições, 1985).

31	PROFESSORAS Olga Brasil e Eglê Malheiros: vidas a serviço da educação. O Estado, Florianópolis, Caderno Especial.

O ESTADO
CADERNO ESPECIAL
2 Florianópolis, 04 de Março de 1996 - Segunda-feira

31

quero aprender

Professoras Olga Brasil e Eglê Malheiros: vidas a serviço da educação

Apesar de hoje em dia os alunos não mais levarem maçãs às professoras, nem mandarem bilhetes do tipo "ao mestre com carinho", são ainda os primeiros professores as pessoas mais importantes - depois dos pais - na formação do caráter. Quando uma criança chega na sala de aula, aos cinco ou seis anos, ainda está na fase de acreditar no que os adultos dizem, sem maiores filtros. Os professores se tornam então mentores e segundos pais, tendo que ser mais do que pessoas que simplesmente passam o conteúdo.

Quem não se lembra dos primeiros professores? Depois, com o passar dos anos, os mestres podem se tornar até amigos e estão sempre presentes na vida das pessoas até que essas cheguem a fase adulta. Em Florianópolis alguns professores ficaram famosos por educarem duas ou três gerações, como as professoras Olga Brasil da Luz e Eglê Malheiros.

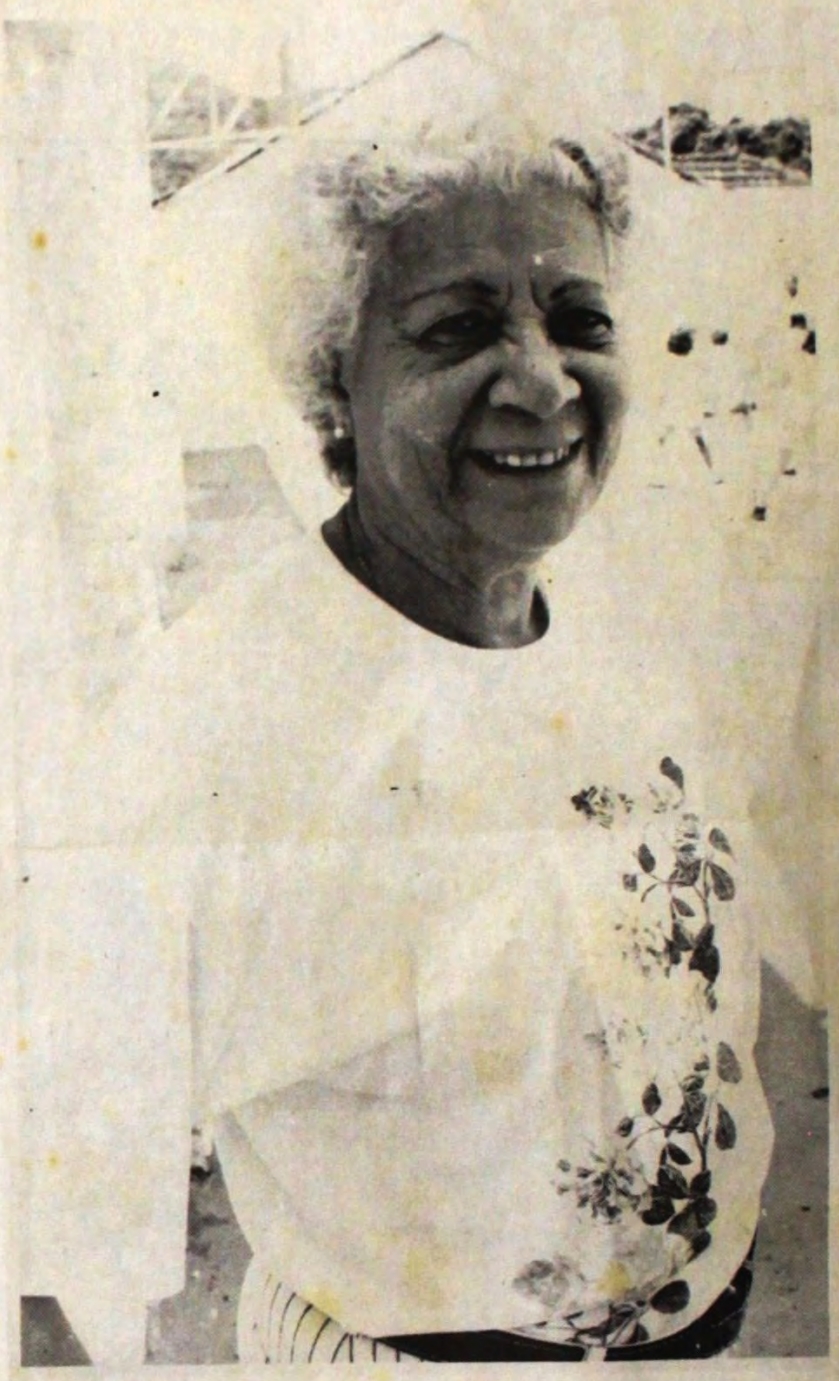
Integrante do Grupo Sul, movimento intelectual ilhéu surgido nos anos 40, Eglê Malheiros dedicou toda vida às atividades intelectuais. Foi professora do Instituto Estadual de Educação durante 35 anos, ainda que tenha ficado 15 anos em disponibilidade na época da ditadura militar. Formada em direito, dava aulas de história, mas é do seu trabalho junto à Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil que ela mais se orgulha. Eglê acredita que a leitura é essencial na formação de qualquer pessoa, mas explica que não adianta somente ler, é preciso ensinar o aluno a ser crítico. "Ao formar um bom leitor, formamos uma pessoa que é capaz de interpretar uma lei, de ler um discurso nas entrelinhas. Não se pode falar de democracia sem falar em democratização da informação, tanto no sentido de passar como no de receber informações".

Comparando a época em que começou a lecionar com a atual, Eglê diz que é bobagem esta história de falar que antigamente as crianças liam mais. "O computador não deixa de ser outro suporte para a língua escrita", afirma a professora. Segundo Eglê o que os jovens precisam são de exemplos e se não vêem os pais lendo também não vão procurar os livros. Outro problema é a religião base do país, a católica, que fortifica a tradição oral, enquanto nos países protestantes a leitura da bíblia é obrigatória, estimulando assim as pessoas a lerem também outras coisas. A desvalorização da profissão do professor é um assunto que também preocupa Eglê Malheiros, pois entende que somente um profissional bem preparado é capaz de tornar o aluno uma pessoa crítica e atuante.

Se tem alguém em Florianópolis que pode se orgulhar de sua condição de professor é sem duvida, Olga Brasil da Luz, de 72 anos. Há mais de 50 anos envolvida com a educação, Olga Brasil já deu aula para muita gente da cidade. Começou trabalhando em escolas públicas de Florianópolis, em 1945. 13 anos depois montava sua própria escola, em funcionameto até hoje, a Alferes Tiradentes. Costruiu duas pequenas salas no terreno de seus pais e atualmente conta com quase 600 alunos na escola que ela mesma dirige com sua conhecida determinação.

"A gente faz do impossível, possível", diz a professora que explica que antigamente era mais rígido, e se estudava de tudo, mas que com o decorrer dos anos se vê que a qualidade está caindo e as escolas públicas estão ruins. "Nós tentamos valorizar o trabalho das crianças e não só encutir a nossa idéia na cabeçinha delas, para que aprendam a discernir o certo do errado", diz Olga Brasil. Apesar de afirmar que às vezes é quase obrigada a entrar na onda da modernidade, a experiente professora faz uma pergunta que muitos pedagogos não saberiam responder: "Se o nosso sistema é bom e funciona, devemos mexer por quê?

Com garra, Dona Olga, como é chamada por todos na escola, tenta fazer de seus alunos exemplos de bom comportamento, mas conta que nem sempre é fácil. A disciplina na sala de aula ainda pode ser mantida, mas segurar a garotada que já quer namorar aos 10 anos de idade é mais difícil. "O namorico é uma novidade gostosa, mas acaba com o horário que deveria ser de estudo", fala com a certeza de quem já viu muitas gerações nos seus bancos escolares.



Várias gerações passaram pelos bancos escolares destas duas mulheres que são exemplos de dedicação e competência

LIRA TÊNIS CLUBE
Natação - Hidroginástica
O LIRA informa à comunidade que estão abertas as matrículas para aulas de
NATAÇÃO - HIDROGINÁSTICA
MUSCULAÇÃO - GINÁSTICA
Informe-se na Secretaria do clube ou pelo fone (048) 222-3500

32 MARTINS, João dos Passos. Livro mostrará como combater a tortura. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 20 de jul. de 1986. Justiça

Justiça

Livro mostrará como combater a tortura

Enquanto a sociedade debate sobre a prática da tortura, Ordem dos Advogados e UFSC ensinam como exterminá-la

João dos Passos Martins
Florianópolis

Florianópolis - Embora muito pouco ameno, o assunto tortura é habitual. Livros, revistas, filmes, jornais, debates e denúncias advertem a humanidade, com frequência, sobre os males "dessa barbárie consagrada pelo uso na maioria dos governos" - palavras com que já fazia referência, em 1750, o marquês italiano Cesare Becária, precursor do humanismo no Direito mundial. Passados mais de dois séculos, não só a discussão constante do tema permanece. O que é muito pior, no entender dos juristas e estudiosos: agrava-se a proliferação institucionalizada desta prática, tanto para fins políticos como policiais.

Como combater a "chaga, essa vergonha da civilização"? - termos utilizados pela professora de história Eglê Malheiros, para adjetivar a violência cometida em aposentos clandestinos, especialmente destinados ao "castigo", como diz a gíria dos carrascos. A resposta foi tentada em 1983, durante o Colóquio Internacional realizado em Genebra, nos dias 28 e 29 de abril, e organizado pelo Comitê Suiço Contra a Tortura, que contou com a presença de representantes de toda a comunidade mundial, inclusive do Brasil.

Do encontro, resultou o livro "How to Combat Torture" que, entre relatos documentos e conclusões, faz também menção aos abusos praticados no Brasil durante os anos que sucederam o golpe de 64. A obra, cujos originais foram escritos em inglês, está próxima de ter a sua versão brasileira. A incumbência da tradução coube à professora Eglê Malheiros, em atendimento ao pedido da Comissão de Direitos Humanos da OAB que, em conjunto com a Editora da UFSC, pretende brevemente publicar o trabalho.

Foto Esdras Pio/DC

Eglê: "... uma chaga, vergonha da civilização"

Em princípio, o relatório parece diferente de tudo que foi editado sobre o assunto até o momento no Brasil, por não repassar simplesmente a constatação da existência da tortura. Mais do que isso, ele se propõe a indicar os meios e as atitudes capazes de exterminar a tortura, "antes que ela extermine com os cidadãos", previne Eglê. Ela antecipa que o livro é escrito em linguagem simples e clara, "correspondendo ao pensamento dos particapantes do colóquio de que o combate é dever de todos, independente dos papéis sociais que cada indivíduo assume na coletividade".

Direitos humanos: poucos respeitam

O Colóquio Internacional de Genebra concluiu, em suma, que a prática da tortura é um "problema que merece ação prioritária e urgente, uma vez que é usada ou tolerada por mais de um terço dos governos mundiais". E mais: que "agora deve ser dada prioridade à implementação dos padrões já existentes de proteção contra a tortura". Ou seja: que os acordos internacionais já assumidos sejam cumpridos efetivamente. E ainda: "Há uma necessidade urgente de melhor cooperação entre os organismos que se dedicam à defesa dos direitos humanos, especialmente no que diz respeito ao combate tanto a nível regional, comonacional e internacional".

Como requisito fundamental para o êxito dessas medidas, o relatório final do encontro ressalta que "para tanto, é preciso disposição e vontade política dos governantes". O trabalho dá também como reconhecido internacionalmente o direito de qualquer funcionário desobedecer ordens de tortura. Segundo a responsável pela tradução, Eglê Malheiros - talvez uma das primeiras pessoas do País a ler a obra - o livro é importante por conter todas as indicações e endereços para que se possa entrar em contato com os organismos oficiais e extra-oficiais que repelem a violência desnecessária.

Indagada sobre a conveniência da publicação do trabalho no Brasil, Eglê diz que basta ver os dados. "A incidência de casos de tortura chega a ser incompreensível para um povo que se quer civilizado. Após 64, aquilo que era um uso excepcional passou a ser prática comum. Mas é bom salientar que a tortura não é invenção do golpe. Durante o Estado Novo, muita gente foi torturada, embora com técnicas menos sofisticadas", explica.

De acordo com a tradutora, além de cumprir os tratados que assinou contra a tortura, o Brasil precisa fazer um forte trabalho de conscientização, tanto a nível de sociedade civil como das forças políticas e militares. "A violência é ideológica e as pessoas absorvem sem perceber. Direitos humanos deveria ser disciplina obrigatória nas escolas. A herança educacional deixada pelos pais muitas vezes favorece a violência. O filho cresce com a idéia de que a mãe é a pátria e o pai é o Estado", concluiu.

SEGUNDA

33 RATES, Zeni. Relatório de empresa valoriza a cultura. **O Estado,** Florianópolis, 25 de out. de 1988. Lazer

Relatório de empresa valoriza a cultura

Eletrosul homenageia Cruz e Sousa com um texto comovente e lindas fotos

Zeni Rates

Sofrimento e dor marcaram a vida do poeta catarinense Cruz e Sousa. Escárnio e ironia, pobreza e humilhação acompanharam a trajetória do poeta, filho de escravos. O reconhecimento do valor poético de sua obra só veio após a sua morte e ele hoje é citado como um dos três grandes simbolistas ao lado do francês Mallarmé e Stephen George. Este ano quando transcorre 90 anos de seu falecimento uma homenagem é prestada a Cruz e Sousa pela diretoria da Eletrosul em seu relatório referente ao exercício de 1987. Com texto da escritora Eglê Malheiros, a publicação é ilustrada com fotos de paisagens da Ilha de Santa Catarina, feitas pelo fotógrafo gaúcho La Hire Guerra.

Com emoção e de uma forma poética, Eglê Malheiros relata a vida do poeta que nasceu em 1861, na pacata e provinciana Nossa Senhora do Desterro, capital da Província de Santa Catarina, então com 1.542 moradias, destas, 150 eram sobrados, um sinal de poder e riqueza de seus moradores. O "negrinho metido", ensaiou seus primeiros versos no Ateneu Provincial. Mas antes disso, conta Eglê, ele já aos oito anos, ensaiava e recitava versos de sua própria autoria para espanto de todos e, em especial do Marechal Guilherme Xavier de Souza que foi saudado pelo "negrinho" quando retornou da campanha da Guerra do Paraguai. Filho da lavadeira Carolina e do escravo pedreiro Guilherme, o poeta teve a sorte de se tornar protegido do Marechal Guilherme e de sua esposa dona Clarinda. "A primeira infância de João é feita de mimos e festas. D. Clarinda e o Marechal Guilherme não têm filhos, e ela se dedica ao menino que é vivo e buliçoso. Logo ele aprende a ler e a contar e começa a fazer versinhos" relata a escritora. É como se a inspiração, a criatividade, já tivessem nascido com o menino que nunca mais abandonou a poesia que passa a fazer parte dele.

Na pequena cidade de Desterro, a vida é mansa e tranqüila povoada por funcionários e comerciantes, caixeiros e artesão. A única ligação com o resto do mundo é feita pelo mar e o porto é bem movimentado. Embora localizada à beira-mar a pequena cidade praticamente vive de costas para o mar. Ninguém imaginaria freqüentar as praias e há inclusive casos de prisão de pessoas pegas tomando banho indevidamente trajadas. Os escravos utilizados para o serviço doméstico formavam um quarto da população no início do século XIX, e no último quartel do século não chegam a um décimo da população, segundo o relato de Eglê Malheiros, em conseqüência das notícias que chegavam das campanhas abolicionistas o que levou muitos senhores a venderem seus escravos. Como resultado muitas famílias negras foram inapelavelmente separadas. Mães perderam seus filhos, pais foram obrigados a separar-se de seus filhos. "E se ouvia pela noite o lamento das mães desgarradas dos filhos", relata Eglê Malheiros.

Mas foi acima de tudo a carinhosa proteção de seus padrinhos que asseguraram a Cruz e Sousa uma infância tranqüila, suporte emocional para as desgraças e injustiças que ele sofreria anos mais tarde. Ativo, ele cedo começa a trabalhar como caixeiro em uma loja, dá aulas particulares, sendo dono de uma inteligência viva e brilhante. Sua sede de saber e de leitura não tem limites. Gosta de vestir-se bem "um colete de cores vivas chamando atenção, bengala de cana-da-índia a compassar-lhe o andar. Cabeça altiva, gestos educados".

O relatório tem textos da professora Elgê Malheiros e fotos de La Hire Guerra

Mas tarde forma com outros jovens um grupo que gosta de poesia, de ler e aos poucos vai aumentando sua participação na vida da cidade, colaborando na imprensa, editando seus versos e acabam criando o movimento "Nova Idéia", para trazer à pequena Desterro, as idéias parnasianas. Logo ele se integra à campanha abolicionista e viaja pelo país inteiro, acompanhando companhias teatrais. Seus pais residiam na Praia de Fora, depois na Rua Formosa, hoje Esteves Júnior.

Cruz e Sousa torna-se mais tarde editor-chefe do semanário "O Moleque", uma revista combativa e atrevida para os padrões da época. Mas o semanário tem vida breve e logo sai de circulação. Em fins de 1890, o poeta transfere-se para o Rio de Janeiro cheio de planos e esperanças. Logo arruma emprego como noticiarista no jornal "Cidade do Rio", além de colaborar com trabalhos em prosa e verso para outras publicações. Cheio de entusiasmo, o poeta vai descobrir que lá como na pequena Desterro, o racismo é o mesmo, o salário é pequeno mas a vida transcorre entre discussões e apuros financeiros.

Logo o poeta está integrando o grupo dos "novos" defensores do simbolismo em oposição ao parnasianismo e ao naturalismo. Publicam suas criações em "Novidades". Suas idéias e a de seus companheiros encontram opositores e as discussões muitas vezes descambam para o lado pessoal e para atacar Cruz e Sousa, o mais comum é apelarem para a sua cor. É por essa época que ele se apaixona e casa com Gavita Rosa Gonçalves, bela, educada e negra como ele. Para se casar, ele procura emprego e consegue ser admitido em 1893 na Central do Brasil, depois de ter se casado. Seu trabalho era de praticamente de arquivista.

No mesmo ano de 1893, foi publicado o livro de Cruz e Sousa "Missal" (prosa) e em agosto "Broquéis" (poesia). A crítica, diz Eglê Malheiros, mostrou-se indiferente ou hostil "incapaz de perceber a grande voz poética que começava a soar". Segundo a escritora "é uma poesia musical, de ritmos novos, por vezes polifônica, com uso sensual das palavras, em que a repetição é um recurso expressivo, em vez de ser o anátema de que fogem os parnasianos. Os adjetivos se sucedem sublinhando nuances. É feita com nervos e sentimentos, nada tem de fria ou cerebrina".

No início de 1894, nasce o primeiro filho e pouco tempo depois ele é promovido à arquivista. Mas enquanto sua vida familiar é feliz, as pessoas escarnecem e fazem pouco de sua poesia, além de continuar a lutar contra a pobreza que, com freqüência, o obrigava a recorrer aos amigos para pedir dinheiro emprestado. Mas mesmo assim ele continua a escrever, à luz de velas até altas horas da madrugada. No emprego, além dos baixos salários, tem de enfrentar os maus-tratos de chefes boçais. "Suas roupas já não tem mais o apuro de antes, a altivez é a mesma, mas o andar já não mostra o mesmo aprumo".

Chega o ano de 1896. Sua mulher enlouquece e Cruz e Sousa desespera-se. Um médico receita a ela carne, ovos, leite, vinho e muita calma e repouso. Nesse ano também morre o seu pai. O poeta continua a escrever, a escrever, num ritomo febril. Tenta publicar o livro "Faróis", mas não consegue assim como não consegue levar adiante seu plano de publicar a "Revista dos Novos". os amigos preocupam-se com seu aspecto doentio. Finalmente em 1897, a revelação trágica: a tuberculose em estado avançado debilita a saúde do poeta. Os amigos solidarizam-se e arrumam dinheiro. Querem mandá-lo para o Ceará, mas não há tempo. Acabam por enviá-lo para Minas Gerais e ele parte com a mulher, já recuperada, para Minas, deixando os três filhos no Rio. Morre a 19 de março de 1898. Seu corpo volta para o Rio num vagão de gado. Ao lado a mulher, Gavita, grávida do quarto filho do poeta.

34 RUY, Karine. Glória e miséria. Diário Catarinense, Florianópolis, 29 de set. de 2008, Variedades/Literatura, p.4-5.

segunda | literatura | terça | livros | quarta | discos | quinta | entrevista | sexta | cinema | sábado | vídeo

Glória e miséria

Contemporâneos, Machado de Assis e Cruz e Sousa tiveram destinos opostos

Cruz e Sousa era um poeta **requintado,** o que lhe afastava da realidade

KARINE RUY

O poeta catarinense Cruz e Sousa viveu na mesma época que Machado de Assis, tinha a mesma cor e berço tão humilde quanto o fundador da Academia Brasileira de Letras e, assim como ele, precisou de muito esforço pessoal para ter a educação proporcionada a poucos. Já os destinos dos dois, a história demonstra, foram quase opostos.

Filho de escravos alforriados, Cruz e Sousa tornou-se protegido de Marechal Guilherme Xavier de Sousa, e graças ao incentivo e oportunidades proporcionadas pela família abastada, pôde estudar e descobrir suas habilidades literárias.

Em 1890, aos 29 anos, mudou-se para o Rio com o sonho de ser escritor. Influenciado pelo simbolismo francês, lançou *Missal* e *Broquéis*, únicas obras publicadas em vida. Sua poesia foi depreciada pela crítica, todas as editoras e jornais lhe fecharam as portas e o sucesso que tanto sonhava não demorou para se transformar em frustração.

– Machado de Assis foi fazendo sua vida pública de modo com que fosse aceito aos poucos pela sociedade do Império. Cruz e Sousa, desde pequeno, teve educação superior a qualquer negro, equiparada a qualquer branco. Ele atingiu o mais alto grau educacional proporcionado na época em SC mas, socialmente, teve muitos entraves – avalia o presidente da Academia Catarinense de Letras, Lauro Junkes.

Para Junkes, a dificuldade de Cruz e Sousa ascender socialmente deveu-se mais ao próprio preconceito diante dessa aspiração, ao seu "topete", do que à cor de pele. As diferentes maneiras de se relacionar com sua origem e o meio a sua volta também podem ter influenciado a trajetória dos dois escritores.

– Machado de Assis, como ficcionista, retratou muito mais os aspectos sociais da época. Já Cruz e Sousa era um poeta de uma sensibilidade afinadíssima e não dava a menor atenção para essas grosserias da vida. Por isso, também, ele não conseguiu se integrar tão bem à sociedade quanto Machado – opina.

Hoje, Cruz e Sousa é estudado na escola, é tema de dissertações e teses, e, acima de tudo, é reconhecido como o precursor do simbolismo na literatura brasileira. Como Machado, conquistou, talvez, até mais do que sonhou, com a diferença de não ter experimentado o sucesso. Aos 36 anos, morreu pobre e tuberculoso.

– A diferença é que Machado de Assis sentiu a glória, e, Cruz e Sousa, a miséria e a ingratidão.

karine.ruy@diario.com.br

REPRODUÇÃO DE PINTURA DE HENRIQUE BERNARDELLI

Machado de Assis sempre retratou os aspectos **sociais** de sua época, sendo mais aceito pela crítica

Brasileiro em inglês

Professor de Estudos Brasileiros na Universidade de Liverpool, Inglaterra, John Gledson descobriu Machado de Assis em 1977 através do crítico Roberto Schwarz. Hoje, é especialista em estudos do autor e tradutor de suas obras. Nesta entrevista por e-mail, Gledson fala sobre sua relação com as obras do brasileiro e a recepção de seus textos no exterior.

Dirário Catarinense – Quais foram suas impressões nos primeiros contatos com as obras de Machado de Assis?

John Gledson – Primeiro, de mistificação, e esta, na minha experiência, é uma reação de muitos não-brasileiros. Machado pode ser difícil de pegar, e seu humor não é exatamente igual ao dos escritores com que ele é freqüentemente comparado – Swift, Sterne, etc. Entrei, graças à obra de Roberto Schwarz, *Ao Vencedor as Batatas*, que me pareceu e me parece fornecer uma chave para entender os romances da primeira fase, dos anos 1870, três dos quais tratam das relações de favor, coisa que em certo sentido é tão óbvia que não a percebemos. Aí, "descobri" uma obra subestimada, publicada por Lúcia Miguel-Pereira, *Casa Velha*, que trata dessas relações, mas num diapasão menos romântico, de um Machado maduro, mas sem humor, não o Machado de Brás Cubas. Fui descobrindo coisas e mais coisas, e não parei mais.

DC – Que indícios a leitura de traduções de obras machadianas oferecem a leitores estrangeiros que desejam conhecer mais sobre o Brasil?

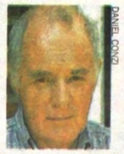
Gledson – Paradoxalmente, eu diria que, primeiro, o que o leitor estrangeiro deve perceber é o fascínio desses livros. Confesso que não foi o meu caso, pois a minha porta de entrada foi outra. Mas sou acadêmico, e suponho que outras pessoas reagirão mais espontaneamente. Me dei conta disso ao traduzir agora 20 contos para uma antologia publicada pela Bloomsbury, na Inglaterra. Esses contos são tão sutis, tão variados nos seus assuntos, tão perspicazes, que devem prender – espero – por isso mesmo. Você lê Maupassant para entender a mentalidade de um camponês normando do século 19. Certamente não, mas vai descobrir coisas e coisas sobre essa mentalidade, que é, afinal, uma variante do gênero humano, sem deixar de ser camponês normando. Um conto que talvez possa ser comparado aos de Maupassant é *O Caso da Vara* – e aí, sim, você entende um pouco dos efeitos da escravidão, da posição das pessoas intermediárias que administram os escravos, tudo de envolta com a psicologia de Sinhá Rita, que de pessoa "apessoada, viva, patusca, amiga de rir", vira uma fera – é também uma fera.

DC – Como você avalia a recepção dos livros de Machado de Assis fora do Brasil hoje?

Gledson – Espero que se entenda, porque é verdade, que essa recepção é muito pequena. Na Inglaterra, por exemplo, se você for numa livraria grande, tem a sorte de encontrar um livro sequer de Machado de Assis, e pelo que me dizem, o mesmo é verdade (um pouco menos, talvez) nos EUA. Há uma certa recepção cultural que vai além das universidades, às vezes meio desastrada, às vezes interessantes, como é o caso do ensaio, já de há 18 anos, de Susan Sontag. Mas sempre a repercussão é pequena. Quando me fazem essa pergunta, entro nesta veia negativa. Termino numa nota positiva, não porque tenha a ver com uma tradução minha, mas porque me deu uma esperançazinha.

DC – Quais as principais revelações acerca da obra do escritor brasileiro que o senhor alcançou através do olhar intencionista-minimalista de suas pesquisas?

Gledson – Não sei se alcancei essas revelações através do olhar intencionista-minimalista, mas continuo teleguiado por esse olhar, que gosto que você chame de minimalista também, porque esse olhar não é excessivamente ambicioso. Em certo sentido limita, porque veda devaneios teóricos e especulativos demais, mas eu diria que libera, porque você fica atrelado aos textos, sempre tem que voltar, provar o que você argumenta, e isso dá uma sensação paradoxal de liberdade. Me levou também a ler as obras "menores", porque aí se vêem expostas, com ironia, as opiniões do homem Machado de Assis, aprende-se a conhecer seus hábitos. Outro resultado é o interesse que tenho pelas variantes, expostas nas edições críticas da *Comissão Machado de Assis*, porque quando você vê Machado mudar de opinião, fica muito próximo das suas escolhas.



DANIEL GONZ

John Gledson é **especialista** e tradutor das obras de Machado de Assis

Programação

De hoje até quarta-feira a Biblioteca Central da UFSC realiza a Semana Machado de Assis. Palestras e mesas-redondas com professores da universidade e escritores catarinenses. A programação começa às 14h com "Machado de Assis e a Crítica Literária". Na quarta-feira, sessões de filmes inspirados em obras do escritor, com a exibição de *A Cartomante* (10h30min), *Dom* (14h) e *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (16h30min). As sessões acontecem no auditório Elke Hering, mesmo local das palestras. Informações (48) 3721-9472 ou no www.bu.ufsc.br.

O Machado dos escritores

Se para um simples leitor é impossível ser indiferente aos livros de Machado de Assis, para àqueles que compartilham o mesmo ofício do Bruxo do Cosme Velho a incursão pelo universo machadiano pode ser uma experiência ainda mais marcante. Confira as opiniões e as lembranças de quatro escritores catarinenses sobre a criação literária do autor.

Salim Miguel
Lembranças de Carolina

A memória de Salim Miguel preservou cuidadosamente o primeiro contato com um texto de Machado.

– Lembro que estava para fazer nove anos, em 1932 e encontrei no almanaque de um laboratório farmacêutico o soneto *A Carolina*.

O reencontro se deu quatro anos depois, com *Selecta em Prosa e Verso*, mas a relação só seria firmada em 1943.

Hoje, Salim se surpreende com a atualidade dos textos escritos há mais de um século. Como a história de *Um Apólogo*, na qual uma linha e uma agulha discutem para saber qual tem papel mais importante na confecção de um vestido.

– Esse texto mostra que nós, eleitores, somos a agulha para os políticos, que depois vão para o baile e nem lembram de quem abriu caminho para eles.

Eglê Malheiros
Escritor democrático

Se as lembranças de Eglê Malheiros não têm a mesma exatidão das do marido Salim, as características do autor que mais chamam sua atenção permanecem delineadas pela escritora.

– Na época, era considerado bom o escritor que tivesse o sotaque lusitano. Ele resolve escrever no português que se usava aqui para ser entendido por todos. Machado não foi um escritor para escritores. Foi um escritor para leitores – avalia.

A trajetória pessoal de Machado de Assis e a relação com a sociedade aristocrata na qual vivia também despertam o interesse de Eglê.

– Ele é a pessoa que rói a sociedade do império por dentro. Ele não valoriza o status quo.

E, inspirada na trajetória de superação do menino nascido no Morro do Livramento, a escritora levanta um questionamento sempre contemporâneo.

– Quantos Machados, quantos Cruz e Sousa a gente não perde? Há uma espécie de loteria?

Carlos Henrique Schroeder
Machado no top 5

O escritor de Jaraguá do Sul, Carlos Henrique Schroeder, descobriu Machado de Assis na biblioteca dos avós, aos 17 anos. Naquelas férias, leu *Dom Casmurro* e *Memórias Póstumas de Brás Cuba*. Esse ano, o passatempo foi redimensionado: Schroeder leu a obra completa do escritor para fazer o roteiro da exposição *Sertão Rio, Sertão Mar*, organizada pelo Sesc.

– O que me surpreendeu foi o Machado cronista. As crônicas publicadas no jornal *A Semana* a partir de 1892 são obras-primas.

Além de admirar o cinismo característico da narrativa machadiana – o deboche à sociedade e ao leitor – Schroeder destaca a acessibilidade de seus textos.

– Machado era muito erudito, sabia muita coisa, mas escrevia com simplicidade, de forma concisa – comenta sobre aquele que intitula como "o mestre da ilusão e do subentendido".

– Eu ponho sempre Machado no top 5. É *Dom Casmurro* e *Dom Quixote*.

Flávio José Cardozo
Talento para as relações humanas

Flávio José Cardozo não está na fila de escritores que gosta de alimentar a discussão em torno do comportamento de Capitu ou resolver o mistério de *Dom Casmurro*. Para ele, trata-se de uma questão complementar, e não o principal ponto da obra machadiana. O que realmente chama a atenção do escritor não é a criação, mas a criatura.

– O que mais me impressiona no Machado de Assis, além do talento superior, foi a disciplina dele. Acho que não houve no Brasil alguém tão disciplinado. Ele foi um exemplo de alguém que botou na cabeça um propósito e levou a vida inteira perseguindo aquilo.

Para o autor catarinense, além do brilhantismo literário, Machado de Assis desfilava com talento no campo das relações humanas. A união desses dois fatores, em sua opinião, foram os responsáveis pela ascensão social do escritor.

– Machado investiu a vida no sucesso pessoal. Ele sabia do talento que tinha e teve a lucidez de abrir caminhos. A obra dele vai relutando dessas conquistas, de escritor e de vida. Ele se tornou um observador da sociedade.

CRONOLOGIA MACHADO DE ASSIS

1839 – Nasce no dia 21 de junho, no Rio de Janeiro, filho de Joaquim Maria Machado de Assis e da portuguesa Maria Leopoldina Machado de Assis.

1855 – Publica Ela, seu primeiro poema.

1856 – Começa a trabalhar como aprendiz de tipógrafo na Tipografia Nacional

1858 – Começa a ter aulas gratuitas com o Padre Antônio José da Silveira Sarmento, cura da Capela do palácio imperial de São Cristóvão.

1859 – Estréia como crítico teatral na revista *O Espelho*

1862 – É admitido sócio do Conservatório Dramático Brasileiro, onde atua como auxiliar da censura.

1863 – Publica as comédias *O Protocolo* e *O Caminho da Porta* no volume Teatro de Machado de Assis.

1866 – Traduz *Os Trabalhadores do Mar*, de Victor Hugo.

1867 – Agraciado com a Ordem da Rosa, no grau de cavaleiro.

1868 – Em cara de 18 de fevereiro, José de Alencar lhe apresenta o jovem Castro Alves.

1869 – Casa-se com a jovem portuguesa Carolina Augusta Xavier de Novais.

1870 – Começa, a 23 de abril, a publicar no *Jornal da Tarde* uma tradução, logo interrompida, do romance *Olivier Twist*, de Dickens. Publica Falenas (versos) e Contos Fluminenses.

1871 – É nomeado membro do Conservatório Dramático.

1872 – Publica *Ressurreição* (romance). Faz parte do Comissão do Dicionário Marítimo Brasileiro

1876 – Publica o romance *Helena* e é promovido a chefe de seção da Secretaria de Agricultura.

1878 – Publica o romance *Iaiá Garcia*.

1881 – Publica *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

1891 – Publica em volume o *Quincas Borba*.

1892 – Nomeado diretor-geral do Ministério da Viação.

1896 – É aclamado para dirigir a primeira sessão preparatória da fundação da Academia Brasileira de Letras

1899 – Com a publicação de *Dom Casmurro*, torna-se o autor do principal mistério da literatura brasileira: Capitu traiu ou não Bentinho?

1904 – Publica o romance *Esaú e Jacob*.

1908 – No mesmo ano da publicação do romance Memorial de Aires, adoece e entra em licença para tratamento de saúde. Na madrugada de 29 de setembro, o escritor morre em sua casa no Cosme Velho. Seu corpo é enterrado no Cemitério de São João Batista, na mesma sepultura da mulher Carolina.

Editoria de Arte

35 VOZES reveladas. Jornal Universitário, Florianópolis: UFSC, 04 de dez. de 1998. Arte Final p. 12.

Vozes reveladas

"Vozes Veladas", de Eglê Malheiros, dirigida por Carmem Fossari e encenada pelo Grupo Pesquisa Teatro Novo, é a peça sobre Cruz e Sousa lançada no último dia 24 no Teatro da Igrejinha. "Mostra como a etnia negra foi aviltada em sua dignidade quando roubada de seu universo cultural, e pela violência foi mantida sob o jugo da escravidão, para construir a riqueza dos 'sempre senhores'do poder", diz a diretora.

Eglê Malheiros, a autora, acrescenta que "a vida de Cruz e Sousa tem elementos próprios de uma tragédia, e nos coloca, desde logo, a discussão, tanto histórica quanto atual, daquilo que alimenta uma sociedade racista e excludente".No III Encontro Catarinense de Escritores, em Blumenau, durante a palestra "Desvelando Vozes", ela afirmou ser necessário acabar com a exclusão social. Para Malheiros, a censura permanente é o analfabetismo, não ter os recursos básicos para viver. Não basta só a biblioteca, o livro tem que estar na rua, nas esquinas, em todos os lugares. "Ler e divulgar Cruz e Sousa, um ex-patriado no país em que nasceu, é contribuir para que as pessoas fiquem mais sensíveis ao mundo que as cerca".

A peça é a terceira montagem consecutiva que se configura na "trilogia dos poetas especiais", cujo centenário de nascimento ou morte acontecem agora em 98, como Federico Garcia Lorca (*Bodas com Lorca, gotas de Sangue*, temporada 96/97), e Bertolt Brecht (*Os sete pecados capitais dos pequenos burgueses*).

James Tavares

A peça denuncia uma sociedade excludente

De dentro da senzala escura
e lamacenta aonde o
infeliz de lágrimas em fel
de ódio se alimenta...
não pode sair, não, um
homem de trabalho, um
senso, uma razão...

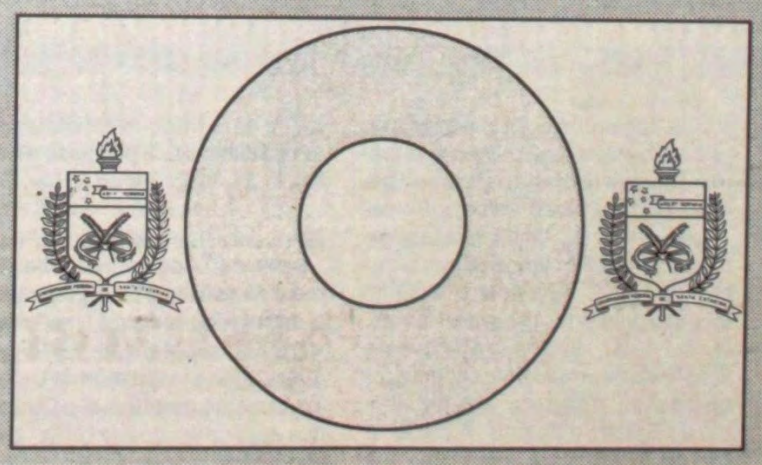
(Cruz e Sousa)

Cartão de visita virtual

Agora os dirigentes da UFSC podem viajar com a instituição no bolso. No bom sentido, é claro. A Secretaria Especial de Informática desenvolveu um CD Card (do tamanho de um cartão de visita) de apresentação da universidade com informações sintéticas e objetivas sobre os centros, departamentos, projetos, fortalezas e outros trabalhos institucionais, um verdadeiro perfil. "No mundo só existem 400 empresas com um CD semelhante. No Brasil, a UFSC é a única", diz Rogério Cid Bastos, responsável pela SEI.

A versão lançada, com 500 unidades, vem em português. No futuro, a idéia é traduzir para outras línguas, aumentando a tiragem. A Administração Central da UFSC pretende fazer no dia 18 de dezembro uma coletiva para a imprensa, presenteando os jornalistas com um CD após a entrevista.

Informações com Rogério pelos ramais 9030 ee 9027.



Curso na Abril

Três alunos do Curso de Jornalismo da UFSC vão participar do curso Abril de Jornalismo Avançado. O curso da Abril recebeu 690 inscrições e escolheu apenas 30 estudantes de todo o país, entre eles três estudantes de Santa Catarina ~~do curso de jornalismo da UFSC.~~ O curso Abril de Jornalismo Avançado acontece de 11 de janeiro a 5 de fevereiro de 1999.

36 | MUZART, Zhaidé Lupinacci. Vozes Veladas, Vozes Sufocadas. **Linha Viva,** 13 de jun. de 1996.

Vozes Veladas, Vozes Sufocadas

Zhaidé Lupinacci Muzart
professora/UFSC

De autoria de Eglê Malheiros, a peça *Vozes Veladas*, cujo título transcreve famoso verso de Cruz e Sousa (quem não se lembra dos exemplos para o estudo da aliteração?), além de revelar a estreita ligação com o poeta de *Violões que Choram*, já demonstra parte da temática: vozes veladas, vozes sufocadas - a do poeta, as de seus pais e amigos, apresentando, em *off*, as vozes da crítica e da historiografia literária.

Nesse peça, vamos encontrar um diálogo cerrado com os textos de Cruz e Sousa: poemas, textos em prosa poética e textos de combate, publicados no seminário *O Moleque*, no tempo em que ele foi o editor-chefe (1885). O trabalho de Eglê Malheiros revela a leitora apaixonada pelo poeta. Recriando a vida de Cruz e Sousa, nos principais fatos - suas ligações familiares com o pai e a mãe, sua amizade com Juvêncio Figueredo e Nestor Victor, seu amor por Gavita, as dificuldades de vida no Rio de Janeiro, a loucura da mulher, a última viagem a Sítio, em Minas Gerais e a morte -, a peça toca nos problemas enfrentados pelo poeta sendo, o *leitmotiv*, a questão do racismo que o acompanhou toda a vida. Esse motivo da peça o é também da vida, não mais do poeta mas da autora. Apaixonada defensora dos injustiçados, Eglê Malheiros foi sempre uma batalhadora pelos direitos das pessoas, pelo direito de ser gente num país de injustiças tão flagrantes, tão ostensivas!

Na peça, Eglê aborda, principalmente, do ponto de vista de Cruz e Sousa, o sentimento profundo de injustiça decorrente do racismo. Tal tema, apesar da influência da escola simbolista, sempre transpareceu em sua poesia. Injustiça por ser considerado um *fenômeno* com tantos dons "apesar de negro", injustiça por não ver valorizada sua obra, em vida, injustiça por morrer tão jovem em decorrência da miséria. A autora extrapola da vida de Cruz e Sousa para levar-nos a pensar a questão do racismo com relação a todos aqueles que não puderam, mesmo tendo os dons, ser outros cruz e sousas, aqueles que marginalizados pela cor, morreram silenciados.

A questão que se poderia colocar, lendo *Vozes Veladas*, é até que ponto a linguagem da arte pode/deve ser engajada.

Conforme o dramaturgo e professor de teatro Aldomar Conrado (V. A Notícia, 24/outubro/93), que aqui esteve para o Festival Isnard de Azevedo, em 1993, o teatro *tem de ser revolucionário, na medida em que deve insistir em dizer para a platéia o que é feito para as pessoas pensarem. As pessoas precisam saber que estão no teatro, opondo-se ao ilusionismo burguês*. Sobretudo, na nossa época de pseudo-modernidade neoliberal, um trabalho de resistência, que despreze a corrente dominante merece louvor.

A peça faz pensar no problema da injustiça social, em nosso país. Saindo da época de Cruz e Sousa, a peça nos coloca seriamente a questão do racismo e da miséria, no Brasil. Enquanto nossos governantes salvam bancos e banqueiros, as escolas caem em pedaços e a infância brasileira fica cada vez mais abandonada, entregue às ruas e aos traficantes.

PROGRAMAÇÃO DE CINEMA

Esta é a programação do Centro Integrado de Cultura (CIC). Eletricitário paga meia entrada, mediante apresentação de carteira do sindicato.

13 e 14 de junho

***19 horas* - Quando a Noite Cai**

***21 horas* - O Outro Lado da Nobreza**

sábado - 15 de junho

***19 horas* - O Balão Branco**

***21 horas* - Se Ficar Pior Você Morre**

domingo - 16 de junho

***17 horas* - O Carteiro e o Poeta**

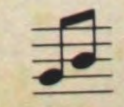
***19 horas* - O Balão Branco**

***21 horas* - Se Ficar Pior Você Morre**

Artes Plásticas

Estão abertas, até 10/07, as inscrições para a 3ª Mostra Coletiva de Artes Plásticas que o Sinergia está promovendo, com o apoio da Elase e Abecelesc. Podem participar eletricitários e seus dependentes. Maiores informações pelo fone: 222-3866. Se você deseja integrar a comissão organizadora do evento, entre em contato conosco.

Música



A cantora Cibele Oliveira, que já ministrou oficina no Sinergia, estará apresentando seu show "*Quem Canta, Seus Males Espanta*" no dia 18/06, às 21 horas, no TAC e dia 27/06, às 19 horas, no auditório do Centro de Convivência da UFSC. Ingressos a R$ 8,00. Sócios do Sinergia, com apresentação da carteirinha, pagam R$ 4,00.

37 TARDIO modernismo catarinense. Diário Catarinense, Florianópolis, 29 abr. 1999. Variedades.

37

Tardio modernismo catarinense

Lançamento de livro e debate na Ufsc resgatam a literatura do Grupo Sul em Santa Catarina

FLORIANÓPOLIS

Um debate e o lançamento de uma obra inédita promovem o resgate de uma das fases mais férteis da cultura catarinense. *O Grupo Sul e o Modernismo em Santa Catarina* é o tema do debate que será realizado hoje, às 17h, no auditório do Centro de Comunicação e Expressão da Ufsc, com a participação de Valdézia Pereira, Celestino Sachet, Eglê Malheiros e Jayro Schmidt. A proposta é contextualizar a literatura do Grupo Sul com a de hoje. Eglê Malheiros, um dos nomes de destaque do movimento por uma produção numerosa e constante, diz que o grupo teve o mérito de romper o isolamento de Santa Catarina da produção do restante do Brasil e do mundo. "Em 1946, ainda não se liam os autores modernistas por aqui, tirando raras exceções. Eça de Queiroz, por exemplo, era considerado pornográfico e impróprio para moças", conta. Essas e outras situações da época estão presentes no livro *A Poesia Modernista Catarinense das Décadas de 40 e 50*, que Valdézia Pereira lança na ocasião.

A obra, publicada pela Editora da Ufsc, analisa a produção poética do grupo Sul - um conjunto de escritores, artistas e intelectuais que, a partir dos anos 40, inovou ao implantar nas artes de Santa Catarina o movimento modernista. Além de contar a trajetória do grupo e comentar os principais aspectos de sua poesia, o livro traz ainda a biografia de poetas como Aníbal Nunes Pires, Antônio Paladino, Walmor Cardoso da Silva e Eglê Malheiros e a antologia de suas principais obras. A análise reúne os poemas publicados na *Revista Sul* e alguns versos inéditos da época.

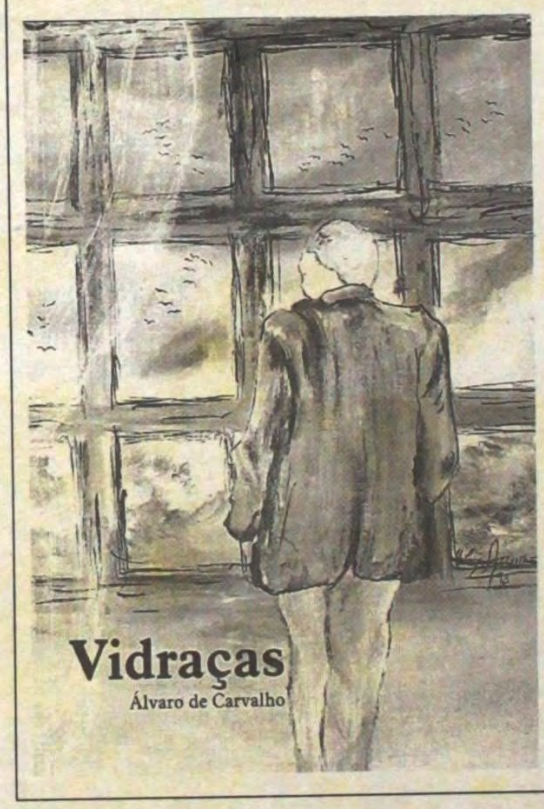
O modernismo chegou tarde em Santa Catarina. Os valores que norteavam a produção literária até então ainda se baseavam na estética do realismo e parnasianismo, movimentos que já estavam sendo combatidos no resto do país. A estagnação cultural só foi rompida no final da década de 40, quando um grupo de jovens artistas e intelectuais catarinenses começou a desafiar as estéticas convencionais com versos livres e muita criatividade. O Grupo Sul, através de publicação de ensaios, artigos, peças de teatros, contos, crônicas e poesias na *Revista Sul*, passou a expressar novas idéias e a defender os ideiais modernistas de 1922.

"Tenho boas lembranças do Grupo Sul, que surgiu numa época de agitação cultural. Éramos jovens com forte envolvimento com o grupo que incentivávamos a produção cultural uns dos outros. Num tempo em que internet nem era cogitada, tínhamos contato com o Brasil e o mundo inteiro, através de troca de revistas e correspondência", diz Eglê Malheiros. Ela lamenta que não existam mais movimentos de grupos que contestem e discutam a cultura como o grupo Sul e que os principais problemas ainda permaneçam: a má distribuição de livros, a pequena quantidade de bibliotecas de uso público e a massa da analfabetos e pessoas que não lêem - a grande censura ao trabalho do escritor.

★ ***A Poesia Modernista Catarinense das Décadas de 40 e 50*, Valdézia Pereira**, Editora da Ufsc, 1999, 148 pgs. Preço: R$ 14,00

DANIEL CONZI/DC/FLORIANÓPOLIS/SET 95

AGITAÇÃO CULTURAL: Eglê Malheiros lamenta a inexistência de grupos que contestem e discutam a cultura como o Grupo Sul



Crônicas médicas

FLORIANÓPOLIS

O escritor Álvaro de Carvalho lança hoje, às 19h, no Espaço Cultural do Badesc, o livro *Vidraças*. A obra é uma série de crônicas de situações do cotidiano, relatadas pelo autor com sensibilidade e bom humor. Em *Vidraças*, Álvaro de Carvalho, que começou a se dedicar às artes literárias há seis anos, traça um panorama social de várias regiões brasileiras. Ele veio de Salvador, ficou por três anos no Rio de Janeiro e radicou-se na ilha em 1948. Aos 78 anos, com o olhar experiente e senso de observação aguçado, o médico pediatra aposentado, conta as memórias de histórias vivenciadas por ele e amigos, além de outras fictícias. O livro será vendido a R$ 15,00. O Espaço Cultural fica na Av. Mauro Ramos, 1277.

IBIZA JURERÊ INTERNACIONAL
APRESENTA
ADIVINHA QUEM É TOP GUESS?
INGRESSOS ANTECIPADOS NA LOJA GUESS DO BEIRA MAR SHOPPING
Pura ATitude
FESTA DE LANÇAMENTO DA COLEÇÃO OUTONO/ INVERNO 99
SÁBADO 1° DE MAIO 23 H

38 NOVA, Flavia da. O protesto do poeta. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 30 de nov. de 1998. Variedades

Show

O protesto do poeta

Em Vozes Veladas, Cruz e Sousa critica as produções culturais

Flavia Da Nova
FLORIANÓPOLIS

Encerra hoje a temporada da peça teatral *Vozes Veladas* no Teatro da Igrejinha da Universidade Federal de Santa Catarina (Ufsc), encenada pelo Grupo Pesquisa Teatro Novo. Com texto de Eglê Malheiros, a peça mostra partes marcantes da vida do poeta Cruz e Sousa e trechos de suas obras. Além do aspecto didático, *Vozes Veladas* procura levar ao espectador a desaprovação do poeta em relação às produções culturais que tentam resgatar a sua vida, tão ignorada pela sociedade daquela época. A encenação acontece às 21h, e os ingressos custam R$ 10,00 (inteira), R$ 8,00 (sócios do Clube do Assinante ou estudante com carteirinha) e R$ 5,00 (estudante com carteirinha que tenha o cartão do Clube do Assinante).

A estréia da peça aconteceu na terça-feira passada, registrando a data de aniversário de Cruz e Sousa (24 de novembro), além do centenário de sua morte. Um cenário barroco e simples, embora de acordo com a proposta da peça, e figurinos de época estavam no palco dividindo a atenção do público juntamente com o texto envolvente de Eglê Malheiros. Entre o diálogo dos personagens - o poeta Cruz e Sousa, a sua esposa Gavita, os seus pais, a mãe de santo e o amigo Araújo -, intercalavam-se trechos de poemas deixados pelo autor simbolista.

O elenco, que conta com a direção de Carmen Lúcia Fossari, tem Solange Adão, Paulo Mendes, Charles Silva, Vinícius Delgado, Marlete Duarte, Adriana Patrícia Santos e Adriano de Brito, com destaque para este último, quem fez uma ótima interpretação no papel de Cruz e Sousa. Com casa praticamente cheia em todas as noites, *Vozes Veladas* surpreendeu o público, principalmente no momento em que o poeta se mostra indignado com as produções que buscam remontar a sua vida, a exemplo dos filmes *Alva Paixão* (de Emília Azevedo) e *Cruz e Sousa, o Poeta do Desterro* (de Sylvio Back). Polêmica, didática e bem-dirigida, *Vozes Veladas* é mais uma ressurreição do poeta.

CARLOS KILIAN/DC/Florianópolis

NÃO PERCA: Hoje é o último dia para assistir à peça no Teatro da Ufsc

Sul Gospel Festival traz Petra e Aline Barros

Estela Benetti
JOINVILLE

Garotos tatuados, de camisa justa, brinco na orelha e calça colada no corpo. Nem de longe lembram o estilo de devotos de Cristo. Mas quando eles soltam a voz, são mensagens religiosas que soam na batida do rock norte-americano. A banda Petra, dona de três Grammy Awards, o Oscar da música, e de uma lista de 20 álbuns lançados em 26 anos de carreira, é a atração da próxima segunda-feira em Joinville. Eles são a grande promessa do Sul Gospel Festival, evento que vai reunir quatro shows no Centreventos Cau Hansen, às 20 horas.

A febre do rock cristão, que começou a tomar forma na música negra americana do início do século, já rendeu aos cinco integrantes da Petra mais de 12 milhões de cópias vendidas, além de vários discos de platina e ouro. *God Fixation*, o mais novo trabalho, dá nome ao show produzido para os fãs que acompanham a banda há muitos anos, mas que acabou extrapolando as fronteiras americanas. É mais intimista, mas sem deixar de incorporar vários estilos musicais, marca da Petra desde seu início, embora sua formação original tenha sofrido várias modificações. "Nossa música é uma ferramenta para passar as mensagens nas quais nós acreditamos", diz o vocalista, John Schitt.

Para garantir o tom certo no festival, o Centreventos recebe 15 toneladas de som, 100 mil watts de iluminação e efeitos especiais. A turnê *God Fixation* passa depois por Vitória (ES) e Brasília (DF). A abertura do Sul Gospel Festival será feita pelo grupo Êxtase e Aline Barros, considerada a principal cantora do gênero no Brasil. Formada nas apresentações de igreja que assistia ao lado do pai, Aline começou a cantar aos 12 anos para a Comunidade da Vila da Penha, no Rio de Janeiro.

SERVIÇO

★ ***Sul Gospel Festival*** **show das bandas Petra, Raízes, Êxtase e de Aline Barros**

☐ **Quando:** Hoje, 20 horas

☐ **Onde:** Centreventos Cau Hansen

☐ **Ingressos:** R$ 10,00

☐ **Pontos de venda:** Hering Store (Shopping Mueller), Graves e Agudos (Shopping Cidade das Flores), Le Fashion (Hipermercados Big Shop), Livraria Rema e Livraria Quadrangular. Em Florianópolis, na livraria Renascer em Cristo (antigo Cine Ritz) e Livraria CPAD.

Quadrinhos

CHARLIE BROWN — Charles M. Schulz

GARFIELD — Jim Davis

RADICCI — Iotti

OS BICHOS — Roger Bollen

39	ASEFF, Marlon. Vozes Veladas ganha palco e sai do prelo. **A Notícia,** 28 de nov. de 1995, Anexo.

39

gil bessa
arquiteto
PROJETOS ARQ.
Residencial-Comercial
Fone/Fax: (047) 422-5165

AN
Anexo
TERÇA-FEIRA, 28 DE NOVEMBRO DE 1995

CENTRO INTEGRADO de CIRURGIA PLÁSTICA E ORTODONTIA
CIRURGIA ESTÉTICA
TRATAMENTO DA CELULITE
RUA: HENRIQUE MEYER, 216 - Fones 33-5728 e 33-5338

"Vozes Veladas"

ganha palco e sai do prelo

Peça de Eglê Malheiros sobre Cruz e Souza será lançada em livro dia 14. Espetáculo está sendo montado no Rio de Janeiro

MARLON ASEFF
FLORIANÓPOLIS

Depois de rejeitado em Florianópolis (ironia do destino) quase montado em Porto Alegre, Cruz e Sousa finalmente ganha voz, longe daqui, na Rio de Janeiro em que viveu seus últimos dias. Materializado na peça "Vozes Veladas", da romancista estreante em dramaturgia Eglê malheiros, o poeta será vivido nos palcos por Marcelino Buru. A montagem tem estréia marcada para abril do ano que vem.

João da Cruz e Sousa nasceu negro, filho de escravos, e discriminado pela sociedade que rodeava sua casa natal, na Chácara de Espanha, próximo de onde fica hoje a Praça Pereira Oliveira, no centro de Florianópolis. Mas nem todas as adversidades que enfrentou foram suficientes para impedir que o menino adotado pelo marechal Guilherme Xavier de Souza, cumprisse o seu destino de se tornar um dos três maiores poetas simbolistas do planeta, comparado ao francês Mallarmé e, quem sabe, ainda superior.

Hoje, 97 anos depois da morte do maior gênio literário do Estado, a voz de Cruz e Sousa ressurge em um país não muito distinto daquele onde o poeta viveu seus últimos dias, doente de tuberculose, aos 37 anos. "Era um ser de exceção dentro da sociedade, talvez só por isso teve o seu lugar", afirma Eglê Malheiros, que traz o poeta de volta para seu povo, com "Vozes Veladas".

"Nos 300 anos de Zumbi, descobre-se que Cruz e Sousa foi um guerreiro tão importante quanto ele", constata o ator e produtor carioca Marcelino Buru, que sobe ao palco do Teatro João Caetano, em abril do próximo ano para mostrar as "-Vozes Veladas" do poeta, e a atualidade dos seus temas no Brasil da era FHC. "Quantos Cruz e Sousa não estão se perdendo por aí?", indaga Eglê Malheiros, em uma clara referência ao estado de miséria e discriminação por que ainda passam boa parte dos cidadãos brasileiros, irmãos legítimos do poeta.

CRUZ E SOUZA NO PALCO

A peça "Vozes Veladas", define a autora, trata de um Cruz e Sousa trágico, no sentido grego, de "destino traçado", mas sem cair no sentimentalismo. No palco, Eglê realiza um jogo atemporal, onde o poeta está sendo ensaiado por uma companhia de teatro, e ao mesmo tempo é o verdadeiro poeta que dá o "ponto", a deixa para o ator que o interpreta. A escritora partiu de uma referência clara na vida de Cruz e Sousa, quando ele trabalhava como "ponto" da Companhia Dramática Julieta dos Santos, com quem o poeta trabalhou por três anos, a partir de 1881. No teatro, ele ficava em uma concha, virado para o palco, lendo os trechos que os atores deveriam falar, e dando as deixas para as cenas. "Ele ficava com a peça na mão, lendo, e os atores nem se davam ao trabalho de decorar o texto" explica Eglê Malheiros.

Desse detalhe na vida do poeta, Eglê montou uma peça densa, cercada de citações e inspirada no texto "Emparedado", onde está explicitada a luta interior do poeta com suas circunstâncias. A montagem que estréia no Rio de Janeiro terá a direção de Stepan Nercessian e a participação dos atores Cosme dos Santos, Marcelino Buru, Irving São Paulo, Joel Bercellos, Clemente Viscaíno e Zezé Motta. A estréia oficial do espetáculo era para ser realizada em Florianópolis, mas Marcelino Buru não conseguiu apoio da Fundação Catarinense de Cultura ou da Prefeitura Municipal. "Coisas da Política", resigna-se Eglê Malheiros. No Rio o espetáculo foi considerado de alta relevância e conseguiu apoio da Secretaria Estadual da Cultura.

Para aqueles que não quiserem esperar para reencontrar Cruz e Sousa nesta nova versão - o espetáculo ainda não tem data definida para chegar ao Estado - a saída será ler o texto de "Vozes Veladas", que a editora Movimento, de Porto Alegre, lança no mercado dia 14 de dezembro.

CAIO CÉZAR

A escritora catarinense, Eglê Malheiros estréia na dramartugia com "Vozes Veladas"

◆ TRECHO

Uma tristeza fina e incoercivel errava nos tons violaceos vivos d'aquelle fim sumptuoso de tarde accêso ainda nos vermelhos sanguineos, cuja côr cantava-me nos olhos, quente, inflamada, na linha longe dos horisontes em largas fachas rutilantes.

O fulvo e voluptuoso Rajah celeste derramára além os fugitivos esplendores da sua magneficiência astral e rendilhará d'alto e de leve as nuvens da delicadeza architectural, decorativa, de estylos manuelinos.

Mas, as ardentes fórmas da luz pouco a pouco quebravam-se, velavam-se, e os tons violaceos, destacados, mais agora flagrantemente crepusculavam a tarde, que expirava anhelante, n'um anceio indeffinido, vago, dolorido, de inquiéta aspiração e de inquiéto sonho...

...E'ra myster romper o Espaço toldado de brumas, rasgar as espessuras, as densas argumentações e saberes, desdenhar os juizos altos, por decreto e por lei e, enfim, surgir...

E'ra myster rir com serenidade e afinal com tédio dessa cellulasinha bitolar que irrômpe por toda a parte, salta, fecunda, alastra, explóde, transbórda e se propága.

E'ra myster respirar a grandes haustos na Natureza, desaffogar o peito das oppressões ambientes, agitar desassombradamente a cabeça diante da liberdade absoluta e profunda do Infinito.

• (FRAGMENTO DO TEXTO "EMPAREDADO", DE CRUZ E SOUSA, NO QUAL EGLÊ MALHEIROS SE INSPIROU PARA ESCREVER "VOZES VELADAS")

FESTIVAL DA PROPAGANDA DE JOINVILLE

O Festival da Propaganda de Joinville, realização da Appj-Associação dos Profissionais de Propaganda de Joinville, vai premiar a criação e qualidade final de peças publicitárias, destacar Profissionais, Agências, Veículos, Anunciantes e Fornecedores pelo trabalho deste último ano e apresentar a Joinville o que de melhor se faz, na propaganda feita por aqui. Uma oportunidade para valorizar o talento e a criatividade profissional e, ao mesmo tempo, aproximar a comunidade das ações neste setor.
Participe. Prestigie. Mostre a sua cara.

01.12.95. - Sociedade Harmonia Lyra / 19 horas / Jantar Anual da Propaganda
Entrega do Prêmio Appj/95 - Baile com Volare's Band
Convites: R$ 15,00 (Fone: 422-6453)
04.12.95. - Shopping Cidade das Flores / Abertura Mostra da Propaganda
Praça da Chaminé / 19 horas
04. a 10.12.95. - Shopping Cidade das Flores / Exposição permanente peças inscritas
Praça da Chaminé / 10 às 22 horas

APPJ
ASSOCIAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE PROPAGANDA DE JOINVILLE

MOSTRA A TUA CARA.

CONSTRUINDO, REFORMANDO OU PENSANDO EM PROTEÇÃO?
ALARMES ATLANTA
RESIDENCIAL • COMERCIAL • INDUSTRIAL
• EM JOINVILLE 35-3045 / 35-1955 • DISK GRÁTIS NACIONAL 0800 41-3737
INSTALE ANTES
APROVEITE ESTA PROMOÇÃO
KIT XL2
POR APENAS 3 PARCELAS DE R$ 99,00
CONTENDO:
01 CENTRAL MICROP. 6 ZONAS
01 TECLADO
01 BATERIA GEL. SELADA
01 SIRENE
01 INFRAVERMELHO PASSIVO
10 SENSORES MAGNÉTICOS

40 SALIM e Eglê: faltam políticas e bibliotecas - nada a ver com qualidade. Leitura & Prazer, Florianópolis: Ed. Da UFSC, ano 4, n.7, p.8, fev. 2002.

SALIM E EGLÊ

Faltam política e bibliotecas – nada a ver com qualidade!

40

Contista, ensaísta, roteirista, dramaturga e professora, Eglê Malheiros começa propondo a substituição da classificação de literatura catarinense por literatura de Santa Catarina. A escritora defende que se livre o estatuto local de uma qualidade essencializante, como na literatura regionalista. "O nome geográfico deve apenas explicitar o lugar do sujeito da criação." Para a autora de ***Manhã***, não importa se a disciplina é obrigatória ou optativa, o importante é que haja uma política cultural com ações que se desenvolvam no tempo e não apenas no momento.

As instituições políticas do Estado são alvo das críticas da autora por muito pouco fazerem para forjar uma cultura de leitura e produção. "Os projetos brotam apenas do pragmatismo oportunista e inconseqüente dos eventos, lançamentos de livros e espetáculos." As ações se configuram mais como *marketing* cultural do que como ação cultural. Da mesma forma que eventos não podem ser a diretriz de uma política de governo, não se pode falar em literatura sem se pensar em bibliotecas. "Praticamente não temos biblioteca pública para fazer trabalhos escolares e os acervos de literatura infantil, que é aquela voltada ao leitor em formação, são miseráveis."

Sem esconder as diferenças de ponto de vista sobre o assunto com a companheira, o escritor Salim Miguel pensa que se uma cadeira na Universidade Federal não resolve o problema do mercado de literatura, pelo menos dá aos alunos a oportunidade de saber que aqui se faz literatura de qualidade. Se São Paulo e Rio de Janeiro não precisam de disciplinas específicas, pondera, é porque já usufruem das condições de visibilidade de um mercado centrado nas grandes metrópoles. Com mais da metade de seus livros publicados por editoras de fora, Salim Miguel considera-se um pouco suspeito para falar da falta de condições de incentivo ao autor local.

Desfrutando de um trânsito entre editoras e instituições nacionais por sua própria trajetória de vida, sente-se à prova de ressentimentos passionais para acreditar que a discriminação do autor catarinense nada tem a ver com qualidade. O exemplo mais notável é o do romancista Adolfo Boos Jr., um dos mais expressivos e produtivos do Estado, que teve um livro recusado por uma grande editora de São Paulo com o parecer de que a obra era muito boa, mas o autor não era conhecido. (Recentemente um autor catarinense deixou de ser premiado porque membros da Comissão Julgadora nunca tinham ouvido seu nome). "Como um autor pode ser conhecido fora se não é divulgado no seu Estado?"

"Cadeira pelo menos ensina que aqui se faz literatura".

A invisibilidade da literatura produzida em Santa Catarina é mais grave na capital. "Outros municípios dão uma atenção especial à questão, enquanto em Florianópolis há uma barreira, imposta justamente pela universidade, que negligencia o papel de preparar novos conhecedores do assunto." Salim Miguel é mais um a lembrar Tolstoi: "Fala com competência da tua aldeia que estarás falando para o mundo". Todo escritor tem a pretensão de ser conhecido além da sua aldeia, mas também na sua aldeia, depõe. "Para que atinja e motive seus leitores, sua obra precisa refletir o seu momento, o que está vivendo e sentindo. Para se ter uma visão do mundo é preciso primeiro ter uma visão de si e uma visão da terra natal."

Nesse ponto da conversa, Eglê Malheiros interfere para apresentar uma opinião um pouco diferente, contestando uma concepção etapista de como se constrói a visão do mundo. "Isso deve acontecer de forma concomitante, articulando-se todas essas instâncias", argumenta, acentuando que "a gente se conhece através do outro. Todavia", continua, "manter os olhos apenas para o universal é outra forma de viseira. É ficar de olhos fechados para a realidade imediata e deixar de enriquecer sua visão de mundo."

Ambos concordam que é preciso submeter a *coisa nossa* às mesmas exigências que se aplicam a qualquer obra literária. "Sem cair na lógica paroquial, segundo a qual se é daqui, é meu e é ótimo", adverte ela, lembrando que um leitor com amplo conhecimento de literatura tem mais condições de estabelecer critérios de valoração. Premiada em 1997 pela União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro com a peça *Vozes Veladas*, sobre a vida e a obra de Cruz e Sousa, Eglê acredita que mostrar a diferença e a semelhança através da literatura é uma forma de construir a paz, combatendo a intolerância. "Sempre achei que é preciso dar às crianças e aos jovens livros de todas as procedências para que possam perceber como os seres humanos são ao mesmo tempo iguais e diferentes."

"... manter os olhos apenas para o universal é outra forma de viseira. É ficar de olhos fechados para a realidade imediata e deixar de enriquecer sua visão-de-mundo."

Medalha para a Universidade Federal de Santa Catarina

A Editora da UFSC recebeu um novo reconhecimento pela qualidade do trabalho que desenvolve há 21 anos. O escritor e diretor da EdUFSc, Alcides Buss, foi um dos contemplados, na categoria de "Incentivador Cultural", com a *Medalha do Mérito Cultural Cruz e Sousa*. Alcides tem 17 livros publicados e liderou o movimento Varal Literário, que teve dimensão nacional.

A EdUFSc reeditou inúmeras obras de Cruz e Sousa, bem como outros títulos sobre o autor. Recentemente inaugurou um espaço cultural no seu prédio, no campus, denominado Cruz e Sousa, onde dá destaque para a literatura editada e produzida por autores catarinenses. A Editora também apoiou a produção do filme de Sílvio Back sobre o poeta. No campo da literatura foram homenageados Licurgo Costa, autor, entre outros, de O continente de Lagens, e, In Memoriam, Marcos Konder Reis, considerado um dos principais poetas modernistas do País. e cuja obra completa poderá ser editada pela FCC Edições, com parcerias, inclusive da EdUFSC.

41 PESSOTTO, Carla. Descoberta do Tesouro. A Notícia, 25 de set. de 2002. Anexo, C6.

41

Descoberta do tesouro

Leitores infanto-juvenis animam mercado editorial e dão gás extra à 17ª Feira do Livro de Florianópolis

Ricardo Mega 11/5/2002

CARLA PESSOTTO

Florianópolis — A literatura infanto-juvenil é um dos grandes destaques na 17ª Feira do Livro, que acontece até domingo, na Capital. A demanda de público cada vez maior por esse estilo tem atraído as editoras, que programaram vários lançamentos durante o evento. "Entre 50% e 60% das nossas vendas é de títulos direcionados a crianças e adolescentes", afirma Érica Margareth Machado, vendedora da Editora e Livraria Cuca Fresca.

Hoje, será o lançamento de "Tesouro da Serra do Bem-Bem (Editora Saraiva)", com a estréia do escritor Flávio José Cardozo no gênero infanto-juvenil após ter publicado outros oito títulos de contos e crônicas. No livro, ele conta a aventura imaginária de três crianças, utilizando principalmente o encantamento infantil, incluindo um conteúdo ecológico e também de tolerância frente às diferenças.

"Tinha a vontade de escrever para esse público há muito tempo", conta ele. O principal desafio, conta Cardozo, "é se libertar da falsa idéia de que é preciso descer um nível para escrever para crianças. Ao contrário, é preciso subir". O escritor "tomou gosto" pelo estilo e já prevê outras obras no mesmo estilo. "Isto vai depender da repercussão que o trabalho tiver entre o público e nas escolas."

A motivação de Flávio José Cardozo — a formação de leitores críticos - é a mesma da escritora Eglê Malheiros, que no sábado, dia 28, faz o lançamento de seu segundo título no gênero, "Os Meus Fantasmas" (Editora Movimento). O primeiro foi "Desça, Menino", de 1984. "A responsabilidade é maior na literatura infantil, pois é preciso respeitar o leitor e estabelecer um diálogo com com não tem pré-conceito", afirma ela. Neste novo trabalho, ela utiliza a eventura para trabalhar com a memória da infância que persiste no adulto e o imaginário infantil.

Um dos *best-sellers* da feira é "História de Florianópolis — Para Ler e Contar" (Cuca Fresca), do escritor e jornalista Mário Pereira, e que traz a evolução da cidade em uma linguagem destinada ao público infantil. O livro foi lançado em junho e amanhã haverá uma sessão de autógrafos especial. "Desde que começou o evento, vendemos cerca de 300 exemplares e há uma procura por leitores de todas as idades", conta a vendedora Érica Margareth Machado. Segundo ela, dos cerca de 5 mil livros disponíveis no estande, algo em torno de 3 mil são destinados a crianças e adolescentes. "O livro infanto-juvenil pode ser lido por qualquer pessoa e ensina muita coisa para os adultos", argumenta.

No estande da FTD, editora que tem como foco principal títulos didáticos, os negócios neste segmento também vão muito bem. "Das nossas vendas, pelo menos 30% são do gênero infanto-juvenil", afirma Rose Tomazini, representante da FTD em Santa Catarina. Ela afirma que cada vez mais a tendência é de incluir temas inerente às idades em questão em histórias de ficção. "Os livros abordam assuntos como sexualidade, alcoolismo, drogas, relações humanas. Assim, é mais fácil captar a atenção do adolescente, sem fazer uma imposição", diz. Conforme Rose, as editoras estão atentas a este movimento que já começou há alguns anos e cada vez lançam um número maior de títulos neste segmento.

■ O QUÊ: **17ª FEIRA DO LIVRO DE FLORIANÓPOLIS**. QUANDO: Até 29 de setembro, das 12 às 22h. ONDE: Área de eventos do Beiramar Shopping, rua Bocaiúva, 2.468, centro, Florianópolis, tel.: (48) 223-6425. QUANTO: Gratuito.

■ O QUÊ: Lançamento de **TESOURO DA SERRA DO BEM-BEM**, de Flávio José Cardozo. QUANDO: Hoje, às 15h. ONDE: Estande da Editora Saraiva. QUANTO: R$ 11,00, com desconto de 10% na feira.

■ O QUÊ: Sessão de autógrafos de **HISTÓRIA DE FLORIANÓPOLIS - PARA LER E CONTAR**, de Mário Pereira. QUANDO: Amanhã, às 19h. ONDE: Estande da Cuca Fresca. QUANTO: R$ 20,00 e R$ 16,00 durante a feira.

■ O QUÊ: Lançamento de **OS MEUS FANTASMAS**, de Eglê Malheiros. QUANDO: Dia 28, às 18. ONDE: Estande da Livros & Livros. QUANTO: R$ 10,00.

Guilherme Ternes

Cleber Gomes 23/11/2000

ESTANTE
Crianças e jovens têm centenas de opções na feira, com títulos que vão da aventura ao romance, assinados por Eglê Malheiros (C) e Flávio José Cardozo (acima), que faz sua estréia no gênero

Divulgação

42	WOSGRAUS, Juliana. Desilusão. A Notícia, 10 de set. d e1995. Anexo, p.2

Desilusão

"Vozes Veladas", um dos escritos mais significativos d Cruz e Sousa, é também título de uma peça sobre o poeta, assinada por Eglê Malheiros. Entraria em cartaz no teatro Carlos de Carvalho, na Casa de Cultura Mário Quintana, em Porto Alegre, a partir do próximo dia 14. Com direção de Gilmar Messias, estava incluída na programação dos "300 anos de Zumbi". Mas foi cancelada uma semana antes da estréia, sem que a autora tenha recebido qualquer explicação para o fato.

Antes disso, Eglê – que foi integrante do histórico Grupo Sul – não obteve nenhum apoio para a montagem da peça em Santa Catarina. Bateu em muitas portas, menos na Fundação Franklin Cascaes, óbvio, que é dirigida por seu marido Salim Miguel.

Sugestões & Cia

43 SCHIMITZ, Paulo Clóvis (Coord.). A cultura em Santa Catarina: problemas e necessidades. **O Estado,** Florianópolis, 04 de nov. de 1984.

Fotos Marco Cezar

A cultura em Santa Catarina: problemas e necessidades

Amanhã, segunda-feira, é o Dia Nacional da Cultura. Pensando em discutir os problemas da cultura catarinense, O ESTADO reuniu numa mesa-redonda oito pessoas intimamente ligadas ao ramo, seja fazendo arte, seja administrando, seja atuando como espectador. Participaram Osvaldo Ferreira de Mello, **maestro e presidente do Conselho Estadual de Cultura;** Udo Wagner, **Superintendente da Fundação Catarinense de Cultura;** Zuleika Lenzi, **diretora do Departamento de Assuntos Culturais da Universidade Federal de Santa Catarina;** Vera Collaço, **ex-diretora da Unidade de Artes Cênicas da Fundação Catarinense de Cultura e hoje trabalhando no DAC/UFSC;** Mário Alves Neto, **Presidente da Associação dos Grupos de Teatro da Grande Florianópolis;** Nereu Corrêa, **ensaísta e crítico literário;** Eglê Malheiros, **escritora e crítica literária; e** Janga, **pintor e presidente da Associação Catarinense dos Artistas Plásticos.**

A questão inicial — e que acabou dominando quase todo o debate — foi a da existência ou não de uma política cultural consistente, que regesse a condução de um trabalho definido no setor. Questões paralelas surgiram, mas sempre havia alguma relação com esse aspecto: com uma orientação cultural firme haveria melhores resultados para quem produz arte em Santa Catarina. Coordenação de Paulo Clóvis Schmitz **e texto final de** Lúcia Uhr.

Ferreira de Mello — Não se pode falar em ausência de uma política cultural quando a legislação determina ao Conselho Estadual de Cultura a elaboração de um plano para o Estado, com validade por quatro anos. E, obedecendo a esta legislação, já estamos no terceiro Plano Estadual de Cultura, que foi elaborado para o período de 83 a 86. O Conselho Estadual de Cultura definiu juntamente com as autoridades estaduais e com os conselhos municipais do setor e outras instituições que a Fundação Catarinense de Cultura teria que ter uma participação direta nesse plano. E foram apresentados vários projetos possíveis, exequíveis e de acordo com o próprio crescimento da Fundação e com as possibilidades orçamentárias.

Então, neste período 83-86 o que o Conselho elaborou foram as diretrizes e possibilidades para o Plano Estadual de Cultura. Este documento foi amplamente divulgado na época e prevê que os projetos para a sua execução serão elaborados anualmente pela Fundação Catarinense de Cultura, que os submeterá ao Conselho para apreciação.

Dizer-se que não exista uma política cultural em Santa Catarina é faltar com a verdade. Se ela é boa ou má é uma questão de opinião, de crítica e até mesmo de liberdade de interpretação. Mas seria preciso primeiro conhecer o que existe e saber as coisas que já foram executadas destas diretrizes, que são muitas. E conhecer também aquelas que não o foram, e discutir a razão porque não o foram.

Osvaldo Ferreira de Mello: "Dizer que não existe uma política cultural em Santa Catarina é faltar com a verdade".

Udo Wagner — A Fundação Catarinense de Cultura é o órgão oficial do Governo para amparar as manifestações culturais no Estado. E na própria Carta aos Catarinenses existem 13 ítens a serem cumpridos na área da cultura. Inclusive o de mostrar a nossa produção cultural fora de Santa Catarina e a elaboração de um Caderno de Cultura. Tudo isto está realizado, dentro das possibilidades dos orçamentos existentes na área da cultura. O único ítem que não está sendo atendido até agora é o de dar bolsas de estudo para aqueles que mais se destacam em cada área de atuação. Mas pretendemos fazê-lo no próximo ano, só que ainda não sabemos que critérios usar para estas bolsas. Talvez a Fundação passe este critério de escolha às próprias associações culturais. Sou um entusiasta da formação de associações e sindicatos porque eles permitem que o universo cultural seja atendido e não sejam apenas levantados problemas individualizados.

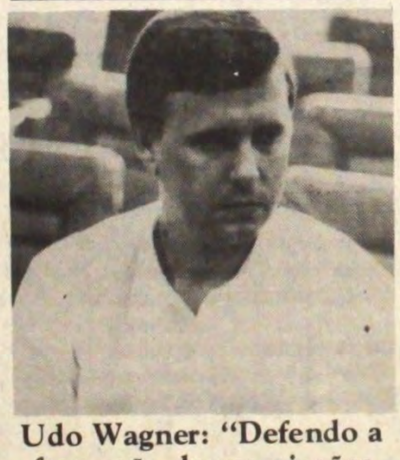
Além disso, acho fundamental, em termos de política cultural, que se faça uma ação em conjunto com os outros órgãos. Como a Universidade Federal, o Conselho Estadual de Cultura, a Universidade Estadual, o Mobral, enfim todos os órgãos em conjunto, para evitar ações paralelas.

Agora, nós temos alguns dados muito interessantes sobre o que a Fundação vem fazendo. Por exemplo, na área do folclore. Só o boi-de-mamão aqui de Florianópolis neste ano se apresentou 52 vezes em 41 municípios de Santa Catarina. Também foi incentivada a cultura afro, com uma exposição inicialmente mostrada no CIC e que já passou por vários municípios do Estado.

Na área de Letras, realmente, estamos em dívida, porque este ano foram editados apenas cinco livros. Mas isto por causa dos elevados custos de editoração hoje em dia.

Na área de Letras, realmente, estamos em dívida, porque este ano foram editados apenas cinco livros. Mas isto por causa dos elevados custos de editoração hoje em dia. É um dos problemas graves que estamos enfrentando, porque uma edição de mil exemplares, o que não é muito, custa de Cr$ 6 a 8 milhões. Mesmo assim, participamos da Bienal Internacional do Livro, em conjunto com a Universidade, e da Bienal Nestlé de Literatura. E também foi editada a revista "Cadernos Cultura Catarinense".

Na área de teatro, acho que aqui em Florianópolis o que a Associação reivindicou foi totalmente atendido. Na segunda-feira, Dia Nacional da Cultura, vai ser iniciada a restauração do TAC. E no dia 29, vão ser inauguradas as instalações do Theatro Adolpho Mello, adaptado para as artes cênicas.



Udo Wagner: "Defendo a formação de associações porque isso evita que os problemas sejam tratados individualmente".

Janga — Talvez exista mesmo uma série de projetos. Mas não é bem assim. Eu fico pensando porque muitas destas coisas não são colocadas em prática quando parecem tão bem estruturadas. Mas todos nós que lidamos com a cultura sabemos que o Estado conta com um orçamento tão reduzido para este fim que não há de onde tirar dinheiro para colocar os projetos em andamento.

Além disso, mesmo que haja um plano de política cultural existe a impressão de que ele não existe porque não há um encadeamento de tudo o que é feito. Parece que não há um planejamento a longo prazo. Porque nesta atividade só se conseguem resultados se houver uma continuidade. Efeitos isolados não vão agir sobre a comunidade.

Vera Collaço — Em relação à falta de ligação entre os eventos que acontecem no Estado — e parece que estão todos meio perdidos — o que se percebe também é a falta de um resgate histórico de nossa memória. Praticamente toda a nossa memória cultural está perdida. Então o resgate de nossa cultura seria o mais importante para haver uma ligação entre as coisas que estão sendo feitas hoje.

Janga — Como acontece hoje no Paraná. Ao mesmo tempo em que estão se fazendo promoções contemporâneas está havendo um trabalho sistemático de resgatar toda a memória cultural daquele Estado. Aí vemos como aqui não há sequer uma escola de artes plásticas. Isto na minha área. O teatro também não tem. Então não existem as condições mais elementares, mais básicas. Quer dizer, o que se consegue aqui é milagroso.

Janga: "Para dar bons resultados, uma política cultural precisa ter um encadeamento e uma continuidade".

Zuleika — Pelo tudo o que ouvi até agora deu para sentir que nós, em Santa Catarina, temos diretrizes. Temos prioridades. Temos um plano de cultura. Mas acho que muito pouco se discute para quem que foi feito este plano de cultura. Mesmo que houvesse alguma participação na época em que o plano foi elaborado pouco se discutiu para quem e qual o seu conteúdo, quando ele se dirige para uma categoria que não seja só a classe dominante.

Nós ainda estamos muito presos, na área de cultura, a uma política de eventos. E que não está nos levando ao que se poderia chamar de uma "afirmação social". Apesar de toda a nossa tentativa de fazer uma política conjunta das instituições, ainda não discutimos uma questão primordial: se o Estado deve ser um produtor cultural. Ao meu ver, em Santa Catarina, o Estado está ocupando este papel de produtor cultural. Ele ainda não assumiu que não tem esta função. O Estado deve ser um viabilizador dos Produtores Culturais. A partir do momento em que ele acha que alguém deve produzir determinado tipo de arte, ou que tal comunidade deve desenvolver mais determinados setores de cultura, ele está fazendo uma política vertical, uma política dominadora. E eu não sei até onde isto é pernicioso. Nós ainda não conseguimos respeitar a autonomia do produtor cultural e facilitar que ele se desenvolva cada vez mais. Aí eu vislumbro um problema muito sério que é a falta de escolas. Mas simultaneamente tenho um receio muito grande do que está ocorrendo como "pano de fundo" da política cultural do Governo Federal em cima das escolas. Principalmente das universidades. Vejo isto como algo sério no caso do teatro. O teatro universitário é amador. Mas não é considerado como tal pelo Governo Federal. Quer dizer, todo aquele apoio que se dá ao teatro amador as universidades não podem receber. E isto é uma coisa séria, não discutida, mas que cerceia o seu desenvolvimento.

Então, a gente no DAC sente esta problemática. Uma instituição como a Funarte, que poderia nos auxiliar como fundação de amparo às Artes, é muito morosa na distribuição das verbas. Tanto que em abril o DAC apresentou uma série de projetos a serem atendidos pela Funarte mas ainda hoje não recebemos aos recursos financeiros para pesquisas das manifestações culturais do Estado de Santa Catarina que estão desaparecendo e nas quais estão envolvidos a Udesc e a Universidade Federal. Há uma falta de respeito muito grande na área de pesquisas das atividades culturais.

Udo Wagner — Quero endossar o que foi dito pela Zuleika com relação à falta de recursos da área federal. Tudo o que depender de Brasília não chega até a gente.

Vera Collaço: "Os eventos que acontecem no Estado nem sempre se preocupam com o resgate histórico de nossa memória cultural".

Mário Alves — Gostaria de falar sobre aquilo que iniciou o debate. Ou seja, o Plano Estadual de Cultura. Santa Catarina, na verdade, se dá ao luxo de ter três planos de cultura. O primeiro são as diretrizes de um plano teórico-elitista, feito pelo Conselho Estadual de Cultura. No campo de teatro, que não tem representatividade no Conselho, não se ouviu nenhum produtor cultural da área.

O segundo plano que existe está na Carta dos Catarinenses, que é um remendo político-eleitoreiro, feito com interesses outros em que aparecem verdadeiros absurdos. E o terceiro — este eu levo um pouco mais a sério — é o feito pelo Superintendente da Fundação Catarinense de Cultura na sua gestão atual. Em que o Udo fez um plano de cultura altamente pragmático. Isto é, ele ouviu as pessoas interessadas e tentou colocar em prática aquilo que as associações tinham por interesse nas suas atividades culturais. E olhando muito para todo o Estado e não apenas para Florianópolis. Este trabalho, se for analisado com profundidade — com mais tempo, porque agora ele está apenas em seu primeiro ano —, dará o possível embrião de um Plano Estadual de Cultura.

Nereu Corrêa — Sem querer discordar do Mário, estou de acordo com o professor Osvaldo quando afirmou que existe um Plano Estadual de Cultura. Ele próprio mostrou este plano quadrienal. Estão aí os calendários culturais publicados pelo Conselho. Na verdade, este plano não é aleatório como se disse aqui. O que é aleatório é a sua execução. Sem recursos não pode existir Plano. Ele só existe no papel. Tanto é que na minha área, a literatura, muito pouco vem se fazendo. Até agora neste ano só foram publicados cinco livros. Com exceção destes livros de concursos instituídos pela Fundação, os demais aprovados pelo conselho e são dezenas, estão lá estocados.

Se o Estado não os pode editar, que procure outras alternativas. Eu próprio sugeri que a Fundação procurasse fazer co-edições. Existem centenas de editoras no País.

Ferreira de Mello — Esta é uma das diretrizes vigentes no Plano. Ou seja, apoiar a indústria editorial catarinense através das co-edições.

Nereu Corrêa — Uma das diretrizes. Mas, realmente, não tem sido apoiada.

Udo Wagner — Eu queria, pelo menos, dizer o seguinte: quando nós, da Fundação, recebemos um orçamento, temos que ter um equilíbrio tal que atinja todas as manifestações culturais. Se nos anos anteriores foi editado um número maior de livros é porque quase que só se editavam livros. Agora estamos procurando estimular um número muito mais abrangente de formas culturais como as artes plásticas, dança, teatro, música, restauração do patrimônio histórico, etc.

Hoje temos um projeto chamado Pró-Canto, que atinge 525 corais em Santa Catarina. O teatro amador também está sendo amparado: este ano foram beneficiados 27 grupos. Eu quero ver o dirigente de cultura que futuramente vai deixar de dar este apoio. Ou mesmo nos futuros governos.

Zuleika Lenzi: "O Estado não deve ser um produtor, mas um viabilizador da atividade cultural em todos os setores".

Zuleika — Sobre esta questão da continuidade, Udo, vou discordar de você. Hoje (quarta-feira), lendo uma entrevista sua, tomei conhecimento de que o Concurso Cruz e Sousa poderá ser modificado para um concurso sobre o "Contestado". Então se vê que o próprio Governo modifica suas ações. Imagine os futuros governadores. Que, felizmente, com eleições, poderão ouvir os anseios do povo e ter outro pensamento. Então, só não se modificarão as ações e elas serão irreversíveis se partirem de baixo para cima. Se partirem, como estão partindo, de cima para baixo, não acredito na sua irreversibilidade.

Udo Wagner — Quero registrar que o Concurso Cruz e Sousa, do modo como vinha sendo feito, era altamente oneroso ao Estado.

Nereu Corrêa — Estou de acordo como isto, mas não me parece que um concurso como o Cruz e Sousa possa ser substituído por um outro como o do "Contestado". São coisas totalmente diferentes, tal como azeite na água. Não há como fundir essas duas coisas. Aceito que se faça alguma coisa para reavivar a memória do Contestado. Agora, o Cruz e Sousa deveria perdurar, talvez com alguns remanejamentos, para tornar-se mais viável. E não meramente substituir um pelo outro.

Mário Alves Neto: "Santa Catarina tem três planos de cultura. Dois são elitistas e apenas um é altamente pragmático".

Eglê — Bem, tenho escutado o que está sendo dito, e na hora em que o Osvaldo afirmou que as diretrizes do Plano de Cultura do Estado foram estabelecidas da forma mais democrática eu ri. De uma maneira não regimental, é certo. Mas não esqueço que o Osvaldo e eu estivemos juntos no Grupo Sul. Então, eu prezo muito o Osvaldo como amigo e não como presidente do Conselho de Cultura. E ri pelo seguinte: é que há uma formalização da democracia, que se pode chamar de "democratismo", que é muito fácil de ser usada. Mas existe uma coisa muito mais profunda: o estabelecimento de condições de vida democrática, de discussão democrática no País, que é um processo que têm de ser ganho e lutado no dia-a-dia. Eu não aceito a assertiva de que foi democrática a elaboração do Plano de Cultura, porque quando uma entidade, no caso o Conselho, se propõe a uma discussão ela tem de ser fidedigna, tem de merecer a confiança dos que vão discutir. E eu, por exemplo, não tenho confiança no Conselho Estadual de Cultura do ponto de vista de democracia. É um conselho em que, numa época em

→

que a censura aos livros já estava ficando ultrapassada, ou estava começando a ficar mais disfarçada, ele a exerceu com toda a tranqüilidade, com todo o despotismo e ficou por isto mesmo.

Ferreira de Mello — Não sei ao que você está se referindo...

Eglê — Você sabe. Você sabe do caso do livro do Osmar de Andrade, por exemplo.

Aí se vê que o problema da democratização da cultura é um pouco mais profundo do que reunir as pessoas que aparentemente estão interessadas para discutir. Passa pela democratização da sociedade. Passa pela suspensão das leis de exceção. Passa por um país que não fica, digamos, à disposição do bom ou do mau humor das pessoas que detêm o poder.

Trocando um pouco de questão, enquanto estávamos discutindo aqui eu estava me lembrando o seguinte: tempos difíceis para quem anda administrando. Porque há questão de 50 anos atrás esta discussão não teria razão de ser. Cultura seria uma coisa de alguns poucos bem nascidos, que fariam aquilo que estivesse mais de acordo com a "última moda da Europa". Mais tarde, dos Estados Unidos. Enquanto isto, o povo ficava lá fazendo aquelas coisas que na época eram consideradas "sem graça" e que hoje são englobadas nos conceitos de "Cultura Popular" e "Folclore".

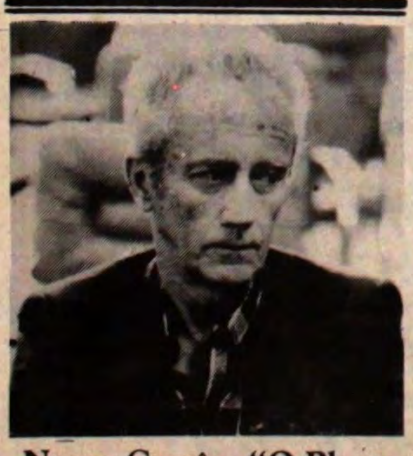
Isto é sinal de que, bem ou mal, alguma coisa andou. Pelo menos a boa consciência já não se satisfaz em ficar fazendo uma coisa de gabinete, só para uns poucos. Já se reconhece que existe um processo cultural em que todo o povo está envolvido. E que de alguma forma este povo tem o direito e a obrigação de intervir neste processo.

Mas o que tenho observado é que continua havendo uma condição de um Estado paternalista — se ouve muito as expressões "amparo", "mostrar", "fortalecer o que já existe" — que tenta estabelecer um número determinado de associações culturais. Que dita quais as associações que devem continuar. Que não permite sequer a formação de novas associações para contestar as que já existem.

Por outro lado, também se nota, mesmo entre os que participam das associações, o resultado de 20 anos em que as pessoas não se animavam a expressar por conta própria os seus pensamentos. Porque eles podiam não estar de acordo com as normas aceitas pelo sistema. Então estas pessoas ficam esperando que o Estado faça as coisas, determine como vai ser. A gente nota muito isso, convivendo com pessoas mais jovens, que mais profundamente sofreram todo este processo de "desfibração" da sua capacidade criadora.

Hoje se reclama muito da falta de verbas dos órgãos oficiais. Acho que não existe dinheiro do Governo: existe o dinheiro do povo. E este dinheiro pode ser muito mais bem gasto na promoção das atividades culturais do que, por exemplo, em armamentos.

Mas eu não acho certo que as pessoas fiquem esperando que este dinheiro venha para depois agir. As pessoas, tomando a iniciativa e fazendo a duras penas as coisas, provocam inclusive o reconhecimento de sua existência. Abrem os seus espaços e acabam tendo de ser atendidas. Quer dizer, o processo é o inverso. É o inverso do que se está esperando. Uma espera causada pelos "reforços" que o sistema vem fazendo na mente da juventude há 20 anos da idéia de um Estado paternalista e que é tão bonzinho que não deixa ir pelo caminho errado. Você só pode ir pelo caminho certo, determinado pelo sistema.



Nereu Corrêa: "O Plano Estadual de Cultura não é aleatório. Ocorre que não há recursos para viabilizar este Plano".

Vera Collaço — Posso abrir um parênteses aí? Inclusive eu noto — pois faço parte da geração que nasceu e que se formou nestes 20 anos — uma falta de rebeldia. De lutar contra o que está estabelecido. E que se satisfaz com tão pouco. Se aceita uma migalha dada e está ótimo. Não se contesta mais a fundo, por medo de perder este pouco que se conseguiu dado.

Eglê — É claro que isto não é uma coisa que vai acabar de uma hora para outra. Mas nós temos que constatar a existência disto para inclusive poder combater.

Eu noto uma outra coisa. Quando saiu o concurso Cruz e Sousa de romance discuti muito o título. Porque num Estado que nunca reconheceu Cruz e Sousa, que jamais permitiu que entrasse no Palácio do Governo quando estava aqui, agora pega e põe o seu nome no concurso. O que me revolta é a apropriação, por parte dos poderes constituídos, daquelas ações e criações do povo que foram justamente uma contestação do que está aí. É mais um esbulho. Quer dizer, as pessoas que foram esbulhadas na sua vida são esbulhadas post-mortem. Na hora em que se tornam, digamos assim, próprias de serem mostradas.

O que é que espero, o que é que penso do processo cultural de Santa Catarina? Eu não posso absolutamente dissociá-lo do processo cultural do resto do País e do processo político em que ele acontece. Nós só teremos realmente o direito de usar o adjetivo "democrático" no processo cultural brasileiro, e no caso em Santa Catarina, na ocasião em que se criarem condições objetivas para a multiplicação das ações culturais. E que se abram espaços para as manifestações culturais desligadas do gosto oficial, ou do gosto da elite. E no momento em que se faça um estudo crítico e de discussão em profundidade do nosso processo de "colonização cultural". E quando não mais se desprezar aquilo que é realmente importante, em função da última "moda" cultural de Nova Iorque, Paris, etc.

Ferreira de Mello — Bem, já que, apesar do que disse a Eglê, temos um "esboço" de política cultural, aproveito para pedir a todos que leiam e critiquem estas diretrizes. Porque daqui a um ano teremos de começar a produzir as novas diretrizes. Então, o grande trabalho que se pode fazer é nos ajudar a produzi-las cada vez melhor. É certo que muitas delas, se fossem executadas, dariam uma outra dimensão à cultura em nosso Estado. Agora, que existem limitações violentas de recursos ninguém pode negar. Por isto o Conselho não tem reclamado do descumprimento destas diretrizes: porque sabe destas limitações orçamentárias.

Finalmente quero dar o meu "de acordo" pessoal à professora Zuleika de que o Estado não deve dirigir a cultura. Deve ter o cuidado de só apoiar, estimular. Mas que a Produção Cultural parta da sociedade, do povo. Jamais o Estado deve ser produtor cultural. Se tentar fazê-lo, nós teremos aí um modelo não-democrático.

Zuleika — Bem, em contrapartida, eu faria uma pergunta ao senhor. Será que não interessa ao Estado, numa época de fechamento, de autoritarismo, ser paternalista? Se partirmos do princípio de que a cultura popular é uma cultura que conduz a uma postura contestatória, a uma postura revolucionária. Nestes 20 anos não era muito importante ao Estado ser paternalista? Porque, de uma certa maneira, o Estado utilizou a cultura a seu belprazer.

Vera Collaço — Bem, vou aproveitar este intervalo para matar uma curiosidade que tenho e mesmo porque muita gente me pergunta e eu fico sempre devendo a resposta. Como é formado o Conselho de Cultura?

Udo Wagner — Eu vou mais adiante. Apesar de estar há um ano ligado ao trabalho com a cultura não consigo entender porque o Conselho, que deveria ter uma representatividade de todas as áreas culturais, é basicamente assentado na área de literatura?

Ferreira de Mello — O que tenho a informar é simples. Há uma lei estadual que diz que o Governador nomeará de quatro em quatro anos os membros do Conselho Estadual de Cultura. E diz a lei que as pessoas deverão desfrutar na comunidade de alto conceito na área cultural. E que devem compor as quatro câmaras que a lei criou: uma de Patrimônio, uma de Artes, uma Letras e outra de Ciências Humanas. A área de Patrimônio é uma das mais atuantes do Conselho. Porque não pode haver qualquer tombamento no Estado sem o parecer do Conselho. O último agora foi o do Acervo Arqueológico levantado pelo Padre Rohr. Se o Conselho não interviesse rapidamente neste processo ia tudo embora para o Rio Grande do Sul.

Mário Alves — Quem leva os nomes do Conselho para o Governador?

Ferreira de Mello — Não sei quem leva os nomes.

Mário Alves — É uma escolha feita assim aleatoriamente?

Ferreira de Mello — Deve ser a Secretaria competente, que é o órgão político competente.

Mário Alves — Então, mais que elitista, é superelitista.

Janga — Eleitoreiro, ainda.

Ferreira de Mello — Bem, eu não sei. Isto são opiniões pessoais que deveriam ser discutidas com o Governador. Me pediram um depoimento, e eu estou dando.

Zuleika — Será que não é isto que faz com que este Conselho seja tão fechado? Há aqui realmente, e nisso eu concordo com o Osvaldo uma área estanque. Mesmo que as instituições tenham ido lá debater, não houve depois de lançadas as diretrizes do plano uma discussão. A realidade nos mostra isto. Aqui está o Conselho e lá estão as Associações. E não há nenhum mecanismo plausível de entrosamento.

Outra dúvida: se o Conselho tem uma área tão importante quanto a do Patrimônio, porque se descaracterizou Florianópolis tão rapidamente? Quer dizer, quando se derruba uma casa que é considerada patrimônio nada é feito. Não se vêm à rua, não se discute. Não se faz nada. E Florianópolis se acabou.

Ferreira de Mello — Acho que para falar sobre o Conselho seria necessário um debate próprio.

Não sei se é pertinente aqui...

Eglê Malheiros: "Para resolver os problemas da cultura é preciso que se democratize antes a sociedade".

Mário Alves — Mas eu acho que o Conselho é o ponto de partida. Se estamos discutindo Cultura, o Plano Estadual de Cultura e a sua política, o Conselho é a base de partida. Ele faz uma diretriz, mas esta diretriz poderá ou não ser seguida pelo Governo do Estado. Que é eleito, felizmente, no momento, pela população. Então, o Governo vai ser trocado ... E aí é uma tremenda contradição. O Conselho ser escolhido pelo Governador, para mim, é um tremendo erro. Ele tinha de ser escolhido pela comunidade. Eu até nem sabia disso. E vou, dentro dos meus limites, lutar contra isso. Ele tem de ser escolhido por uma comunidade. Com a participação da Assembléia Legislativa.

Ferreira de Mello — Só que acho inoportuno o debate porque as diretrizes teriam de ser conhecidas de todos.

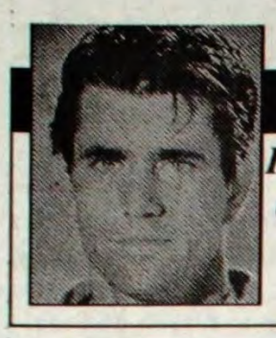
Mário Alves — Eu, particularmente, já as li várias vezes. Não só eu como a comissão da Associação dos Grupos de Teatro, quando pesquisamos alguns problemas que tínhamos. E inclusive fizemos um documento que entregamos ao Conselho Estadual de Cultura. Lamentavelmente, até hoje não tivemos resposta.

Zuleika — Acho que foi tocado no ponto principal. O órgão que deve ser executor, a Fundação Catarinense de Cultura, também faz sua política cultural. O Conselho Estadual de Cultura, que deveria servir até como caixa de ressonância das aspirações culturais, e ser aquele que cuidaria de ver se o seu órgão executor está ou não atendendo à Comunidade Catarinense, acaba não fazendo isto. Porque não há uma ressonância entre este conselho e a Fundação. Apesar de se dizer que há, o que se verifica é que realmente não há. Então, quem afinal de contas está indicando estes membros?

Vera Collaço — Sobre o Conselho Estadual de Cultura, eu queria só mais algumas informações. Quantos são os membros e se tem mulheres participando?

Ferreira de Mello — São 14 conselheiros. Não acredito que Governador esteja preocupado, ao escolher os membros do Conselho Estadual de Cultura, com o sexo do conselheiro. A nominata do Conselho evidentemente é pública, sai no Diário Oficial do Estado e está em todos os documentos do Conselho.

44 BARROS, Djane. A palavra de ordem é resistir. **A União,** 30 de mar. de 1999. Cultura



CINEMA
Rex Manaíra 2 está exibindo O Troco, *com Mel Gibson*
Pág. 14

Cultura

PRO ROCK
Escurinho mostra a música nova da Paraíba no Festival
Pág. 20

A palavra de ordem é resistir

Jornalistas e escritores defendem o suplemento literário enquanto instrumento de apoio à cultura

Djane Barros
Repórter

AS comemorações alusivas às "bodas de ouro" do suplemento literário *Correio das Artes*, publicado mensalmente por *A UNIÃO*, reuniu na última sexta-feira celebridades do meio cultural (de renome nacional) na sala do superintendente do jornal, Zélio Marques. Segundo eles, a resistência do *Correio das Artes* no tempo - e as dificuldades normais a este segmento -, o transformaram num fenômeno sociológico.

Jornalistas e colaboradores de cadernos de cultura de Santa Catarina, Salim Miguel; de Natal, Nelson Patriota;, o professor Jomard Muniz de Brito, de Recife; e a poeta Eglê Malheiros, especialista em literatura infanto-juvenil em Santa Catarina, participaram dessa conversa informal sobre cultura, onde questionaram os investimentos limitados dos governos e empresários neste setor. Participaram também desse debate o editor adjunto de *A União*, Linaldo Guedes, o editor de Cultura, William Costa, e o editor do *Correio das Artes*, Claudio Limeira, além da poeta e colaboradora, Iolanda Limeira.

Os visitantes, que foram convidados a proferir palestra numa das atividades programadas para o cinquentenário, na API, na última sexta-feira, ressaltaram, durante uma conversa descontraída, a importância para o País deste suplemento literário, que é o mais antigo no Brasil. O segundo mais antigo é o *Suplemento de Minas Gerais*, criado por Murilo Rubião, hoje com 30 anos de divulgação.

"Há 50 anos o *Correio das Artes* mantém a tradição de apoiar e valorizar não só poetas e cronistas da região, mas também artistas plásticos que ilustram suas edições", ressaltou Jormard. Para Nelson Patriota, editor de *O Galo*, suplemento literário de Natal, é quase inacreditável que o *Correio das Artes* atinja 50 anos de existência. "É um fenômeno que deveria se repetir em outros Estados para valorização da nossa cultura", disse ele.

Salim Miguel, que já colaborou com o *Correio das Artes*, ressaltou a tradição dos governos da Paraíba que, ao longo dos 50 anos, têm apoiado este suplemento literário divulgado por *A União*, cuja importância foi compreendida, inclusive, durante o regime militar. "A partir disso, o povo passa a valorizar mais a sua terra. A cultura é um processo que se faz ao longo dos anos e depende do interesse não só da comunidade cultural, mas do próprio governo e os trabalhos dificilmente têm continuidade no Brasil. Isso não ocorreu na Paraíba", frisou ele.

Salim, com bibliografia na Internet, acrescentou que um suplemento de cultura atingir meio século é uma grande proeza nos dias atuais, tendo em vista o aumento da crise econômica e o retorno que as empresas privadas querem e precisam ter. "Hoje é mais difícil manter uma publicação cultural do que anos atrás. Este é um espaço que, no Brasil, continua sendo o primeiro a ser sacrificado nos momentos de crise. É como se publicar ¼ de página sobre cultura uma vez por semana fosse um favor. Estão esquecendo que um País só se qualifica e se define a partir das expressões culturais no sentido mais amplo", justificou

Ele lembra que trabalha nesta área há 50 anos e que foi colaborador de grandes jornais, dos quais, 18 anos atuando como crítico literário. "Os cadernos literários resistentes no Brasil são poucos e os únicos a manter a tradição são o *Correio das Artes*, há 50 anos, e *O Suplemento de Minas Gerais* (30 anos). O espaço tem se reduzido a cada dia para este tipo de trabalho. Nos grandes jornais do País a criação literária praticamente desapareceu", acrescentou.

Nelson Patriota, de *O Galo*, suplemento literário de Natal (RN), fez um comparativo entre o caderno que edita e o *Correio das Artes*, afirmando que ambos vivem algumas experiências comuns pelo fato de serem divulgados em veículos do Governo, buscarem novos valores literários culturais e continuarem sujeitos aos sabores e dissabores dos governantes. "*O Galo*, por exemplo, sofreu algumas paradas nas edições. A comunidade intelectual cobra, protesta, mas se sente impotente", afirmou Nelson.

Salim, que atualmente colabora com o caderno de cultura em Santa Catarina (*A Notícia*, de Joinville), que tem circulação diária e com página dedicada à cultura, criticou o espaço reduzido que as escolas dedicam à cultura, lamentando a não disseminação de bibliotecas. "As vezes não temos espaços na nossa própria cidade, enquanto isso o País vai se abarrotando de best-sellers de linhas de montagem", declarou, acrescentando que os suplementos literários têm duas funções básicas, que são: abrir espaço para os que não têm outro meio de se comunicar e servir de intercâmbio, ampliando a consciência da função social. O escritor só se realiza dentro do seu texto expresso, onde o leitor opina.

Indagado se considera as novas mídias, a exemplo da Internet, uma boa alternativa para o escoamento dos produtores, ele respondeu que não há nada que substitua o livro. "Trata-se da paixão de pegá-lo, manuseá-lo, ler e reler o que não entendeu. Para a geração jovem a Internet pode ser um resultado que dê bons frutos", comparou. O jornalista e professor universitário Jomard Muniz também defendeu a importância do livro, "de se manter o contato com ele". A poetisa e professora de literatura infanto-juvenil, Eglê Malheiros, segue o mesmo pensamento, mas ressalta que não se pode ignorar que é mais um suporte para a palavra, "mais um recurso que enriquece a manifestação dos outros".

Durante o diálogo de intelectuais, Jomard questionou o anonimato de bons autores brasileiros perante o público e a mídia, o que foi reforçado por Salim. "Há poetas premiados que continuam ignorados na sua própria região. Continuamos subordinados ao predomínio do eixo Rio/São Paulo. Ou se tem uma boa mídia ou se morre no anonimato", declarou, afirmando que o Rio Grande do Sul foge um pouco a esta situação por possuir uma tradição cultural, "onde há 40 anos funciona um projeto na comunidade e boa parte dos escritores vivem do mercado gaúcho, com alguns autores com sete mil exemplares editados consumidos na região".

Jomard também defende a busca da comunidade para a expansão da arte literária, ressaltando que é importante se investir no leitor, "ir aonde o povo está, como acontece na música". Ele está organizando para o próximo semestre, junto ao professor Severino Lucena Filho, do Campus I da UFPB, uma homenagem ao cinquentenário do *Correio das Artes*: "Será feito um trabalho junto aos alunos de Letras, Artes e Comunicação para conhecer o perfil do leitor deste suplemento e, ao mesmo tempo, ampliar a sua divulgação", revelou.

A distribuição do *Correio das Artes* em escolas públicas também foi defendida pelos intelectuais, tomando como referência o que já é feito com *O Galo*, que é distribuído junto à rede pública de ensino da cidade, em livrarias, sebos culturais e, via Correios e Telégrafos, para intelectuais que residem em outros Estados. "A nossa proposta é torná-lo um veículo regional, com mobilização de intelectuais da região do Nordeste", salientou.

O Galo tem publicação mensal e contém entre 24 e 36 páginas. Publicado pela Fundação José Augusto, órgão ligado ao Estado, o suplemento tem uma tiragem de três mil exemplares. Este ano está completando seu décimo primeiro aniversário.

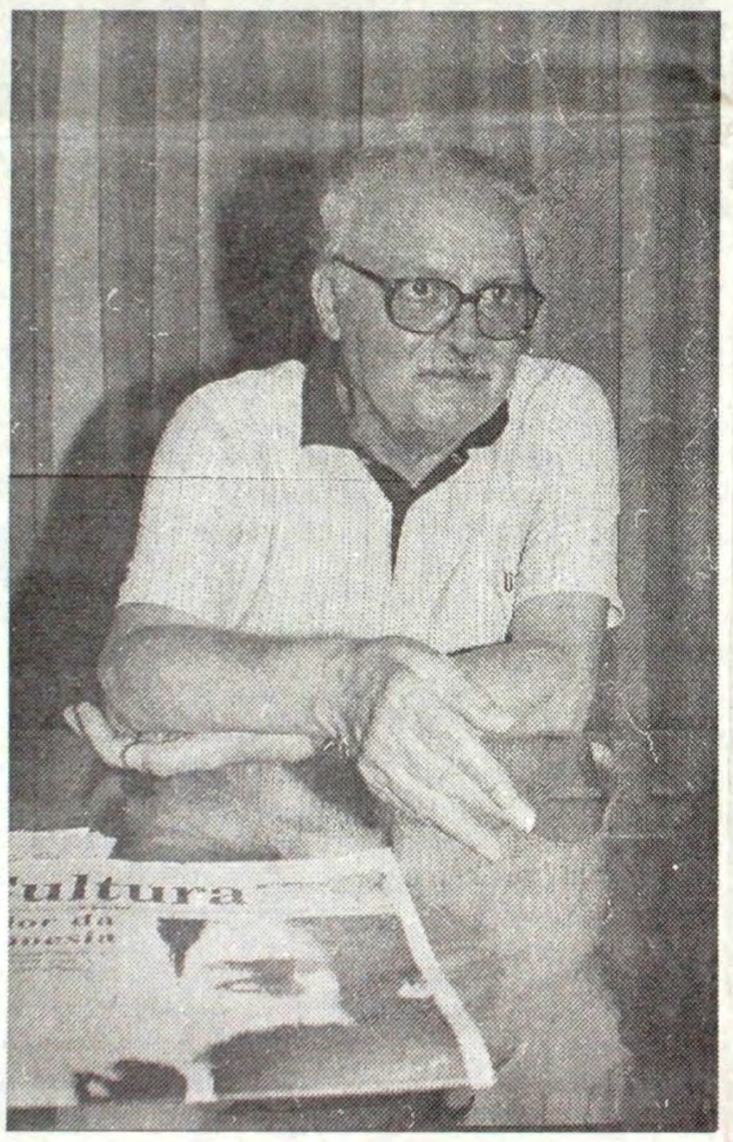
Sobre a idéia que predomina nos segmentos sociais mais baixos de que "cultura é coisa de elite", Salim declarou que há um pouco de equívoco nesta tese e explicou: "Acho que o povo tem muita sensibilidade e mais ainda do que os ditos cultos. Isso de cultura para elites é um equívoco. O problema é que as elites mantêm essa idéia ao longo dos anos e querem continuar dominando este País e vemos a repetição. A população tem que se esclarecer mais e ter a visão de que a cultura é o que faz um País ser o mais importante no mundo. É preciso promover eventos que tenham o envolvimento da comunidade, que entende a tudo. No entanto, se pensa mais no poder do que no esclarecimento das massas e um País é marcado pela força da cultura".

Eglê Malheiros disse que há uma parte de culpa da mídia nisso tudo, por determinar o que é bom e o que não é. "Como é possível a democracia com esse monopólio? ", questionou. Ela afirma que, como poetaa, se considerará realizada quando virar folclore.

Para Jomard, a idéia de culpa sobre esta situação de que cultura é coisa para elite pode ser vista de duas formas: "Ou se transfere para o governo a culpa ou então fica-se culpando porque somos uma elite cultural e não fazemos nada para mudar isso. Não gosto de nenhuma das duas posições. Meu cristianismo e existencialismo não permite isso. Não é culpa nossa".

Nelson Patriota acha que a cultura trabalhada é sempre um produto de consumo restrito a segmentos sociais elitizados e que, nem por isso, quem a faz deve ser tachado de culpado.

Fotos: Arquivo



Nas fotos, de cima para baixo, da esquerda para a direita, jornalista e escritor Salim Miguel; jornalista Nelson Patriota, editor de *O Galo*; professor Jomard Muniz de Brito e Eglê Malheiros, especialista em literatura infanto-juvenil. Eles participaram de um debate informal sobre suplementos literários e aspectos da cultura literária brasileira, realizado, no final da manhã da última sexta-feira, na sede de *A UNIÃO*.

45 SARDA, Laudelino José. Ensino da Capital se democratiza e rompe com velhos esquemas. **O Estado**, Florianópolis, 24 de mar. de 1985.

Fotos Lourival Bento

A maioria das escolas municipais estava abandonada e sem condições de funcionamento

Eglê Malheiros quer uma nova consciência sobre o ensino e nova relação com o poder

Eglê Malheiros, professora de História já no fim de carreira, assumiu a Secretaria de Educação disposta a criar uma nova concepção de ensino. Formada em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina, obteve, no Rio de Janeiro, o título de mestrado em Comunicação Social. Florianopolitana de nascimento, Eglê é tradutora de livros em Inglês, Francês, Alemão, Italiano e Espanhol e destaca-se com publicações de livros e ensaios, destinados ao público infanto-juvenil. Seu último livro: "Desça, Menino".

Ensino da Capital se democratiza e rompe com velhos esquemas

por **Laudelino José Sardá**

Ao trocar a tranqüilidade e compensadora atividade de tradução de livros em cinco idiomas pelo incômodo cargo de Secretário Municipal de Educação, a professora Eglê Malheiros não imaginou que a situação do ensino em Florianópolis estivesse tão "caótica". E como se não lhe bastasse a difícil missão de "caçar" os funcionários "fantasmas", teve de reservar energia para a fatigante tarefa de operacionalizar a restauração da maioria das escolas em "péssimo" estado de conservação, dentro do limitadíssimo orçamento da Prefeitura. "Havia creches que se fossem fiscalizadas pelo Departamento de Saúde Pública, teriam que ser imediatamente fechadas", exemplificou Eglê, para quem as administrações anteriores praticaram "o que eu considero 'crime', ao permitirem o funcionamento do pré-escolar naquelas condições".

"O compromisso dos professores é com a comunidade, e não com os desmandos dos intendentes"

Mas o seu maior desafio é o de implementar uma nova concepção de ensino, através de um amplo debate com todos os segmentos ligados à educação da Capital. A primeira barreira já começou a ser removida. Ao planejar um seminário com o corpo docente e técnicos educacionais, Eglê foi advertida de que os 21 anos de autoritarismo teriam catequizado os professores sob a ótica da filosofia do maior partido político do Ocidente. Diante de uma platéia que lotou o auditório da Prefeitura, Eglê foi enfática: **"Seus compromissos são, unicamente, com a comunidade que lhes paga seus salários, e não com partidos, intendentes e Prefeitura. O AI-5 e o decreto 477 já foram extintos e o que sobra ainda de leis de exceção o novo Governo vai acabar".** Aliviados com a nova orientação — eles haviam recebido uma carta anônima acusando o PMDB de estar planejando a substituição de funcionários pedessistas por seus adeptos —, os professores abriram o "verbo". **"Se eu tivesse continuado o seminário, eles estariam falando e apontando os erros e sugerindo soluções até hoje"**, observou Eglê, para quem a democratização do ensino tem a vantagem de tornar prioritária a qualidade. E para corrigir as primeiras distorções, a Secretaria de Educação já tem pronto o Estatuto do Magistério e já garantiu que quem estiver desempenhando bem suas funções, cumprindo bem suas obrigações, não tem com que se preocupar.

Mesmo que o PDS retome a Prefeitura, Eglê Malheiros não acredita em retrocesso na adminstração do ensino de Florianópolis. "Felizmente já se criou uma consciência em torno dos valores fundamentais. O ensino não pode ficar subjugado aos desmandos dos intendentes e aos interesses eleitoreiros".

O ESTADO — Eglê a quem você atribui esta situação caótica em que se encontrava o ensino da Capital?

Eglê — A primeira coisa que notei é que como o Governo do Estado e a Prefeitura estavam sempre no mesmo partido, em função da ditadura, acabaram não estabelecendo diferença entre o que pertencia ao município e o que pertencia ao Estado. De uma maneira geral misturaram tudo: recursos, pessoas, atribuições e, no que é pior, atribuiu-se à Prefeitura a simples tarefa de ser um órgão essencialmente assistencial. Há pessoas que, ainda hoje, vêm pedir caderno, remédios, coisas que caberiam aos órgãos Estaduais atenderem. Há pessoas que também chegam aqui para reclamar contra a situação precária em que se encontram escolas do Estado. Isto porque, anteriormente, na prática, não havia diferença. O mais sério ainda é que, ultimamente, a Prefeitura havia deixado de ser um órgão prestador de serviços para se transformar em um posto de caridade e de atendimentos eleitoreiros. Isto chegou a provocar uma superposição de vários órgãos dentro da Prefeitura, que ficaram, em tese, de fazer a mesma coisa e que acabavam não fazendo nada. Por esta e outras razões, as pessoas se identificavam como donas dos cargos, motivo pelo qual a sua simples substituição acabou gerando dramas e denúncias.

"Um professor substituto falou sobre o SNI para os alunos e acabou tendo o seu contrato rescindido"

O ESTADO — E os exemplos típicos de sua área?

Eglê — Por estar vinculada à Secretaria que também cuidava da saúde e assistência social, a Educação também respondia por outras atividades, no trabalho conjunto. O jardim de infância, por exemplo prestava uma assistência destinada mais à solução dos problemas da burguesia do que propriamente das pessoas necessitadas. Sua principal função era a de permitir que as empregadas domésticas fossem trabalhar, isto é, resolvia mais o problema de quem pretendia usar esta força de trabalho do que cumpria seu objetivo, que é o de visar ao lado da mãe e de seus filhos. A Cooperativa das Lavadeiras submeteu-se aos mesmos vícios da assistência social. Permitia um custo baixíssimo da lavação, beneficiando apenas os que contratavam este serviço.

O ESTADO — O quadro pessoal, a esta altura, estava muito inchado?

Eglê — Não muito porque um grande número de funcionários obteve licença não remunerada para cuidar de seus interesses. Cerca de três quartos de pessoas estão licenciados e em consequência, a Secretaria está praticamente vazia, com seu quadro pessoal defasado. Há também vários servidores colocados à disposição de órgãos do Estado. Estamos fazendo um levantamento para saber quem está à disposição por convênio, sem convênio, ou trabalhando em outro lugar simplesmente e os que percebem vencimentos sem comparecer ao serviço, nem mesmo em órgãos para os quais haviam sido emprestados. Cerca de 30 pessoas estão nesta situação. É dificílimo saber quem realmente está trabalhando, porque muitos órgãos, aos quais eles estariam emprestados, conseguem mandar suas fichas de frequência. Há, infelizmente, mil jeitinhos para os "fantasmas" se livrarem desta "caça". Mas o Prefeito passou a atribuir esta responsabilidade a cada chefe de setor. O "fantasma" nunca está sozinho. Sempre há a conivência de outros, até de autoridades.

O ESTADO — No quadro do magistério a situação não deve estar muito diferente, não?

Eglê — Há um problema diferente. Por um lado, temos um fator bom e importante que é a totalidade dos professores com títulos de curso normal ou superior e, a cada dois anos, se faz concurso de ingresso. Acho que o concurso deva ser anual. Ocorre, por outro lado, que há um grande número de professores substitutos mantidos através de contratos anuais e um reduzido número de estatutários. Apesar de responder pelas mesmas atribuições, o substituto ganha menos. Chegamos à conclusão de que o município fazia economia com os substitutos. E por não poderem ser nomeados, sendo contratados por uma simples portaria, eles eram vítimas do apadrinhamento e da própria diretora do colégio, que via aumentado o seu poder de autoridade, porque com um simples ato poderia demiti-los. Eles eram, em sua grande maioria, contratados através do gabinete do Prefeito, bilhetes e políticos e autoridades estaduais. E ninguém lhes perguntava se tinham habilitação e capacidade para exercer a função. Há na Secretaria fichas preenchidas com nomes de candidatos a vagas, mas que nunca foram chamados, porque prevaleciam os nomes apontados pelos padrinhos políticos. Com isso, os professores tornavam-se amorfos, sem a mínima segurança no trabalho. Ora, que tipo de qualidade se pode conseguir para o ensino nestas condições?

O ESTADO — Nestas condições faltavam também outras coisas, como recursos financeiros, estrutura física...

Eglê — Sem dúvida. Os recursos financeiros nunca chegavam, porque ficavam na Finança que os liberava aos poucos. Não havia autonomia financeira. Só no ano passado é que liberaram uma pequena parcela dos recursos orçamentários. É uma estrutura altamente viciada, ultracentralizada, típica dos anos de ditadura. A educação era encarada como um favor que se conseguia através de injunções políticas para esse ou aquele distrito da Capital. Em contrapartida, a comunidade que pedia tudo e que recebia os favores através dos políticos, também não fazia nada por si, pelas escolas. A escola, para ela, tratava-se de um bem concedido pela Prefeitura. Não lhe cabia, então, preservá-la, restaurá-la.

O ESTADO — Mas, Eglê, este comodismo não era resultado do arbítrio que impedia a pessoa de falar, denunciar?

Eglê — É claro. Houve um caso típico de um professor substituto que acabou não tendo seu contrato renovado porque falou em SNI para os alunos. Num seminário que promovemos, fomos alertados de que o professor não abriria a boca, temendo represália, justamente por não ter estabilidade. Mas ocorreu o contrário. Todos falaram, mostraram os seus problemas, apresentaram sugestões.

"Estado e município misturavam tudo, por pertencerem ao PDS. A Prefeitura acabou prestando caridade"

O ESTADO — E como foi possível provocar esta mudança rápida?

Eglê — Eu comecei a lhes mostrar que já havia acabado o AI-5, o 477 e que, apesar de ainda existirem algumas leis de exceção, o novo Governo deverá revogá-las automaticamente. Disse-lhes que o espaço democrático já conquistado se ampliaria ou se reproduziria na medida que nós estivéssemos usando-o. Então, caberia a cada pessoa o direito de falar, expor suas idéias. Coloquei também que eles não eram funcionários de tal ou qual prefeito ou de tal ou qual secretaria. Que eles eram funcionários do povo de Florianópolis, que pagava impostos, que lhes pagava seus salários e que era com ele (povo) que tinham de cumprir seus compromissos, somente. Conseguimos, então, descontraí-los e integrá-los numa ampla discussão sobre a Educação. Formou-se, então, um novo clima de confiança.

O ESTADO — Já existe uma nova consciência?

Eglê — Ainda falta muita coisa para se fazer. Mas o professorado, durante muito tempo, ficou sem iniciativa, na obrigação apenas de obedecer às ordens que vieram de cima, fossem quais fossem. Mas no Brasil, de modo geral, quem é professor já tem uma motivação interna tão grande que, apesar dos pesares, torna o ensino menos pior do que se imagina. Em Florianópolis, a qualidade do ensino é boa, considerando sua organização e os salários dos docentes. Sob esta ótica, o nosso ensino é bom, não que não possa ser melhorado. Ao contrário, pode ser melhorado e em muito. Terá que se fazer mudanças na estrutura das escolas. com eleição direta para diretores das unidades e, com isso, passaríamos a não nos incomodar mais com as pessoas que estão no poder. A relação com o poder mudaria porque o compromisso da escola não seria mais com quem estaria mandando, mas sim exclusivamene com a comunidade que o elegeu.

"Havia creches que se fossem fiscalizadas pelo DSP, teriam que ser imediatamente fechadas"

O ESTADO — No caso de o PDS retomar a Prefeitura, estará o professor suficientemente preparado para não permitir um retrocesso na administração das escolas?

Eglê — Por estarmos numa administração de transição, procuramos dar às pessoas a necessária confiança no valor e responsabilidade do seu trabalho. Substituir esta relação de poder, relação do medo que existia pela relação de cooperação foi a nossa principal meta. Não no sentido de que todo mundo pode fazer o que quer, mas procurar tomar decisão em conjunto e fazer com que todos a cumpram. Mudando a administração para as mãos do PDS, poderão haver pessoas interessadas no retorno ao estilo passado de administração. Mas irá enfrentar, seguramente, resistência, porque se implantou uma consciência dos deveres básicos de cada pessoa. Há hoje uma nova alegria no trabalho. Houve gente que veio reclamar porque sentiu que o pessoal, principalmente os professores, estava muito aberto. Ora, é bem melhor trabalhar assim do que num clima de pessimismo.

O ESTADO — A falta de recursos, ainda mais agora que o Governo da Capital é de um partido diferente, continua dificultando a vida da Secretaria?

Eglê — Há escolas que têm uma estrutura física confortável, mas está há mais de dois anos sem carteira. Tivemos de comprar carteiras em quantidade tão grande que não houve em Florianópolis firma habilitada para nos atender em tão pouco tempo. Tivemos de recorrer a Curitiba. A situação estava insustentável em alguma escola onde alunos não podiam frequentar o banheiro em péssimas condições, ou cozinha que não tinha fogão. Quando chegou a avalanche de reclamações tive a impressão de que acontecera uma enchente. Fiquei sabendo que se tratavam de pedidos já reiterados há mais de três anos. Claro que nesta latura uma pequena rachadura se transforma num rombo; um banheiro que vaza, torna-se um banheiro entupido. Mas, na verdade, os problemas sérios eram muitos. A Prefeitura endividada não tinha crédito na praça, nem para comprar um lápis. O setor de merenda escolar estava crítico. Como o fornecedor não recebia o dinheiro com regularidade, sobretaxava o preço. Além disso, a merenda era adquirida em quantidade muito volumosa e sem qualquer orientação técnica — não havia nutricionista; agora contratamos uma. Uma grande quantidade de produtos industrializados, como o Toddy, Nescau, Farinha Lactea, Neston, era comprada e enviada para as escolas sem qualquer planejamento. Então ocorriam casos em que unidades com poucos alunos recebiam alimentos em quantidades exorbitantes. Encontramos escolas com estoques de feijão velho e, no entanto, não tinham açúcar e leite. Além disso, não se estabelecia critério sobre o valor protéico da alimentação fornecida. Estamos fazendo um levantamento completo para identificar as irregularidades e encontrar soluções. Há pessoas que fornecem leite a preços acima da tabela.

O ESTADO — A falta de critério na distribuição de alimentos prejudicava as crianças do pré-escolar?

Eglê — A situação estava caótica. Não havia definição sobre qual a merenda de que necessitava a criança; se era a básica ou a suplementar. Ou dièta básica. A merenda tem que ser definida de acordo com a situação sócio-econômica de cada estudante. O pré-escolar mantido pela prefeitura apresenta um outro problema. De 300 alunos pulou para quatro mil. Na verdade, o pré-escolar é um depósito de crianças, com poucas exceções, que não atende a nenhum requisito científico e pedagógico. O pessoal que trabalha nesta área, em sua maioria, não é preparado para a função. A idéia generalizada é de que para cuidar de criança basta a mocinha ter paciência e saber agradá-la. O modelo básico exige formação e competência. Já se dizia que se continuássemos a aprender pela vida afora o que aprendemos nos primeiros anos de vida, todos nós seríamos um Einstein.

"Se o PDS retomar a Prefeitura, não terá condições de voltar ao seu estilo de administrar escolas"

O ESTADO — Então a própria filosofia do pré-escolar foi distorcida pela Prefeitura?

Eglê — É o setor mais crítico. Criou-se na população a idéia do direito ao pré-escolar, o que realmente existe, de acordo com a Constituição. Mas não baseado no princípio de que qualquer coisa serve. Ainda se alimenta a idéia de que a Prefeitura está fazendo caridade às crianças. Então dizem: "coitadinho". Ora, a Prefeitura tem a obrigação de cumprir esta missão, compensando para a criança as desvantagens que ela leva em relação a uma outra no nível sócio-econômico, para que ela possa ser um cidadão com igualdade de direitos. Dentro das unidades pré-escolares ainda existem pessoas muito dedicadas, que querem fazer tudo muito bonitinho, engraçadinho, preparando a criança para serem mostradas numa festinha etc. O ensino, desta forma, não é para a criança, mas sim visando a sua preparação para ser exibida. Reprovamos totalmente este tipo de filosofia.

"O servidor fantasma nunca está sozinho Sempre há conivência de outros. Até de autoridades"

O ESTADO - Você não teme uma reação contrária a sua concepção de ensino?

Eglê — Houve, no início, um clima de terror espalhado pelo pessoal que estava deixando a Secretaria. Aliás, eles tiveram a pressa de fazer uma lista de contratações. Iniciamos, então, uma nova política de trabalho, procurando conhecer o rendimento de cada professor, os que realmente estão trabalhando e projetando cursos de aprimoramento, visando à reciclagem da classe. As professoras que estão desempenhando bem suas funções, não precisam se preocupar. Mas, evidentemente, se mesmo com os cursos de aprimoramento, houver professoras relapsas que não tenham a mínima preocupação com a qualidade de ensino, daremos um jeito de remanejá-las, se forem estatutárias, ou rescindir seus contratos se forem substitutas. Só desta forma é que melhoraremos o ensino.

O ESTADO — Qual o modelo de educação que, na sua opinião, se enquadraria perfeitamente no nosso contexto?

Eglê — Acho que a primeira providência é aprofundarmos uma discussão com todos os segmentos interessados na educação: alunos, professores, técnicos, pais. A questão básica da filosofia de ensino é não considerar o aluno como uma caixa vazia enchida de conhecimentos. Mas considerar a criança um ser humano que já tem o seu acervo de conhecimento. O mais absurdo é a filosofia destinada a preparar a criança para a vida. Ora, a criança está vivendo desde os seus primeiros dias. Precisamos é adotar como princípio de que a nossa atribuição como professor é a de ajudar a criança a interiorizar os instrumentos através dos quais ela vai agir e analisar o mundo. Deve-se respeitar a cultura de cada criança e abolir a mania de qualificar a criança com adjetivos de misericórdia — "coitadinho"; "não sabe nada, que pena", "temos de ensinar-lhe". Cabe ao professor ter habilidade suficiente para identificar no aluno a sua cultura capaz de ser desenvolvida. Com isso, o aluno adquire confiança, segurança e maior e melhor rendimento. O importante é sabermos ajudar a criança a se valorizar e saber situar-se no contexto.

46	CAIEIRA, Rita. Uma prova de competência. **O Estado**, Florianópolis, 04 de mar. de 1985. Roda-Viva, p.7.

HARTERS SEMANAIS: USA
A, COM PARTE TERRESTRE
one 22-6529 - Fpolis - Reg. Embratur 032170142-5
LOVETUR
AGÊNCIA DE VIAGENS LTDA.

RVA

Rita Caieira

Grandes mudanças

Palavras de um assessor do Governador Esperidião Amin: "quatro secretarias, no mínimo, deverão ganhar novos titulares".

* * *

A estratégia do Governa-

46

Uma prova de competência

Em apenas um mês no cargo, a secretária Eglê Malheiros, da Educação Municipal, já demonstrou que está disposta a trabalhar. Já tem pronto o Estatuto do Magistério Municipal, que corrigirá, se for executado, as distorções salariais (há professores primários ganhando o salário mínimo) e dará injeção nova na educação de Florianópolis.

* * *

Eglê tem prontos projetos de mudança no ensino municipal, que no âmbito do Estado levaram anos para ser elaborados.

Fotos Marco Cezar

47 APESAR do autoritarismo, educação manteve alguma qualidade. O Estado, Florianópolis, 10 de jan. d e1986. 2º Caderno.

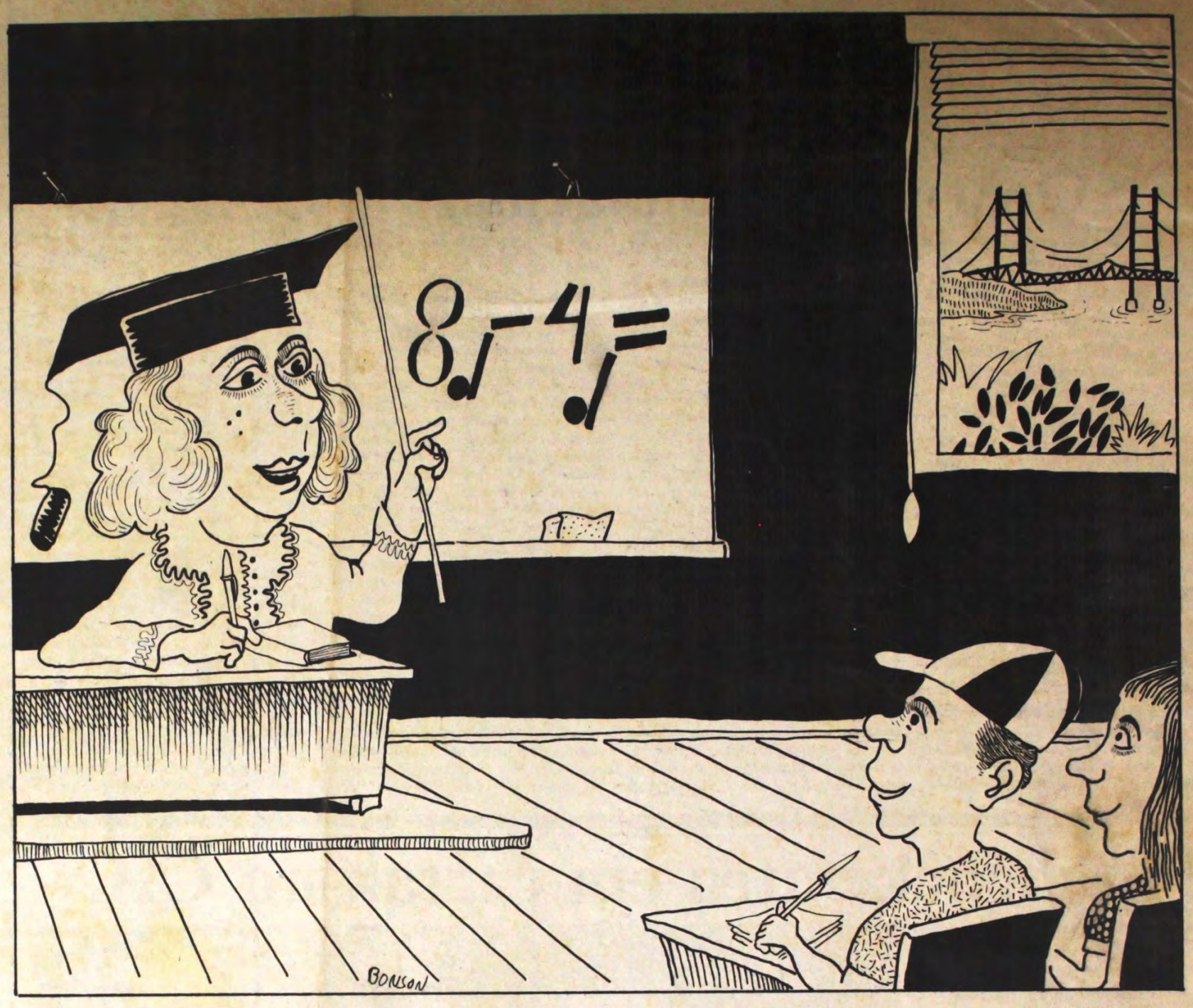
47

Um novo tempo na educação

No próximo dia 20 de fevereiro, quando iniciar o ano letivo de 1986, a escola pública municipal de Florianópolis vai ter, pela primeira vez, uma Secretaria de Educação independente, desmembrada do setor de Saúde e Promoção Social. Telma Piacentini, a nova Secretária, empossada no início de janeiro pelo Prefeito Edison Andrino, fala sobre a situação do ensino básico municipal e sobre seus planos para melhorar a qualidade da instrução oferecida até agora às crianças de Florianópolis.

Ela acha que a situação precária do ensino está ligada basicamente a dois fatores, a carência da maioria dos alunos que, em geral são mal alimentados e mal orientados em casa, e a carência a que estão submetidas as professoras, que são mal pagas e não têm recursos para se aprimorar. Esses dois fatores, segundo Telma, são decorrentes da politicagem que dominou o setor nos últimos 20 anos.

Outras duas educadoras falam sobre o mesmo tema e confirmam as palavras da nova Secretária: Eglê Malheiros, que desempenhou a função por alguns meses e que recusou o convite de Andrino para reassumir o cargo, e Catarina dos Santos, diretora da Escola Básica do Pantanal.



Garra para mudar quadro atual

A nova secretária da educação, Telma Piacentini, professora universitária, separada, dois filhos, acha que se a educação é meta prioritária, deve ser tratada como tal. Ela assumiu o cargo "com muita garra" e seu objetivo é melhorar a qualidade do ensino oferecido pelas escolas públicas do município. Ela quer transformar a escola atual, obsoleta e problemática, "na melhor escola possível".

Segundo Telma, os últimos 20 anos de autoritarismo só trouxe perda de qualidade para o ensino e é preciso começar agora um novo aprendizado, na base do respeito pela criança e pelo professor. "O professor vai ser o ponto chave nessa nova proposta", diz a Secretária. "Um professor bem preparado, com melhor salário, mais valorizado e reconhecido pela sociedade é fundamental".

Telma conhece muito bem a problemática do professor e a precariedade da escola pública. "Um professor formado em cursos que foram decrescendo em qualidade, por melhor intenção que tivesse, não podia comprar livros, freqüentar cursos ou participar de seminários por falta de recursos".

A nova escola, segundo Telma, deve ter uma administração voltada para a sociedade, implantando uma vida escolar seaudável e alegre, mas rigorosa do ponto de vista profissional. Telma é totalmente contra a opressão da criança na escola. "Calar a boca de um aluno é fazer com que esse aluno, mais adiante, seja um cidadão passivo, dependente e temeroso ao colocar suas idéias", diz ela.

Sobre a escola particular, a Secretária diz que, embora nem todas ofereçam um bom grau de ensino, possibilita melhores condições de desenvolvimento ao aluno, oferece oportunidades que a escola pública ainda não tem condições de oferecer. "As crianças das escolas públicas vêm de um espaço cultural problematizado, com deficiência alimentar. E todo o mundo sabe que isso atrapalha, desfavorece. O aluno mal alimentado aprende menos pois com fome, quem consegue aprender?

Uma das grandes preocupações da nova administração municipal, diz a Secretária, é dar à criança uma merenda escolar saudável e também uma pré-merenda, porque a criança chega à escola com fome, o que torna o ensino uma questão séria no enfrentamento do aprendizado. Essa merenda, segundo Telma, precisa ser complementada por uma atuação mais eficiente do setor encarregado da saúde pública.

Outro fator importante, destaca Telma Piacentini, é o conhecimento que o professor deve ter da origem do aluno, de onde ele veio, qual é a sua história, sua carência, por que é assim. "O aluno não deve ser tratado como um carente, precisamos superar essa imagem, devemos ver que essa criança está em processo de formação e não é apenas mais um coitadinho".

Quanto à administração da nova Secretaria, Telma diz que tem que ser como uma caixa de ressonância do que existe de melhor. "Há um ritual pedagógico que a gente está querendo construir. Ao invés da criança ficar sentada numa sala de aula, como se essa fosse a única maneira de aprender, e mantida em silêncio num ritual de opressão, devemos partir para uma nova política educacional. Criar um espaço cheio de vida, em que o aprendizado tenha força, com participação, saúde mental, troca, vivência do momento pedagógico".

Telma Piacentini é contra o uso de sirenes nas escolas. Essas sirenes, segundo ela, lembram os campos de concentração. Por isso pretende implantar nas escolas um sistema de chamada musical. E, dentro de um espaço cultural, ela tem planos para criar bibliotecas e cursos de pintura e de dança. "Uma escola tem que ser colorida, cheia de humor. Não se pode separar o ensino da aleglria" — diz a nova Secretária de Educação do Município.

Telma Piacentini quer humanizar a escola, e até propõe fim da sirene

Apesar do autoritarismo, educação manteve alguma qualidade

Sentindo-se sem energia para enfrentar outra vez o trabalho de Secretária de Educação, a professora Eglê Malheiros recusou o convite feito por Edison Andrino. Mas ficou muito honrada, especialmente porque esse convite veio através de seu partido, o Partido Comunista Brasileiro.

Vinda de uma experiência num secretariado e numa administração municipal instável, sem verbas e fazendo "o possível e o impossível" com os poucos recursos disponíveis, ela hoje dá incentivo à nova Secretária, demonstrando esperança no futuro da educação. Ela diz que acredita na capacidade de Edison Andrino e no preparo de Telma Piacentini.

Depois do golpe de 1964, afirma Eglê, a educação foi relegada aos últimos planos, o professor passou a ter menos "status", perdeu espaço e não era respeitado. Então, ele trabalhava por amor ou por não conseguir nada melhor. Antes de 1964, ela reconhece, havia escola ruim, mas as crianças traziam de casa o estímulo da leitura, do noticiário de rádio. E as normalistas eram filhas da classe média e tinham um ambiente intelectual melhor em casa.

Mesmo com o autoritarismo, a educação conseguiu manter alguma qualidade graças à dedicação e ao esforço pessoal de alguns professores. Acreditando nessa dedicação e nesse esforço, agora sobre bases democráticas, Eglê espera que dentro de uns quatro ou cinco anos vai se notar a diferença para melhor na educação pública municipal. Sobre as eleições diretas para o cargo de diretor, ela acha que a partir de agora os critérios não serão mais políticos partidários e sim os requisitos técnicos educacionais.

Durante o tempo em que permaneceu na pasta da educação, no ano passado, Eglê vivenciou um estado de insolvência total na Prefeitura. Não havia divisão de verbas pois a secretaria era de Saúde, Educaçao e Promoção Social. Além disso o prefeito Aloísio Piazza sofria o boicote do Governador Esperidião Amin, que a todo o momento ameaçava enviar outro nome a aprovação da Assembléia Legislativa, e com o objetivo de retomar a Prefeitura para o PDS. "Era uma forma de procurar imobilizar o nosso trabalho. Além da falta de verbas e de organização (um funcionário com três anos de serviço podia ganhar o mesmo que um de 30 anos de serviço), a merenda escolar vinha enrolada com propaganda política", denuncia Eglê.

A educadora está satisfeita com a escolha de Telma Piacentini para a Secretaria da Educação. Ela acha que Telma vai encontrar apoio junto ao professorado e salienta que o relacionamento da Prefeitura com o Governo e há recursos federais alocados e possibilidade de se fazer convênios, facilitando o trabalho a ser realizado.

Apesar da satisfação pelo convite, Eglê sentiu-se sem energia para assumir o cargo

Eglê Malheiros destaca dois pontos de extrema importância para o futuro das crianças de Florianópolis: a alimentação escolar e a nova visão do ensino. "Criança mal alimentada não aprende. Ou se alimenta essas crianças ou se leva o País a uma situação de calamidade. Por outro lado, não se deve aprovar uma criança que não sabe interpretar o que lê. Educação é um direito básico de sobrevivência e de dignidade, uma questão de salvação pública. Quem não for alfabetizado está condenado ao subemprego, vai ficar reduzido a servente de obra".

A longa espera por uma educação que respeite o aluno

Há 16 anos que ela espera uma escola ampla, onde possa dar a chance de ensino a um número maior de crianças. Catarina Maria Silveira dos Santos, diretora da Escola Básica "Professora Beatriz de Souza Brito" está vendo seu sonho ser realizado este ano, com a construção do novo prédio da escola municipal do Pantanal.

Catarina, que viveu as dores e os sofrimentos de alunos e professores na época do autoritarismo, acredita que as coisas vão melhorar muito com a nova administração. "Então vamos botar uma pedra em cima do passado e começar tudo de novo, com muita força", diz ela.

A escola básica do Pantanal, que abre as portas em novo prédio, vai ter desde jardim e pré-escolar até a 6ª série (e prosseguirá até a oitava série conforme os alunos forem avançando). Embora tenha passado de quatro para dez salas de aula, que abrigarão 350 crianças, a escola já não tem mais vagas para suprir a demanda.

Abrindo o jardim, a criança vai encontrar na escola um ambiente novo, uma oportunidade de sair de casa para outro convívio, com outro tipo de amor e dedicação, que é a vivência pré-escolar. E ainda com a oportunidade de permanecer por longo tempo na mesma escola, até concluir o primeiro grau. "Criança que encontra na escola um bom ambiente, não tem dúvida que vai pra frente", garante Catarina. "E quando recebe o estímulo dos pais, então é perfeito".

A diretora da escola "Souza Brito" dá muito valor à equipe de professoras que trabalham com ela. "A capacidade e dedicação dessas professoras é incrível", diz ela. "Elas ouvem a criança, estudam junto e nunca deixam o aluno na mão". Mesmo quando os alunos carentes não levam material escolar, as próprias professoras suprem essa falta para não deixar as crianças sem estímulo para estudar.

Catarina está orgulhosa porque sua escola tem recebido crianças vindas até de escolas particulares, como a Barddal e a Imaculada Conceição. E tem algumas idéias com relação ao método de ensino. A sugestão principal é de que se mantenham as professoras em matérias específicas da 1ª à 5ª série, como ocorre a partir da 6ª série. Isso, segundo Catarina, facilita o estudo da criança e o preparo das aulas pelas professoras.

O novo prédio, além das 10 salas de aula, contém ainda 10 banheiros, um laboratório, uma sala de professores, uma sala para a direção, biblioteca, cozinha e amplo espaço para brincadeiras e educação física. Na antiga escola, por falta de espaço, os exercícios eram feitos no campus da UFSC.

A higiene bucal continuará sendo promovida, com o sistema de atendimento dentário, aplicação de flúor semanalmente e escovação após a merenda. Catarina espera que em breve seja criada uma creche para atender bebês, o que, segundo ela, "será maravilhoso, pois teremos em nosso convívio a criança desde pequena, recebida com amor. Será uma alegria tão grande que eu até já me sinto emocionada", diz a educadora.

Ana Lemos

2º CADERNO

Florianópolis, 10 de janeiro de 1986

48 DESOBEDIÊNCIA civil. Jornal de Santa Catarina, 11 e 12 de out. de 1987. Literatura, p. 27.

LITERATURA

Quem nunca curtiu uma paixão
Nunca vai ter nada não

(Vinícius de Moraes)

James Tavares

Recado de Primavera

(Rubem Braga, do livro Recado de Primavera)

Meu caro Vinícius de Moraes:

Escrevo-lhe aqui de Ipanema para lhe dar uma notícia grave: A Primavera chegou. Você partiu antes. É a primeira Primavera, de 1913 para cá, sem a sua participação. Seu nome virou placa de rua; nessa rua, que tem seu nome na placa, vi ontem três garotas de Ipanema que usavam minissaias. Parece que a moda voltou nesta Primavera — acho que você aprovaria. O mar anda virado; houve uma Lestada muito forte, depois veio um Sudoeste com chuva e frio. E daqui de minha casa vejo uma vaga de espuma galgar o costão sul da Ilha das Palmas. São violências primaveris.

O sinal mais humilde da chegada da Primavera vi aqui junto de minha varanda. Um tico-tico com uma folhinha seca de capim no bico. Ele está fazendo ninho numa touceira de samambaia, debaixo da pitangueira. Pouco depois vi que se aproximava, muito matreiro, um pássaro-preto, desses que chamam de chopim. Não trazia nada no bico: vinha apenas fiscalizar, saber se o outro já havia arrumado o ninho para ele pôr seus ovos.

Isto é uma história tão antiga que parece que só podia acontecer lá no fundo da roça, talvez no tempo do Império. Pois está acontecendo aqui em Ipanema, em minha casa, poeta. Acontecendo como a Primavera. Estive em Blumenau, onde há moitas de azaléias e manacás em flor; e em cada mocinha loira, uma esperança de Vera Fischer. Agora vou ao Maranhão, reino de Ferreira Gullar, cuja poesia você tanto amava, e que fez 50 anos. O tempo vai passando, poeta. Chega a Primavera nesta Ipanema, toda cheia de sua música e de seus versos. Eu ainda vou ficando um pouco por aqui — a vigiar, em seu nome, as ondas, os tico-ticos e as moças em flor. Adeus.

Setembro, 1908

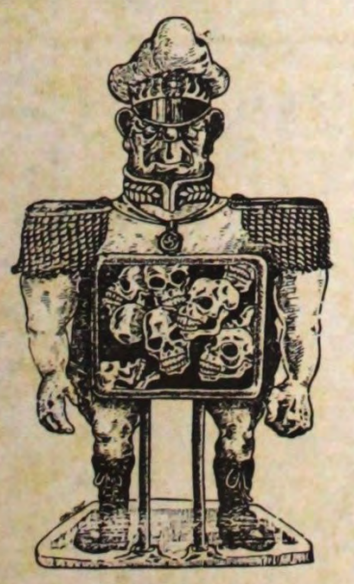
Intervenções militares

Já está pronto o texto preliminar de um novo livro do Professor Nilson Borges Filho, da Pós-Graduação em Direito e do Núcleo de Estudos Civis e Militares da UFSC. Analisará as intervenções militares no Brasil, não esquecendo de enfocar, criticamente, a intromissão das Forças Armadas na Constituinte.

No seu trabalho, Nilson discute os diversos modelos de interpretação que procuram explicar a intervenção dos militares no processo político, tendo como ponto de partida os golpes deflagrados desde 1889. O autor tenta apontar as causas que levam o aparelho militar a sair dos quartéis para "abraçar" a crise institucional.

Os pesquisador nota que até o golpe de 64 as Forças Armadas exerciam a função "arbitral-Militar". E com a derrubada de João Goulart, essa intervenção ganha novo perfil: elas assumem a função "dirigente" do Estado, afastando os civis dos núcleos de participação e decisão políticas.

E ainda hoje, no Governo Sarney, com todo desgaste que tiveram na ditadura, os militares influem nas grandes decisões de Governo, mantendo a Nação sob suas botas e cavalos.



Desobediência civil

(No Plano Cruzado I, alguns empresários inescrupulosos desmoralizaram o que se conhecia como "desobediência civil". O boicote, em nome do lucro, derrubou o Plano. Mas "desobediência civil" não é isso: desobediência civil é resistência a toda e qualquer lei que é contrária ao senso comum, que achincalha com o cidadão. E o Plano Cruzado tinha apoio maciço de 90 por cento da população).

Tânia Maria Piacentini, do Centro de Ciências da Educação, da UFSC, ao analisar o livro "Desça, Menino", de Eglê Malheiros, recupera o conceito de "Desobediência Civil". Eglê, tratando as crianças com respeito e não como se fossem babacas, discute e relativiza, segundo Piacentini, "o poder das autoridades, o poder do saber, o poder dos mais velhos".

Segue o artigo de Tânia Maria Piacentini "Desobediência Civil", publicado na revista "Travessia", nº 10, da Editora da UFSC:

Desça, menino:é o primeiro livro destinado a crianças e adolescentes que Eglê Malheiros — jornalista, crítica literária, especialista em literatura infanto-juvenil — lança, pela Criar Edições, de Curitiba.

Já à primeira leitura, percebe-se que é um livro de quem domina o assunto, de quem entende de literatura. Trata-se de um trabalho literário sério e consistente, que não escorrega para o facilitário pieguismo que transparece em muitas obras caracterizadas como infantis ou juvenis. Pieguismo que aparece como proteção à infância, ora na seleção de temas, ora no encaminhamento para a "boa moral da história", ora nos recursos lingüísticos que infantilizam o leitor. Sem estas concessões, tanto a nível de linguagem quanto a nível ideológico, a autora demonstra o seu respeito aos leitores de pouca idade.

O enredo é daqueles que enreda o leitor, mantendo-o atento e interessado: uma boa história, bem contada, com suspense e ação. Um grupo de crianças de 6ª série, diante da ameaça de corte da velha mangueira do pátio da escola, se organiza para defendê-la e enfrenta as autoridades. As crianças sobem nos galhos da árvore, resistem às ameaças, argumentam, convencem, ganham novos adeptos à causa ecológica e saem vitoriosas.

Defesa do meio ambiente e consciência ecológica constituem o pano de fundo ao qual se entrelaçam situações que permitem a leitura de temas muito significativos, como a organização de pessoas e grupos para pressão e participação nas decisões que dizem respeito à vida social.

Outro tema é o do autoritarismo que, travestido em direitos da autoridade constituída, permeia as relações, tanto na escola quanto fora dela. Em última análise, é o próprio poder que é discutido e relativizado: o poder das autoridades, o poder do saber, o poder dos mais velhos.

Mas se coisas assim tão "adultas" podem ser lidas neste livro, isto não significa que ele seja pesado, pouco atraente ou de leitura difícil para o seu público - digamos — especifico. Pelo contrário, a história é contada com ritmo, com humor, com a propriedade de quem domina a técnica da narração.

Não é de se esperar também que crianças e ou adolescentes façam esta mesma leitura do Desça, menino: Nem a dos pais ou a da professora. Afinal, a literatura se caracteriza exatamente pela multiplicidade de significados.

Aliás, seria uma pena se um livro que possibilita várias leituras e interpretações chegasse a seu leitor pelo velho e difícil caminho da interpretação única, da descoberta da "mensagem do autor", pelos vieses do gosto ou preconceitos dos leitores privilegiados. Quando é mesmo que os jovens vão se revoltar contra isso?

48

Paixão

Virson Holderbaun

Essa tormenta explodindo no meu olhar
Não reveles seu indescritível segredo
guarda-o no fundo dos teus mistérios
entre eles, ela vai germinar
e então uma delicada teia de finas ervas
brotará no furor da primavera
no momento em que a tempestade desabar

Ao Velho do Restelo

Patrícia Blower (do livro Moinhos ao Vento* — Editora Fontana).

Parto hoje para terras frias
Esmalte e sombra
é o que espero
e deixo cravadas neste horizonte etéreo
a chama de um sorriso
pros amigos
a garça de um indulto
a quem não quero.

* Sobre o livro Fernando Py afirma na introdução que ele "representa um grande salto qualitativo e humanístico". E que daqui para frente "cabe à própria Patrícia confirmar as esperanças que deposito em sua obra".

Girassóis

A Editora Moderna, dentro da Coleção Girassol, apresenta boas opções para o público infantil.

"Tita, A poeta", de Renata Pallottini: "Tita é uma menina que fala em versos. Faz mais: transformar em poesia a vida que a cerca, a vida da mãe e até a vida do irmãozinho que ela não tem. Vai daí que aparece Dona Preta, simpática e amiga, cheia de idéias, mas cheia de problemas também, que haverão de preocupar a menina Tita. Isso, porém, são outros versos e outras rimas..."

"Declaração Universal dos Direitos Humanos", de Ruth Rocha e Otávio Roth: "Adaptação para crianças da Declaração Universal dos Direitos Humanos, texto aprovado pela ONU. Este livro traz para as crianças e mesmo para adultos um dos textos mais importantes de todos os tempos. Numa época em que há tantos problemas internacionais preocupando a humanidade, todas as pessoas deveriam conhecer e divulgar este texto". E lutar para colocá-lo em prática.

"O Empinador de Estrela", de Lourenço Diaféria: "Um menino, com a cabeça cheia de idéias, sem nome, porque poderia ser você, ou poderia ter sido eu. O mundo, da casa às estrelas, visto pela rica imaginação de sua cabeça livre, cheia de sonhos e vazia de ódios. Até que a doença do pai vem trazer uma realidade assustadora com a qual ele tem de lidar..."

(Observação: Na Bienal de São Paulo a literatura infantil foi a que mais vendeu. Bom sinal!?)

As freiras lésbicas

(depoimentos)

Rosemary e Nancy

Com 150 mil exemplares na primeira edição, a Editora Best Seller lançou "As Freiras Lésbicas — Rompendo o Silêncio", de Rosemary Curb e Nancy Manahan. Ao contrário do que parece, o livro tem um fundo sério, revelando, por exemplo, como a vocação para a vida religiosa pode permanecer intacta até mesmo entre freiras lésbicas. Quarenta e nove freiras botam a boca no mundo, colocando abaixo o silêncio imposto pelos conventos. "Penso que temores como os de minha mãe é que contribuem para manter a todas nós enrustidas. Dizer a verdade nos libertará", diz Rosemary Curb. A tradução para o Brasil é de Diogo Borges.

Dois

(Do livro: "De Tarde, O Amor" de Marisa Bueloni, Edit Massao Ohno)

Temos uma
diferença:

és todo
ateu
sou toda
crença

e quando
digo uva
entendes
chuva

nossa
convivência
é fé
e paciência.

LEITURA COMENTADA

Jair Francisco Hamms

49 DALCASTAGNÉ, Regina. Poeta maior do simbolismo vira personagem teatral. **Correio Braziliense**, 21 de dezembro de 1995. Correio Dois/Teatro, p. 3

TEATRO

Poeta maior do simbolismo vira personagem teatral

O poeta catarinense Cruz e Sousa é tema da peça escrita por Eglê Malheiros

Cruz e Sousa é o tema da peça Vozes Veladas

Regina Dalcastagnè
Especial para o **Correio**

Maior poeta do simbolismo brasileiro, Cruz e Sousa é agora personagem de uma peça teatral. *Vozes Veladas*, de Eglê Malheiros, aproveita a vida e a obra do poeta para discutir temas como o racismo e a função social do artista. O texto, publicado pela editora Movimento, será encenado no Rio de Janeiro, sob direção de Stepan Nercessian.

João da Cruz e Sousa nasceu em Desterro, hoje Florianópolis, em 1861. Filho de escravos, ganha a afeição dos senhores, que não têm filhos. Negro, *dândi* e poeta, só podia encontrar — como encontra — a incompreensão e o sarcasmo da Província.

Muda para o Rio, onde participa de grupos literários, consegue um modesto emprego na Central do Brasil e enfrenta a indiferença, a pobreza e até a loucura da mulher. Morre em 1898, em Minas, para onde fora na tentativa vã de vencer a tuberculose.

Vozes Veladas apresenta-se como um exercício de metateatro. É o ensaio de uma peça sobre Cruz e Sousa, em que o próprio poeta desempenha o papel de "ponto" (de fato, ele exerceu essa função em companhias teatrais da época). Cada personagem é ao mesmo tempo um ator, envolvido com a produção da peça e às voltas com um diretor autoritário e limitado, e um dos amigos do poeta.

Assim, *Vozes Veladas* é tanto uma obra inspirada na vida de Cruz e Sousa quanto uma reflexão sobre o que esta vida ainda tem a nos dizer, cem anos depois. A peça ainda se vale de uma hábil utilização de textos do poeta, principalmente poemas, que pontuam com dramaticidade as cenas.

Ensaio — Eglê Malheiros é poeta, contista, tradutora, ensaísta, roteirista de cinema e professora. *Vozes Veladas* é sua estréia como dramaturga. O livro inclui, além da peça em dois atos, um ensaio da autora sobre Cruz e Sousa.

No texto, é retratado em cores fortes o racismo que atingia Cruz e Sousa na terra natal: "É para a maioria o negrinho mau-rimador, o negrinho maluco. Negro pernóstico, que não conhece o seu lugar. Imaginem, um sujeitinho, filho de negros puros, sem um pinguinho de sangue branco para explicar o gosto artístico".

Nestas condições adversas, a força de sua poesia e a obstinação com que prossegue em seu fazer literário chegam a espantar. Mas, como conclui a autora, "-quem explica o milagre da criação artística? O milagre da grandeza espiritual?"

TRECHO

Litania dos pobres
De Cruz e Sousa

Os miseráveis, os rotos
são as flores dos esgotos.
São espectros implacáveis
os rotos, os miseráveis.

São prantos negros de furnas
caladas, mudas, soturnas.
São os grandes visionários
dos abismos tumultuários.
As sombras das sombras mortas,
cegos, a tatear nas portas.
Procurando o céu, aflitos
e varando o céu de gritos.

SERVIÇO

Vozes Veladas

Eglê Malheiros. Editora Movimento (Rua Banco Inglês, 252, Porto Alegre — RS, CEP 90840-600), 68 páginas, R$ 8,00.

MÚSICA

Filho de Elis Regina lança álbum junto com amigos

João Marcelo fez seu primeiro disco com vinte músicos

Irlam Rocha Lima
Da equipe do **Correio**

Não foi só o sorriso que João Marcelo herdou de Elis Regina. Da mãe ele buscou também cultivar o rigor quase obsessivo em relação a qualidade, em tudo que realiza. Foi assim, por exemplo, em relação a *João Marcelo Bôscoli & Cia*, seu primeiro álbum, que chegou recentemente às lojas.

"Só gravei este disco quando senti que havia chegado à maturidade artística. Não queria fazer alguma coisa que pudesse ser vista como uma empreitada comercial", disse o músico e produtor, falando por telefone, do Rio de Janeiro, ao **Correio Braziliense.**

Trabalhando com música há vários anos, ele chegou a Sony Music depois de uma disputa da qual participaram outras gravadoras. Seu prestígio cresceu depois que passou a comandar o programa *Companhia de Música* na CNT (ainda não sintonizada pelo brasiliense), que ficou quase uma ano em cartaz.

O programa, que recebeu alguns prêmios e muitos elogios da crítica, acabou sendo tirado do ar pela direção da emissora paranaense, sob a alegação de não ter atraído um grande público.

Comunhão — João Marcelo considerou um desafio apresentar o *Companhia de Música* diariamente, mas preferiu não fazer comentários sobre sua saída da CNT. Disse que nunca recebeu nenhum convite oficial para fazer o programa na TV Globo e confirmou sua ida para a TV Cultura, de São Paulo.

Sobre o seu primeiro álbum, o músico faz questão de deixar claro que "é o resultado do trabalho de 20 músicos e quatro cantores, seis arranjadores e 15 compositores, por isso o *João Marcelo Bôscoli & Cia.*

Ele próprio participa tocando bateria, teclados, além de fazer vocal na faixa *Poemas*, num coro do qual tomam parte também os poetas Arnaldo Antunes, Waly Salomão e Bernardo Vilhena e o cantor Cláudio Zoli. "Eu podia ter feito a coisa sozinho, mas a comunhão é fundamental", defende.

Com a agenda cheia de compromissos, João Marcelo chegará ao final do ano com muito trabalho. Muito disciplinado, ele acredita que essa é uma das características que assimilou do maestro César Camargo Mariano.

Divulgação

João Marcelo participa do disco tocando bateria e teclados e faz vocal em Poemas

50 LIMA, Jeferson. Debate e livro de poesias revivem anos modernistas. **ANcapital**, Florianópolis, 29 de abr. de 1999. Variedades.

AN Capital
QUINTA-FEIRA • 29 DE ABRIL DE 1999

50

Mostra no Centro Integrado de Cultura traz a Florianópolis arte contemporânea de 12 artistas espanholas

DIVULGAÇÃO

Feminino, Plural

OSMAR GOMES

Doze artistas plásticas de Valência, Espanha, estão representadas no Brasil por suas peças com linguagem contemporânea, exibidas a partir de hoje, às 20 horas, no Museu de Arte de Santa Catarina (Masc), no Centro Integrado de Cultura (CIC). A promoção da coletiva itinerante é do Centro Cultural Brasil—Espanha de Florianópolis, embaixada da Espanha, Agência Espanhola de Cooperação Internacional e Generalitat Valenciana. A Capital recebe a mega e valiosa coletiva depois de cidades espanholas, italianas, mexicanas, uruguaias e Brasília.

O sugestivo título da exposição, "Feminino, Plural", proclama a idéia de que as mulheres, neste século principalmente, conquistaram seus espaços em todos os campos e consolidaram sua efetiva participação no mundo das artes. Nesta coletiva podem ser vistas expressivas pinturas, objetos e instalações de Olga Adelantado, Blanca Camuñas, Teresa Cebrián, Teresa Cháfer, Maribel Domènenech, Mavi Escamilla, Fuencista Navalón. Pamen Pereira, Amparo Tormo e Rocío Villalonga.

Esta é mais uma etapa da consolidação de Santa Catarina como receptora dos projetos da embaixada da Espanha e da Agência Espanhola de Cooperação Internacional, conforme declarou o coordenador dos centros culturais espalhados pelo Brasil, Xavier Briz de Toledo, durante visita ao Estado no começo deste ano.

Em maio, de acordo com a diretora em Florianópolis, Montserrat Hernández, será inaugurada na sede do Centro Cultural uma mostra coletiva com obras de artistas plásticas catarinenses, "dentro da proposta de manter intercâmbio com a cultura regional", reitera.

Obras em diferentes tamanhos e estilos, com imagens reveladas por cores quentes e frias, alegres e tristes, como naturalmente é o movimento da alma humana, realçam o ambiente contemporâneo, lúdico e contestador ao mesmo tempo, de "Feminino, Plural". Está traduzido em cada elemento da montagem o que escreveu Isabel Escudero: "As mulheres vivem em líquidos, sangue, leite, lágrimas. Sabem das marés da memória e recitam as estações... Quando os amantes escutam seus corpos, ouvem o mar...". "Feminino, Plural", portanto, é uma oportunidade ímpar de saber como anda a razão sensível das artistas espanholas.

Os organizadores da "Feminino, Plural" destacam que o público pode ver um "panorama heterogêneo e diverso de uma realidade plástica na qual se conjugam pluraridade e experimentação". Para o administrador do Museu de Arte de Santa Catarina (Masc), João Evangelista de Andrade Filho, trata-se de um depoimento do ascendente papel social da mulher no século 20. "Traz à tona um mundo de experimentação que se encaixa na problemática visual contemporânea, universal, com o aporte de um pequeno acento telúrico espanhol". "O valor estético da mostra está fora de questão, como atestam os respeitáveis currículos das artistas", destaca Evangelista.

◆ O QUÊ: **Coletiva de artes plásticas "Feminino, Plural".** ONDE: Museu de Arte de Santa Catarina (Masc). Av. Irineu Bornhausen, 5.600, Agronômica, tel.: 333-2166. QUANDO: Abertura é hoje, às 20 horas. Visitação gratuita até dia 22 de maio. INFORMAÇÕES: Centro Cultural Brasil-Espanha de Florianópolis, promotor do evento: rua Visconde de Ouro Preto, Centro, tel.: 224-8411.

DIVULGAÇÃO

DIVULGAÇÃO

ESTILO E FORMA **Entre as obras expostas no Masc estão, a partir do alto, no sentido horário, "Sin Titulo", trabalho em acrílico, grafite e papel de Mavi Escamila; "Solamente Así Evitarás Flotar em el Vacio", de Maribel Domenèch; "Instalación", de Rocio Vilalonga; e "Tertulia", de Blanca Camuñas**

DIVULGAÇÃO

DIVULGAÇÃO

Debate e livro de poesias revivem anos modernistas

A professora Valdézia Pereira lança hoje o livro "A Poesia Modernista Catarinense das Décadas de 40 e 50", uma publicação da editora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que traz um estudo sobre o tema e uma coletânea com os principais poetas do período, a maioria deles do Grupo Sul - o título original era "Poesia do Grupo Sul". É o segundo bom momento este ano da pouco visitada poesia modernista produzida em Santa Catarina no período. Há uma semana a editora Athanor publicou do modernista Aníbal Nunes Pires o título "Terra e Outros Poemas", décimo número de sua coleção Pardes, com capa dura e reprodução com fotocópia e edição de 150 exemplares.

O livro de Valdézia é um ensaio que faz um levantamento minuncioso sobre a produção poética do Grupo Sul, grupo de escritores, artistas, intelectuais que inauguraram o modernismo em Santa Catarina, um movimento de oposição aos parnasianos e românticos, que não perdeu o simbolismo de vista. O escritor Salim Miguel lembra que o Grupo Sul foi responsável por uma das primeiras publicações no Brasil de Fernando Pessia e Miguel Torga, dois poetas portugueses com os olhos voltados para uma nova estética.

Além de abordar a história do grupo Sul, o livro traz uma apresentação biográfica dos poetas e uma antologia de seus principais obras. Anibal Nunes Pires, Antônio Paladino, Walmor Cardoso da Silva e Eglê Malheiros são alguns nomes que se destacavam por ter uma produção mais numerosa e constante. O livro também tem o mérito de trazer alguns versos inéditos, produzidos na época, mas nunca publicados.

O terceiro livro sobre a poesia no período foi publicada pelo professor Lauro Junkes, do Centro de Comunicação e Expressão (CCE) da UFSC em 1982. O professor apresenta um estudo sobre a poesia de Anibal e faz um resgate de seus poemas. **(Jeferson Lima)**

◆ O QUÊ: **Lançamento do livro "A Poesia Modernista Catarinense das Décadas de 40 e 50" e debate "O Grupo Sul e o Modernismo em Santa Catarina", com a participação de escritores, entre eles Eglê Malheiros e Celestino Sachet.** QUANDO: Hoje, às 17h. ONDE: Auditório do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Campus Universitário, Trindade. QUANTO: o livro custa R$ 14,00.

ARQUIVO ANC 22/11/95

AÇÃO **Eglê Malheiros participa do encontro**

51 | A NOTÍCIA recebe medalha cultural. A Notícia, 19 de nov. de 1998. Estado, B1.

Joinville - São Paulo (Congonhas)				
06:45	10:15★	14:50	17:11	21:27★
São Paulo (Congonhas) - Joinville				
06:42★	11:16	15:14★★	18:10★	21:16

*Vôos com o Jet Class. **Vôo com uma escala.

Joinville - Porto Alegre
12:16
Porto Alegre - Joinville
13:46

Rio Sul VARIG
www.rio-sul.com
Toll Free: 0800-99-2004

Sobre a freqüência dos vôos, consulte o seu Agente de Viagens ou a Rio Sul: (047) 422-0307.

Smiles: seus vôos valem milhas.

A Notícia recebe medalha cultural

Premiação será entregue na próxima terça em Florianópolis

Florianópolis — O aniversário de nascimento do maior poeta simbolista do País, o catarinense Cruz e Sousa, será comemorado na próxima terça-feira, dia 24, com a entrega da Medalha do Mérito Cultural a dez instituições e personalidades, entre as quais o jornal **A Notícia**. A solenidade vai ser realizada no Teatro Álvaro de Carvalho, em Florianópolis, a partir das 10 horas.

Além do jornal — premiado pelos serviços prestados à cultura catarinense através do caderno *Anexo* — receberão a medalha o Grupo Atormenta (teatro), o poeta Lindolf Bell, a escritora Eglê Malheiros, os artistas plásticos Aldo Nunes e Elke Hering (in memoriam), Doralécio Soares (historiador), Darcy Brasiliano (Prómúsica), Gilberto Gerlach (cinema) e Danilo Cunha (Embratel).

A Medalha do Mérito Cultural Cruz e Sousa foi instituída com o objetivo de homenagear pessoas e entidades que, de alguma forma, tenham contribuído para o desenvolvimento da cultura no Estado. Conforme consta no Decreto 4.892, que cria o prêmio, a medalha é conferida a "autores de obras literárias, artísticas, educacionais ou científicas relativas ao Estado de Santa Catarina e reconhecidas como de real valor, ou a quem tenha contribuído por outros meios e de modo eficaz para o enriquecimento ou a defesa do patrimônio artístico e cultural do Estado".

Criado em 1994 pelo então presidente da Fundação Catarinense de Cultura, Iaponan Soares, o prêmio só foi efetivado no ano passado. O atraso deveu-se à desativação do Conselho Estadual de Cultura, que deve fazer as indicações dos nomes a serem condecorados pelo governador do Estado. Reativado no final de 1996, o Conselho indicou dez nomes para a primeira edição em abril de 97.

RECONHECIMENTO

A premiação ao caderno *Anexo* coroa três anos de trabalho diário dedicado a retratar o movimento cultural de Santa Catarina. Nesse período, o jornal abriu um espaço generoso para a manifestação do amplo espectro das idéias e obras concebidas no Estado. Para o diretor de redação de **A Notícia**, Luiz Meneghim, a medalha representa o reconhecimento ao arrojado projeto de modernização do jornal como um todo. "É um estímulo para que continuemos aprimorando nosso produto, que é catarinense de verdade", concluiu.

MÉRITO 1 • *Uma das agraciadas com a Medalha do Mérito Cultural Cruz e Sousa, a escritora Eglê Malheiros ficou duplamente satisfeita. "O que mais gostei é que o prêmio tem o nome Cruz e Sousa. Na minha peça, que vai estrear no dia da entrega da medalha, eu trato exatamente sobre a vida dele", comemora.*

MÉRITO 2 • *O trabalho atual de Eglê tem tudo a ver com Cruz e Sousa. É ela mesma quem diz: "Eu discuto o papel do intelectual na sociedade, e falo sobre como Cruz e Sousa se coloca nisso tudo". A peça vai ser apresentada na chamada "igrejinha" da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis, no dia do nascimento do poeta.*

MÉRITO 3 • *A escritora Eglê Malheiros, com esse prêmio, vê recompensado seu esforço de divulgar a obra de Cruz e Sousa. "Temos que falar mais nele, temos que ter consciência sobre o grande poeta que Santa Catarina deu ao mundo", afirma. Morto há cem anos, o poeta é considerado o maior escritor do movimento simbolista no Brasil e, por alguns, no mundo.*

Treze cidades fazem parte do "mapa da fome"

Joaçaba — Os treze municípios que formam o "mapa da fome" em Santa Catarina serão atendidos pelo programa Universidade Solidária, que se inicia em nível regional no próximo ano, comandado pela antropóloga e primeira dama Ruth Cardoso. O anúncio foi feito pelo pró-reitor geral de pesquisa, extensão e pós-graduação da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc), professor Eduardo Gelinski Júnior. O programa é desenvolvido através de parceria entre o governo federal e as prefeituras.

Os municípios foram escolhidos por sorteio e serão assistidos por uma instituição de ensino superior: Dionísio Cerqueira (Ufsc), Entre Rios (Furb), Ipuaçu (Unisul), Major Gersino (UnC), Marema (Uniplac), Passos Maia (Univille), Palhoça (Febe), Ponte Alta (Ferj), Rio do Campo (Udesc), Santa Terezinha (Univali), São Cristóvão do Sul (Unesc), Zortéa (Unida-

NOVA DROGARIA CATARINENSE EM CRICIÚMA

MAIS UMA LOJA FAZENDO FORÇA PARA A SUA ECONOMIA.

A Drogaria Catarinense está abrindo as portas de sua nova loja em Criciúma, no bairro Próspera. E já chegou fazendo força por sua economia. Diariamente, são mais de 700 itens com desconto de até 50%, produtos de perfumaria em 3 pagamentos, uso de cartão de crédito e a confiabilidade que a maior rede de farmácias de Santa Catarina pode oferecer. Nova Drogaria

DROGARIA

Joinville vai ficar ainda mais bonita e perfumada. Vem aí a 60ª Festa das Flores, um grande evento para toda família. Exposições diárias, shows, concursos, parque de diversões e comidas típicas. Vá e leve quem você quer bem. Afinal, as melhores declarações de amor sempre vêm acompanhadas de flores.

60ª FESTA DAS FLORES

DE 13 A 23 DE NOVEMBRO DE 1998 NA EXPOVILLE - JOINVILLE - SC

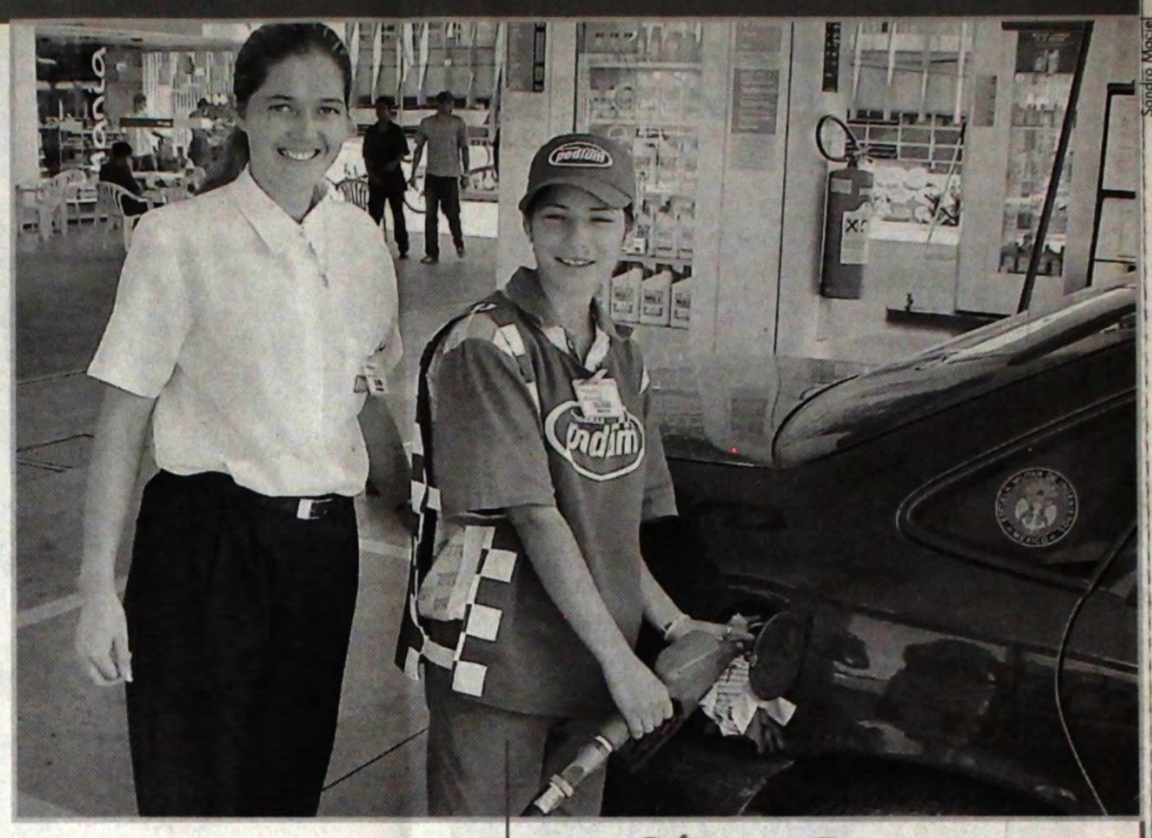
52 | HISTÓRIAS de vida. A Notícia, 8 de março de 2003. Geral, A110

52

HISTÓRIAS DE VIDA

James Tavares

Sandro Maciel



Loiva Kempf

Ela tentou ser babá e até comissária de bordo. Mas foi como frentista que Loiva Kempf, 33 anos, encontrou a profissão que procurava. "Sempre achei lindo trabalhar em posto de gasolina, e quando tive oportunidade, não pensei duas vezes", confessa. Ela atende em bombas de gasolina há exatos sete anos e três meses e não se arrepende de nada. "É uma profissão que eu gosto, e perceber que clientes voltam porque tiveram um bom atendimento é gratificante", admite. Loiva foi uma das pioneiras no atendimento como frentista na Capital. "Recebi cantadas que já nem presto atenção. Tem de levar na brincadeira", diz. Loiva também não dispensa um bom trato no cabelo e batom nos lábios para garantir o retorno do cliente ao posto.

Clesi Pazin

Quando casou, há mais de 20 anos, Clesi Pazin, de Videira, trocou o ofício numa fábrica de tecelagem pelo trabalho no campo. Hoje, com 43 anos, se diz realizada. "Sempre tive outras opções, mas nenhuma me fez mudar de idéia", afirma. Com a família, cultiva uva e cria suínos. O trabalho é pesado. Diz que quando começou, as mulheres trabalhavam tanto quanto os homens, porém ainda tinham de ir para casa fazer a comida e cuidar dos filhos. "Na verdade, isso não mudou. A diferença é que agora os filhos cresceram e não exigem tanta atenção". As maiores dificuldades não estão no trabalho pesado, mas, sim, na falta de apoio ao setor. "Eu sou feliz, pois nenhuma outra atividade me traria o prazer que tenho com este trabalho".

Sílvia Pereira e Juliana Guimarães

Sílvia Pereira, 30 anos, trabalha como frentista há três anos, em São Bento do Sul. Antes, era empregada numa indústria cerâmica, mas sempre exerceu atividades mais delicadas. "Quando disse a meu marido que iria trabalhar no posto, ele não se opôs, pelo contrário me apoiou bastante", afirma. A colega Juliana Guimarães é a mais nova frentista do mesmo posto. Com apenas uma semana de trabalho, diz que a adaptação ao novo emprego está sendo rápida. "-Estou gostando, é a primeira vez que trabalho num posto de gasolina", afirma. Para as frentistas, a abertura de novos campos de trabalho para mulheres, em funções antes ocupadas exclusivamente por homens, ajuda a diminuir o machismo da sociedade.

Nadja Hardt

A administradora de manutenção da Casa Mortuária Nossa Senhora da Glória, de Herval do Oeste, Nadja Hardt, 48 anos, diz que a profissão é a sua paixão, e o fato de lidar com a dor das pessoas não a desestimula. Além de estar à frente da casa mortuária há dois anos, foi zeladora do cemitério municipal por três. Como zeladora, fazia exumação dos cadáveres, quebrando túmulos, e também sepultamentos. "Medo devemos ter dos vivos. Os mortos não incomodam". Preconceito disse que nunca enfrentou. Segundo ela, não existem mais cargos que só podem ser ocupados por homens. "Nós conquistamos o nosso espaço com muita luta. Podemos fazer qualquer trabalho que os homens fazem e eles sabem disso. Por isso estão aprendendo a nos respeitar."

Edélcio Lopes

Cecília Nogueira

A agricultora Cecília Nogueira, 41 anos, do interior de Quilombo, levanta todos os dias às 6h30 para ordenhar as cinco vacas da família. O dinheiro da produção é pequeno, mas ajuda no sustento da casa, cuja limpeza e organização também ficam por sua conta. "Por mais que tenhamos dificuldades não podemos desistir. No campo, a maior parte do que precisamos nós podemos plantar. Na cidade, isso não acontece", defende. Foi com essa consciência que aceitou o desafio de integrar o Movimento das Mulheres Agricultoras (MMA). A entidade luta pelos direitos das agricultoras do Estado há 20 anos e proporcionou a Cecília uma visão própria do mundo ao seu redor. "A luta se faz com sacrifício e só com ela vamos atingir os nossos objetivos".

Eglê Malheiros

57

Um exemplo de luta pelos direitos da mulher é o da escritora de Florianópolis Eglê Malheiros, 74 anos. Ela foi uma militante socialista e feminista, buscava um ideal de sociedade sem discriminação ou preconceito. "O dia de hoje é de luta. Muitas jovens desconhecem a história e enxergam o mundo com uma visão de classe média. Não conhecem a realidade da mulher do interior ou do campo. Não sabem que até há pouco tempo éramos vistas apenas como reprodutoras", afirma a escritora. Para ela, os meios de comunicação reforçam a imagem da mulher objeto. "-Ficam preocupadas com a estética e esquecem que antigamente era preciso pedir autorização do marido para trabalhar", relembra. A escritora participou do Grupo Sul, entre 1947 e 1957, que buscava a modernização da produção literária catarinense e a democratização do consumo e produção. Naquela época, conheceu o marido Salim Miguel, que concordava com suas idéias. Ela trabalhava como professora de história, no Instituto Estadual de Educação. Em 1964, ficou proibida de dar aulas por causa de suas atividades políticas que iam contra o governo ditador. Quando pôde voltar, em 1979, já tinha tempo de serviço para se aposentar, mas trabalhou até 1983.

Ricardo Silva

Eliane Simon

Há 18 anos, ela enfrenta os perigos de uma profissão normalmente exercida por homens: a de taxista. Eliane Simon, 45 anos, diz que teve de enfrentar, além do machismo dos colegas, o preconceito das mulheres, em Blumenau. "Hoje, muitas delas fazem corrida comigo, e sou bem aceita pelos outros motoristas", diz Eliane, que aceitou o desafio para ajudar o marido Conrado, 52 anos, também taxista. Para ela, as mulheres devem deixar de ser submissas e dependentes dos maridos, vencer o preconceito e buscar seu espaço. Observa que os tempos bicudos de hoje não permitem que o homem sustente sozinho um lar. "É preciso partir para a luta e ajudar", aconselha essa mulher, que ainda auxilia nos serviços de pedreiro na reforma da casa.

Arquivo AN

Silvio Reinert

Orlandina Henkein e Cristiana Rodrigues

Uma sapataria que sempre empregou mulheres e existe em Joinville há 21 anos. É assim a sapataria do autônomo Daniel Henkein, de 74 anos, que tem como ajudantes sua mulher Orlandina (foto acima), 63, e a vizinha Cristiana Rodrigues, 23. Orlandina sempre trabalhou fora, como doméstica, e teve a ajuda do marido nos afazeres domésticos. Depois de criar os seis filhos, ela começou a trabalhar na sapataria. Isto há 15 anos. "Não gosto de ficar em casa pensando besteira", diz. Sobre o Dia Internacional da mulher, Cristiana, que é separada e tem uma filha, não acha a data discriminatória, mas afirma que os homens são muito machistas. "Estou trabalhando há dois anos. A moça que trabalhava aqui antes de mim teve de sair, pois o marido era muito ciumento. Acho que os maridos deveriam ajudar mais nos afazeres domésticos", conclui Cristiana. Orlandina afirma que hoje em dia a situação da mulher no trabalho e em casa é melhor, mas ainda faltam direitos e respeito com muitas mulheres.

VEÍCULOS DO GRUPO A

SOMENTE R$ 142,00

Alugue um carro na sexta e devolva na segunda por apenas R$ 142,00.

Quilometragem livre e seguro incluso

POPULARES

Interlocadora
Rent a car

Rua Blumenau, 1292.

Reservas:
Tel.: (47) 422-7888

53 - REZENDE, Dorva. A Estranha cidade de Eglê Malheiros. **Subtrópicos**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, out. 2013.

A estranha cidade de Eglê Malheiros

FOTOS MICHELE DINIZ

DORVA REZENDE

Aos 85 anos, Eglê Malheiros, professora, poeta, escritora, tradutora, roteirista e ensaísta, ainda mantém um certo estranhamento com relação à cidade na qual morou a maior parte da vida. Nascida em Tubarão, ela chegou a Florianópolis pouco depois do assassinato do pai, o jornalista e promotor Odílio Cunha Malheiros, em 1932, em Lages, onde sua família vivia. E dessa cidade estranha ela se afastou apenas três vezes: para estudar, no segundo grau, em Porto Alegre; para o exílio no Rio de Janeiro com o marido Salim Miguel, 89 anos, após o golpe militar de 1964; e agora, mais recentemente, em função da idade e dos problemas dela decorrentes.

Eglê e Salim estão morando num apartamento do Kobrasol, em São José, mais próximos da atenção dos filhos, que se revezam nos cuidados com eles, mesmo os que moram mais distantes, no Rio e em Brasília. O apartamento da Carvoeira foi posto à venda, e a biblioteca do casal, um importante patrimônio literário, doada à Udesc. Nesta entrevista, Eglê Malheiros lembra da cidade que ficou para trás, também no tempo, conta fatos pitorescos que explicam esse estranhamento, fala do seu trabalho como professora, de sua participação política e explica a sua relação com as palavras e com sua obra, pequena e, infelizmente, pouco conhecida.

Subtrópicos | A senhora veio para Florianópolis logo após a morte de seu pai. Foi assassinato político?

Eglê Malheiros | Não propriamente partidário, mas meu pai era promotor público e defendia aqueles que não podiam pagar um advogado, procurava quem era o mandante dos crimes cometidos pelos peões. Na campanha da Aliança Liberal, de 1932, o meu pai estava na oposição. Num comício, reclamando contra uma sanha muito grande nas discussões da campanha eleitoral, ele disse: "Nós não precisamos ter aqui em Lages uma triburtina". Triburtina era o nome da mulher de um político mineiro que era uma pessoa rancorosa. Foi dito então para um dos membros da situação que esse nome equivaleria à prostituta e que a mulher dele havia sido ofendida. No dia seguinte, houve o sepultamento de uma pessoa, e quando meu pai e minha mãe iam para o cemitério, esse homem, Jorge Barroso, apareceu no caminho e disparou os tiros contra meu pai. Aí começou o julgamento, aquele vaivém, nesse meio tempo a Revolução de 1932, isso e aquilo, houve recurso, e a minha mãe não tinha condições de ficar acompanhando o processo. Acabou ficando por isso mesmo. Então, desde os quatro anos eu me tornei manezinha. Meu avô morava aqui, mas tinha sido comerciante em Lages. A minha casa foi uma espécie de consulado de Lages aqui em Florianópolis, mas eu nunca me senti inteiramente florianopolitana. Me sentia, também, um pouco lageana, apesar de não ter nenhuma simpatia pela cidade.

Subtrópicos | Como era a Florianópolis desses seus primeiros anos aqui?

Eglê | Era uma cidade pequena, todo mundo se conhecia. A Praça XV e o Mercado Público eram o centro da cidade. Chegava a noite, todos os homens iam discutir política e outras coisas na Praça. Não ficavam em casa. As mulheres ficavam em casa bordando ou costurando, fazendo visita para uma vizinha. Era uma cidade agradável desse ponto de vista, mas era muito preconceituosa. O pessoal do interior da Ilha, que agora usa o título com orgulho, era chamado despectivamente de manezinho. Havia aqueles vendedores ambulantes, com cestos pendurados nas costas; quando eles viam numa calçada um senhor engravatado, iam para o meio da rua para dar passagem. As pessoas ficavam nos cafés, conversando, e quando viam na rua o governador ou um secretário, se levantavam para cumprimentá-los. Em 1942, Florianópolis não tinha segundo grau para mulheres. Era só o ginásio Catarinense para os homens, e o colégio das irmãs que tinha alguns cursos, mas não tinha o segundo grau. E como eu queria estudar, fui para Porto Alegre para a casa de um tio materno. Concluí o segundo grau, voltei para Florianópolis e fiz o vestibular de Direito. Em 1945, eu era a única mulher da turma.

Subtrópicos | Até que ponto essa relação de subserviência ao poder influenciou a política catarinense?

Eglê | Influenciou até hoje. Nós tivemos aqui um vereador do partido (Partido Comunista Brasileiro) muito bom, Manoel Alves Ribeiro, chamado de Mimo, que era eletricista da construção civil. E ele foi numa comissão ao governador, não me lembro se era o Deba (Aderbal Ramos da Silva, 1947-1951), apresentar determinadas reivindicações. Aí o secretário do governador, casado com uma parente da minha mãe, reclamou: "Imagina esse senhor, um operário, pega e diz isso assim, assim para o governador, embora educadamente, mas disse". Esse sujeito era meu colega da faculdade de direito. Eu disse: "Bem, mas, isso que ele disse eu também falei, faz três ou quatro dias". "É, mas você é de uma família boa", ele respondeu. Quer dizer, eu podia dizer, e o outro não. O Lira e o Doze eram os clubes mais finos, os da elite da cidade. Se uma mocinha bonitinha quisesse ir aos bailes, eles até deixavam, se uma outra família, sócia, a apresentasse. Isso de uma [illegible] como era a cidade. Mas, fora [illegible] mável. Aquela amabilidade que se tem desde que você não incomode. Era uma cidade estranha.

Subtrópicos | Quando a senhora ingressou no partido?

Eglê | Eu ingressei naquele curto período de legalidade, de 1945 a 1947. Eu tinha voltado de Porto Alegre, tinha participado lá da campanha pela anistia, ajudado a organizar o comício do Prestes, com toda a turma do secundário. A sede do partido comunista municipal ficava ali onde hoje é uma farmácia, bem na esquina da Conselheiro Mafra com a Praça, tem aquele o prédio de venda de roupas. A gente se reunia ali. Aí é que conheci uma turma grande, de rapazes e moças, inclusive o Salim. Ele não se lembra disso, então eu brinco dizendo que eu o conheci mais cedo do que ele me conheceu. Mas nesse meio tempo nós fizemos a *Folha da Juventude*, e nela tinha uma página do Círculo de Arte Moderna. Dali acabou saindo a *Revista Sul*, que foi feita com recursos de pequenos anúncios do pessoal que resolveu nos animar.

Subtrópicos | A cidade mantém esse componente conservador por causa do domínio político das oligarquias no Estado?

Eglê | O que tivemos foi um monopólio de poder estabelecido entre duas famílias, entre dois clãs. E o curioso é que os Konder, que tiveram uma predominância até 1930, ficaram importantes porque um deles casou-se com a filha de um dos chefes políticos de Itajaí. Eles só valorizavam o lado alemão, mas estavam no poder pelo lado caboclo, que era filha do chefe político. Já os Ramos, em Lages, representavam o latifúndio, enquanto os Konder Bornhausen representavam o comércio, a indústria, o banco Inco. Os latifundiários da Serra, daquele tempo, eram um pouco diferentes dos de hoje em dia. Se um filho quisesse estudar fora, eles tinham que vender algumas cabeças de gado, senão não teriam o recurso. O que não os impedia de se julgarem importantíssimos. Existe esse conservadorismo em Florianópolis, mas é uma cidade contraditória, estranha, porque é a mesma que fez a Novembrada. Depois que a gurizada foi presa, a população foi pra rua pedir a libertação deles no maior comício já realizado em Florianópolis. Aconteciam coisas assim. Santa Catarina teve muitos integralistas. Com a redemocratização após a ditadura do Estado Novo, criaram o PRP. O Plínio Salgado tinha como secretário o Jorge Lacerda, depois governador do Estado, que convocou o pessoal para uma reunião no Teatro Álvaro de Carvalho. O Plínio iria falar às oito da noite. Às seis e meia, o teatro estava cheinho, não tinha um lugar vago. Chegou o Plínio para falar, o pessoal se levantou, jogaram uma galinha verde nele e se retiraram. Ficou o teatro vazio. Aí o Lacerda dizia: "Como podem fazer uma coisa dessas, estou vendo pessoas aqui com quem eu converso no café..." Um deles era o irmão da minha mãe, o tio Lauro. Era um pessoal mais avançado, moleque.

Subtrópicos | Quando a senhora começou a lecionar?

Eglê | Em 1947, eu fiz concurso para lente de história do Instituto de Educação. Depois eu concluí o curso de Direito, já lecionando no Instituto. Mas não tinha jeito para advogada. Eu fiz um ou dois *habeas corpus*, uma coisa assim. No Instituto de Educação, eu fiquei até 1964, quando fui posta em disponibilidade. Com a Anistia, em 1979, eu voltei ao Instituto por mais alguns anos, até me aposentar.

Subtrópicos | A senhora lecionava para que turmas?

Eglê | Dependia, eu preferia lecionar para turmas mais adiantadas, mas eu também me dava bem com turminhas de 11, 12 anos. Fui professora do Silvio Coelho dos Santos (antropólogo, professor e pró-reitor da UFSC, 1938-2008), no primeiro ano do ginásio, então eu me lembro dele bem pequenininho, na escola, era a disciplina era História da Civilização. Ele levantou o dedo e disse: "Professora, eu sei o que é civilização, é a busca da perfeição". Depois, ele se tornou um grande estudioso e eu brincava com ele dizendo que era a professora que aprendia com o aluno.

Subtrópicos | Sobre a prisão de vocês dois em 1964, o Salim nunca teve uma atividade partidária. Mas ele foi para a cadeia e a senhora ficou presa em casa. Prender o Salim foi uma forma de prender a senhora?

Eglê | Eles prenderam o Salim porque achavam que, se eu aparecia e o Salim não, era sinal de que ele era o chefe do partido e eu servia de capa ou seja o que for. E também porque o Celso Ramos não estava do lado dos golpistas logo de início. Eles queriam forçar o Celso Ramos a apoiá-los ou então arranjar um pé para tirá-lo (do governo). E queriam que o Salim dissesse, trabalhando no serviço de imprensa, que havia tais e tais comprometimentos. Evidentemente que não tinha, isso era uma mentira, e, mesmo se tivesse, o Salim nunca iria falar. Naquele tempo quase ninguém tinha telefone, então me chamaram no telefone da vizinha, fui lá ver e era a mulher de um dirigente político que já havia fugido, que estava com dificuldade por causa das crianças etc. Conversei com ela, disse que ia levar alguma coisa e fui fazer isso, efetivamente. Daí pensaram que eu estava reorganizando o partido e me prenderam. Fiquei uma semana presa no Hospital da Polícia Militar, na Major Costa. Nesse meio tempo, houve uma onda na cidade contra a minha detenção, por causa das quatro crianças e a casa. O Jorge tinha 10, o Antonio Carlos tinha 9, a Sonia tinha sete e o Paulo Sérgio 4. O Luis Filipe nasceu já no Rio. Foi aí que eu fiquei em prisão domiciliar. O Salim saiu antes, mas eu ainda fiquei em presa por mais um tempo.

Subtrópicos | E a vida no Rio, foi difícil no começo?

Eglê | Foi difícil, mas foi boa, vamos dizer assim. O Salim, felizmente, não perdeu o lugar na Agência Nacional. Eu fui posta em disposição, mas não perdi o ordenado que eu recebia na época. Depois, o pessoal foi aumentado e eu continuei no que eu recebia em 64. Uma das coisas que mais machucava era que o pessoal dizia: "Você deve estar contente, tá ganhando sem trabalhar". Era terrível. Porque, realmente, se eles quiseram me maltratar, eles conseguiram, tirando-me da escola. Isso aí foi duro. Mais tarde, eu entrei para a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil; a gente realmente levantou toda a história da literatura para crianças, os conteúdos, e também fazia conferências.

> "Em geral, eu fabrico dentro da cabeça e ponho no papel. Lógico que no momento da escrita surgem coisas novas, mas a estrutura fica. Eu gosto muito de ler, gosto muito de quem escreve, mas acho que viver a vida é mais importante do que fazer literatura."

Subtrópicos | Fora a participação no Grupo Sul, a sua atividade literária se deu mais no Rio.

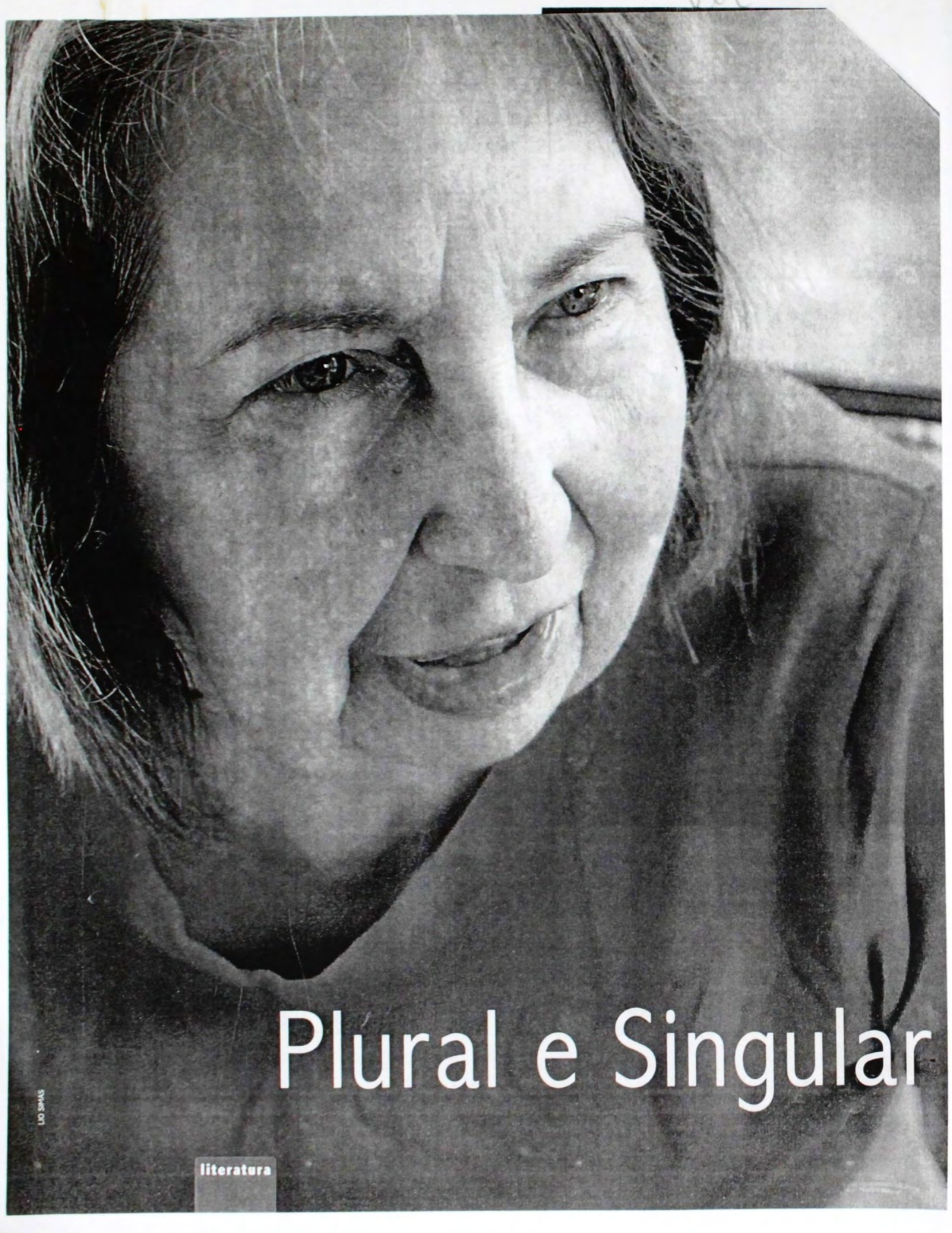
Eglê | Foi no Rio, nós criamos a revista *Ficção*, com o Cícero e a Laura Sandroni e o Fausto Cunha. E tivemos uma projeção enorme, a revista servia de veículo para muita gente que fazia um tempo não publicava. Outros contos que tinham sido proibidos por alguém a gente publicava. Foi uma época boa. Lá a gente trabalhou muito com o Marcos Farias, diretor de cinema. Fizemos adaptações, ajudávamos em roteiros. Mas quando, nesse meio tempo, começa já a luta pela anistia e tudo, a gente começa a sentir uma saudade daqui. E aí o nosso filho mais novo, o Luís Filipe, que é carioca, foi atropelado na frente de casa, no Flamengo. Teve que fazer uma operação na perna, foi uma confusão.

Subtrópicos | O Silveira de Souza, colega da senhora nos tempos do Grupo Sul, fez um comentário que muita gente endossa, de que a senhora é uma escritora com uma obra que poucos tiveram a oportunidade de conhecer. Outros já disseram, também, que a sua obra é, em certo sentido, a obra do Salim e a sua família. E muitos sabem que a senhora tem um livro de contos pronto, mas que ainda não saiu. Como é, para a senhora, essa questão?

Eglê | É uma obra pequena. Eu não sei, por um lado eu devo ser perfeccionista. Mas eu não sou dessas de dar pulos no chão quando não vem a inspiração ou a palavra certa. Em geral, eu fabrico dentro da cabeça e ponho no papel. Lógico que no momento da escrita surgem coisas novas, mas a estrutura fica. Eu gosto muito de ler, gosto muito de quem escreve, mas acho que viver a vida é mais importante do que fazer literatura. Então, entre escrever alguma coisa e ficar em casa brincando com o neto, eu prefiro a brincadeira. Acho a literatura importante, mas não é o destino da vida, das preocupações da gente. Eu sempre tenho planos de rever as coisas, já tenho alguns contos organizados num disquete. Tem uma chance desse livro sair, se eu resolver colocar o ponto final nele. ■

DORVA REZENDE (São Leopoldo, 1965) é jornalista, mestre em Letras pela UFSC.

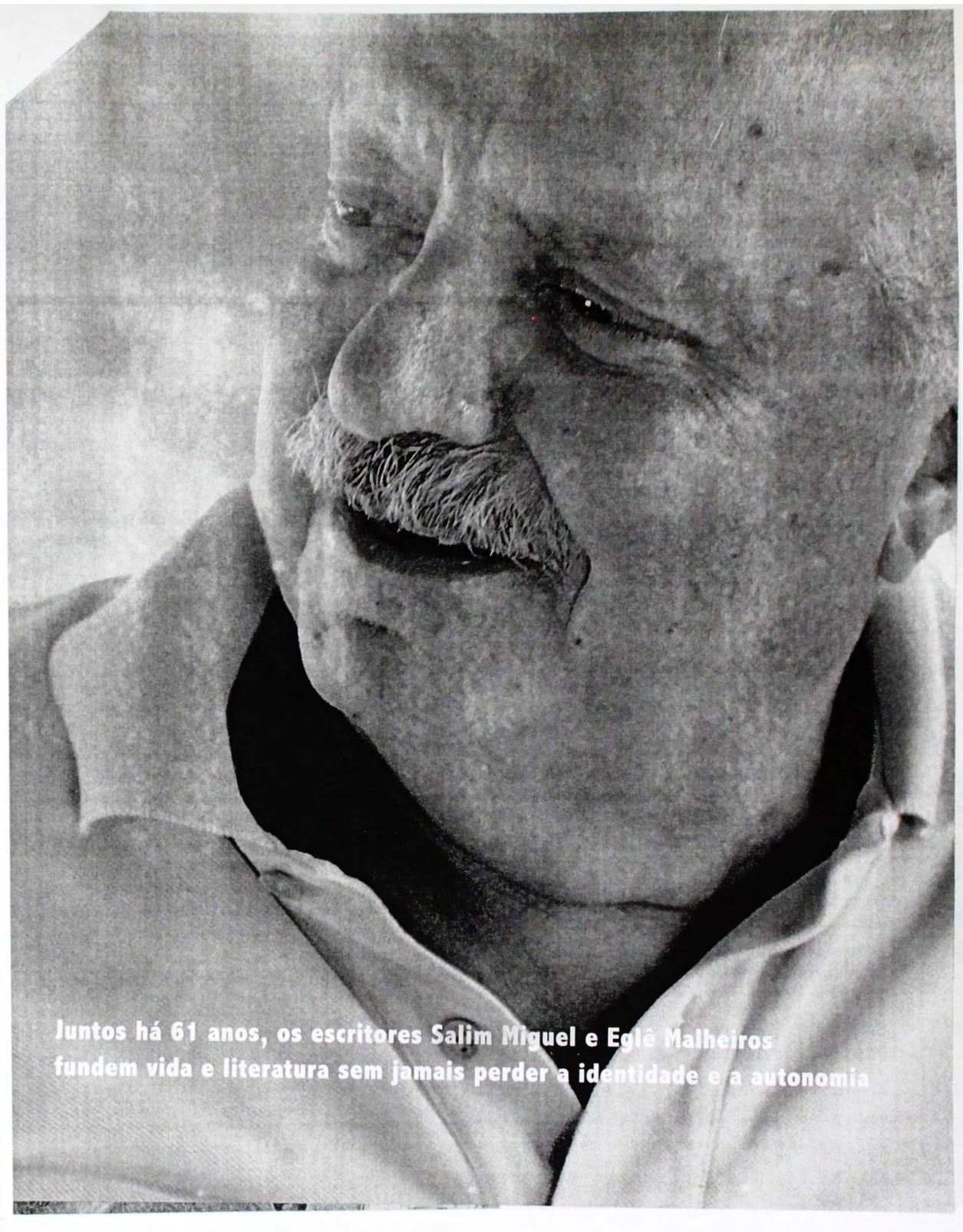
054 - PLURAL e singular: juntos há 61 anos, os escritores Salim Miguel e Eglê Malheiros fundem vida e literatura sem jamais perder a identidade e autonomia. Cartaz, Ano 5, n.28, 2008.



Plural e Singular

LIO SIMAS

literatura



Juntos há 61 anos, os escritores Salim Miguel e Eglê Malheiros fundem vida e literatura sem jamais perder a identidade e a autonomia

Eglê, olhos de uma mulher

Dennis Radünz • Florianópolis

Eglê Malheiros ou Eglê Miguel? O convívio de seis décadas e um ano com o mais notório dos prosadores modernistas catarinenses, Salim Miguel, não obscureceu em Eglê a identidade e a autonomia. Ao contrário, pelo claro-e-escuro do contraste, o que desponta é a fisionomia de uma mulher demasiado lúcida, que se fez professora de História, escritora e tradutora, dividida entre a casa, cinco filhos, o ensino, Salim e o Partido Comunista. "Sempre tento coisas novas. Sou muito curiosa", diz ela.

Na casa de praia ainda bucólica na Cachoeira do Bom Jesus, norte da Ilha de Santa Catarina – a vivenda com quintal e gato que resiste ao mercado imobiliário predatório –, o casal modernista guarda viva a memória da vida quase nômade.

Nascida em Tubarão, no Sul de Santa Catarina, em 1928, Eglê escreveu poemas na infância ("mas os meus pais não me trataram como um prodígio, o que foi certo"). Migrou para a Ilha. Bacharelou-se em Direito. Conheceu Salim. Integrou o Círculo de Arte Moderna. Foi co-fundadora da revista *Sul* (1948-58). Publicou poemas. Escreveu resenhas. Militou no PC "verdadeiro". Foi banida do magistério, por causa do Golpe. Sobreviveram no Rio. Traduziu. Voltaram a Florianópolis. Foi secretária municipal de Educação. Escreveu teatro, artigos, crônicas. Havia filhos. Houve netos. Confessa que viveu. Aqui está Eglê – a voz serenada; os olhos azuis que sorriem.

Todos os passados estão presentes. Ainda ontem publicou os poemas de *Manhã*, em 1952, pela *Sul*. E parece que ainda está criando, com Salim, o argumento e o roteiro do primeiro longa-metragem catarinense, o quase mítico *O preço da ilusão* (1957-58). Ou as adaptações para o cinema de *Fogo morto* e *A cartomante*, com Marcos Farias e Salim. Mas o tempo é inteiramente outro e o mesmo neto para quem escreveu o infanto-juvenil *Desça, menino* (Editora Agir: Curitiba, 1985) agora é mestre em Biologia.

Notável poeta simbolista

Uma herma de Cruz e Sousa na avenida Trompowski, Florianópolis, foi a primeira antevisão da sua vida na escrita. Os planos verticais do peito, ombros e costas da estátua do maior poeta simbolista o representavam no meio da rua, em pedra, negro, numa reverência que a menina Eglê acreditava estar reservada apenas aos brancos notáveis, aqueles que a escola homenageava, por "heroísmo", nos dias da bandeira.

"Quem é aquele ali?"

"João da Cruz e Sousa, menina, ele foi um poeta, grande poeta" – explicou-lhe a tia.

"Negro e poeta e com estátua?"

ARQUIVO PESSOAL

Eglê e Ody Fraga em cena de peça montada pelo coletivo. Durante criação de roteiro de O preço da Ilusão.

Página ao lado:
Salim e figurantes em *making of* do filme.
Grupo Sul no Rio de Janeiro na década de 1950.

No meio do espanto, o busto contemplava serenamente a menina Malheiros, apesar de negro, apesar de poeta.

Memórias se misturam e Eglê recorda a revistinha que os tios e pais manuscreviam, dedicada a Cruz e Sousa. Salim rememora o terceiro número da revista *Sul*, extensa homenagem ao poeta dos *Violões que choram*. E ela nunca esqueceria os versos de *Mãos*, do livro *Faróis*: "Ó Mãos ebúrneas, Mãos de claros veios..."

Mãos brancas com que Eglê minera sua própria poesia, quando escreve, no poema *Marinha* (1993): "O ritmo incessante das montanhas,/Nas fulgurações do azul (...) Num átimo de instante/As asas adejantes se transmutam/Em seta/E o raio de prata/É prosaica proteína animal" (edição especial da revista Sul, 2004). A poesia transmigra, de mão em mão.

Décadas depois de descobrir o poeta no meio da Trompowski, escreveu *Vozes veladas* (Movimento, 1995), peça teatral de homenagem ao filho de escravos que sofreu pesadamente, e na pele, a discriminação racial da vetusta cidade de Nossa Senhora do Desterro, em fins do século 19. "A peça foi a minha tentativa de tirá-lo do isolamento, de fazê-lo chegar ao público." E o texto traz à cena, por meio da vida trágica do poeta, a injustiça racial que existe ainda nos começos do 21. Eglê é uma das maiores leitoras de Cruz e Sousa: selecionou-lhe poemas, publicou-os, escreveu ensaios.

Salim e a luz das palavras

Mônica Pupo • Florianópolis

É Eglê Malheiros quem atualmente faz o papel que um dia Salim Miguel cumpriu ao amigo livreiro João Mendes. "Eu nasci para ler e escrever", diz convicto o escritor, um dos principais nomes da literatura contemporânea produzida em Santa Catarina. Autor de 27 títulos lançados por editoras nacionais em mais de cinco décadas de carreira, hoje, aos 84 anos, Salim depende de outros olhos para a leitura. Há 11 anos ele enfrenta uma retinopatia degenerativa que, aos poucos, mina sua visão. "Eu guardei bem a data. Até agosto de 2006 eu ainda conseguia trabalhar no computador, com uma fonte maior para o teclado que meu filho conseguiu nos Estados Unidos".

Quando tinha uns 10 anos, o menino vivia colado a todo tipo de papel que caísse em suas mãos – revistas, jornais, almanaques. Foi quando os pais perguntaram: "O que pretendes fazer da vida?" Sem titubear, Salim Miguel respondeu: ler e escrever. "É o que tenho feito até hoje. Sou negado para coisas práticas: não sei trocar uma lâmpada, fazer um café ou comprar um par de meias".

A vida cotidiana é a principal matéria-prima para a sua ficção. "Como não acredito em inspiração, digo que não sou eu quem procura os temas, são eles que me procuram. É uma conversa, uma frase que ouço, o vento na árvore, o canto de um pássaro, é isso que me leva a escrever." As constantes citações autobiográficas são notáveis. Um de seus mais premiados livros, *Nur na escuridão*, que chega à quinta edição pela Editora Record, tem a narrativa construída com base na trajetória da família que, em 1927, quando o autor tinha apenas 3 anos, imigrou do Líbano para o Brasil. "Mas não é um texto inteiramente autobiográfico. Procurei fazer uma obra de ficção que chegasse não só aos descendentes de libaneses, mas a todos os imigrantes, de diferentes nacionalidades".

Sentimentos de perda

Os pais de Salim Miguel aportaram em Santa Catarina, mais especificamente na cidade de Biguaçu, na região da Grande Florianópolis, por conta do acaso. E foi na então minúscula vila que despontou, precocemente, o talento literário. *As mil e uma noites*, que o escritor define como "uma espécie de Bíblia dos árabes" incitou o gosto pela leitura.

Um dos grandes aliados nas primeiras leituras foi João Mendes, o dono da única livraria de Biguaçu na época. O jovem Salim Miguel costumava passar quatro horas diárias lendo em voz alta para o livreiro, que era cego. "Quando estou muito tenso e indócil, é porque preciso escrever e não estou conseguindo."

Desde a infância, sempre leu e escreveu de forma compulsiva. "As leituras da Eglê são muito mais abrangentes que as minhas, eu sou muito limitado. Eu sou das minhas coisas e estamos conversados. Tem muito livro de interesse mútuo que ela lê em voz alta, mas há outros que ela não se interessa e eu não tenho quem leia".

A tecnologia é a esperança para retomar o hábito de ler e escrever com a facilidade e freqüência anteriores. Mas Eglê se apressa em intervir: "O Salim não se convence de que tem de experimentar esses recursos eletrônicos, mas que não vai dominar o computador de imediato. Ele não tem paciência".

O bom humor e a vitalidade do escritor, entretanto, não se deixam abalar, assim como a obsessão por temas como a velhice e a morte, o tempo e a memória, tão recorrentes em sua obra e em suas falas. "Quando as pessoas são jovens, em geral são mais tímidas e falam menos. Quando envelhecem, me parece que adquirem a necessidade de falar mais. Quando eu era jovem, quase não falava, agora falo demais."

Lugares da memória

Tempos difíceis aqueles em que, depois do golpe militar, Salim e Eglê, acusados de comunistas, moraram no Rio. Havia o fantasma do Serviço Nacional de Informação (SNI), as táticas de intimidação, o silêncio forçado. Havia o artigo 477 que excluía sumariamente das universidades todo aquele que fosse suspeito de conspiração. Naquela época, cursou o mestrado em Comunicação. Salim era jornalista. Ela escrevia verbetes para as enciclopédias Mirador e Delta-Larousse. Anos de chumbo, de AI-5. "Era difícil estabelecer amizades naquele ambiente de desconfiança e vigilância... Vivia isolada".

Casa. Filhos.

A precariedade da vida sob o regime militar levou-a ao ofício de tradutora, embora mal pago – recebia o mesmo que um datilógrafo. Traduziu muito, dos idiomas inglês, alemão, italiano, espanhol e francês; de livros de economia a matérias para a revista *Pais & Filhos*; de textos técnicos para as editoras Paz & Terra e Civilização Brasileira ao romance de *Knulp* (1949), Hermann Hesse. E de 1976 a 1979 o casal ainda teve vigor para editar a revista de literatura *Ficção*, que publicava os prosadores contemporâneos.

Entre os livros que traduziu, o predileto: *Como combater a tortura* (Organização Internacional do Trabalho), publicado em 1985. Com a "distensão política", uma certeza: "O mito de que a falta de liberdade estimula o escritor não corresponde em nada a realidade", afinal, afirma ela, com o fim da censura, "não havia obras-primas nas gavetas". Ou seja, a perda de direitos civis, em toda e qualquer situação (mesmo suposta "inspiração para a arte de protesto") é indefensável. Lições que Eglê viveu.

E por que voltaram a Florianópolis?

"Com a anistia, achamos que poderíamos contribuir mais em Santa Catarina", onde a escritora era professora estadual posta "à disposição". Quando finalmente retornou às salas foi "um choque enorme". "Era uma decadência incrível no nível de educação", se comparado ao ensino anterior ao Golpe, e "ainda havia aquela espécie de administrador que dizia, cinicamente: 'se estamos dando educação de massa não podemos exigir qualidade'".

LIO SIMAS

Varanda da vivenda

No momento em que o governo, via BNDES, socorre o Citibank estadunidense com recurso na ordem de 4 bilhões, conforme o casal acusa, o que mudou, para Malheiros, no Brasil, na escrita, na vida de escritora?

"A escala humana não é nada dentro do tempo histórico", assinala. O seu pensar "brechtiano" a leva a distanciar-se criticamente de todas as vicissitudes da política e da arte. "Não fico encantada com o mundo. Como professora de História, eu procuro uma visão diferente do tempo." O riso irônico sublinha a postura crítica e ascética: "Acho tragicômico quando pessoas brigam em torno de nomes ou de posições". O mundo mudou muito, mas continua o mesmo – segundo ela, piorou, do ponto de vista ético.

A escritora ataca a vaidade e a mitomania: "Espanta-me muito quando o escritor se considera ser de exceção. Somos gente com qualidades e defeitos. Se o artista responde aos dramas humanos, temos maiores responsabilidades que os outros". É contra a falácia dos discursos: "Os políticos afirmam que as crianças são o mais importante, mas suas palavras não correspondem às ações". É a favor de parcimônia para a escrita: "Escrevo as coisas apenas por necessidade". Salim Miguel intervém: "O texto de Eglê flui muito fácil".

Fácil como em *Os meus fantasmas* (Movimento, 2002), o infanto-juvenil recente.

Eglê Miguel e Salim Malheiros atravessam a areia, de manhã, tocados pelas ondas. Gaivotas. Corruíras. Salim tem a visão quase perdida. Eglê procura e descobre as palavras para lhe descrever a vista: "Translúcidos mistérios tremeluzem/No espelho das águas/E do útero imemorial/Anêmonas e caracóis sussurram seus segredos".

Salim é singular. Mas Eglê, desde os Malheiros, é plural.

LIO SIMAS

Literatura e Jornalismo

O ofício de jornalista tornou o nome de Salim Miguel conhecido nacionalmente a partir de 1965, depois de sua transferência – um tanto forçada – para o Rio de Janeiro, onde escreveu para importantes jornais e revistas, tais como *Manchete*, *Fatos & Fotos* e *Jornal do Brasil*. "Fiz de tudo no Jornalismo, embora detestasse cobrir política, economia e esportes. Já escrevi até horóscopo", diz. Mas foi no Jornalismo Cultural que obteve maior destaque, mais especificamente no campo da crítica literária. "Sou um misto de crítico e ficcionista", define-se.

"O Jornalismo é literatura, embora muitos discordem. Uma grande reportagem deve ter uma pitadinha de ficção", opina o escritor, que chegou a duvidar em certo momento de sua vocação para ficcionista. "Durante 18 anos – de 1955 a 1973 – fiz um teste para saber se deveria me limitar ao Jornalismo e desistir do ficcional. Escrevi muito nesse período, mas, a não ser meia dúzia de contos, todo o resto eu jogava fora."

A resposta para a dúvida existencial surgiu em 1978, quando lançou *A morte do tenente e outras mortes*, considerado pela crítica o melhor livro de contos do ano. A obra tornou-se o ponto de referência definitivo na carreira. "Continuaria frustrado pelo resto da vida se não escrevesse ficção", confessa.

Em quase todos os seus textos se impõem intrincadas relações humanas. Considerado um autor de idéias socialistas, Salim Miguel se apressa em ratificar sua ideologia: "Eu ainda acredito no ideal socialista. Nunca pertenci a partido político algum, mas sempre fui e continuo sendo um homem de esquerda". Apesar disso, não acredita que a literatura seja capaz de alterar a ordem das coisas. "A literatura pode ajudar a compreender o ser humano e o mundo. O papel do escritor é fazer um retrato de sua gente e de sua época. A gente muda pouco".

No momento, o escritor trabalha em artigos e anotações diversas, contando sempre com a ajuda da mulher e de seu neto, Jorge Luiz, para escrever as versões. Além disso, prepara-se para o lançamento, em março, do livro *13 Cascaes*, que organizou em parceria com o escritor Flávio José Cardoso, por ocasião das homenagens ao centenário do nascimento do artista e pesquisador Franklin Cascaes.

Metódico, Salim Miguel é incansável na produção de textos. "Eu reescrevo muito. Não tem um livro meu que não tenha tido cinco ou seis versões. Escrever é uma questão de persistência e transpiração." Apesar da extensa obra publicada e de títulos premiados, o escritor não se sente completo. "Se um escritor se considera satisfeito, a única solução para ele é se atirar da ponte Hercílio Luz. Ninguém deve se considerar realizado, porque o realizado acaba, morre. Devemos estar sempre em processo constante de realização e aperfeiçoamento".

Movimento histórico

"O ano de 2007 foi paradigmático: 80 anos que a família chegou ao Brasil, 60 anos do movimento cultural Grupo Sul e 60 anos de união com a Eglê", reflete o escritor, que aguarda o lançamento, em 2008, de romance inédito *Jornada com Rupert*, pela Editora Record, além da compilação *Os melhores contos de Salim Miguel*, pela Editora Global, com seleção da professora da Universidade de Brasília (UNB), Regina Dal Castagne.

Agitador cultural por excelência, em 1947 o escritor protagonizou, com outros jovens artistas e intelectuais de Florianópolis, a formação do Círculo de Arte Moderna, que depois passou a se chamar Grupo Sul. Considerado até hoje como o maior movimento cultural de Santa Catarina, o objetivo era renovar o cenário cultural da cidade, onde até os anos 1940 predominava o academismo. "A Semana de Arte Moderna de 22 já estava sendo revista no fim dos anos 40, e o modernismo ainda nem havia chegado a Florianópolis", rememora o escritor.

O Grupo Sul organizava exposições, ciclo de palestras, clube de cinema, peças de teatro e editava a revista *Sul*, considerada o carro-chefe do movimento. Os jovens ambiciosos foram além e também fizeram história no cinema, ao lançarem *O preço da ilusão*, primeiro longa-metragem catarinense, em 1957 – no mesmo ano, o Grupo Sul se desfez. "Embora o filme não tenha sido a obra-prima idealizada, as imagens que captamos retratam uma Florianópolis que já não existe mais."

No Grupo Sul, Salim Miguel conheceu Eglê Malheiros, única mulher presente em todas as atividades do movimento cultural. "A Eglê me ajuda a escrever, discute comigo e faz muitas sugestões. Eu costumo dizer que ela é a minha crítica mais violenta e feroz", diverte-se o escritor. C

055 - MALHEIROS, Eglê; Eglê Malheiros Miguel [entrevista]. **Quem Santa Catarina.** Ano 1, n.11, abr. 1982. Entrevistadores: Algo Grangeiro e Colaca Grangeiro.

«Toda a estrutura repressiva continua de pé no país, e então você não pode fazer de conta que as coisas estão diferentes e brincar que está vivendo numa democracia. É necessário ter o pé no chão, os olhos abertos e compreender que o importante é ir em frente pra garantir um avanço democrático».

Eglê Malheiros Miguel

Em Santa Catarina ela é conhecida, sobretudo, pelos ex-alunos do Instituto Estadual de Educação, onde ingressou aos 19 anos de idade como professora de História, após ter obtido o primeiro lugar no concurso que a transformou na mais jovem lente catedrática do Estado.

Hoje seu nome figura em diversos trabalhos estrangeiros editados no país, com traduções do alemão, italiano, espanhol, inglês e francês, tendo, inclusive, traduzido Hermann Hesse.

Editora das revistas Sul - e integrante do grupo do mesmo nome que deu novos rumos ao movimento cultural da década de 50 - e Ficção, foi colunista de O Globo, diretora-secretária da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e é, atualmente, sua representante em Santa Catarina.

Eglê Malheiros Miguel, casada com o escritor Salim Miguel, tem cinco filhos e suas atividades têm sido uma sucessão de episódios típicos de uma militância coerente e ativa a favor de uma crescente democratização das estruturas sociais e políticas do Brasil - e exatamente por isso esteve compulsoriamente afastada do seu trabalho de professora por 15 longos anos (64 a 79), fulminada pelo AI-1.

Com a anistia, foi reintegrada no serviço em 1980, tendo logo após requerido a aposentadoria aos 34 anos de trabalhos prestados.

Nesta entrevista a Aldo Grangeiro, que contou também com a participação da jornalista Colaca Grangeiro, do escritor Salim Miguel e do fotógrafo Walmor Oliveira, Eglê fala com desenvoltura da nossa história recente, do presente e do futuro, ressaltando mais uma vez uma das suas características marcantes: a franqueza de suas palavras.

ALDO GRANGEIRO: A política sempre te trouxe desvantagens profissionais?

EGLÊ MALHEIROS MIGUEL: Não sei. Durante todo o meu período de magistério eu jamais recebi uma promoção por merecimento. Recebi até recados: Olha fulana, o secretário tal gosta muito do seu trabalho, mas pede para você compreender as injunções políticas. E a vaga sempre ia para outros. Aliás, nunca postulei promoção. Acho que o problema de me trazer prejuízo ou não, não importa pelo seguinte, você faz é opção de vida. A vantagem que a gente tem é estar em paz com a sua consciência.

GRANGEIRO: Como foi o reencontro com a profissão e com os alunos?

EGLÊ: Foi sério, seríssimo. Ser professora sempre foi uma coisa muito importante para mim. Eu sonhava em dar aula. Foi uma experiência muito chocante também porque pude observar como as medidas tomadas pelo governo deixaram as pessoas inteiramente desinformadas até dos direitos que têm como seres humanos. São rapazes e moças de capacidade e potencial de aprender mas sem dispor dos recursos mínimos. Eles têm as idéias embaralhadas na cabeça.

GRANGEIRO: Que diferenças dá para se notar mais entre o movimento estudantil de hoje e aquele anterior ao golpe de 1964?

EGLÊ: Houve um retrocesso na mobilização estudantil, eles tiveram que recomeçar do nada. Com os filhos na universidade a gente acompanhou o renascer do movimento. Antes, chamar a atenção dos alunos para um bom filme era um ato de coragem. Hoje isso mudou e o que se pode falar agora talvez não se pudesse ter dito 10 anos atrás. Eles estão recomeçando e fazendo isso com essa juventude que foi exatamente educada no sentido de não pensar, de não ter consciência dos seus direitos. O que acho importante no movimento estudantil agora, coisa que não havia em 64, é uma certa consciência da sua autonomia. Isso é que importa e não a instrumentalização pra essa ou aquela corrente política no sentido de ser caudatário. As organizações populares, estudantis, sindicatos, etc, devem ter autonomia para que possam ser instrumentos de avanço das conquistas sociais, de garantias do desenvolvimento político e de cobrança daqueles que prometem e não cumprem.

GRANGEIRO: Quer dizer que a diferença fundamental é que hoje há espaço para atuação?

EGLÊ: Há espaço, embora seja precário. Esse espaço será cada vez menos precário à medida que for exercido, aproveitado.

GRANGEIRO: E esse exercício tem correspondido às expectativas?

EGLÊ: Olha, não sei, às vezes fico achando que as pessoas têm a cabeça muito confusa. Eu vivi uma experiência muito importante na minha adolescência que foi o fim da guerra, o dia da vitória, a redemocratização do Brasil, o povo na rua com passeatas... E aquela esperança, a idéia de que nunca mais iam ocorrer cenas de violência, isso não está acontecendo agora. O que há hoje é uma mornidão...

GRANGEIRO: Ainda quanto a 64, se as esquerdas tivessem agido com mais cautela o golpe não teria sido evitado?

EGLÊ: A verdade é que 64 teria acontecido porque as forças interessadas em fazer o que fizeram no Brasil, colocando-o nitidamente com um desenvolvimento capitalista caudatário do grande capital internacional, estavam decididas. Eles estavam preparando o golpe há muito tempo, era uma tarefa que queriam cumprir. Esse é o lado de lá. Do lado de cá, talvez tivesse possibilidades de não tornar tão fácil a tarefa, principalmente se se tivesse acreditado, sei lá, que a única força capaz de fazer as coisas é o povo organizado. O fato é que os erros políticos foram frutos da situação da época.

GRANGEIRO: Quais foram as mudanças que ocorreram daquele tempo pra hoje?

EGLÊ: Qualquer pessoa que tenha uma vivência desse tempo está compreendendo que não se pode ser imediatista. De uma maneira geral as atividades políticas no Brasil têm sido muito imediatistas, ninguém se senta pra estudar. Nesse ponto 64 apresentou até uma vantagem porque as pessoas tiveram que ficar em casa e nós tivemos uma produção cultural, sob o ponto de vista de pesquisa de história, sociologia, etc, muito grande. O imediatismo não dá certo. Esse negócio de aplicar fórmulas é altamente negativo. As coisas só vão andar na medida em que o povo se organizar conscientemente. Não há porque ter pressa.

GRANGEIRO: Estamos atravessando uma etapa do processo da consolidação democrática. É isso?

EGLÊ: Pode ser. O processo eleitoral pode ser um passo importantíssimo.

GRANGEIRO: Qual é a importância do voto?

EGLÊ: Primeiro pelo fato de que as pessoas escolham, mesmo que escolham mal porque aquele que for escolhido deve aos seus eleitores. Haverá alguma forma de compromisso.

GRANGEIRO: Quanto aos partidos, eles ocupam os espaços que lhes está reservado adequadamente?

EGLÊ: Não todos. O Brasil não tem uma experiência continuada, boa, de partidos com programas, defendendo esses programas de uma maneira conseqüente. Isso só vai ocorrer com a prática, não adianta teorizar. E mais: eles não ocupam os espaços adequadamente porque nem sabem o que é que são. A cada cinco dias são mudadas as peças do jogo e então é difícil.

SALIM MIGUEL: Isso não é de agora porque há um processo de fragmentação, nunca houve continuidade dos partidos.

EGLÊ: Você pega a História do Brasil e vê que no período da República Velha o povo era inteiramente marginalizado da política...

COLACA GRANGEIRO: Eglê, olhando para trás, nessa retrospectiva do comportamento das esquerdas, gostaria de saber o teu ponto de vista com relação ao Gabeira. O que, basicamente, tu concordarias ou discordarias dele?

EGLÊ: Acho o primeiro livro do Gabeira, «O que é isso companheiro», o mais importante dele. O que eu não concordo com o Gabeira é quanto a esse levantamento da política do corpo. Não que eu não ache que o corpo não deva receber cuidados, mas porque é preciso que as pessoas se alimentem, tenham saúde... Acho que não se pode desviar, tirar a bandeira. Não se pode gastar muito tempo olhando para o próprio umbigo. Ele tem inteligência e capacidade para olhar um pouquinho mais em redor. Agora, é claro que há uma criação. Passando para um assunto que me interessa particularmente, por exemplo, é a luta da mulher. Essa luta atualmente, que é ainda um embrião, tem uma consciência muito mais clara sobre a problemática da mulher. Havia um movimento feminino bem grande antes de 64 no Brasil, mas era um movimento que só levantava secundariamente o problema específico da mulher. Levantava prioritariamente os problemas gerais, como a carestia, etc, e hoje a tendência é o oposto. A mulher, como cidadã , se insere em toda a problemática do país.

«Mesmo que estivéssemos preocupados com um filho, nós nunca fizemos isso de revistar gavetas. Procuramos sempre abrir o diálogo com eles. Acho que de uma maneira geral nos demos bem»

COLACA: Em que tipo de atuação tu achas que as mulheres interessadas em mudar a situação delas poderiam ingressar?
EGLÊ: Em primeiro lugar é necessário a conscientização. Em segundo, conquistar para a prática aquilo que já foi conseguido no papel. Por exemplo, as creches. No Brasil creche é uma coisa que existe só no papel, na lei. Nem todos sabem, também, que até recentemente o Banco do Brasil impedia o ingresso de mulheres em seus quadros funcionais e isso foi derrubado quando uma mulher de repente viu que podia impetrar um mandado de segurança e acabar com essa norma interna do banco. Essas coisas são importantes. As mulheres devem ser respeitadas, sobretudo como seres humanos, como pessoas. De um lado, fazer com que a mulher possa assumir a sua condição integral como ser humano e não ser julgada só pelo lado da sexualidade. Entra uma mulher em determinado lugar e as próprias mulheres são tão colonizadas sob o ponto de vista machista que começam achar se ela está vestida de acordo com a última moda, se o sapato combina com o vestido, etc. Querem saber se ela se comporta direito ou não. É importante que a mulher se oponha a esse tipo de julgamento.
GRANGEIRO: Em que camada da sociedade esse problema é mais comum?
EGLÊ: É geral. No grupo da classe média, com formação universitária, já é menos comum. Entre a intelectualidade também é menos comum. Menos!
GRANGEIRO: Qual a interpretação que dás a essas formas de organização popular, tais como comunidades de base, grupos de bairros, etc?
EGLÊ: Acho uma coisa importantíssima que vai ajudar a mudar a sociedade brasileira. As comunidades de base representam a maior autocrítica na prática da Igreja Católica. Qualquer pessoa com razoável conhecimento sabe que a Igreja Católica era, de alto a baixo, com raríssimas exceções, caudatária do poder. Esse pacto hoje não é mais monolítico.
GRANGEIRO: E como interpretas a campanha eleitoral do governo que acaba de anunciar sua opção preferencial pelos pequenos?
EGLÊ: É uma opção que demorou um pouco, né? Eles tiveram tanto tempo para fazer essa escolha antes, mas de qualquer jeito demonstra a necessidade de apresentar uma cara nova. Quer dizer, a cara antiga não serve mais. Isso é positivo.
GRANGEIRO: E o povo se mostra sensível a esse tipo de apelo?
EGLÊ: Vamos ver. Palavras o vento leva, mas as pessoas ficam, então...
COLACA: Tu tiveste sempre um procedimento revolucionário quando jovem, como mulher, como estudante, como intelectual e como professora. E o curioso é que tu e o Salim estão casados há mais de três décadas. Isso surpreende entre intelectuais. Podias falar um pouco sobre este fato, considerando que se trata também da manutenção de uma instituição conservadora como é o casamento. Como tu vês isso?
EGLÊ: Certa vez, sem querer, eu deixei umas pessoas muito eriçadas porque eu disse o seguinte: não, eu não estou casada com o Salim não, eu vivo com ele porque gosto dele e ele gosta de mim. O problema de estar casada não influi. O que importa é que eu gosto de estar ao lado dele e parece que ele gosta de estar junto de mim. E é isso que nos mantêm unidos.
SALIM: Mas eu acho a colocação da Colaca correta porque no Rio, dos nossos amigos todos, ainda recentemente, havia dois casais que pareciam aves raras. Era o Cícero Sandroni e a Laura, dois dos maiores amigos nossos, sócios numa aventura editorial da revista Ficção, e nós dois. Todos os nossos amigos ou já haviam trocado de marido ou de mulher.
COLACA: E sobre a educação dos filhos, podes falar um pouco? Parece que vocês sempre trataram a questão com muita abertura.
EGLÊ: A gente procurou fazer assim meio tipo educação de foca. A foca põe a foquinha dentro da água e fica olhando, deixa nadar, mas se for se afogar ela puxa. A gente procurou dar autonomia, sempre com atenção. Sempre permaneci mais à disposição deles e o Salim sempre tinha que viajar em função do trabalho dele. Talvez até demais, o dia inteiro eu ficava à disposição. Talvez porque fiquei órfã muito cedo e minha mãe trabalhava de manhã à noite. Acho que era uma espécie de compensação. Sempre procuramos respeitar as crianças como personalidades integrais. Mesmo que estivéssemos preocupados com um filho, nós nunca fizemos isso de revistar gavetas, entende? Chegou uma carta, é de fulano ou de ciclano, não importa, é só ele que abre. Quer dizer, essas coisas que você tem que respeitar com qualquer pessoa, a gente também fez com eles. E procuramos sempre abrir o diálogo com eles. Acho que de uma maneira geral nos demos bem. É claro que sempre tem épocas de crise, problemas, não é? Os nossos filhos mais velhos, por exemplo, foram os precursores dos cabelos mais compridos.
COLACA: Vocês sentiram algum choque entre a educação dada em casa e a educação que eles recebiam nas escolas. Ou seja, a abertura que eles tinham em casa não era a mesma da escola. Que problemas encontraram neste caso?
EGLÊ: Isso sempre houve. Uma coisa muito difícil foi, no período mais agudo da ditadura, a gente ao mesmo tempo que conversava e tratava dos problemas em casa tinha que passar para as crianças que eles deveriam ter certa cautela. Não no sentido de que eles tinham que ser mentirosos, mas no sentido de que eles tinham que se proteger, porque você não vai entregar os filhos às feras, não é? Quer dizer, você estava em casa, o seu filho saía para a escola, mas você só ficava tranqüila quando ele voltava para casa. Muitos colegas deles não voltaram nunca mais. Ao mesmo tempo que você tinha que deixar o filho ganhar o mundo, porque ele foi feito pro mundo e não pra gente, você ficava numa grande tensão. Isso foi uma coisa que muita gente não entendia.
SALIM: Tem uma história curiosa que aconteceu com o José.
EGLÊ: É uma coisa engraçada. Temos um amigo que veio aqui quando as crianças ainda eram pequenas e viu o nosso método de educação. Morávamos na Agronômica e naquela época o bairro tinha muita população proletária, classe média, etc. Alguns pais faziam seleção para suas crianças brincarem só com determinadas crianças e a gente não. Nós deixávamos todos juntos, a nossa casa era um grande jardim de infância. Aí esse nosso amigo dizia, vocês estão criando os filhos pro lugar errado, não é pro mundo que eles vão viver porque eles não vão saber competir. Acontece que quando moramos no Rio, nosso penúltimo filho tinha ganho uma bicicleta de 10 marchas, que foi um negócio que nos obrigou a economizar um bocado para lhe dar. De repente, ele voltou do Parque do Flamengo, onde tinha ido dar uma volta com a tal bicicleta, arrasado porque tinham-lhe roubado. Um rapaz que jogava futebol com eles pediu, 'deixa eu dar uma voltinha com a tua bicicleta?' Ele deixou e nunca mais viu a bicicleta. Chorando, nosso filho veio ao nosso encontro, virou-se para nós e disse: «também vocês ensinam a gente pra não ser egoísta!» (risos).
SALIM: Agora eu não vou confiar mais nem em vocês (risos), disse ele.
GRANGEIRO: Sobre a vida cultural em Santa Catarina, vocês acham que há estímulo para a geração de novas idéias, debates? Como é?
EGLÊ: Eu tenho cuidado em falar nisso porque... olha, em todo lugar a vida cultural é também uma boa feira de vaidades. Mas acho que aqui a feira de vaidades fica maior que a vida cultural. É muito difícil... Salim e eu somos meio desligados e sem querer a gente se choca porque de repente você elogia fulano pra beltrano e não pode, convida alguém para uma promoção qualquer mas ele só quer aparecer sozinho porque se o outro for junto não, sabe? Então, isso eu acho de uma pequenez, uma limitação terrível, não é? Por outro lado acho que a vida cultural está muito ligada, muito atrelada aos setores oficiais. Claro que os setores oficiais procuram absorver, pegar dividendos, isso faz parte do jogo. Mas parece que as pessoas eram mais dispostas a suar a camisa pra fazer as coisas, entende? Claro que os órgãos oficiais devem distribuir verbas, dar o apoio, afinal é o dinheiro nosso que está ali, é o dinheiro do povo. Mas ficar esperando só pelo beneplácito acomoda. Isso castra a vida cultural. Pode acontecer também, é bom que se diga que Salim e eu não temos tido contatos, que haja pessoas interessadas, pessoas que queiram fazer agora o que nós fizemos no grupo Sul. Pode estar existindo, mas a gente não toma conhecimento.
GRANGEIRO: Qual o saldo da trajetória do grupo Sul?
EGLÊ: Depois que a Lina Leal Sabino fez uma tese de mestrado sobre o Sul, a gente quase que acordou. Ela fez um levantamento completo, gravou e microfilmou todo o material que havia sobre o grupo. Nós fizemos toda aquela coisa do Sul — quando digo nós não é apenas o Salim e eu — por uma questão de necessidade vital. Tínhamos que fazer e sem pensar, sabe, em conquistar lugares, empregos ou se ia ficar pra posteridade. E passou-se o tempo. Há uns quatro anos estávamos em casa e recebemos o Rômulo (Rômulo Coutinho Azevedo) lá em nosso apartamento no Rio, interessado em fazer uma entrevista a respeito do grupo Sul. Ora, pra que isso?, dissemos, mas ele insistiu. Remexemos nuns guardados que estavam em cima dos armários e quando acabamos de conversar com o Rômulo percebemos que havíamos feito bastante coisa. Mas passou. O importante, de fato, foi o movimento, aquela ebulição, aquela discussão, troca de idéias não é?, aquela iconoclastia impregnou a todos.
SALIM: Basta dizer que em 10 anos, tempo que durou o movimento, além da Revista Sul, fez-se uma editora, um grupo de teatro que levou Sartre pela primeira vez no Brasil, ensaiamos e fizemos apresentação de uma peça sobre homossexualismo, fizemos o primeiro estudo de cinema, o primeiro filme longa-metragem na história de Santa Catarina, pela primeira vez ouviu-se falar de novo em Martinho

BAIER JOALHEIROS

Rua XV de novembro, 930 - fone: 22-2504 - Blumenau - SC.

de Haro, nós o redescobrimos. Hoje a gente vendo, e não era uma ou duas pessoas; chegava a 20 pessoas Eglê?

EGLÊ: Era um negócio flutuante de 15, 20...

SALIM: E além disso brigávamos com todo mundo...

EGLÊ: E entre nós também.

SALIM: Brigávamos também porque tinha gente de todas as tendências, de direita, esquerda...

EGLÊ: Não, direita não tinha.

SALIM: Não tinha era extrema direita (risos).

EGLÊ: Não tinha direita.

COLACA: Pode ser que sejam direita hoje, não é?

EGLÊ: Ah, hoje em dia são outros quinhentos.

SALIM: Mas já tinham umas farofas (risos).

EGLÊ: Era, na verdade, uma frente única cultural.

SALIM: É claro, lá dentro não se pensava em termos políticos, mas sim em termos culturais.

GRANGEIRO: E o cinema. como aconteceu na tua vida na epoca?

EGLÊ: Sempre gostamos muito de cinema. Os clubes de cinema da época não tinham a mesma facilidade de hoje, com o superoito e tudo mais. Aí levantamos dinheiro pra fazer «O Preço da Ilusão» (primeiro e único filme de longa-metragem de SC), obtendo capital de várias pessoas, nós recebemos cotas também...

SALIM: A equipe toda trabalhou recebendo cotas, ninguém recebeu dinheiro.

EGLÊ: Até hoje (risos), só as cotas. Salim e eu fizemos o argumento e o roteiro. Houve as filmagens, etc. e a apresentação foi de gala, no Cine São José.

SALIM: Os atores desfilaram no palco e tudo, foi um negócio hollywoodiano...

EGLÊ: Dizem que algumas pessoas até gostaram do filme mas não tiveram oportunidade de dizer isso pra nós porque desaparecemos.

«O imediatismo não dá certo. Esse negócio de aplicar fórmulas é altamente negativo. As coisas só vão andar na medida em que o povo se organizar conscientemente. Não há por que ter pressa»

GRANGEIRO: Fale-nos um pouco do teu interesse pela literatura infantil. Como se iniciou?

EGLÊ: Com uma porção de crianças em casa, todos gostando muito de ler, sempre me preocupei com o que havia para eles ler. E também como professora, é claro, aliás concordo plenamente com a tese de que todos os professores são professores de leitura. Sempre procurei incentivar os alunos. Ficava preocupada porque a literatura pra criança no Brasil era e é hoje ainda, mas especialmente naquela época, muito pobre, paupérrima. 95 por cento dos livros que têm por aí de literatura infantil pode-se jogar fora. De uma maneira geral é uma literatura imbecilizante, destinada a fazer anões educados. Justamente por causa disso sempre me interessei muito e sempre acompanhava, na medida do possível, a produção estrangeira. A diferença é grande porque nos países desenvolvidos esse tipo de literatura estimula a criatividade, o raciocínio e não esse nhém-nhém-nhém. Se vocês fizerem um retrospecto, vão notar que a maioria das histórias para as crianças são patinhos, coelhinhos, gatinhos, todo o zoológico que sai de casa se dá mal, volta e diz «mamãe eu não devia ter saído de casa mas ficado aqui.» Isso é uma lição de vida terrível justamente pra quem tem que crescer e aprender a sair de casa. São sempre estórias em que há palavras muito generosas e pomposas, e no entanto o Brasil tinha produzido um dos grandes escritores para crianças de todas as épocas que foi Monteiro Lobato, com todos os defeitos de Monteiro Lobato. Ele teve uma tal capacidade de criação de um mundo, de imaginação, de alegria, de apelo à fantasia que é difícil encontrar igual. Nesse mundo de fantasia ele apela justamente para a liberdade, para a capacidade de crítica da criança que os próprios defeitos dele são sanados através das bondades da obra. O preconceito racial de Monteiro Lobato, que é patente, embora não tenha sido consciente, é criticado no próprio processo do livro porque é uma obra de arte.

GRANGEIRO: Hoje já se produz melhores livros para as crianças?

EGLÊ: De uns tempos pra cá está havendo uma verdadeira renovação na literatura para crianças e jovens no Brasil. E quase todos esses escritores brincaram no Sítio do Pica-Pau Amarelo, isto é, sofreram a influência de Lobato no que se refere ao amor à liberdade, no respeito à criança. Não quero citar nomes porque, assim de memória, posso fazer omissões muito sérias. São escritores jovens e velhos, mas ainda são muito poucos.

GRANGEIRO: Existe receptividade editorial para esses bons livros?

EGLÊ: Está começando a existir através da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, da qual sou representante aqui. É um grupo de pessoas que trabalha há muitos anos e agora é que está começando a ter receptividade maior.

GRANGEIRO: A propósito, qual a tua opinião sobre o lançamento da cruzada nacional contra a pornografia, feito pelo Presidente Figueiredo?

EGLÊ: Olha, não estou na cabeça do Presidente pra saber quais as motivações profundas disso tudo, mas pra mim pornografia é criança morrendo de fome, menina de 12 anos nas casas de prostituição, pornografia é o país sendo espoliado do jeito que está... Se as pessoas tiverem uma vida com perspectivas de futuro, possibilidades de se realizar etc, a maioria, em vez de querer ver pornografia, vai querer viver a sua vida, viver a sua realização amorosa plenamente e não vai apelar para as revistas pornográficas, se bem que o conceito de pornografia é uma coisa muito difícil de ser estabelecido. Os templos hindus têm altos-relevos que seriam considerados altamente pornográficos aqui. Hoje em dia qualquer senhora da mais alta respeitabilidade anda de biquini na praia, mas no tempo do Alencar ele pôde escrever «A Pata da Gazela» porque conseguiu ver o bico do sapato daquela moça... tudo é relativo.

GRANGEIRO: Muitos críticos afirmam que a juventude brasileira é alienada. O que achas disso?

EGLÊ: O Brasil é um dos países que tem a maior quantidade de trabalhadores crianças. Essa gente é alienada? Claro, é alienada no sentido marxista da palavra. Alienada da sua própria vida porque gasta tudo como força, como carvão para mover esse país. Nesse sentido corrente da palavra, alienada não é. Pelo contrário, a juventude brasileira no século 20 vive como viviam a infância e a juventude da Idade Média.

GRANGEIRO: A queixa dos setores dominantes é que a juventude tem apatia para participar da política e dos partidos. Observas isso também?

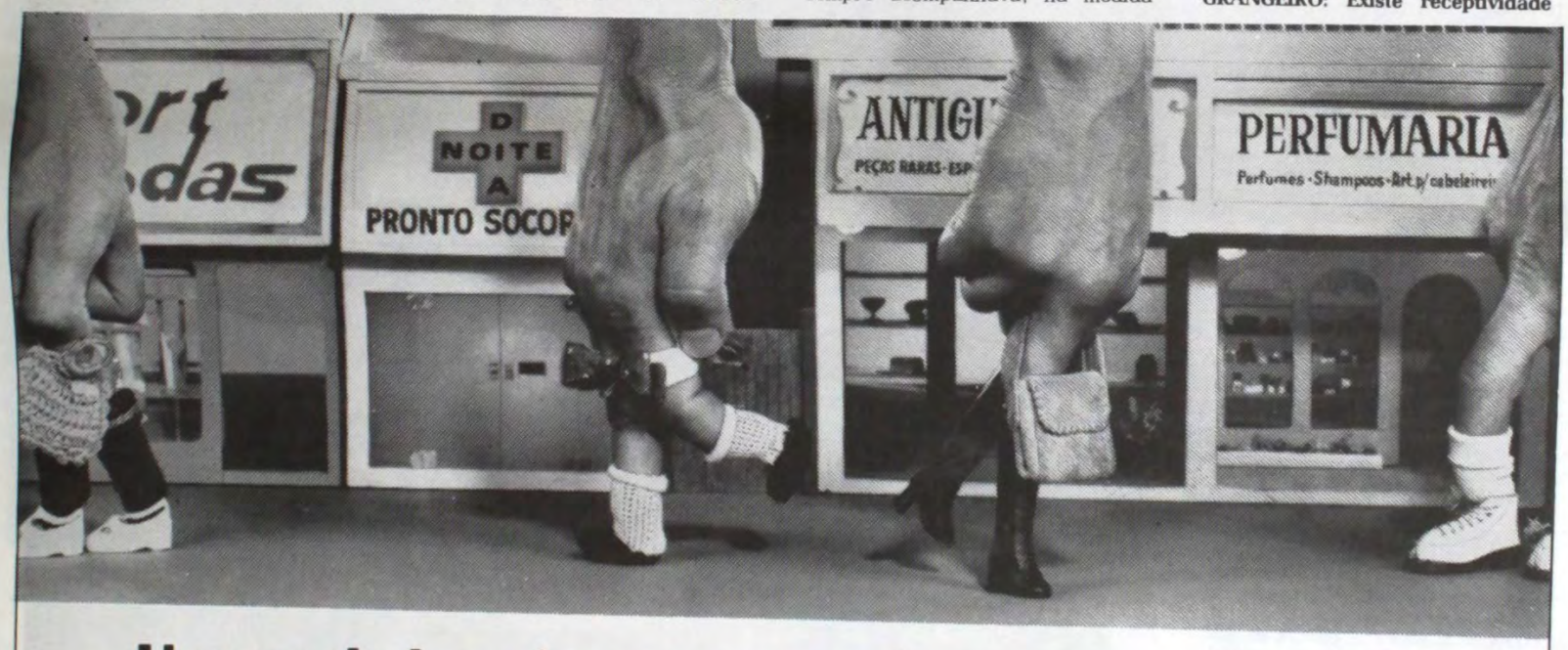
EGLÊ: A gente tem que lembrar que até pouco tempo, alguns anos atrás, circulava uma piada aqui que era a seguinte: no Brasil havia dois partidos, um do sim e outro do sim senhor. E o partido do sim senhor era o MDB da época. Depois isso foi mudando e o partido de oposição foi assumindo posições cada vez mais de oposição e se tornando uma frente única. Mas isso é muito recente. Então como é que a juventude vai ter confiança em partidos se não existiram partidos realmente como tais? Não se pode cobrar da juventude aquilo que ela não pode ter. É a mesma coisa, e eu acho isso a maior violência que há no país, esse vestibular. Você cria nas escolas pessoas sem raciocínio lógico e depois vai cobrar deles raciocínio lógico para poderem ir adiante. Isso é desonestidade, é violência.

GRANGEIRO: E dos partidos que estão aí, já te identificaste com algum?

EGLÊ: Acho que se deve votar pra ajudar a mudar. Não tenho nenhuma atividade partidária. A ocasião é de mudar e se organizar para que esta mudança se efetive em favor do povo e principalmente da mudança do direcionamento das prioridades. O Brasil só vai mudar na hora em que os interesses do povo forem atendidos. Quando não houver mais famintos, espoliados, aqueles que são roubados de tudo e são expatriados em sua própria pátria.

GRANGEIRO: Seria o caso então do país ter uma frente ampla de oposição?

EGLÊ: Sim, eu acho. Tenho muitos amigos que quero bem no PT mas toda a estrutura repressiva continua de pé no país, e então você não pode fazer de conta que as coisas estão diferentes e brincar que está vivendo numa democracia. É necessário ter o pé no chão, os olhos abertos e compreender que o importante é ir em frente pra garantir um avanço democrático. •



Use os dedos, descanse os pés.
Consulte as Listas Classificadas.

As Listas Classificadas são um verdadeiro centro de compras dentro da sua casa. O lugar certo para encontrar tudo o que você precisa.

Nas Listas Classificadas, você encontra todos os produtos e serviços que estão à disposição dos consumidores. Quem não está dentro das Listas está fora do mercado.

Use os dedos, descanse os pés: consulte as Listas e telefone antes.

Você poupa tempo e dinheiro.

Ministério das Comunicações
TELESC/telecomunicações de santa catarina s/a
Empresa do sistema Telebrás

GTB Guias Telefônicos do Brasil Ltda.

3 Índice por autor

Autores	Referência	Nº
ASEFF, Marlon	ASEFF, Marlon. Vozes Veladas ganha palco e sai do prelo. **A Notícia,** 28 de nov. de 1995, Anexo.	39
BARROS, Djane	BARROS, Djane. A palavra de ordem é resistir. **A União,** 30 de mar. de 1999. Cultura	44
CAIEIRA, Rita	CAIEIRA, Rita. Uma prova de competência. **O Estado**, Florianópolis, 04 de mar. de 1985. Roda-Viva, p.7.	46
COPSTEIN, Jayme	COPSTEIN, Jayme. Letras em festa. **O Sul,** 7 de jul. de 2008. Caderno C, colunistas	22
DALCASTAGNÉ, Regina	DALCASTAGNÉ, Regina. Poeta maior do simbolismo vira personagem teatral. **Correio Braziliense**, 21 de dezembro de 1995. Correio Dois/Teatro, p. 3	49
ESPÍNDOLA, Marcos	ESPÍNDOLA, Marcos. Ventos do Sul. **Diário Catarinense,** Florianópolis 16 de abr. de 2007. Variedades/Contracapa	18
GOMES, Osmar	GOMES, Osmar. Obra de Cruz e Souza inspira arte teatral. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 14 de nov. de 1997. Variedades	09
LIMA, Jeferson	LIMA, Jeferson. Debate e livro de poesias revivem anos modernistas. **ANcapital**, Florianópolis, 29 de abr. de 1999. Variedades.	50
LINS, Hoyêdo G.	LINS, Hoyêdo G. **Vozes Veladas.** Florianópolis, maio de 1996. Manuscrito	07
MALHEIROS, Eglê	MALHEIROS, Eglê. Enterevista com Eglê Malheiros. Boi de Mamão, Florianópolis, n.2, p.3-5, jul. 1980.	24
MALHEIROS, Eglê	MALHEIROS, Eglê. Eglê Malheiros Miguel [entrevista]. **Quem Santa Catarina.** Ano 1, n.11, p.22-25, abr. 1982. Entrevistadores: Algo Grangeiro e Colaca Grangeiro.	55
MALHEIROS, Eglê	MALHEIROS, Eglê. Entrevista. **Jornal do Livro**, dez. 1984/jan. 1985.	30
MARTINS, João dos Passos	MARTINS, João dos Passos. Livro mostrará como combater a tortura. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 20 de jul. de 1986. Justiça	32
MELATO, Fabiano	MELATO, Fabiano. Poesia de resistência sobe ao palco. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 23 de jul. de 1995. Revista DC/Teatro	28
MUZART, Zhaidé Lupinacci	MUZART, Zhaidé Lupinacci. Vozes Veladas, Vozes Sufocadas. **Linha Viva,** 13 de jun. de 1996.	36
NOVA, Flavia da	NOVA, Flavia da. As palavras de um poeta. **Diário Catarinense,** Florianópolis 24 de nov. de 1998. Variedades/Teatro	25
NOVA, Flavia da	NOVA, Flavia da. O protesto do poeta. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 30 de nov. de 1998. Variedades	38
PEDROSO, Neri	PEDROSO, Neri. Textos teatrais mobilizam escritora Eglê Malheiros. **AN Capital**, Florianópolis, 5 de nov. de 1995. Especial Mulheres.	29
PERROTI, Edmir	PERROTI, Edmir. Eglê Malheiros e um livro de boas intenções. **O Estado de São Paul**o, São Paulo, 16 de mar. de 1985.	05
PESSOTTO, Carla	PESSOTTO, Carla. Descoberta do Tesouro. A Notícia, 25 de set. de 2002. Anexo, C6.	41
RAMOS, Sérgio da Costa	RAMOS, Sérgio da Costa. Sábado cultural no shopping. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 28 de set. de 2002. Variedades, pag. 2	02
REZENDE, Dorva	REZENDE, Dorva. A Estranha cidade de Eglê Mlaheiros. **Subtrópicos**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, out. 2013.	53
RATES, Zeni	RATES, Zeni. Relatório de empresa valoriza a cultura. **O Estado,** Florianópolis, 25 de out. de 1988. Lazer	33
RUY, Karine	RUY, Karine. Glória e miséria. Diário Catarinense, Florianópolis, 29 de set. de 2008, Variedades/Literatura, p.4-5.	34

SARDA, Laudelino José	SARDA, Laudelino José. Ensino da Capital se democratiza e rompe com velhos esquemas**. O Estado**, Florianópolis, 24 de mar. de 1985.	45
SCHIMITZ, Paulo Clóvis (Coord.)	SCHIMITZ, Paulo Clóvis (Coord.). A cultura em Santa Catarina: problemas e necessidades. **O Estado,** Florianópolis, 04 de nov. de 1984.	43
UNCARETTI, Henrique	UNCARETTI, Henrique. Eglê Malheiros dispensa apresentação. O Estado, Florianópolis, 17 de abr. de 2007.	13
WANDELL, Raquel	WANDELL, Raquel. Livro infantil, um instrumento para criar um novo homem. **O Estado**, Florianópolis, 26 de ago. de 1986. 2º Caderno	26
WOSGRAUS, Juliana	WOSGRAUS, Juliana. Desilusão. A Notícia, 10 de set. d e1995. Anexo, p.2	42
	EMOÇÃO na feira. Diário Catarinense, Florianópolis, 8 de maio de 2003. Variedades.	01
	EGLÊ Malheiros diz que livro deve mostrar à criança toda realidade.	03
	ESTREIA. A Notícia, 02 de ago. de 1995. Variedades	04
	A MULHER eunuca em guerra com os homens. [GIL, 7 a 13 de out. de 1972]	06
	HOMENAGEM a Cruz e Souza. Diário Catarinense, Florianópolis, 22 de ago. de 1995. Visor	08
	EGLÊ Malheiros no Terça com Poesia. Diarinho, Florianópolis, 17 de abril de 2007. Variedades	10
	E Mais: O Terça com Poesia recebe hoje.... Diário Catarinense, Florianópolis 17 de abril de 2007. Variedades.	11
	EGLÊ Malheiros. Hora de SC, Florianópolis, 17 de abr. de 2007. Mané Gaivota	12
	CULTURA. Notícias do Dia, Florianópolis, 14/15 de abr. de 2007. Notícias Gerais	14
	EGLÊ Malheiros no Terça com Poesia. Notícias do Dia, Florianópolis, 17 de abr. de 2007. Dia Pop	15
	A ALMA feminina do Grupo Sul. Diário Catarinense, Florianópolis, 17 de abr. de 2007. Variedades	16
	ENCONTRO com Eglê Malheiros. A Notícia, 17 de abr. de 2007. Anexo/Múltiplas	17
	TERÇA com Poesia. Guia Floripa. 17 de abr. de 2007. Teatro	19
	TERÇA com Poesia. Incuca Agenda, 16 de abr. de 2007. Literatura	20
	EGLÊ Malheiros ... sobre 60 anos de criação do MASC. Diário Catarinense, Florianópolis, 01 de abr. de 2009. Variedades	21
	A DAMA das letras. Plural, Grande Florianópolis, 9 de jul. de 2008.	23
	UM ESCRITO de Santa Catarina – XXII: Eglê Malheiros Miguel. Correio do Povo, 13 de nov. de 1976. Caderno de Sábado	27
	PROFESSORAS Olga Brasil e Eglê Malheiros: vidas a serviço da educação. O Estado, Florianópolis, Caderno Especial.	31
	VOZES reveladas. Jornal Universitário, Florianópolis: UFSC, 04 de dez. de 1998. Arte Final p. 12.	35
	TARDIO modernismo catarinense. Diário Catarinense, Florianópolis, 29 abr. 1999. Variedades.	37
	SALIM e Eglê: faltam políticas e bibliotecas - nada a ver com qualidade. Leitura & Prazer, Florianópolis: Ed. Da UFSC, ano 4, n.7, p.8, fev. 2002.	40
	APESAR do autoritarismo, educação manteve alguma qualidade. O Estado, Florianópolis, 10 de jan. d e1986. 2º Caderno.	47

	DESOBEDIÊNCIA civil. Jornal de Santa Catarina, 11 e 12 de out. de 1987. Literatura, p. 27.	48
	A NOTÍCIA recebe medalha cultural. A Notícia, 19 de nov. de 1998. Estado, B1.	51
	HISTÓRIAS de vida. A Notícia, 8 de março de 2003. Geral, A110	52
	PLURAL e singular: juntos há 61 anos, os escritores Salim Miguel e Eglê Malheiros fundem vida e literatura sem jamais perder a identidade e autonomia. Cartaz, Ano 5, n.28, 2008.	54

4 Índice por ano

Ano	Referência	Nº
	EGLÊ Malheiros diz que livro deve mostrar à criança toda realidade.	03
1972	A MULHER eunuca em guerra com os homens. [GIL, 7 a 13 de out. de 1972]	06
1976	UM ESCRITO de Santa Catarina – XXII: Eglê Malheiros Miguel. Correio do Povo, 13 de nov. de 1976. Caderno de Sábado	27
1980	MALHEIROS, Eglê. Entervista com Eglê Malheiros. Boi de Mamão, Florianópolis, n.2, p.3-5, jul. 1980.	24
1982	MALHEIROS, Eglê. Eglê Malheiros Miguel [entrevista]. **Quem Santa Catarina.** Ano 1, n.11,p.22-25, abr. , 1982. Entrevistadores: Algo Grangeiro e Colaca Grangeiro.	55
1984	SCHIMITZ, Paulo Clóvis (Coord.). A cultura em Santa Catarina: problemas e necessidades. **O Estado,** Florianópolis, 04 de nov. de 1984.	43
1984 / 1985	MALHEIROS, Eglê. Entrevista. **Jornal do Livro**, dez. 1984/jan. 1985.	30
1985	CAIEIRA, Rita. Uma prova de competência. **O Estado**, Florianópolis, 04 de mar. de 1985. Roda-Viva, p.7.	46
1985	PERROTI, Edmir. Eglê Malheiros e um livro de boas intenções. **O Estado de São Paul**o, São Paulo, 16 de mar. de 1985.	05
1985	SARDA, Laudelino José. Ensino da Capital se democratiza e rompe com velhos esquemas**. O Estado**, Florianópolis, 24 de mar. de 1985.	45
1986	MARTINS, João dos Passos. Livro mostrará como combater a tortura. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 20 de jul. de 1986. Justiça	32
1986	WANDELL, Raquel. Livro infantil, um instrumento para criar um novo homem. **O Estado**, Florianópolis, 26 de ago. de 1986. 2º Caderno	26
1986	APESAR do autoritarismo, educação manteve alguma qualidade. O Estado, Florianópolis, 10 de jan. d e1986. 2º Caderno.	47
1987	DESOBEDIÊNCIA civil. Jornal de Santa Catarina, 11 e 12 de out. de 1987. Literatura, p. 27.	48
1988	RATES, Zeni. Relatório de empresa valoriza a cultura. **O Estado,** Florianópolis, 25 de out. de 1988. Lazer	33
1988	A NOTÍCIA recebe medalha cultural. A Notícia, 19 de nov. de 1998. Estado, B1.	51
1995	ASEFF, Marlon. Vozes Veladas ganha palco e sai do prelo. **A Notícia,** 28 de nov. de 1995, Anexo.	39
1995	DALCASTAGNÉ, Regina. Poeta maior do simbolismo vira personagem teatral. **Correio Braziliense**, 21 de dezembro de 1995.Correio Dois/Teatro, p. 3	49
1995	MELATO, Fabiano. Poesia de resistência sobe ao palco. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 23 de jul. de 1995. Revista DC/Teatro	28
1995	PEDROSO, Neri. Textos teatrais mobilizam escritora Eglê Malheiros. **AN Capital**, Florianópolis, 5 de nov. de 1995. Especial Mulheres.	29
1995	WOSGRAUS, Juliana. Desilusão. A Notícia, 10 de set. d e1995. Anexo, p.2	42
1995	ESTREIA. A Notícia, 02 de ago. de 1995. Variedades	04
1995	HOMENAGEM a Cruz e Souza. Diário Catarinense, Florianópolis, 22 de ago. de 1995. Visor	08
1996	LINS, Hoyêdo G. **Vozes Veladas.** Florianópolis, maio de 1996. Manuscrito	07
1996	MUZART, Zhaidé Lupinacci. Vozes Veladas, Vozes Sufocadas. **Linha Viva,** 13 de jun. de 1996.	36
1996	PROFESSORAS Olga Brasil e Eglê Malheiros: vidas a serviço da educação. O Estado, Florianópolis, 04 mar. de 1996. Caderno Especial.	31
1997	GOMES, Osmar. Obra de Cruz e Souza inspira arte teatral. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 14 de nov. de 1997. Variedades	09

1998	NOVA, Flavia da. As palavras de um poeta. **Diário Catarinense,** Florianópolis 24 de nov. de 1998. Variedades/Teatro	25
1998	NOVA, Flavia da. O protesto do poeta. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 30 de nov. de 1998. Variedades	38
1998	VOZES reveladas. Jornal Universitário, Florianópolis: UFSC, 04 de dez. de 1998. Arte Final p. 12.	35
1999	BARROS, Djane. A palavra de ordem é resistir. **A União,** 30 de mar. de 1999. Cultura	44
1999	LIMA, Jeferson. Debate e livro de poesias revivem anos modernistas. **ANcapital**, Florianópolis, 29 de abr. de 1999. Variedades.	50
1999	TARDIO modernismo catarinense. Diário Catarinense, Florianópolis, 29 abr. 1999. Variedades.	37
2002	PESSOTTO, Carla. Descoberta do Tesouro. A Notícia, 25 de set. de 2002. Anexo, C6.	41
2002	RAMOS, Sérgio da Costa. Sábado cultural no shopping. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 28 de set. de 2002. Variedades, pag. 2	02
2002	SALIM e Eglê: faltam políticas e bibliotecas - nada a ver com qualidade. Leitura & Prazer, Florianópolis: Ed. Da UFSC, ano 4, n.7, p.8, fev. 2002.	40
2003	EMOÇÃO na feira. Diário Catarinense, Florianópolis, 8 de maio de 2003. Variedades.	01
2003	HISTÓRIAS de vida. A Notícia, 8 de março de 2003. Geral, A110	52
2007	ESPÍNDOLA, Marcos. Ventos do Sul. **Diário Catarinense,** Florianópolis 16 de abr. de 2007. Variedades/Contracapa	18
2007	UNCARETTI, Henrique. Eglê Malheiros dispensa apresentação. O Estado, Florianópolis, 17 de abr. de 2007.	13
2007	EGLÊ Malheiros no Terça com Poesia. Diarinho, Florianópolis, 17 de abril de 2007. Variedades	10
2007	E Mais: O Terça com Poesia recebe hoje.... Diário Catarinense, Florianópolis 17 de abril de 2007. Variedades.	11
2007	EGLÊ Malheiros. Hora de SC, Florianópolis, 17 de abr. de 2007. Mané Gaivota	12
2007	CULTURA. Notícias do Dia, Florianópolis, 14/15 de abr. de 2007. Notícias Gerais	14
2007	EGLÊ Malheiros no Terça com Poesia. Notícias do Dia, Florianópolis, 17 de abr. de 2007. Dia Pop	15
2007	A ALMA feminina do Grupo Sul. Diário Catarinense, Florianópolis, 17 de abr. de 2007. Variedades	16
2007	ENCONTRO com Eglê Malheiros. A Notícia, 17 de abr. de 2007. Anexo/Múltiplas	17
2007	TERÇA com Poesia. Guia Floripa. 17 de abr. de 2007. Teatro	19
2007	TERÇA com Poesia. Incuca Agenda, 16 de abr. de 2007. Literatura	20
2008	COPSTEIN, Jayme. Letras em festa. **O Sul,** 7 de jul. de 2008. Caderno C, colunistas	22
2008	PLURAL e singular: juntos há 61 anos, os escritores Salim Miguel e Eglê Malheiros fundem vida e literatura sem jamais perder a identidade e autonomia. **Cartaz,** Ano 5, n.28, 2008.	54
2008	RUY, Karine. Glória e miséria. Diário Catarinense, Florianópolis, 29 de set. de 2008, Variedades/Literatura, p.4-5.	34
2008	A DAMA das letras. Plural, Grande Florianópolis, 9 de jul. de 2008.	23
2009	EGLÊ Malheiros ... sobre 60 anos de criação do MASC. Diário Catarinense, Florianópolis, 01 de abr. de 2009. Variedades	21
2013	REZENDE, Dorva. A Estranha cidade de Eglê Malheiros. **Subtrópicos**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, out. 2013.	53